



**GEOCIÊNCIAS**

**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
DO SUL**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**JULIANE MAGAGNIN DA SOLLER**

**O Lugar do Turista na leitura da Paisagem  
Geográfica e sua relação com o Ensino de Geografia**

**Porto Alegre  
2012**

JULIANE MAGAGNIN DA SOLLER

**O LUGAR DO TURISTA NA LEITURA DA PAISAGEM GEOGRÁFICA  
E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO DE GEOGRAFIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni

Porto Alegre  
Junho de 2012

JULIANE MAGAGNIN DA SOLLER

**O LUGAR DO TURISTA NA LEITURA DA PAISAGEM GEOGRÁFICA  
E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO DE GEOGRAFIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de 2012, pela Banca Examinadora.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni - UFRGS

---

Prof. Dr. Francisco Antonio dos Anjos - UNIVALI

---

Prof. Dr. Roberto Verdum - UFGRS

---

Prof. Dra. Susana de Araújo Gastal - UCS

Porto Alegre  
Junho de 2012

### CIP - Catalogação na Publicação

Magagnin Da Soller, Juliane

O lugar do turista na leitura da paisagem geográfica e sua relação com o ensino de geografia? / Juliane Magagnin Da Soller. -- 2012.  
254 f.

Orientador: Antônio Carlos Castrogiovanni.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Geografia e Turismo. 2. Ensino de Geografia e Turismo. 3. Paisagem e Lugar. 4. Complexidade. 5. Turismo em Garopaba. I. Castrogiovanni, Antônio Carlos, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Aos sujeitos entrevistados que compartilharam suas paisagens e concederam narrativas e vivências sobre o Turismo e o Ensino de Geografia em Garopaba.

Ao meu orientador, Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni, por sua dedicação, sabedoria e carinho nos encaminhamentos, no tratamento e nas discussões que envolveram essa dissertação. Por ter incentivado a sermos melhores enquanto geógrafos, turismólogos e sujeitos. Por ter respeitado nosso jeito de interferir no espaço, de interpretá-lo, permitindo assim que descobríssemos o mundo em primeira mão e simultaneamente nos ensinando um caminho da autonomia e da complexidade.

Aos meus pais, pelo amor doce, responsável, solidário e confiante, por nossas conversas familiares gostosas em um espaço de relações sensíveis. À mãe, por me ensinar a ler o mundo e amar as descobertas da vida, pelo seu entusiasmo contagiante em estudar. Esse mestrado é nosso. Ao meu pai, pela “retaguarda”, pois sem ele eu não saberia quando parar, por me ensinar a olhar o mundo de forma simples e com humor.

Ao Cristiano por tantos momentos bons compartilhados, pela cumplicidade, pelas divagações, pelas diversões, pelos olhares, pelas construções constantes de ideias e de amor. Por todo suporte nas tabelas, mapas e formatações da vida.

Aos meus irmãos por nossas conversas, reflexões e apoios. Aos meus sobrinhos e sobrinhas pelos carinhos e sorrisos que alegam minhas inquietações. Ao meu cunhado e às cunhadas pelo interesse, auxílio e compreensão.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao Departamento de Geografia, a secretaria do Pós-Gea e aos demais professores da pós-graduação com quem aprendi no decorrer das disciplinas, e em especial, ao Professor Roberto Verdum, Álvaro Heidrich e Nelson Rego pelas salutares contribuições.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa concedida no meu período de mestrado.

Aos amigos e colegas com os quais trocamos questionamentos, ideias, rumos e sonhos, em especial a Almyr Nabozny, Anna Carolina Magagnin, Ana Stumpf, Camila Pasquetti, Cintia Wasniewski, Daniele Caron, Esperança Gadelha, Gabriela de Mello, Karen Soares, Lucimar Vieira, Mauricio Pimentel, Leticia Castilhos, Leticia Giorgis, Paola Pereira, Pedro Hahn, Vanessa Pellin.

## Resumo

Este estudo investigou a relação do Turismo com o Ensino de Geografia, procurando compreender, provisoriamente, a construção do espaço turístico. A pesquisa surgiu de inquietações geradas pela prática do Turismo ao questionarmos a interação dos turistas com o local visitado, visando refletir como o Ensino de Geografia pode auxiliar para qualificar a viagem, o espaço e os sujeitos envolvidos. Com o método do Paradigma da Complexidade, investigamos as dinâmicas do espaço estudado, ambientado no município litorâneo de Garopaba/SC. A metodologia utilizada foi composta de Pesquisa Qualitativa, em que analisamos fontes documentais referentes à mídia turística e à constituição do espaço local, e fontes orais, sobretudo a partir de narrativas e de observações de campo que revelaram as leituras da paisagem pelos sujeitos entrevistados e as possibilidades para os turistas se lugarizarem. A fundamentação teórica foi sustentada pelos conceitos da Geografia Cultural, do saber-fazer do Turismo, do Ensino de Geografia e da Teoria das Representações Sociais, bem como de paisagem e de lugar. Acreditamos, nesse momento, que se o (s) turista (s) e o (s) sujeito (s) local (is) lerem a paisagem de forma complexa, indo além de suas racionalidades, estes podem se lugarizar e, se lugarizando, podem ter atitudes responsáveis, fomentando a troca de saberes e fazeres em uma experiência enriquecedora, tanto para quem recebe quanto para quem chega. Compreendemos o Turismo como um potencializador de encontros, através do qual, ao nos situarmos na paisagem com representações espaciais articuladas, podemos descobrir novas dimensões do espaço e de nós mesmos, assim como nos conhecemos ao conhecer o outro. É nesse contexto que situamos a importância do Ensino de Geografia, por proporcionar a contestação no sentido de uma transgressão das formas já agendadas, possibilitando lermos o mundo com reflexão, criatividade e autonomia, fomentando a (auto) descoberta, as compreensões mútuas e a valorização das identidades que se encontram.

**Palavras-chave:** Geografia e Turismo, Ensino de Geografia e Turismo, Paisagem e Lugar, Complexidade, Turismo em Garopaba/SC.

## Abstract

This study aimed at investigating the relationship between Tourism and the Teaching of Geography, trying to temporarily comprehend the construction of the touristic space. The research came up from questionings upon the practice of Tourism, specifically, when observed the interaction between tourists and visited places. It pondered the question of how the Teaching of Geography can help qualifying the trip, the space and the subjects involved in it. The study was held under the light of the Paradigm of Complexity method and it took place in Garopaba, Santa Catarina. The methodology used was the Qualitative Data Analysis through which we have examined documents about tourism media and the constitution of local space - as well as oral sources, especially storytelling and field observation that revealed the readings of landscape by the investigated subjects and the possibility for the tourists to *place* themselves. The theoretical framework was based on the concepts of Cultural Geography, Tourism know-how, the Teaching of Geography and the theory of social representations. It also relied on the concepts of landscape and place. At this moment in time, we believe that if tourist(s) and the local subject(s) are able to read the landscape in a complex way, i.e. going beyond their rationalities, they can place their selves and, in doing so, they can have responsible attitudes, fomenting knowledge and cultural exchange in a way that the experience turns out to be rich for both sides: the ones who receive and the ones who arrive. We understand Tourism as an empowering tool for meetings that, when situated in landscape with special articulated representations, we discover new dimensions of the space and of ourselves as well as we get to know ourselves by knowing the others. In this context that lies the importance of the Teaching of Geography, for it allows the questioning of the pre-established forms, enabling us to read the world critically, creatively and with autonomy, encouraging (self)discovery, mutual comprehension and valuing the identities that meet.

**Keywords:** Geography and Tourism, Teaching of Geography and Tourism, Landscape and Place, Complexity, Tourism in Garopaba/SC.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de localização de Garopaba (SC).....	15
Figura 2 – Esquema síntese da justificativa da pesquisa.....	19
Figura 3 - Roteiro de investigação e sistematização dos dados.....	35
Figura 4 – Praia central também conhecida por praia de Garopaba.....	51
Figura 5 – Lagoa da Encantada, também conhecida por lagoa de Garopaba.....	51
Figura 6 – Lagoa do Macacu.....	52
Figura 7 – Pedra Branca.....	52
Figura 8 – Praia da Ferrugem e praia da Barra.....	52
Figura 9 – Praia do Siriú.....	53
Figura 10 – Cachoeira do Siriú.....	53
Figura 11 – Dunas do Macacu – Siriú, onde praticam <i>sandboard</i> .....	53
Figura 12 – Imagem mostrando visão para NE com a lagoa de Garopaba ao centro.....	54
Figura 13 – Imagem mostrando visão para SE com a lagoa e dunas do Siriú em primeiro plano.....	54
Figura 14 – Imagem mostrando a visão para Oeste a lagoa de Garopaba em primeiro plano e morros ao fundo.....	55
Figura 15 – Cartão-postal do centro de Garopaba com a praia central e o centro histórico ao fundo.....	55
Figura 16 – Cartão-postal da praia central, com baleias em primeiro plano e o centro histórico ao fundo.....	56
Figura 17 – Cartão-postal da praia central e do centro histórico.....	56
Figura 18 – Cartão-postal da praia da Ferrugem e da praia da Barra.....	56
Figura 19 – Cartão-postal da praia da Silveira.....	57
Figura 20 – Cartão-postal da praia da Ferrugem.....	57
Figura 21 – Matriz de amarração dos objetivos e dos procedimentos metodológicos.....	59
Figura 22 – Mapa do município de Garopaba gerada com as imagens do <i>Google Earth</i> .....	106
Figura 23 – Região central da cidade em 1925, vista a partir da Igreja Matriz.....	109
Figura 24 – Acampamento de turistas na década de 1970.....	116
Figura 25 – Região central da cidade na década de 1970.....	117
Figura 26 – Pintura de Monet, de 1919, série das Nenúfares.....	125
Figura 27 – Fotografia da praia da Silveira .....	125



Figura 28 – Praça no centro histórico com pouco movimento.....	156
Figura 29 – Foto da passagem da praia do Siriú para praia de Garopaba.....	159
Figura 30 – Morro da Vigia: construções no morro, cobertura vegetal restabelecida, gados no alto do morro.....	162
Figura 31 – Casa particular interditando passagem na trilha atrás da igreja.....	162
Figura 32 – Cerca interditando passagem na trilha atrás da igreja.....	163
Figura 33 – Esgoto desembocando na praia central de Garopaba.....	165
Figura 34 - Foto de praia central de Garopaba: espaço de areia mais estrito, construções na beira da praia.....	170
Figura 35 – Imagem com os pontos citados nas narrativas para os processos da paisagem...	173

#### LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sujeitos entrevistados .....	40
Quadro 2 – Roteiro de entrevista com os moradores, atores do Turismo e veranistas.....	43
Quadro 3 – Roteiro de entrevista com os turistas, A Chegada.....	45
Quadro 4 – Roteiro de entrevista com os turistas, O Adeus.....	46
Quadro 5 – Roteiro de entrevista com as professoras do município.....	47
Quadro 6 – Roteiro de entrevista com sujeitos que não conhecem Garopaba.....	49
Quadro 7 – Roteiro de observação de campo.....	58
Quadro 8 – Quadro síntese do conceito de paisagem.....	147
Quadro 9 – Quadro relato e interpretação das mudanças na paisagem para os sujeitos moradores.....	151
Quadro 10 – Quadro relato e interpretação das mudanças na paisagem para os sujeitos atores do Turismo.....	157
Quadro 11 – Quadro Relato e interpretação das mudanças na paisagem para os sujeitos professores de Geografia.....	163
Quadro 12 – Quadro relato e interpretação das mudanças na paisagem para os sujeitos veranistas.....	167
Quadro 13 – Quadro relato e interpretação das mudanças na paisagem para os sujeitos turistas.....	168

Quadro 14 – Narrativas dos entrevistados para a localização das fotografias, interpretadas na categoria Em Geografia.....	176
Quadro 15 – Narrativas dos entrevistados para a localização das fotografias, interpretadas na categoria Em Geografia mostrando dúvidas.....	176
Quadro 16 – Narrativas dos entrevistados para a localização das fotografias, interpretadas na categoria Em Vivência.....	177
Quadro 17 – Narrativas dos entrevistados para a localização das fotografias, interpretadas na categoria Em Vivência/equivocadas.....	177
Quadro 18 – Narrativas dos entrevistados para a localização das fotografias, interpretadas na categoria Em Misto.....	178
Quadro 19 – Quadro de interpretação das questões com recursos visuais.....	178
Quadro 20 – Narrativa da motivação pela escolha do cartão postal 2.....	184
Quadro 21 – Exemplo de cartões-postais dos sujeitos em Garopaba.....	192
Quadro 22 – Principais motivações para o Turismo e as novas moradias em Garopaba.....	208
Quadro 23 – Motivações para uma viagem.....	217
Quadro 24 – Motivações para uma próxima viagem.....	218
Quadro 25 – Narrativa dos locais onde levaria o turista.....	220
Quadro 26 – Narrativa dos locais onde levaria o turista 2.....	223
Quadro 27 – Narrativa dos locais onde levaria o turista 3.....	223
Quadro 28 – Locais que os sujeitos mais gostam e os que levariam os amigos.....	226
Quadro 29 - Locais que os sujeitos mais gostam são os pontos que levariam os amigos.....	227
Quadro 30 - Locais que os sujeitos turistas mais gostam. ....	229

## SUMÁRIO

<b>A CAMINHO DA PRAIA.....</b>	<b>12</b>
<b>1. ÓCULOS DE SOL E REDE DE PESCA: INSTRUMENTOS PARA A PRAIA.....</b>	<b>23</b>
1.1 Nossos óculos de sol: Paradigma da complexidade.....	23
1.2 A rede de pesca: Pesquisa qualitativa.....	32
1.2.1 <i>Procedimentos Metodológicos</i> .....	34
1.2.1.1 <i>Análise de Documentos</i> .....	35
1.2.1.2 <i>Entrevista Episódica</i> .....	37
1.2.1.3 <i>Observação de Campo</i> .....	57
2.1.1.4 <i>Codificação e Triangulação dos dados</i> .....	60
<b>2. O MAR QUE MERGULHAMOS: REVISÃO CONCEITUAL.....</b>	<b>62</b>
2.1 A fronteira do nosso horizonte sem limites: Geografia Cultural.....	63
2.2 A linha do encontro: Turismo.....	67
2.3 Múltiplas linhas (retas, curvas, traçadas): Ensino de Geografia .....	82
2.3.1 <i>As linhas do Ensino de Geografia: Representações espaciais</i> .....	84
2.4 As linhas comuns, ondas e marés: Representações sociais.....	92
2.5 Os espaços da nossa praia: espaço geográfico e espaço turístico.....	97
<b>3 OS NÓS E OS PONTOS: NARRATIVAS DA PRAIA.....</b>	<b>103</b>
3.1 A colheita do mar: Garopaba.....	103
3.2 A (des) coberta: Paisagem.....	120
3.2.1 <i>À percepção da paisagem nas narrativas</i> .....	132
3.3 O ninho: Lugar.....	196
3.3.1 <i>O lugar nas narrativas</i> .....	207
<b>4 CONSIDERAÇÕES TEMPORÁRIAS.....</b>	<b>236</b>
<b>5 REFERÊNCIAS: NOSSO GUARDA-SOL.....</b>	<b>245</b>

## A CAMINHO DA PRAIA: INTRODUÇÃO

Todavia, o objeto correto não é uma geografia preocupada com investimentos, mas com todas as formas de existência. Trata-se, desse modo, de privilegiar um enfoque que leve em conta todos os aspectos de uma dada situação. (SANTOS, 2008, p. 48).

Bacharel em Turismo, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e licenciada em Geografia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), busco unir os cursos em minha trajetória, sobretudo em âmbito profissional. Mesmo o Turismo sendo o objeto principal na maioria dos trabalhos que venho realizando, a Geografia tem oportunizado reflexões que enriquecem a prática.

Em muitos trabalhos atuo com planejamento turístico de base comunitária, em diferentes locais do Brasil, especialmente em áreas rurais e ribeirinhas. O contato tende a ser estreito nesses projetos e esforço-me por fazê-lo com respeito, a fim de gerar confiança e aprendizagens na interatividade. A proximidade com as comunidades, que se organizam para receber turistas, possibilita a participação nas relações locais, estar na cozinha, no galpão dos condutores, nas escolhas para a trilha. Ao mesmo tempo, sou de fora e, talvez por isso, o turista recorrentemente me conte os seus anseios.

No convívio, acompanhei, por seguidas vezes, embates e inconvenientes na relação turista-comunidade. Nessas ocasiões, a prática é repensada. Por que os turistas parecem não se localizar? Por que os turistas parecem não ler a paisagem geográfica<sup>1</sup>? Por que os turistas vieram para cá quando parecem buscar experiências diversas das que esse lugar pode proporcionar? Por que as comunidades se abatem tanto com a opinião dos turistas?

Assisti turistas que chegavam à procura de algo que não tem no local. Turistas que demonstravam desejar e se sentirem aptos a ter, uma vez que pagaram pelo serviço. Algumas vezes não há possibilidade de ter, como o turista que não entendeu a inexistência de uma estrada em Mamirauá<sup>2</sup> (estado do Amazonas) e se ofendeu com a comunidade por não poder

---

<sup>1</sup> Especificamos paisagem como geográfica, nesse início da dissertação, a fim de fazermos uma ressalva à distinção entre paisagem turística e geográfica. Interessa-nos a leitura da paisagem como um componente do espaço geográfico. A denominação paisagem turística, costuma ser atrelada a uma paisagem idealizada e que é “vendida” para ser “consumida” enquanto se faz Turismo. Ao longo do texto, referimo-nos apenas a paisagem, a referenciando e a definindo dentro do campo da Geografia.

<sup>2</sup> Mamirauá se refere à Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá, que está localizada em mata de várzea– ambientes que inundam na época de cheia - na Floresta Amazônica.

ir rapidamente à cidade. Será que a paisagem inundada de água não proporciona coerência com os meios de transportes locais? Como o Ensino de Geografia pode trabalhar a leitura da paisagem para que essas questões possam ser assimiladas nas vivências de um visitante?

Em outras ocasiões é difícil conseguir para hoje, como a família de turistas que queriam refrigerante na janta em uma propriedade da Acolhida na Colônia<sup>3</sup>, localizada em bairro distante da cidade de Urubici (estado de Santa Catarina). Por não ter, queriam desconto na alimentação. Talvez para amanhã os proprietários pudessem conseguir, mas essa não é a proposta da Acolhida, e isso se apresenta nas divulgações turísticas. Por que escolheram aquele sítio? Será que não leram para onde iam? Será que a Geografia pode ajudar na leitura da escolha dos destinos turísticos ou não?

E o turista que quer sair para avistar as baleias, em Garopaba (estado de Santa Catarina), mesmo com chuva e mar revolto, colocando em risco sua segurança e dos demais, porque pagou pelo passeio e tem só aquele dia para realizá-lo. Também o turista que ao ir a um restaurante afrontou por esperar mais do que estava acostumado em sua cidade de origem.

Participei ainda de situações em que me chamou a atenção a autonomia dos turistas. Em um passeio de barco pelo cânion do Xingó, na divisa dos estados de Sergipe com Alagoas, a maioria dos turistas apenas tira fotos do que é apontado pelo guia, cena recorrente em passeios turísticos. Terão eles vontade de registrar algo a mais da paisagem ou não? Em Garopaba, vi turistas não encontrarem o que fazer além de ir ao mar, justificando que não está escrito nos guias de viagem e/ou que nenhum amigo contou de outras atividades. Será difícil buscar por outros interesses além dos que são marcados? Será que a Geografia pode ampliar nossos *horizontes* ou não? Tem a Geografia condições para fortalecer a autonomia nos sujeitos turistas ou não?

Com essa sequência de exemplos tenho o intuito de refletir como as escolhas, enquanto estamos turistas, podem ser mais concordantes com o que realmente queremos e como a estadia pode se dar com respeito à proposta do local.

Nas situações dos exemplos citados costuma haver um desgaste dos atores locais que se preparam e estabelecem um local para dividir com os turistas. Além do retorno financeiro, buscam uma interação com os “de fora”, de trocas e de valorização. O desgaste também é do turista que se organiza para a viagem e quando chega a um local e não é o que tinha almejado,

---

<sup>3</sup> A Acolhida na Colônia é uma instituição que trabalha com Turismo de Base Comunitário no interior de Santa Catarina, com produtores rurais orgânicos e tem seus produtos relacionados com a prática que visa à sustentabilidade do ambiente e da atividade.

há uma perda de tempo e dos sonhos. Ainda desponta o desgaste do espaço turístico, uma vez que o turista insatisfeito tende a assumir uma postura descompromissada com o local.

Essas inquietudes foram compartilhadas com colegas, comunidades, turistas, professores. Entre a inspiração, aportes na reflexão e incentivo para o estudo, há muitas referências externas que contribuem e constroem essa pesquisa. Assumo, nesse momento, que tais observações feitas são mediadas pela minha bagagem cultural, composta e acomodada por sujeitos que compartilhei momentos, que conversei, que li, que estudei. Diante de tal, compreendo que como “o contexto de qualquer texto são outros textos” (MELO, 2001, p. 42), o meu intertexto, enquanto sujeito, é composto de tantos outros intertextos quanto os sujeitos com quem convivi.

Com isso, a partir deste momento, o texto passa a ser escrito na primeira pessoa do plural, pois implica acreditar que o processo de geração de saberes se constrói e se retroalimenta em sua coletividade e em seu histórico. Apoiada em Castrogiovanni (2004, p. 13), vemos que,

Esta viagem não é solitária. Na realidade, somos um grupo de Sujeitos responsáveis por sua trajetória. Assim, parece ser na *primeira pessoa do plural* o tratamento mais recomendável para situarmos textualmente os diálogos, que sugerem as opções dos caminhos, que delineiam nosso rumo.

Com os passageiros a bordo, nossa viagem nos conduz a Garopaba, município litorâneo do estado de Santa Catarina (Figura 1), que tem em suas praias seus principais atrativos. Esse destino turístico nos interessa, além de ser um lugar pessoal, por sua localização, uma vez que o Turismo de praia tende a ser um dos destinos turísticos mais valorizados nas representações sociais atuais da nossa cultura. Através da geografia e da história de Garopaba, pelo princípio complexo hologramático, podemos perceber os movimentos do mundo, à maneira do lugar. Não obstante, muitas das inquietações desta pesquisa foram germinadas em observações feitas no local.

Em Garopaba, nosso estudo busca conhecer, provisoriamente, as relações entre o Turismo e o Ensino de Geografia. Focamos, neste momento, os conceitos geográficos e as representações sociais contidas na leitura da paisagem e na construção do lugar.



**Figura 1.** Mapa de localização de Garopaba/SC. Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando que Garopaba é um destino turístico frequentado por grupos de diferentes interesses, direcionamos nosso olhar para os sujeitos (turistas e moradores) que participam desse Turismo Litorâneo, bem como para os sujeitos envolvidos com o Ensino de Geografia.

Cabe ressaltar que conhecemos poucos estudos com este tema e que, diante da atividade turística ser cada vez mais crescente em nosso país, parece-nos que as contribuições geográficas, focalizadas a partir do Ensino de Geografia, são importantes, posto que possam ser enriquecedoras no estar-ser turista, bem como no ser-estar da comunidade receptora.

### **Desenhando a praia**

Há um crescente interesse pela temática do Turismo na atualidade. Observamos que o desenvolvimento dessa prática vem suscitando a análise geográfica, com o destaque nos estudos da atividade enquanto construtoras do espaço, no que diz respeito a seus impactos econômicos e ambientais. No entanto, muito além dessas relações que se instituem na atividade turística está presente uma carga subjetiva, que pensamos interferem desde a motivação para a viagem até as ações efetivadas no destino. Acreditamos, neste momento,

não bastar entender o Turismo como fenômeno econômico, sem compreendermos “as condições sociais, históricas, políticas, psicológicas, ecológicas, etc, inseparáveis das atividades econômicas” (MORIN, 2000a, p. 30). Assim como, parece-nos, não devemos buscar entender uma das outras facetas a isolando das suas interconexões com as demais, pois como em um holograma, cada dimensão se totaliza e se faz parte na sua relação mútua.

Vivemos em um período dito globalizado, que se alicerça com o suporte do meio técnico-científico-informacional, conforme conceituado por Santos (2008). Esse momento histórico nos diz do casamento da técnica com a ciência, potencializado pela informação, novo motor do sistema. A informação, que é veiculada em redes, estrutura as relações que sustentam não só negociações econômicas, como representa também a sociedade atual.

Parece-nos que com o papel globalizado da informação o espaço alcança aspectos mais variados na vida social e o cotidiano dos sujeitos se enriquece, ao mesmo tempo em que se dilui. Os fluxos tornam-se mais intensos e interdependentes, *aproximando* povos e lugares. Fica a constante impressão de não haver mais isolamento, tanto pelas redes que se alargam e se expandem pelos territórios mais longínquos, quanto pelas lógicas das representações que se comunicam e atravessam fronteiras cada vez mais fluidas. No entanto, sentimos que mesmo *mais próximos*, menos nos conhecemos, talvez pela avalanche de dados<sup>4</sup> que ocupam um espaço antes destinado à existência no cotidiano compartilhado e lento das relações sensíveis<sup>5</sup>.

O Turismo, que parece se potencializar nessa conjuntura, tem sido visto como um fenômeno apropriado por esse sistema e concomitantemente mola propulsora. Acreditamos, nesse momento, que o Turismo, por sua complexidade, é produtor e produto do espaço, uma vez que compreendemos as relações cada vez mais em sua característica retroalimentar.

A atividade turística propõe um conjunto de ações e de representações que convergem aos sistemas de objetos na construção do espaço, ao mesmo tempo em que esses conjuntos alimentam a prática do Turismo. O espaço é o objeto de estudo da Geografia. O espaço geográfico é produzido cotidianamente pela interação desses sistemas (de objetos e de ações), diante das solicitudes do global e do local (SANTOS, 2008). A continuidade na produção do

---

<sup>4</sup> Nossa observação encontra apoio em Morin (1998; 2000a): “Quanto mais somos envolvidos pelo mundo, mais difícil é para nós apreendê-lo. Na era das telecomunicações, da informação, da Internet, estamos submersos na complexidade do mundo, as incontáveis informações sobre o mundo sufocam nossas possibilidades de inteligibilidade.” (MORIN, 2000a, p.64). Continuamos com ele: “No século 20, o cidadão ou o pretendente a tal categoria depara incrível número de informações que não pode conhecer e nem sequer controlar; suas possibilidades de articulação são fragmentárias ou esotéricas, dependem de competências especializadas; sua possibilidade de reflexão é pequena porque já não tem tempo nem vontade de refletir.” (MORIN, 1998, p.98).

<sup>5</sup> Por relações sensíveis queremos nos remeter as conversas tecidas com simplicidade, com troca de olhares, em que sonhos, acontecimentos ordinários, descobertas e compreensões são compartilhadas.



espaço parece não acontecer linearmente, mas em um movimento espiral, pendular e retroativo, em que fenômenos/eventos coexistem simultaneamente.

Assim, a interface da Geografia e do Turismo se estabelece tanto pelas alterações objetivas que incita e pelos produtos concretos que influenciam o modo como um lugar se articula com outros e com a ordem global quanto por sua mediação simbólica na relação dos sujeitos com o espaço, instituindo valores e significados para os lugares e para as paisagens, bem como as suas estéticas a serem apreciadas.

Nesse universo parece haver uma relação indissociável que se refere às mudanças sobre a visão de mundo, de significados das experiências sociais e individuais, em que a noção espaço-tempo tende a ser fundamental. Essas visões costumam estar em si mesmas imbricadas com as imagens que a comunicação simula em diferentes contextos sócio-históricos e parecem atualizar no cotidiano pressupostos filosóficos, representações sociais e olhares sobre o mundo e o lugar, através de práticas e de discursos. Essas atualizações, discursos e práticas são temas a serem trabalhados pela educação, e o Ensino de Geografia, parece-nos, pode abarcar tais demandas.

Conforme Santos (2008, p. 313) confirma que, com o meio técnico-científico-informacional, nossa relação com o mundo que era “local-local”, agora é “local-global”. A globalização parece impor intencionalidades hegemônicas via comunicação, com suas formas e nominalismos, e o lugar parece congrega tais situações globais às suas características e sua política. Nessa dialógica atual do lugar, nos inquieta se sabemos nos movimentar e nos situar nessa complexa relação local-global ou não? No Turismo, como as relações se estabelecem nesse período da preponderância da informação? Como o Ensino de Geografia lida com as novas solicitações do mundo e do local? Para Santos (2008, p. 315) “Impõe-se, ao mesmo tempo, a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar seus novos significados. Uma possibilidade que nos é dada através da consideração do cotidiano”.

Pensamos, nesse momento, que a categoria da existência no cotidiano presta-se ao tratamento geográfico do mundo (inter) vivido e de um Turismo do tempo-espaço (con) vivido, que por sua vez também pode ser teorizado pela educação na busca de compreendermos a vida. Desse modo, consideramos que a escola não deve ficar à parte da proporção que o Turismo vem tomando, tido como uma solução e/ou um problema em muitos lugares, ao mesmo tempo que parece trazer as ideologias globalizadas em seus movimentos.

Há uma gama complexa de facetas concretas e simbólicas a serem compreendidas na relação da Geografia com o Turismo. Como questões diretas da pesquisa, inseridas no cenário atual geográfico, interrogamos se ao sabermos ler a paisagem de forma complexa, em suas

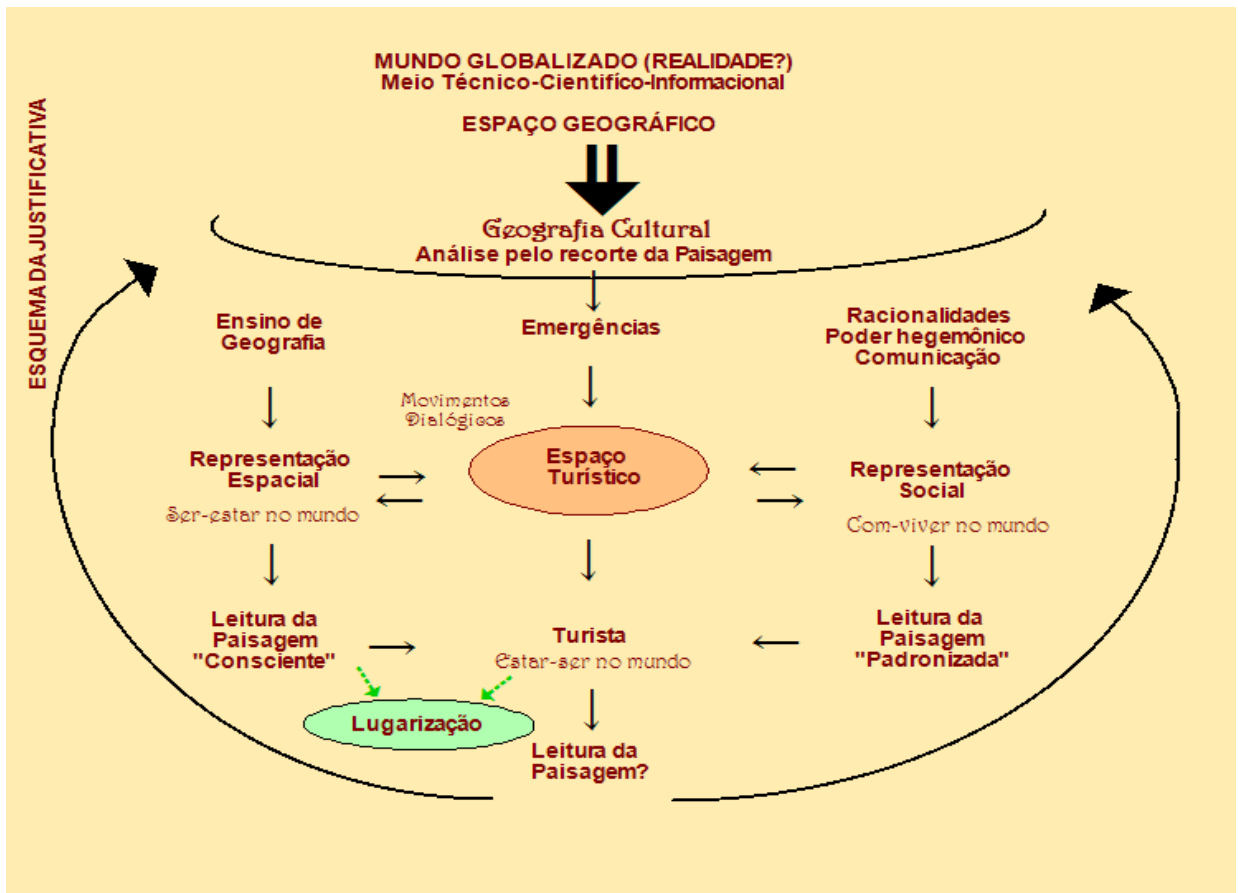
formas objetivas e subjetivas podemos melhor apreciar e interagir com o destino turístico ou não? A interação no local visitado, com as bases de uma leitura complexa e sensível, favorece a construção de laços afetivos e a partir deles o cuidar do lugar, ou não? Quais são as nossas motivações para a escolha do destino onde passaremos dias *livres e idealizados*?

Nas entrelinhas das dinâmicas do destino turístico formam-se ansiedades que detalham as questões de pesquisa. Como será que a paisagem é compreendida e representada por sujeitos com diferentes interações no local? Será que essa leitura complexa é relevante ao turista ou a um querer seu? Terá o Ensino de Geografia condições para subsidiar a leitura enriquecida (para além das representações ideologizadas) e fomentar a autonomia nas motivações para o destino turístico, ou não? Será que a construção dos conhecimentos geográficos pelos sujeitos do local turístico auxilia na interação com o seu espaço e na *lugarização* dos turistas, ou seja, que os turistas tenham relações com o local visitado de maneira que o elejam como um lugar seu, ou não?

Caso as respostas sejam neste momento afirmativas, temos que quando o turista lê com um olhar complexo a paisagem, a atividade turística parece ser qualificada na interação do turista com o lugar e seus moradores, oportunizando aproveitar a estadia turística e ter uma troca de respeito com os sujeitos do local. Temos ainda que se o Ensino de Geografia, através do aprofundamento das representações espaciais contextualizadas, proporciona ao sujeito uma leitura da paisagem espacialmente enriquecida, pode impulsionar a lugarização do (s) turista (s) e fortificar sua autonomia para, entre outras questões, subsidiar a escolha dos destinos turísticos. Arriscamos que quando nos lugarizamos nossas relações com o lugar são de cuidado e de apreço, porque também passamos a fazer parte do lugar.

Ao interpretar espacialmente o ambiente, entendemos nesse momento, que podemos lidar com os contratempos e as contradições do espaço, com sentimentos de respeito e compreensão. Pensamos que essa compreensão nos permite dialogar com os sujeitos, com o lugar e com sua paisagem, repercutindo em um espaço/tempo compartilhado e possibilitador de relações sensíveis. Nesse sentido, acreditamos que podemos antecipar uma das respostas, provisoriamente: sim o turista, mesmo em férias, quer ler a paisagem de forma complexa.

Como um esquema síntese da justificativa da pesquisa, apresentamos a Figura (2) a seguir:



**Figura 2.** Esquema síntese da justificativa da pesquisa. Fonte: Elaborado pela autora.

Na leitura da paisagem e na construção do lugar também nos inquieta a interpretação de moradores. Parece-nos importante que cada um conheça o seu lugar e/ou local do cotidiano, compreenda os movimentos que tecem seu espaço e alimentam a paisagem que os identifica, para lerem as situações locais e globais e assim saberem se situar frente às múltiplas dimensões que estruturam sua (com) vivência.

No intuito de dar conta das nossas inquietudes, temos como objetivo geral investigar a relação do Turismo com o Ensino de Geografia, através da leitura da paisagem (de Garopaba) e dos processos de lugarização, para procurar compreender, provisoriamente, a construção do espaço turístico.

A fim de alcançarmos o objetivo geral, pensamos nesse momento ser necessário como objetivos específicos (a) verificar as noções de temporalidade e de espacialidade nas paisagens representadas pelos sujeitos entrevistados, buscando compreendê-las na sua relação com o Ensino de Geografia; (b) examinar as motivações na escolha do Turismo Litorâneo e as suas relações com o Ensino de Geografia e com a mídia turística; e (c) compreender se o

Ensino de Geografia favorece ou não a leitura da paisagem no estar-ser turista, contribuindo ou não para a lugarização.

Para pesquisar os sujeitos que fazem parte de uma sociedade, na sua relação com o espaço, ponderamos que sejam necessários instrumentos flexíveis que possam abarcar as múltiplas lógicas e acolher suas narrativas dialógicas. Por esse encaminhamento, escolhemos o Paradigma da Complexidade (MORIN, 1998; 2000a) como método, a fim de nortear a análise. Composto o método no capítulo 1, temos a metodologia embasada na pesquisa qualitativa (FLICK, 2004; 2009), dentro da qual trabalhamos com entrevistas episódicas, análise de documentos e observações de campo. As entrevistas foram realizadas com moradores, turistas e professores de Geografia da rede pública de Garopaba, e com sujeitos que não conhecem Garopaba.

A revisão teórica está discutida no capítulo 2 e abarca as temáticas que constroem e são construídas ao logo do estudo. Assim como o mar que molda uma praia, singularizando-a e sendo singularizado por ela, temos na dissertação a Geografia Cultural, o Turismo, o Ensino de Geografia e a teoria das representações sociais. Esses temas se congregam na busca de explicarmos as materialidades e os simbolismos do espaço.

A codificação e triangulação dos dados do campo, em congruência com a teoria, estão situadas no capítulo 3. Neste capítulo discutimos os três enfoques analisados: o contexto do espaço turístico de Garopaba, a leitura da paisagem e os encaminhamentos para a lugarização, em que empreendemos esforço em gerar, a partir da análise dos fenômenos, a relação do Ensino de Geografia e do Turismo.

Para a contextualização do espaço de Garopaba predominam os olhares a partir das interações da atividade turística. A valorização dos espaços litorâneos é introduzida por Corbin (1989), destacando a mudança das representações sociais em relação ao ambiente de praia. No esteio de Santos (2008) valemos das análises do espaço geográfico.

Na investigação da leitura da paisagem enfocamos as noções de temporalidade e espacialidade para provisoriamente compreendermos o que interfere para um olhar complexo, especialmente quando nos situamos no período atual em que as representações sociais e/ou agendamentos da mídia se precipitam com maior dinamicidade. Também utilizamos de alguns recursos lúdicos<sup>6</sup> como fotografias, imagens de satélite e cartões-postais a fim de resgatar memórias do Ensino de Geografia e das vivências dos sujeitos. A reflexão teórica acerca do

---

<sup>6</sup> Estabelecemos o uso de fotografias, imagens de satélite e cartões-postais como um recurso lúdico, por compreender, nesse estudo, o lúdico como uma forma de desenvolver e de buscar por conhecimentos, através de atividades/elementos prazerosos e relacionados à vivência de cada sujeito.

estudo de paisagens tem como principais guias os conceitos de Berque (1998), Meneses (2002), Nogué (2006), Verdum (no prelo).

Na construção da noção de lugar avaliamos, provisoriamente, o que interfere para um sujeito se lugarizar e sua relação com o espaço a partir desse significado. As organizações e desorganizações do espaço, que também se estabelecem com o Turismo, com as lógicas locais e globais entrelaçadas, são amparadas em Castrogiovanni (2004) e em Santos (2008). Reportamo-nos à importância do sujeito, turista e do local turístico, conhecer seu lugar e se conhecer, calcada em sentimentos de identidades e de compreensão planetária.

Buscar por uma leitura complexa pede por uma reflexão complexa, entendendo o complexo como um esforço no intuito de investigar algo, o relacionar com um contexto maior, costurando com outros elementos, para que possamos tanto entender, com incertezas, o elemento parte como seu corpo maior. Parece-nos que compreender a complexidade atual, ainda que momentaneamente, não é tarefa simples, pois depende de muitos pontos conectados em uma rede que nos absorve e quando vemos estamos tomados pelas racionalidades do sistema. No entanto, pensamos que essa é uma das importâncias da Geografia: abrir nossos olhos e ouvidos para a comunicação que está além da informação, que está nas entrelinhas do cotidiano quanto dos veículos hegemônicos.

Pensamos que a pesquisa também se justifica por colaborar com a fermentação dos conceitos geográficos de espaço, de lugar e de paisagem. Estudar o turista e suas representações ainda é importante para contribuirmos em discussões de planejamento e políticas públicas relacionadas ao Turismo. Parece que o estudo acerca das práticas educacionais e comportamentais do turista não vem sendo realçado nos planejamentos e estudos dos espaços turísticos. Pesquisar como podemos ser melhores turistas e qual o papel da educação formal nessa construção do sujeito é importante para construirmos uma sociedade mais autônoma, mais ativa e mais justa social e ambientalmente.

### **Anotações para o texto**

Ainda neste capítulo inicial, pensamos ser importante alguns esclarecimentos para nossos comportamentos na caminhada da pesquisa. Conforme possibilitado na Complexidade sorrimos para a poesia esperando que ela também sorria para nós nesse (con) texto. A poesia e as metáforas quando utilizadas para expressar nossas ideias almejam um texto mais leve e interessante ao leitor.

A descoberta de nossa situação de perdição num gigantesco cosmos adveio das descobertas da astrofísica. Isto significa que, atualmente, é possível um diálogo entre ciência e poesia, e isso porque a ciência nos revela um universo fabulosamente poético aos redescobrir problemas filosóficos capitais. (MORIN, 2010, p. 42).

Acreditamos que assim também estamos mais próximos da leitura popular<sup>7</sup>, pois o popular é recheado de sentimentos mistos e crenças baseadas em verdades (provisórias) científicas e sociais que *afloram na pele*, algo com as quais as representações sociais se ocupam e que nós percorremos na pesquisa.

A autoria traz a vontade de expressar nossas ideias construídas nos estudos, oportunidade que a Complexidade nos oferta também, mas esperamos que não soe pretensioso. Castrogiovanni (2004, p. 21) expressa nossa intenção: “No percurso, nos propusemos a construir uma proposta textual que amenizasse, em parte, as tensões, que uma *viagem* pode passar fazendo da nossa criatividade um traço, para manifestar o Sujeito que existe em nós”.

Como nos situamos na Complexidade e nessa perspectiva de compreensão do mundo, assumimos, nesse momento, que as verdades são provisórias, reportarmo-nos às ideias, pensamentos e afirmações como provisórias. Assim, ao escrevermos no texto os verbos “acreditamos, pensamos, vemos”, e outros que tenham o sentido de confiança, pedimos a gentileza do leitor de associá-lo a sua provisoriedade. Acreditamos, nesse momento, no que está exposto neste texto, mas com o caminhar, em um próximo momento, podemos não estar confiantes em tais questões. Pensamos que essa é uma das belezas da vida. A fim de que o leitor se recorde dessa nossa postura, provisória, em muitos verbos escreveremos expressões que remetem ao tempo presente como “neste momento, provisoriamente, nessa ocasião, aqui”. No entanto, em outros momentos, para que o texto não fique muito repetitivo, contamos com a memória e a associação dos leitores.

Em referência ao tema da pesquisa, nos reportaremos à Geografia, ao Turismo e ao Ensino de Geografia com letra maiúscula.

---

<sup>7</sup> Compreendemos popular como um adjetivo que significa estimado pelo povo, do ou próprio do povo. (Ximenes, 2000),

## 1 ÓCULOS DE SOL E REDE DE PESCA: INSTRUMENTOS PARA PRAIA

Como nosso espaço de pesquisa está ambientado em um município litorâneo, pensamos que *óculos de sol* são recomendações essenciais, na época atual, para observá-lo. *Os óculos* nos remetem ao método do Paradigma da Complexidade que nos guia na observação e na leitura do espaço.

A *rede de pesca* representa a metodologia que tecemos com as linhas da Pesquisa Qualitativa para *pesca* narrativas episódicas, documentos e observações de campo que retratem as paisagens locais e a construção de lugares, a fim de nos alimentar nesse estudo. Afinal nem só de *sombra e de água fresca* se faz uma temporada de praia.

### 1.1 Nossos óculos de sol: Paradigma da Complexidade

O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro. (MORIN, 2000b, p.104).

Toda pesquisa necessita de caminhos norteadores, que lhe assegure, mesmo provisoriamente, um rumo, ou seja, um método. O método nos parece ser uma construção social, que permite responder certas perguntas que fazemos ao mundo que conhecemos.

Penso que o intelectual tem de percorrer o caminho inverso: partir da realidade, da ação cotidiana, do povo e de nós mesmos, pois nós estamos imersos numa cotidianidade, refletir sobre essa ação cotidiana e, então, ir criando ideias para compreendê-la. E essas ideias já não serão mais ideias-modelo, serão ideias que irão se fazendo com a realidade. [...] O método para você é um conjunto de princípios que tem de ser permanentemente recriados, na medida em que a realidade outra e sempre diferente exige que esses princípios sejam lidos de maneira diversa. E enriquecidos de maneira diversa. (FREIRE, P.; FAGUNDEZ, 1985, p.21)

Na pesquisa elegemos o Paradigma da Complexidade (MORIN, 1998; 2000a) como norteador do nosso rumo, amparados na crença provisória que temos que o espaço cada vez mais complexo e variado em olhares requer uma compreensão que supere a razão fragmentária e as verdades limitantes, e estimule a compreensão e a consciência planetária.

Para Morin (1998) “o método é a atividade pensante e consciente do sujeito” (p.337), ou seja, é a “atividade reorganizadora necessária à teoria: essa como todo sistema, tende naturalmente a degradar-se [...] há a necessidade, reciprocamente, de estratégia, reflexão, arte.” (p.339), sendo que a Complexidade não pode ser concebida “como receita, como resposta”, mas a considerando “como desafio e como uma motivação para pensar” (p.176).

O objetivo principal da Complexidade é distinguir, duvidar e contextualizar os conceitos, os problemas, os sentimentos da vida humana, para então reuni-los os compreendendo dialogicamente. No quesito distinção busca estudar a parte para compreendê-la e articulá-la, podendo assim relacionar com as outras partes e compor o todo. Na união, o pensamento deve ser mobilizado no sentido de significar a parte a seu contexto e assim promover um conhecimento aprofundado na contextura. Unir o que é (ou parece) contraditório: unir o particular e o universal, o sujeito e a sociedade, a razão e a emoção, o tempo e o espaço. “Complexo originalmente significa o que se tece junto. O pensamento complexo, portanto, busca distinguir (mas não separar) e ligar. Ao mesmo tempo, impõe-se outro problema crucial: tratar a incerteza.” (MORIN, 2000a, p. 31).

Buscamos nesse estudo (re) unir os diversos significados que o espaço geográfico nos apresenta sob o prisma do Turismo, do lugar, da paisagem, do Ensino de Geografia e das representações sociais, colocando-os em diálogo para que possam remeter uns aos outros no contexto em que se localizam, num círculo que visa ser produtivo, e os tecer (juntos), buscando compreender suas dinâmicas. Nesse processo lidamos também com o desafio da incerteza, uma vez que não sabemos se nossa leitura do mundo está coerente, o que virá no ponto seguinte, como as linhas vão se comportar no todo tramado, se estamos no caminho certo, o que é um caminho certo. Há caminho certo ou não?

Para Morin (2000a, p. 35), a Complexidade pode ser assim descrita:

A démarche consiste, ao contrário, num ir e vir constantes de certezas e incertezas, entre o elementar e o global, entre o separável e o inseparável. [...] Trata-se de repor as partes na totalidade, de articular os princípios de ordem e desordem, de separação e de união, de autonomia e de dependência, em dialógica (complementares, concorrentes e antagônicos) no universo.



Pensamos, nesse momento, que as inquietações acerca da vida são molas propulsoras que nos colocam em constante movimento, assim como são as ondas que trazem os equilíbrios e desequilíbrios do mar. As verdades se alicerçam, mas provisoriamente, uma vez que não se encerram em si e podem mudar com o nosso andar permeado pelas contingências da vida. A responsabilidade de lidarmos com cada verdade, mesmo provisória, de maneira ponderada, está posta para que possamos dialogar com as outras verdades (momentâneas) que virão, em um princípio de reintrodução do conhecimento.

Na Complexidade compreendemos (neste momento) que as respostas são patamares que nos encaminham para outras incertezas, dando recursividade ao movimento, pois o fim tende a ser uma construção contínua.

### **As lentes coloridas da Complexidade**

A Complexidade emprega princípios na busca da compreensão provisória do mundo. A fim de retratar esses princípios, nossos *óculos de sol* trazem um conjunto de *lentes coloridas*. As *lentes coloridas* buscam expressar a visão plural que a Complexidade esforça-se por obter do espaço, da sociedade e do sujeito, uma vez que somos unos e múltiplos (MORIN, 2000a, p. 24), e também que “as dimensões físicas, biológicas, espirituais, culturais, sociológicas, históricas daquilo que é humano deixem de ser incomunicáveis.” (MORIN, 1998, p. 30).

As diferentes cores trazem o entendimento tanto da ordem quanto da desordem, e a possibilidade de trocas das lentes está atrelada a fluidez dos movimentos. Além de coloridas, as lentes podem ser também sobrepostas. Sobrepostas, não prejudicam nossa visão, por as acreditarmos orgânicas, elas fundem-se uma na outra, retroalimentando-se e desvelando outros tons. Ainda podem funcionar como um binóculo a fim de vermos mais longe, ou como uma lupa ampliando os detalhes, para que possamos ler o espaço geográfico em suas diferentes escalas.

Referenciamos a seguir as *lentes*, ou seja, os princípios, de diferentes cores e alcances, selecionadas para esta pesquisa, conforme conceituados por Morin (2000a).

O princípio do conhecimento do conhecimento nos mostra que à medida que conhecemos de forma integrada estamos aptos para conhecer mais, em um movimento hologramático e espiral de retroalimentação. Para o conhecimento do conhecimento se

efetivar, precisamos superar a visão fragmentada, pois esta isola e nos impossibilita de religar as partes.

Para tecermos a parte ao todo de modo a significá-la, trabalhamos com o princípio sistêmico ou organizacional. Este princípio traz a necessidade de ligarmos o conhecimento das partes ao conhecimento do todo. Citando Pascal, Morin (2000a) explica que para conhecermos a parte precisamos conhecer o todo, assim como precisamos conhecer o todo para investigar as partes.

O sistêmico também sugere que o todo é mais e, ao mesmo tempo, é menos que a soma das partes. O todo é mais quando abarca as relações que são produzidas entre as partes. Para Maffesoli, é na tessitura que está a riqueza da soma das partes que é maior que o todo, “[...] é a interação que faz com que o conjunto seja algo mais do que as partes que o compõem” (MAFFESOLI, 2003, p. 172). As partes, ao se relacionarem, produzem as emergências. As emergências são as qualidades que emergem a partir do contato das partes, que não existiriam se as partes estivessem isoladas.

O todo é menos quando precisa inibir as interrelações das partes em favor da organização do sistema. Para o todo se organizar, alguns fatores precisam ser suprimidos, algumas arestas são aparadas para serem acondicionadas aos encaixes do sistema, mesmo compreendendo-o como um sistema aberto.

O princípio hologramático vem para evidenciar que a parte está inscrita no todo, assim como o todo está inscrito na parte. Cada parte é singular, mas traz em si a essência do todo. Os preparativos estão na viagem e a viagem está em cada preparativo. As características de uma sociedade, como sua linguagem e seus valores, estão presentes em cada sujeito, em cada representação desse sujeito, bem como cada sujeito está presente produzindo a sua sociedade e sua representação. Essa condição desencadeia sempre um processo, pois a parte e o todo se complementam e se refazem continuamente.

O processo de ser produtor e produto ao mesmo tempo nos encaminha ao princípio do anel recursivo. Podemos visualizar esse princípio no exemplo da dinâmica da sociedade-sujeito ou na nossa condição em relação à bolha que é o mundo, usando expressão de Prigogine, (2003, p. 55): “[...] essa estranha bolha dentro da qual estamos e que evolui, e dentro da qual nós co-evoluímos com ela”. É um anel gerador, onde um interage sobre o outro, ao mesmo tempo em que ambos se potencializam.

Na roda recursiva desse anel parece que podemos compreender que os princípios até aqui expostos nos colocam em situação de interação com o meio e com outros sujeitos. O princípio da auto-eco-organização esclarece essas interações. É auto porque diz respeito à

autonomia de cada ser humano. É eco porque evidencia nossa dependência do meio, a interação imprescindível com o meio exterior: social e natural. É organização porque nos organizamos entre esses sistemas. Precisamos das interações com o meio e da nossa autonomia, tanto para o desenvolvimento do nosso corpo biológico como do nosso intelecto.

Essa articulação entre a autonomia e a dependência também pode ser lida no princípio da dialógica, com a união dos contraditórios sobre o mesmo tecido. A dialógica assume “racionalmente a associação de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo” (MORIN, 2000a, p. 34), assim os que se mostram antagônicos encontram espaço para se olhar, se iluminar e se ofuscar, e continuarem se olhando por outros ângulos, ou seja, que uma síntese não se encerre em si, mas leve a outras teses, antíteses e sínteses e por diante. Esse diálogo se propõe a não ter preconceitos, abarcando o ouvir além do falar, ouvir o outro associando suas palavras e seus silêncios ao seu intertexto em consonância com o contexto.

A ordem, a desordem e a organização estão no cerne da dialógica por entendermos que as retroações entre essas dinâmicas desenham os movimentos do universo. Parece-nos fundamental, nesse instante, entender que a desordem e a contingência (o acaso) são partes do processo natural e social da vida, na medida em que a ordem é criadora da desordem e vice-versa. A partir dessa visão, podemos nos apropriar da interação lógica de que, assim como são necessários os desequilíbrios para que possamos alcançar um conhecimento mais complexo - segundo a Teoria da Epistemologia Genética baseada em Piaget (CASTROGIOVANNI, 1992; COSTELLA, 2008) -, também é necessária a desordem para que possamos alcançar ordens mais complexas, uma vez que estejamos conscientes desses processos organizacionais.

O movimento de se voltar a si, para refletir, e assim dar um passo mais seguro adiante se localiza no princípio da reintrodução. Este é o princípio da reconstrução do conhecimento em bases do conhecimento prévio. O conhecimento é referente a uma cultura e uma época, que se renova para acompanhar as renovações do mundo.

Há ainda outras lentes para os óculos de sol. Cada pesquisador escolhe as suas. Outros princípios não abordados também podem nos ajudar na compreensão do espaço quando nos situamos no Paradigma da Complexidade. Como não poderia deixar de ser, os princípios também são plurais, assim como é a vida, sempre complexa.

Acreditamos ser importante conceituar sujeito segundo a Complexidade. A partir da revisão teórica moriniana, Castrogiovanni (2004, p. 101) esclarece que:

Há algo mais do que a singularidade, ou que a diferença de indivíduo para indivíduo é o fato de cada indivíduo ser um Sujeito. Portanto, cada Sujeito é

único e original, não por ser um indivíduo, mas por existir a partir de um intertexto, que é próprio, é a sua vida.

O intertexto, texto próprio de cada sujeito, é uma construção interna realizada a partir das experiências individuais e compartilhadas. O sujeito se posiciona no centro do seu mundo, colocando-se como egocêntrico, pois para ser autor de seu processo organizacional precisa ocupar seu próprio espaço a partir do qual desenvolve suas relações consigo, com outrem e com o mundo. Conforme Morin (2006, p. 120) a natureza da noção de sujeito “[...] é o ato pelo qual o sujeito se constitui posicionando-se no centro do seu mundo para lidar com ele, considerá-lo, realizar nele todos os atos de preservação, proteção, defesa, etc.”

O mundo de um sujeito apenas se concretiza e é significativo a partir do que ele, sujeito, se propõe a realizar, a se permitir, a firmar conexões nos contatos para os quais se abre. O indivíduo passa a ser sujeito quando se autoriza a organizar seu processo, o referenciar, o singularizando. (MORIN, 2006). Ser sujeito é poder compreender que somos nós os criadores da nossa vida, da nossa cultura, do nosso mundo, e isso nos dá outra dimensão do viver, ao mesmo tempo em que nos imbuí de responsabilidade de nossas ações para com o mundo, nos dá a liberdade de tentar, de inventar, de caminhar comunicando nossos sentimentos e escutando quem nos rodeia.

Existe na noção de sujeito a relação recursiva de sermos produtos e ao mesmo tempo produtores e a de auto-eco-organização dos sujeitos que se estabelece na relação do sujeito consigo e com o meio. Essa recursividade apoiada na auto-eco-organização também sinaliza que dependemos do mundo que nos cerca mesmo em um processo de autorreflexividade. Esse processo é significativo na formação da subjetividade de cada um e é amparado na autorreflexividade que cada sujeito tende a ter sua própria leitura do espaço e pode compreender a de outros.

A prática mental do autoexame permanente é necessária, já que a compreensão de nossas fraquezas ou faltas é a via para a compreensão das do outro. Se descobirmos que somos todos seres frágeis, frágeis, insuficientes, carentes, então podemos descobrir que todos necessitamos de mútua compreensão. (MORIN, 2000b, p.101).

Somos sujeitos únicos e somos sujeitos que identificam um grupo social, uma cultura. Nossa individualidade parece estar nesse casamento entre o Eu e o eu, entre o Eu e o outro, entre o Eu e o grupo social. Somos complexos posto que somos diversos em nossa unidade e somos diversos entre nós. É preciso mais que nunca valorizar isso, pois é por sermos humanos

concretos, repletos de sentimentos, que somos imprevisíveis e não podemos ser dominados totalmente. O progresso que queremos, que respeita e incentiva nossa diversidade, que integra e não separa na padronização, é o progresso criativo e ativo, que só pode se efetuar com a reunião dos saberes de cada um de nós, na re-invenção diária do nosso cotidiano, onde um é capaz de se ajustar ao outro construindo pontes de compreensão para a unicidade<sup>8</sup>.

O próprio sujeito é *complexus*, o que significa que se tece junto dos demais e através dos demais Sujeitos, no *auto-eco-constructo* da sua história. Sua concepção é complexa; por isso, o “eu” precisa da relação com o “tu” e ambos pertencem ao mundo. Assim, o Sujeito necessita, com o Turismo, buscar o “outro”, através do “outro Lugar”. O “eu” enxerga-se e se constrói no “tu”. O Sujeito vê o seu Lugar, pelo “outro Lugar”. O encontro do Sujeito com o “outro Lugar” parece ocorrer no retorno ao seu Lugar. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 102).

Em sociedade, cada sujeito tem seu centro em si (egocentrismo) e tem sua mobilidade para o outro por ser um sujeito social, pois se articula na rede, que promove encontros. O Turismo parece ser um potencializador de encontros, onde podemos encontrar o outro que vai também nos construir e nos significar.

### O contexto da nossa praia

Durante o nosso andar, encontramos nas leituras acerca do Paradigma da Complexidade um auxílio à compreensão do mundo, posto que as suas inquietudes e aspirações inspiram sentidos e ideias em caminhos que nos parecem mais orgânicos<sup>9</sup>. Mais orgânicos porque estamos em contínua mudança, temos constantes incertezas e certezas que projetam nossos ir e vir. Esses movimentos naturais do ser humano percebemos ainda mais realçados e velozes no contexto contemporâneo do meio técnico-científico-informacional. Orgânico também, pois assume a subjetividade junto à objetividade na tessitura de nossas relações, afinal somos feitos de *materiais* dialógicos, que se entremeiam em retroalimentação.

Podemos encontrar a complexidade como contraponto do paradigma da simplificação<sup>10</sup> (separação/redução), porém não quer dizer que o exclui, mas busca inserir as

<sup>8</sup> Unicidade segundo Maffesoli (2003): é um ajuste dos elementos variados, “e isso não na perspectiva de unanimidade da tolerância, porém bem mais por referência àquilo que podemos chamar a organicidade dos contrários” (MAFFESOLI, 2003, p. 177).

<sup>9</sup> Compreendemos orgânico em seu significado biológico, como inerente ao organismo, à constituição íntima e fundamental, relativo aos órgãos, ao organismo, seres vivos organizados (Dicionário Michaelis), ou seja, um modo de se organizar que é do ser vivo, vinculado aos ciclos naturais.

<sup>10</sup> O paradigma da Simplificação é privilegiado no método positivista-cartesiano situado na ciência ocidental. Este paradigma opera por separação, redução, rejeição e disjunção. Ao separar, isola e distancia os objetos

características da simplificação que possam dialogar com a visão complexa. O conceito de simplificação na Complexidade consiste em tornar o espaço inteligível, tentando decifrá-lo e compreendê-lo, para que o sujeito possa fazer uma leitura pertinente e coerente com o contexto. (MORIN, 2000a).

Ao tentar superar as verdades absolutas da simplificação, a Complexidade encontra na contextualização uma importante premissa. É a necessidade de situar as informações, os objetos e as ações dos sujeitos em seu tempo e espaço, em como se comportam diante das possibilidades e das combinações do todo.

De toda parte surge a necessidade de um princípio de explicação mais rico do que o princípio da simplificação (separação/redução), que podemos denominar princípio da complexidade. É certo que ele se baseia na necessidade de distinguir e analisar, como o precedente, mas, além disso, procura estabelecer a comunicação entre aquilo que é distinguido: o objeto e o ambiente, a coisa observada e o seu observador. (MORIN, 1998, p. 30).

A Geografia e o Turismo podem ser contextualizados no Paradigma da Complexidade por nos situarmos nesse espaço intensificado pelas mobilidades, que quanto mais amplia sua rede de contatos mais se abre ao diverso. Os diversos são distintos em suas peculiaridades, mas possuem unidades com a rede, carregam a rede em si e a rede interligada se transforma a cada nova ação das parte. Com o mundo mudando em um processo que parece ser infinito, a Geografia e o Turismo se estabelecem em contínuas adaptações, e por ser uma relação retroalimentar o mundo também está como resultado das emergências de suas partes.

O Turismo, ao acontecer, tende a aproximar sujeitos de diferentes culturas no espaço, oportunizando novos olhares, outras verdades provisórias, novos conhecimentos, constituindo lugares, construindo relações, sujeitos e coletividades, modificando a Geografia dos espaços recursivamente.

---

estudados do seu meio, reduzindo o todo em partes isoladas, eliminando com isso as tramas e as combinações do tecido em análise. Esse método pode levar a um conhecimento fechado e desconexo do resto, assim alienado. Um fato marcante herdado do positivismo é o que Morin (1998) denomina de razão cega. Sua cegueira está na exclusão do conteúdo humano e na fragmentação do conhecimento. É como se, ao admirarmos uma paisagem, devêssemos ver apenas a forma do relevo ou a vegetação, sem vermos o conjunto, sem relacionarmos o relevo e o solo que vão caracterizar a vegetação. E vendo a sua forma não percebemos os sentimentos que essa paisagem desperta em nós. Ou como se em uma viagem de trem não devêssemos olhar pela janela, apenas analisar como a máquina anda sobre os trilhos. Assim perderíamos de ver a paisagem, como cantado: “[...] *Vai ver que esse trem que você viaja não tem janela não, não tem casa na colina, nem pôr-do-sol na esquina*” (*Música Trem das Ilusões, composição de Alceu Valença e Herbert Azul*). Seria como um trem fora do tempo, fora do espaço geográfico, pois, nesse caso, é a paisagem avistada que nos dá a dimensão do movimento.

A realização da existência humana é um fato essencialmente social. Quanto mais houver interações sociais, mais se propiciará a diversidade que, dialeticamente, levará à realização de existências humanas mais ricas. As pessoas, historicamente, procuram a interação com outras pessoas fora de seus lugares. E uma das formas de comunicação entre as pessoas está na manifestação da construção de seus próprios lugares. (CARVALHO, 1999, p. 100).

As aproximações de sujeitos no espaço geográfico nos permitem pensar a atividade turística como uma possibilidade desencadeadora da tomada de consciência acerca da globalização vigente como perversidade (SANTOS, 2010). Para Santos (2010), uma das características potencializadoras da reinterpretação da situação que nos leve a uma fase de transição de “uma situação crítica para uma visão crítica” (p. 116) e da tendência à dissolução das ideologias está “no confronto com a experiência vivida dos povos e dos indivíduos” (p. 159). Posto que “quanto mais diferentes são os que convivem num espaço limitado, mais ideias do mundo aí estarão para ser levantadas, cotejadas e, desse modo, tanto mais rico será o debate silencioso ou ruidoso que entre as pessoas se estabelece.” (SANTOS, 2010, p. 131).

No âmbito da Complexidade, pensamos que o Ensino de Geografia deve contribuir não somente para a descoberta e compreensão do espaço dialógico em que vivemos, com a tensão de variados interesses e pressões. Seguindo os caminhos do Paradigma da Complexidade Morin (2000b, p. 78) nos fala da necessidade da “compreensão da escala da humanidade planetária, [...]. Civilizar e solidarizar a Terra, para transformar a espécie humana em verdadeira humanidade”. Assim, sugerimos que os encontros gerados no Turismo possam ser engajados em sentimentos de solidariedade e dessa compreensão que conduza a visão crítica, aos debates acalorados, a tomada de consciência planetária. Precisamos reconhecer nossas identidades individuais ao mesmo tempo que a terrena, humanizar a humanidade para sabermos que todos temos a mesma origem e o mesmo destino (MORIN, 2000b), que o Planeta Terra é onde todos habitamos e que depende, em muito, de nós o futuro da vida, tal qual a conhecemos.

Nesse sentido, a Complexidade nos permite ampliar nossos horizontes extrapolando a linearidade. Provoca-nos a re-pensar sobre a nossa condição humana, nossas possibilidades infinitas a partir das estruturas dispersivas e das relações de auto-eco-organização, e também das nossas responsabilidades por estarmos amalgamados ao mundo. Parece-nos interessante pensarmos a partir da Complexidade em como podemos desenvolver nossa autonomia para que nossa dependência com o mundo se dê de forma organizacional-sustentável. Parece-nos interessante também nos aproximar mais da consciência planetária, o que nos conduz a

reflexão se a Geografia pode nos auxiliar nessa consciência ou não? Será que o Ensino de Geografia pode investigar sobre essa condição, provisória, de *ser-estar* no mundo, ou não?

Enfim, todos os humanos, deste o século XX, vivem os mesmos problemas fundamentais da vida e de morte e estão unidos na mesma comunidade de destino planetário. Por isso, é necessário aprender a “estar aqui” no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas – e por meio de – cultura singulares. Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos. (MORIN, 2000b, p. 76).

Precisamos de uma reforma do pensamento, como nos diz Morin (2000b), precisamos nos reconectar às nossas origens assim como ao nosso destino, mesmo continuando a perguntar “existirmos, a que será que se destina?” (CAETANO VELOSO, 1979<sup>11</sup>).

Talvez a Complexidade seja uma possibilidade de delinear e conjugar o espaço da sociedade: do (s) eu (s), do tu, do ele (a) e dos nós para consideramos as distintas identidades e as unicidades das coletividades, bem como a identidade planetária. A sociedade é uma trama mista, contraditória e imprevisível tecida por seus sujeitos e seus objetos no espaço de racionalidades e contrarracionalidades, todos situados no Planeta Terra.

## 1.2 A rede de pesca: Pesquisa Qualitativa

A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida. [...]. Essa pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões. (FLICK, 2009, p. 20).

A metodologia nos conduz na obtenção e sistematização dos nossos dados, como a rede de pesca direciona a pescaria para o pescador a partir do tamanho da sua malha, da maneira como é armada e do local onde é colocada.

Optamos pela pesquisa qualitativa, pois esta tem seu objeto na investigação de fenômenos sociais, primando por um estudo que dê ecos às questões objetivas tanto quanto às subjetivas. Há nessa pesquisa uma compreensão de processo que não é linear, permitindo a

---

<sup>11</sup> Trecho do poema *Cajuína*, de Caetano Veloso (1979).



mobilidade de suas estruturas diante dos encaminhamentos que surgem na prática. Por essas características se mostra “oportuna e necessária” (FLICK, 2009, p. 20) para trabalhar pesquisas de cunho social.

O qualitativo remete ao universo de práticas, significados, aspirações e valores, correspondendo a um espaço mais profundo das relações e dos processos em que situamos a pesquisa, que são combinados à teoria. Com esses pressupostos, evita números e seus resultados são vistos como verdades provisórias (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 141), em diálogo com os princípios da Complexidade.

Enquanto parte do todo social, a pesquisa qualitativa tem suas bases teóricas em concepções que privilegiam a consciência do sujeito (TRIVIÑOS, 1984, p. 125). O ser humano está no centro da dinâmica da pesquisa, que, ao trabalhar com as manifestações do social, não busca por conclusões fechadas, permitindo as tensões, dúvidas e questionamentos. Privilegiar a consciência do sujeito toca no que diz respeito ao propósito transformador do conhecimento que se adquire no processo de investigação.

A pesquisa qualitativa, para Flick (2004, p. 47), tem como ponto de partida “as ideias dos eventos sociais, das coisas ou fatos que encontramos em um campo social em estudo e a maneira pelas quais essas ideias comunicam-se umas com as outras”.

Localizamos o Ensino de Geografia e o Turismo no social. Compreendemos o espaço composto pela multiplicidade de sujeitos e de relações. Tanto o Ensino quanto o Turismo se constroem na diferença da alteridade. Por termos intertextos (próprios), o espaço é percebido por cada sujeito de um modo único, cada olhar tem seus filtros e suas representações e cada sujeito ainda pode apresentar diferentes versões para uma mesma situação. Nossa memória, assim como a visão, tende a ser seletiva e adaptável aos acontecimentos.

A versão que alguém apresenta em uma entrevista não necessariamente corresponde à versão que essa pessoa teria formulado no momento em que o evento relatado ocorreu; não necessariamente corresponde à versão que ela teria dado a outro pesquisador com uma questão de pesquisa diferente. O pesquisador, o qual interpreta sua entrevista e a apresenta como parte de suas descobertas, produz uma nova versão do todo. (FLICK, 2004, p. 25).

Durante a pesquisa, buscamos considerar essa relatividade dos olhares. O olhar de cada entrevistado e sua memória ainda são tramados às interpretações do pesquisador. Nesse sentido, levantamos que há, no mínimo, duas culturas em jogo a cada entrevista, a do entrevistado e a do entrevistador. A pesquisa qualitativa parece ser um processo de construções contínuas. Ao traduzir o universo pesquisado, reduzimos a complexidade do real,

em maior ou menor grau (EPSTEIN, 2005, p. 26) e o reconstruímos em um processo auto-eco-organizativo e retroalimentar.

Compondo a pesquisa qualitativa usamos ainda os recursos da teoria das representações sociais, como postura teórica subjacente a essa pesquisa (FLICK, 2009). A teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 2003) são conjuntos de saberes constituídos na relação dialógica com o (s) outro (s), dos quais cada sujeito se apodera para dar sentido sociável aos seus conceitos e aos seus sentimentos.

Segundo Flick (2009), a abordagem da representação social é cada vez mais utilizada enquanto esquema teórico para estudos qualitativos que tratam da construção social, visando conjugar a investigação de como “o conhecimento social e culturalmente compartilhado influencia os modos individuais de percepção, de experiência e de ação” (p. 74).

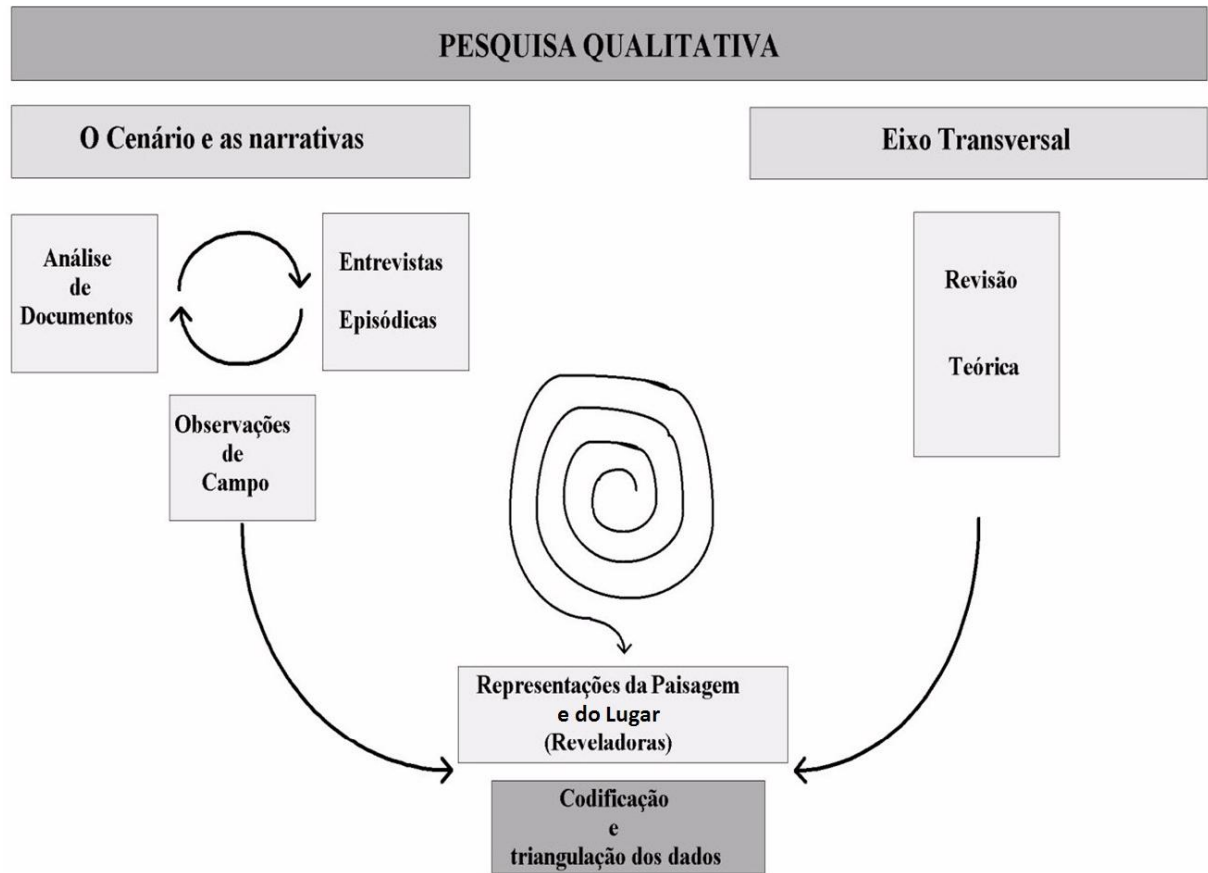
Acreditamos, nesse momento, na ênfase qualitativa para guiar a tradução do espaço de forma ampla e interconectada, mas não descartamos a relação que existe com a pesquisa quantitativa. O espaço complexo abarca ambas as metodologias por sua complementaridade e por sua contraditoriedade, porque as mudanças em um dos níveis tendem a resultar em modificações no outro e vice-versa (TRIVIÑOS, 1984, p. 118), uma vez que os objetos não são passivos.

### ***1.2.1 Procedimentos metodológicos***

Para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa, associada às representações sociais, guiadas pelo olhar do Paradigma da Complexidade, optamos pelos procedimentos metodológicos da técnica da análise de documentos (FLICK, 2009), da entrevista episódica (FLICK, 2004) e da observação de campo (FLICK, 2004). Como próprio da pesquisa qualitativa, esses procedimentos selecionados não têm hierarquia e interação entre si, como em um anel recursivo organizacional, fornecendo subsídios umas às outras, tanto na coleta dos dados como na interpretação.

As representações sociais, por serem subjetivas, são expressas na comunicação espontânea e podem ser identificadas nas narrativas das entrevistas episódicas. Por terem conteúdo, concebem as ações dos sujeitos, podendo ser observadas no campo pela maneira como o sujeito se relaciona com o meio.

Nosso roteiro metodológico está resumido no esquema da Figura 3.



**Figura 3.** Roteiro de investigação e sistematização dos dados. Esquema elaborado pela autora.

#### 1.2.1.1 Análise de documentos

**Informações-chave:** coleta e análise de documentos oficiais relativos:

- i) a Garopaba em sua história e suas transformações socioespaciais;
- ii) a Garopaba na mídia turística.

Rotulação e categorização segundo Flick (2009) e Pimentel (2010).

Na etapa da análise de documentos (FLICK, 2009) trabalhamos com duas matrizes, que nos possibilitaram investigar as transformações históricas do município ao longo dos diversos arranjos tempo-espaciais e seu discurso veiculado na mídia, relacionado ao consumo turístico de Garopaba.

Na análise dos documentos utilizamos a amostragem teórica, na qual os dados a serem coletados são definidos pelo processo da pesquisa. A representatividade dos materiais é o que indica os novos casos a serem investigados, pelo nível de novos *insights* para a teoria em desenvolvimento. (FLICK, 2009).

As matrizes da análise de documentos são:

i) A Geografia e a História de Garopaba. Estudamos em livros, publicações acadêmicas e em sítios eletrônicos oficiais do município a História e a Geografia de Garopaba. A análise teve enfoque principal nos movimentos que geraram, geram e foram gerados pelo Turismo, assumindo a paisagem como sua marca e matriz (BERQUE, 1998). A paisagem, em um anel recursivo, é tanto a matéria-prima do Turismo como é testemunho das alterações produzidas e influenciadas pela atividade.

Acreditamos que não há como estudar o espaço geográfico sem a sua dimensão histórica (SANTOS, 2008). Entendemos, nesse momento, que o processo contínuo da história revela no espaço as construções e as alterações das formas presentes e herdadas de um tempo passado. A memória histórica, constituidora de identidades, parece ser carregada de representações, imaginários e imagens que se aderem às rugosidades e se refazem na vida social diária.

ii) Mídia turística oficial do município, materiais textuais e visuais presentes em *folders* turísticos, guias de viagem, revistas turísticas, cartões-postais e sítios eletrônicos que divulgam Garopaba como destino turístico. Nesses materiais investigamos as formas concretas e simbólicas apresentadas sobre o município e as representações que configuram sua imagem para a comercialização turística.

Pensamos na pesquisa, que escolhemos em grande parte os destinos turísticos a partir de representações sociais e de ideologias, tendo nos meios de comunicação um dos principais canais de sua propagação. Rodrigues (1994) traz que a publicidade turística oferece rico material de pesquisa, resgatando as representações sociais e indo ao seu encontro.

Produzir imagens que criam o desejo e que podem ser consumidas está no cerne do Turismo enquanto um fenômeno também comunicacional. Gastal (2003) chama a atividade turística de Indústria dos Signos, por estar calcada nessa comercialização e no consumo do simbólico.

### 1.2.1.2 *Entrevista episódica*

**Informações-chave:** Entrevista episódica individual com 25 sujeitos, entre turistas, veranistas, atores do Turismo, moradores, professores de Geografia da rede pública de Garopaba e sujeitos que não conhecem Garopaba. Entrevistas realizadas entre abril/11 e novembro/11, gravadas, transcritas e analisadas.

Realizamos a entrevista com 25 sujeitos entre abril e novembro de 2011, no município de Garopaba. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Os textos são os registros, os depósitos da pesquisa, que são continuamente interpretados, tanto para o suporte das análises como à medida que são utilizados por leitores ou outros pesquisadores.

Escolhemos a entrevista episódica (FLICK, 2004), pois essa técnica<sup>12</sup> dialoga com nossos objetivos ao considerar que as experiências do sujeito são guardadas e lembradas no conhecimento narrativo-episódico e por sua aproximação com as representações sociais. Os estudos que utilizam a entrevista episódica, segundo Flick (2004, p. 122), “têm como fundamentação a construção social da realidade durante a apresentação das experiências dos sujeitos, [...] sendo que seu método foi desenvolvido como uma abordagem para as representações sociais”.

Nas entrevistas percorremos os caminhos para a recordação de episódios vividos, mobilizando lembranças do aprendizado em Geografia e das referências para o Turismo. Na Geografia demos destaque à percepção da paisagem e as construções do lugar. No Turismo, enfocamos as motivações para visitar Garopaba, os atrativos e locais mais apreciados, bem como as modificações que ocorreram no espaço geográfico devido à atividade.

A técnica da entrevista episódica, por não buscar respostas exatas, permite que os fatos sejam conectados pela memória ao seu contexto gerativo e propicia que as situações e os episódios relatados retratem as experiências com singularidade, possibilitando uma abordagem do mundo de cada sujeito e de suas representações sociais cristalizadas.

---

<sup>12</sup>Entendemos a entrevista episódica como uma técnica de pesquisa, inspirado em Castrogiovanni (2004), embora Flick (2004) denomine de método.

### Amostragem e local da entrevista episódica

A amostragem diz respeito aos sujeitos entrevistados. Se em uma pesquisa social o mundo pode ser visto através do olhar dos outros, são os entrevistados que nos mostram o mundo que buscamos investigar.

Através da Comunicação do intertexto de cada Sujeito, que viveu/vive/visita/visitou/desconhece/constitui a dialogicidade do Lugar, entendemos ser possível indicar caminhos, que nos auxiliem a viajar na busca do acalento para as nossas inquietudes. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 144).

Visando a nossos objetivos específicos que tratam da leitura da paisagem em análise com as noções de temporalidade e espacialidade (objetivo específico a); da compreensão das influências do Ensino de Geografia e da mídia turística nessa leitura e no processo de lugarização dos sujeitos (objetivo específico b); da investigação das ações dos turistas decorrentes do processo de lugarização ou de sua ausência (objetivo específico c), estabelecemos grupos para a entrevista que direcionaram a seleção dos sujeitos.

A amostragem foi assim realizada por grupos socialmente pré-definidos, seguindo o que Flick (2009) denomina de amostragem estatística, no qual as entrevistas são reunidas seguindo certos critérios. Os grupos em que aplicamos a entrevista episódica são: turistas, veranistas, atores do Turismo local, moradores, professores de Geografia da rede pública e sujeitos que não conhecem Garopaba. Para cada grupo foram entrevistados 4 (quatro) sujeitos.

Após a definição dos grupos, a escolha dos sujeitos foi realizada por conveniência, ou seja, pela viabilidade de se entrevistar, por encontros casuais, disponibilidade ou indicação de outros entrevistados.

De acordo com o objetivo específico a e c, pareceu-nos interessante entrevistar sujeitos que moram/conhecem Garopaba há mais tempo e, em contraposição, sujeitos que a frequentam há pouco tempo e sujeitos relacionados ao Ensino de Geografia. Essas ponderações interessam para verificar se a percepção da paisagem é delineada pelo grau de envolvimento com o local, pela temporalidade, pela proximidade da escala de análise e/ou pelo Ensino de Geografia. Os grupos definidos de acordo com o tempo de convívio com o lugar são moradores, veranistas, turistas<sup>13</sup> e professores de Geografia.

---

<sup>13</sup> Entendemos que veranistas são turistas de segunda residência, no entanto mesmo os considerando turistas os diferenciamos em grupos distintos para a análise da pesquisa por compreender que há uma convivência de mais tempo enquanto veranistas que pode interferir nos aspectos de temporalidade e espacialidade.

A fim de investigarmos as motivações do Turismo local e suas representações sociais (o objetivo específico b), além das entrevistas com os grupos mencionados chamamos à discussão os sujeitos atores do Turismo e os que não conhecem Garopaba.

Para a noção de construção do lugar de cada sujeito, todos os entrevistados puderam contribuir com seus relatos lugarizados ou não no município.

Nas questões de como a Geografia é ensinada no município e sua interface com o Turismo, ganhou ênfase o grupo dos professores de Geografia. Neste grupo um dos sujeitos entrevistados foi a Secretária de Educação do Municipal, que concedeu a entrevista oficialmente, no entanto se posiciona também enquanto professora de Geografia e História.

Algumas ponderações complementam nossa escolha da amostra, considerando as encontradas em Triviños (1984) e em Duarte (2005), como a relevância de entrevistar sujeitos com antigo histórico no local ou com antigo envolvimento na atividade investigada; sujeitos com conhecimento do tema; sujeitos com disponibilidade adequada de tempo; sujeitos com capacidade de expressar o fenômeno e detalhes que podem enriquecer a compreensão deste.

A cada ano aumenta, exponencialmente, no município as vendas de terrenos, as construções de casas e os sujeitos em visita. Dessa forma, o Turismo está próximo da população local de maneira geral. Dos moradores entrevistados, todos já trabalharam com o Turismo, direta ou indiretamente, e/ou tem alguém próximo que já esteve/está envolvido, seja alugando casa, construindo casas de veranistas, atendendo, promovendo eventos, realizando faxina, auxiliando com informações. Os sujeitos Professores de Geografia se acercam do Turismo muito por seus alunos, pois a maioria desses convivem com o Turismo.

As entrevistas aconteceram de abril a novembro de 2011 e os locais para sua realização foram escolhidos priorizando a disponibilidade do entrevistado para dialogar. Por outro lado, também buscamos a possibilidade de entrevistar os sujeitos em diferentes locais e em diferentes épocas do ano, considerando a sazonalidade do Turismo em Garopaba. Conforme Flick (2004), esse recurso de diversificar locais e épocas é indicado para enriquecer a triangulação de dados.

Privilegiando as ponderações, apresentamos os sujeitos selecionados para amostragem, por grupos, no Quadro 1.

Quadro 1. Sujeitos entrevistados.

Sujeitos		Gênero	Idade	Naturalidade	Em Garopaba	Escolaridade	Atuação profissional (declarada)
Moradores	MOR 1	Fem	25	Garopaba	Natural	E. Superior Incompleto Administração	Trabalha na Política
	MOR 2	Masc	52	Porto Alegre	19 anos	E. Fundamental Incompleto	Historiador
	MOR 3	Masc	32	Curitiba	9 anos	E. Superior Gestão	Proprietário de Restaurante
	MOR 4	Fem	43	Garopaba	Natural	Especialização Educ. Infantil	Prof. Municipal Educação Infantil
Atores do Turismo	ATUR1	Fem	31	Porto Alegre	10 anos	E. Médio	Garçonete, Auxiliar Cozinha
	ATUR2	Fem	30	Garopaba	Natural	E. Superior Incompleto	Gerente Restaurante
	ATUR3	Fem	80	Garopaba	Natural	E. Básico	Hoteleira
	ATUR4	Fem	44	Porto Alegre	9 anos	E. Superior Incompleto Direito	Gerente Agência Turismo Receptivo
Professores de Geografia	GEOG1	Fem	40	Gravataí	20 anos	Especialização História	Prof. Estadual História e Geografia
	GEOG2	Fem	49	Garopaba	Natural	E. Superior Estudos Sociais ênfase Geografia	Prof. Estadual Geografia
	GEOG3	Fem	53	Garopaba	Natural	E. Superior Estudos Sociais ênfase Geografia	Prof. Estadual Geografia
	GEOG4	Fem	42	Rio Grande	10 anos	Especialização Gestão E. Superior Geografia	Prof. Estadual Geografia
Veranistas	VER 1	Fem	54	Brasília	28 anos	E. Superior Letras	Prof. Universitária de Letras
	VER 2	Fem	72	Porto Alegre	12 anos	E. Básico	Comerciante
	VER 3	Masc	73	Siderópolis	34 anos	E. Médio	Comerciante
	VER 4	Masc	39	Porto Alegre	6 anos	E. Superior Geologia	Funcionário Público
Turistas	TUR 1	Masc	49	Porto Alegre	5 anos / 15 vezes*	E. Superior Análise de Sistemas	Analista de sistemas



	TUR 2	Masc	41	Porto Alegre	15 anos / 25 vezes	E. Superior Pedagogia	Prof. Ensino Fundamental
	TUR 3	Fem	38	Curitiba	1 dia	E. Superior Direito	Advogada
	TUR 4	Fem	28	Curitiba	2 anos / 2 vezes	E. Superior Direito	Advogada
Não conhecem Garopaba	NC 1	Fem	35	Criciúma	Ouvi falar	E. Superior Direito	Advogada
	NC 2	Fem	51	Bagé	Nenhuma referência	E. Básico	Cuidadora
	NC 3	Fem	28	Porto Alegre	Ouvi falar	Mestrado Geografia	Autônoma
	NC 4	Fem	22	São Paulo	Nenhuma referência	E. Superior Incompleto Geografia	Estudante

Elaborado pela autora.

\*5 anos/15 vezes: significa que o sujeito visita Garopaba como turista há 5 anos e nesse tempo já visitou aproximadamente 15 vezes.

Por hora, acreditamos que a amostra diversificada nos possibilita entrar em contato com os diferentes olhares que tecem Garopaba, o Turismo e o Ensino em Geografia, já que todo grupo humano tem seu próprio mundo cultural, seus valores e suas percepções, construídos socialmente e individualmente.

Além dos 24 sujeitos apresentados, ainda realizamos uma conversa com a educadora responsável da Fundação Gaia de Garopaba, identificada por amostragem teórica, em função do trabalho que a Gaia vem realizando junto às escolas. Os projetos de cunho ambiental realizados pela Gaia foram citados por todos os Professores de Geografia entrevistados, relativos a aulas a campo. Essa entrevista, consideramos aqui como conversa, pois não foi codificada com as demais, uma vez que não seguiu o formato do roteiro de entrevista e foi realizada, em fevereiro de 2012, posterior ao período de análises das entrevistas dos grupos.

### **Roteiro da entrevista episódica**

A base do roteiro para a entrevista é composta por questões abertas que têm a finalidade de orientar o pesquisador no momento da entrevista. As questões são elaboradas a partir das teorias que alimentam o estudo e das observações empíricas. Essa dinâmica ocasionou ao longo do desenvolvimento da pesquisa a inclusão de novas questões, enquanto algumas foram suprimidas. As motivações e necessidades para as alterações no roteiro da

entrevista foram diagnosticadas a partir de ideias expressadas por sujeitos envolvidos no estudo e pelo aprofundamento das leituras acerca do tema.

Para que o sujeito entrevistado possa se situar no contexto da pesquisa, a lógica da entrevista é explicada no início do encontro. Na outra mão, para que a pesquisa se situe no contexto do entrevistado, criamos questões de entrevista específicas para os grupos de turistas, professores de Geografia e para os sujeitos que não conhecem Garopaba, que variam conforme a relação do tema com as características do grupo.

O roteiro da entrevista para o grupo dos moradores, dos atores do Turismo e dos veranistas é o mesmo pela proximidade dos interesses da pesquisa. Vale explicar que esse roteiro é que serve de base para os demais, sendo que algumas questões permanecem iguais para todos.

O roteiro com maior diferenciação é da entrevista com os turistas, uma vez que está dividido em dois momentos. O primeiro é a chegada do entrevistado no destino turístico e o segundo quando o entrevistado está de partida. Essa proposta visou reconhecer possíveis variações de leitura da paisagem e de sentimentos, que possam ser vivificados na memória com o tempo, e que em um segundo encontro têm a chance de serem relatadas.

Para a entrevista do Encontro da Chegada, que ocorreu nos primeiros dias do sujeito turista a Garopaba, as questões são prioritariamente relacionadas às representações sociais e às representações espaciais. Queremos saber como se apresenta, ou não, a relação do Ensino de Geografia com a leitura de paisagem na chegada ao destino turístico e o que os motivou à seleção do local.

O Encontro do Adeus acontece nos últimos dias da estadia do sujeito turista, quando investigamos as possíveis transformações e aprendizagens que o sujeito pode ter assimilado/ancorado. Busca reconhecer se a interação com o ambiente ao longo do(s) dia(s) proporcionou um ganho na habilidade de leitura da paisagem; se o estar-ser turista também propicia ou não a leitura da paisagem após um maior tempo no local e verificar se as lembranças do Ensino de Geografia podem aflorar nessa interação.

A fim de organizar a posterior análise das entrevistas, as numerações das questões se relacionam nos roteiros. Para manter uma coerência relacionada à matriz inicial, em alguns roteiros as questões podem aparecer fora de sequência numérica.

O término das entrevistas visa à validação das interpretações. Nesse momento, podemos confirmar com o entrevistado algumas de nossas percepções gerais. Esse procedimento é recomendado, pois o entrevistado e entrevistadora podem compreender as questões e narrativas longe da intenção primeira que foi dita.

Pela sua Complexidade, os ‘resultados’ da Entrevista Episódica são comunicados aos entrevistados, para que possam concordar ou não. O consenso do entrevistado passa a ser um critério, para a validade das informações e interpretações. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 146).

A seguir apresentamos os roteiros finais de entrevistas especificados pelos grupos entrevistados. Iniciamos pelo o roteiro de entrevista para os moradores, atores do Turismo e veranistas (Quadro 2).

**Quadro 2.** Roteiro de entrevista com os moradores, atores do Turismo e veranistas.

<b>ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS EMPREENDEDORES LOCAIS, MORADORES E VERANISTAS</b>	
<b>Local, data e horário:</b>	
<b>Duração da entrevista:</b>	
<b>O QUE QUERO SABER</b>	<b>QUESTÕES</b>
Quem é o sujeito entrevistado.	1) DADOS GERAIS Identificador para o entrevistado: Origem, Sexo, Idade: Grau de instrução: Profissão, tempo de exercício:
Compreender de onde é o sujeito e qual a sua relação com Garopaba.	2) Você é de Garopaba? Sempre morou aqui? Se não é de Garopaba, por que veio para Garopaba e há quanto tempo vive aqui? Se for veranista, por que escolheu Garopaba para ter o veraneio? Há quanto tempo veraneia aqui?
Compreender o significado de paisagem para o sujeito.	3) O que é paisagem?
Verificar as representações e como o sujeito se identifica com a paisagem.	4) O que você mais gosta e é referência na paisagem de Garopaba? Por quê?
Verificar as representações negativas do sujeito com a paisagem.	5) O que você não gosta da paisagem de Garopaba? Por quê?
Verificar quais as mudanças que ocorreram na paisagem de Garopaba que foram marcantes para o sujeito.	6) A paisagem de Garopaba mudou ou tem mudado? Você pode nos contar o que foi mais significativo para você nessas mudanças?
Motivar as lembranças das aulas de Geografia e a relação com a leitura das paisagens.	7) Quando você reflete sobre a paisagem de Garopaba, ou uma outra paisagem, lembra das suas aulas de Geografia na escola ou não?
Movimentar as lembranças das aulas de Geografia e verificar se o gostar das aulas pode influenciar em uma relação mais aguçada com a Geografia.	8) Você gostava das aulas de Geografia na escola ou não? Por quê?
Motivar a lembrança do conteúdo das aulas de Geografia; verificar a relação do Ensino de Geografia e a leitura da paisagem.	9) Quais são as lembranças das aulas de Geografia que poderias associar à paisagem que estamos vendo?
Compreender o significado individual do Turismo; investigar a representação do Turismo.	10) O que é Turismo?

Compreender o significado individual da experiência turística; examinar se há relação do Ensino de Geografia com o que foi/é significativo na experiência turística; examinar as motivações para estar-fazer o Turismo.	11) Você costuma viajar? Se sim, conte de um lugar que você visitou e que o marcou?
Examinar as motivações e as representações que os atores locais têm sobre as motivações dos turistas na escolha de Garopaba e suas possíveis relações com o Ensino de Geografia.	12) Por que os turistas vêm para Garopaba? Se for veranista, por que veio para Garopaba?
Investigar as representações que os atores locais têm da estadia e do retorno dos turistas.	13) Você acredita que o turista que vem a Garopaba retorna ou não? Por quê?
Verificar quais os principais locais considerados para o sujeito de Turismo.	14) Se um amigo (a) viesse a Garopaba, quais seriam os 5 principais lugares que você o levaria?
Verificar se os locais que são considerados significativos para o Turismo são os mesmos locais significativos para o sujeito.	15) Qual o seu local predileto em Garopaba?
Compreender se o Ensino de Geografia favorece a leitura da paisagem e quais os locais apresentados que os atores locais conhecem.	16) Você pode descrever o que vê nessas fotos e dizer quais desses locais você já conhece?
Verificar as representações e verificar a relação que pode haver com o Ensino de Geografia e a leitura da paisagem do espaço turístico.	17) Aqui temos imagens de satélite do município. Você pode se localizar? Você pode indicar de onde são essas fotos na imagem?
Verificar a opinião para a divulgação turística; relacionar com os locais que eles escolheram para levar os turistas.	18) Você conhece os <i>folders</i> turísticos de divulgação de Garopaba? Caso afirmativo, você acha que são adequados? Acredita que eles representam bem a paisagem local e o Turismo?
Verificar as representações da paisagem no espaço turístico quando as escolhas são limitadas e perceber se relacionam com a resposta anterior da questão 14.	19) Entre esses cartões, qual você compraria para enviar a um (a) amigo (a) a fim de convidá-lo para visitar Garopaba?
Examinar se há a preocupação com a conservação de Garopaba.	20) Você considera importante proteger a natureza e a cultura de Garopaba? Por quê? O que acha que pode ser feito para conservar a natureza e a cultura de Garopaba?
Investigar como o Ensino de Geografia é pensado pelo entrevistado e suas ideias de como incentivar a conservação do ambiente local.	21) Como o Ensino de Geografia pode fomentar a conservação do meio ambiente de Garopaba?
Verificar a relação que pode haver com o Ensino de Geografia e a leitura da paisagem do espaço turístico.	22) Se você fosse desenhar o seu cartão-postal para enviar a um (a) amigo (a) que não conhece Garopaba, como ele seria, quais as principais cores e formas que você escolheria? Por quê?

Fonte: Elaborado pela autora.

Como a entrevista para os turistas está estruturada em duas partes, as questões estão divididas em dois roteiros (Quadros 3 e 4), como vemos a seguir:

**Quadro 3.** Roteiro de entrevista com os turistas, A Chegada.

<b>ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS TURISTAS ENCONTRO 1 – A CHEGADA</b>	
<b>Local, data e horário:</b>	
<b>Duração da entrevista:</b>	
<b>O QUE QUERO SABER - OBJETIVOS</b>	<b>QUESTÕES</b>
Quem é o sujeito entrevistado.	1) <b>DADOS GERAIS</b> Identificador para o entrevistado: Origem, Sexo, Idade: Grau de instrução: Profissão, tempo de exercício: Há quantos dias está em Garopaba: Quantas vezes você já veio a Garopaba:
Verificar se há relação do lugar de origem com o lugar turístico para a leitura da paisagem; reflexão da influência do lugar de origem na percepção do espaço.	2) De onde você vem?
Examinar se houve algo marcante no processo da viagem que possa influenciar na leitura da paisagem; se houve leitura da paisagem na viagem; quais as Representações Espaciais da viagem.	2.1) Como foi a sua viagem? Por favor, contenos uma das diferenças observadas ao longo do trajeto.
Compreender o significado de paisagem para o sujeito.	3) O que é paisagem?
Verificar as representações e como o sujeito se identifica com a paisagem.	4) O que você mais gosta e é referência na paisagem de Garopaba? Por quê?
Verificar as representações negativas do sujeito com a paisagem.	5) O que você não gosta da paisagem de Garopaba? Por quê?
Motivar as lembranças das aulas de Geografia e a relação com a leitura das paisagens.	7) Quando você reflete sobre a paisagem de Garopaba, ou uma outra paisagem, lembra das suas aulas de Geografia na escola ou não?
Movimentar as lembranças das aulas de Geografia e verificar se o gostar das aulas pode influenciar em uma relação mais aguçada com a Geografia.	8) Você gostava das aulas de Geografia na escola ou não? Por quê?
Motivar a lembrança do conteúdo das aulas de Geografia; verificar a relação do Ensino de Geografia e a leitura da paisagem.	9) Quais são as lembranças das aulas de Geografia que poderia associar à paisagem que estamos vendo?
Compreender o significado individual do Turismo; investigar a representação do Turismo.	10) O que é Turismo?
Compreender o significado individual da experiência turística; examinar se há relação do Ensino de Geografia com o que foi/é significante na experiência turística; examinar as motivações para estar-fazer o Turismo.	11) Você costuma viajar? Se sim, conte um lugar que você visitou e que o marcou?
Examinar as motivações e as representações dos turistas na escolha de Garopaba e suas possíveis relações com o Ensino de Geografia.	12) Por que você vem a Garopaba para Turismo?
Verificar como o destino foi selecionado, o que influenciou na escolha.	13) Como você escolheu Garopaba para o Turismo?
Verificar se os turistas tiveram contato com a divulgação turística e como a assimilaram.	18) Você viu alguma divulgação turística de Garopaba? Caso afirmativo, ela influenciou os

	seus passeios?
Compreender se o Ensino de Geografia favorece a leitura da paisagem e quais os locais apresentados que os atores locais conhecem.	16) Você pode descrever o que vê nessas fotos e dizer quais desses locais você já conhece?
Verificar a relação que pode haver com o Ensino de Geografia e a leitura da paisagem do espaço turístico.	22) Se você fosse desenhar o seu cartão-postal para enviar a um(a) amigo(a) que não conhece Garopaba, como ele seria, quais as principais cores e formas que você escolheria? Por quê?

Fonte: Elaborado pela autora.

O roteiro de entrevista para o segundo encontro com os turistas – O Adeus se compõe com as seguintes questões:

**Quadro 4.** Roteiro de entrevista com os turistas, O Adeus.

<b>ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS TURISTAS ENCONTRO 2 – O ADEUS</b>	
<b>Local, data e horário:</b>	
<b>Duração:</b>	
<b>O QUE QUERO SABER – OBJETIVOS</b>	<b>QUESTÕES</b>
Quem é meu entrevistado.	1) DADOS GERAIS Identificador para o entrevistado:
Reflexão da estadia no lugar de Turismo.	2.2) Como foram seus dias em Garopaba?
Analisar se o estar-ser turista possibilita leituras diferentes antes não vistas na paisagem; compreender a relação do Ensino de Geografia com a interação no meio para a leitura da paisagem; verificar se as representações espaciais podem aflorar nessa interação.	6) Mudou alguma coisa na paisagem desde quando você chegou?
Investigar o que motiva a escolha dos destinos turísticos, examinar se há relação entre o Ensino de Geografia e o que foi/é significativo na experiência turística; investigar a representação social do Turismo.	12.1) Nas suas próximas férias para onde pensam em ir? Por quê?
Investigar as representações que os atores locais têm da estadia e do retorno dos turistas.	12) Você pensa em retornar ou retornaria para Garopaba em uma próxima oportunidade? Por quê?
Verificar quais os principais locais considerados para o sujeito de Turismo.	14) Se um amigo (a) viesse a Garopaba, quais seriam os 5 principais lugares que você o levaria?
Verificar se os locais que são considerados significativos para o Turismo são os mesmos locais significativos para o sujeito.	15) Qual o seu local predileto em Garopaba?

Verificar se a estadia promoveu a lembrança ou o aprofundamento das representações espaciais; analisar se o estar-ser Turista pode propiciar ou não a leitura das representações espaciais.	17) Aqui temos imagens de satélite do município. Onde estamos na imagem? Você pode indicar de onde são essas fotos na imagem?
Verificar a opinião dos atores do Turismo e dos moradores para a divulgação turística; relacionar com os locais que eles escolheram para levar os turistas.	19.2) Se viu divulgação turística antes de vir a Garopaba: Você acha que a publicidade turística divulgou de forma adequada Garopaba?
Verificar as representações da paisagem no espaço turístico quando as escolhas são limitadas e perceber se relacionam com a resposta anterior da questão 14 na entrevista da Chegada.	19) Entre esses cartões, qual você compraria para enviar a um (a) amigo (a) a fim de convidá-lo para visitar Garopaba?
Examinar se há a preocupação com a conservação de Garopaba.	20) Você considera importante proteger a natureza e a cultura de Garopaba? Por quê? O que acha que pode ser feito para conservar a natureza e a cultura de Garopaba?
Investigar como o Ensino de Geografia é pensado pelo entrevistado e suas ideias de como incentivar a conservação do ambiente local.	21) Como o Ensino de Geografia pode fomentar a conservação do meio ambiente de Garopaba?

Fonte: Elaborado pela autora.

O roteiro de entrevista para os professores de Geografia, com questões direcionadas às práticas educativas e às possibilidades de transversalidades da temática do Turismo, está disposto a seguir (Quadro 5):

**Quadro 5.** Roteiro de entrevista com as professoras do município.

<b>ROTEIRO DA ENTREVISTA COM PROFESSORES (AS) DE GEOGRAFIA</b>	
<b>Local, data e horário:</b>	
<b>Duração da entrevista:</b>	
<b>O QUE QUERO SABER</b>	<b>QUESTÕES</b>
Quem é o sujeito entrevistado.	1) DADOS GERAIS Identificador para o entrevistado: Origem, Sexo, Idade: Grau de instrução: Profissão, tempo de exercício:
Compreender de onde é o sujeito e qual a sua relação com Garopaba.	2) Você é de Garopaba? Você sempre morou aqui? Se não é de Garopaba, por que veio para Garopaba e há quanto tempo vive aqui?
Compreender o significado de paisagem para o sujeito.	3) O que é paisagem?
Verificar as representações e como o sujeito se identifica com a paisagem.	4) O que você mais gosta e é referência na paisagem de Garopaba? Por quê?
Verificar as representações negativas do sujeito com a paisagem.	5) O que você não gosta da paisagem de Garopaba? Por quê?
Verificar quais as mudanças que ocorreram na	6) A paisagem de Garopaba mudou ou tem mudado?

paisagem de Garopaba que foram marcantes para o sujeito.	Você pode nos contar o que foi mais significativo para você nessas mudanças?
Motivar as lembranças das aulas de Geografia e a relação com a leitura das paisagens.	7) Quando você reflete sobre a paisagem de Garopaba, ou uma outra paisagem, lembra das suas aulas de Geografia na escola ou não?
Movimentar as lembranças das aulas de Geografia e verificar se o gostar das aulas pode influenciar em uma relação mais aguçada com a Geografia.	8) Você gostava das aulas de Geografia na escola ou não? Por quê?
Verificar como a Geografia é trabalhada em Garopaba.	8.1) Quais são os temas principais que você acredita que devem ser trabalhados hoje nas aulas de Geografia?
Motivar a lembrança do conteúdo das aulas de Geografia; verificar a relação do Ensino de Geografia e a leitura da paisagem.	9) Quais são as lembranças das aulas de Geografia que poderia associar a paisagem que estamos vendo?
Compreender o significado individual do Turismo; investigar a representação do Turismo.	10) O que é Turismo?
Examinar como na educação de Garopaba tem se pensando o Ensino de Geografia e o Turismo	10.1) Qual a relação que você vê entre Turismo e Geografia?
Investigar como no Ensino de Geografia a Geografia local, o Turismo e o mar são trabalhados.	10.2) Como a Geografia local, o Turismo e o mar são trabalhados em sala de aula?
Investigar aulas de campo.	10.3) Vocês trabalham com aulas de campo? Se sim, para onde costumam ir?
Investigar como no Ensino de Geografia as questões de identidade são trabalhadas.	10.4) Como a identidade local é discutida na escola?
Compreender o significado individual da experiência turística; examinar se há relação do Ensino de Geografia com o que foi/é significante na experiência turística; examinar as motivações para estar-fazer o Turismo.	11) Você costuma viajar? Se sim, conte de um lugar que você visitou e que o marcou?
Examinar as motivações e as representações que professores têm sobre as motivações dos turistas na escolha de Garopaba e suas possíveis relações com o Ensino de Geografia.	12) Por que os turistas vêm para Garopaba?
Investigar as representações que professores têm da estadia e do retorno dos turistas.	13) Você acredita que o turista que vêm a Garopaba retorna em uma outra oportunidade ou não? Por quê?
Verificar quais os principais locais considerados para o sujeito de Turismo.	14) Se um amigo (a) viesse a Garopaba, quais seriam os 5 principais lugares que você o levaria?
Verificar se os locais que são considerados significativos para o Turismo são os mesmos locais significativos para o sujeito.	15) Qual o seu local predileto em Garopaba?
Compreender se o Ensino de Geografia favorece a leitura da paisagem e quais os locais apresentados que os atores locais conhecem.	16) Você pode descrever o que vê nessas fotos e dizer quais desses locais você já conhece?
Verificar as representações e verificar a relação que pode haver com o Ensino de Geografia e a leitura da paisagem do espaço turístico.	17) Aqui temos imagens de satélite do município. Você pode se localizar? Você pode indicar de onde são essas fotos na imagem?
Verificar a opinião de professores para a divulgação turística; relacionar com os locais que eles escolheram para levar os turistas.	18) Você conhece os folders turísticos de divulgação de Garopaba? Caso afirmativo, você acha que eles são adequados? Acredita que eles representam bem a paisagem local e o Turismo?



Verificar as representações da paisagem no espaço turístico quando as escolhas são limitadas e perceber se relacionam com a resposta anterior da questão 14.	19) Entre esses cartões, qual você compraria para enviar a um (a) amigo (a) a fim de convidá-lo para visitar Garopaba?
Examinar se há a preocupação com a conservação de Garopaba.	20) Você considera importante proteger a natureza e a cultura de Garopaba? Por quê? O que acha que pode ser feito para conservar a natureza e a cultura de Garopaba?
Investigar como o Ensino de Geografia é pensado pelo entrevistado e suas ideias de como incentivar a conservação do ambiente local.	21) Como o Ensino de Geografia pode fomentar a conservação do meio ambiente de Garopaba?
Verificar a relação que pode haver com o Ensino de Geografia e a leitura da paisagem do espaço turístico.	22) Se você fosse desenhar o seu cartão-postal para enviar a um (a) amigo (a) que não conhece Garopaba, como ele seria, quais seriam as principais cores e formas que você escolheria? Por quê?

Fonte: Elaborado pela autora.

O roteiro de entrevista para os sujeitos que não conhecem Garopaba está detalhado no Quadro 6.

**Quadro 6.** Roteiro de entrevista com sujeitos que não conhecem Garopaba.

<b>ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS SUJEITOS QUE NÃO CONHECEM GAROPABA</b>	
<b>Local, data e horário:</b>	
<b>Duração da entrevista:</b>	
<b>O QUE QUERO SABER – OBJETIVOS</b>	<b>QUESTÕES</b>
Quem é o sujeito entrevistado.	1) <b>DADOS GERAIS</b> Identificador para o entrevistado: Origem, Sexo, Idade: Grau de instrução: Profissão, tempo de exercício:
Verificar se há relação do lugar de origem com o lugar turístico investigado; reflexão da influência do lugar de origem na percepção do espaço (exemplo: se mora em um município litorâneo também)	2) De onde você é?
Compreender o significado individual do Turismo; investigar a representação do Turismo.	10) O que é Turismo para você?
Compreender o significado individual da experiência turística; examinar se há relação do Ensino de Geografia com o que foi/é significativo na experiência turística; examinar as motivações para estar-fazer o Turismo.	11) Você costuma viajar? Se sim, conte de um lugar que você visitou e que o marcou?
Examinar as motivações e as representações na escolha de Garopaba para o Turismo e suas possíveis relações com o Ensino de Geografia.	12) Se eu lhe oferecesse uma estadia em Garopaba, você iria para lá para Turismo? Por quê?
Verificar o contato que já teve com Garopaba, através da divulgação turística ou de conhecidos.	18) O que você já viu sobre Garopaba (divulgação turística, relatos ou fotos de amigos)?

Verificar as representações para a paisagem do espaço turístico.	4) O que mais lhe chama a atenção em Garopaba de tudo o que ouviu falar ou viu em fotos e imagens? Por quê?
Verificar as representações negativas para a paisagem do espaço turístico.	5) Do que você ouviu que não gostou de Garopaba? Por quê?
Compreender o significado de paisagem para o sujeito.	3) O que é paisagem?
Compreender se o Ensino de Geografia favorece a leitura da paisagem e quais os locais apresentados que os atores locais conhecem.	16) Você pode descrever o que você vê nessas fotos e dizer quais desses locais você já conhece?
Verificar as representações e verificar a relação que pode haver com o Ensino de Geografia e a leitura da paisagem do espaço turístico.	17) Aqui temos imagens de satélite do município. Você pode se localizar? Você pode indicar de onde são essas fotos na imagem?
Movimentar as lembranças das aulas de Geografia e verificar se o gostar das aulas pode influenciar em uma relação mais aguçada com a Geografia.	8) Você gostava das aulas de Geografia na escola ou não? Por quê?
Motivar a lembrança do conteúdo das aulas de Geografia; verificar a relação do Ensino de Geografia e a leitura da paisagem.	9) Quais são as suas lembranças das aulas de Geografia que você poderia associar a essa paisagem que estamos vendo?
Motivar as lembranças das aulas de Geografia e a relação com a leitura das paisagens.	7) Quando você reflete sobre a paisagem de Garopaba, ou uma outra paisagem, você lembra das suas aulas de Geografia na escola?
Verificar as representações da paisagem no espaço turístico.	19) Entre esses cartões, qual você compraria para enviar a um (a) amigo (a) a fim de convidá-lo para visitar Garopaba?
Investigar as Representações Sociais e Espaciais da estadia e do retorno dos turistas.	7) Depois que você visitar Garopaba, você acredita que retornaria ou não para lá em uma outra oportunidade ou não? Por quê?
Examinar se há a preocupação com a conservação de Garopaba.	20) Você considera importante proteger a natureza e a cultura de Garopaba? Por quê? O que acha que pode ser feito para conservar a natureza e a cultura de Garopaba?
Investigar como o Ensino de Geografia é pensado pelo entrevistado e suas ideias de como incentivar a conservação do ambiente local.	21) Como o Ensino de Geografia pode fomentar a conservação do meio ambiente de Garopaba?

Fonte: Elaborado pela autora.

Nas questões 16, 17 e 19 são utilizados recursos visuais. Nosso intuito de realizar algumas questões com caráter lúdico, a partir da interpretação de fotos, de imagens de satélites e de cartão-postal, busca reforçar o ambiente que conversa com as representações sociais e com Ensino de Geografia. Trabalhar com imagens nos parece importante por oportunizar outras formas de expressão, já que “a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem” (MOSCOVICI, 2003, p. 12).

A questão 17 trabalha com fotografias, ao perguntar: Você pode descrever o que você vê nessas fotos e dizer quais desses locais você já conhece?

As fotografias<sup>14</sup> foram selecionadas considerando uma amostragem de diferentes locais do município, sendo que os selecionados estão abertos à visitação pública. Também foi considerado na escolha das imagens que nem todas fossem de vistas padronizadas de Garopaba, buscando ressaltar o conhecimento que está além das imagens institucionalizadas para o espaço turístico. As imagens fotográficas são recortes da paisagem que, supomos, com uma observação mais atenta podem ser identificadas na geomorfologia local, como vemos nas Figuras 4 a 11.



**Figura 4.** Praia central, também conhecida por praia de Garopaba.



**Figura 5.** Lagoa da Encantada, também conhecida por lagoa de Garopaba.

---

<sup>14</sup> As fotografias são de autoria de Marcus Israel Tobias, morador de Garopaba e Secretário de Turismo da gestão 2008-2012. As imagens foram concedidas à pesquisadora.



**Figura 6.** Lagoa do Macacu.



**Figura 7.** Pedra Branca.



**Figura 8.** Praia da Ferrugem e praia da Barra.



**Figura 9.** Praia do Siriú.



**Figura 10.** Cachoeira do Siriú.

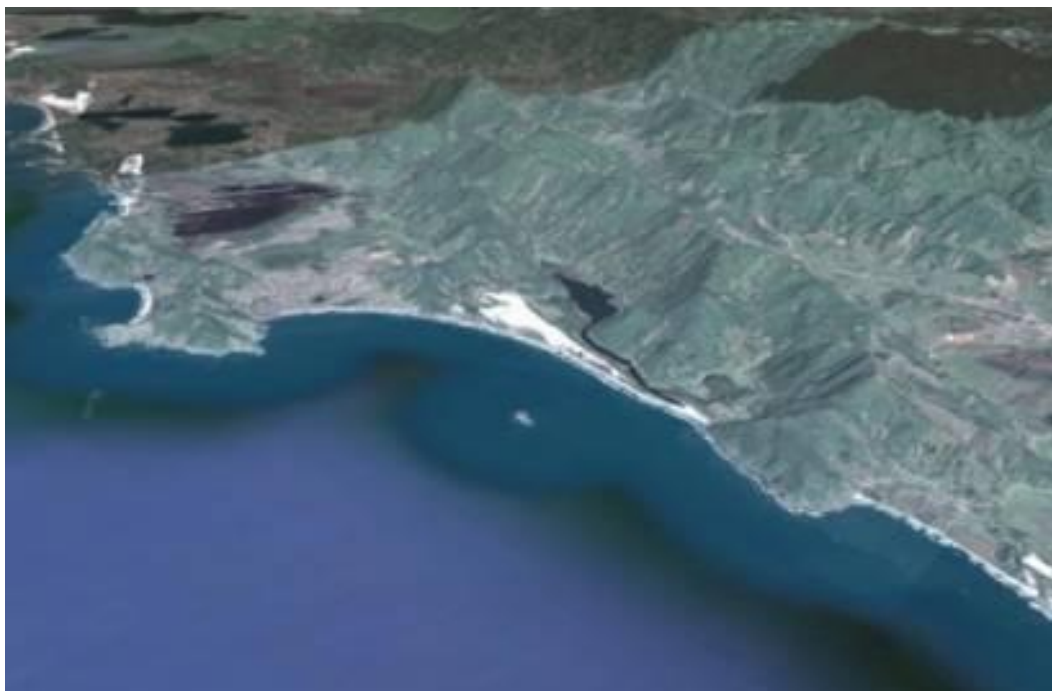


**Figura 11.** Dunas do Macacu – Siriú, onde praticam *sandboard*.

Na questão 18 trabalhamos com as mesmas fotografias da questão 17, em uma dinâmica complementar por associação. Apresentamos 3 (três) imagens de satélite de Garopaba (Figuras 12 a 14) para os sujeitos localizarem as fotografias, incentivando a mobilização da memória geográfica. Oferecemos mais de uma imagem, para que o entrevistado tenha opções por ângulos diferentes do município, ficando ao seu critério o uso de uma ou de todas.



**Figura 12.** Imagem mostrando visão para NE com a lagoa de Garopaba ao centro.



**Figura 13.** Imagem mostrando visão para SE com a lagoa e Dunas do Siriú em primeiro plano.



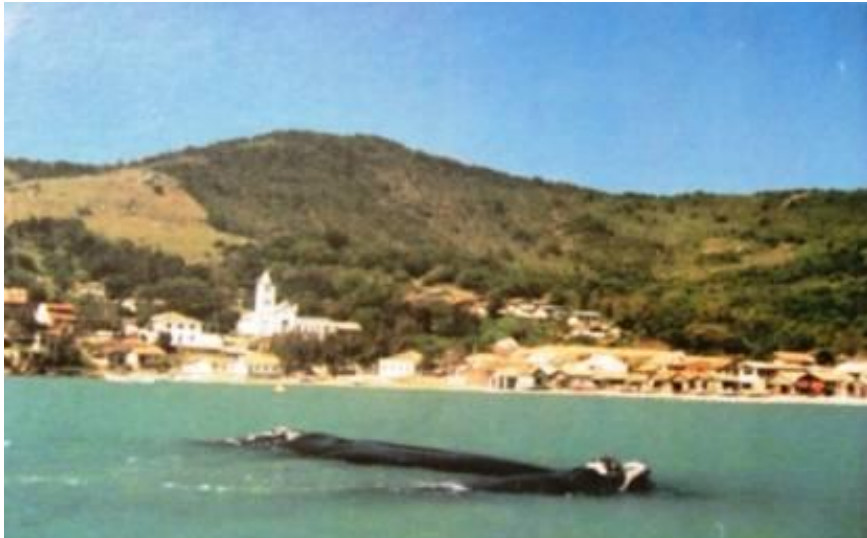
**Figura 14.** Imagem mostrando a visão para Oeste com a Lagoa de Garopaba em primeiro plano.

Fonte: Imagens de satélite elaboradas pela autora, tendo por base o programa de computador *GoogleEarth*.

Para a questão 20 disponibilizamos os cartões-postais que estão à venda em Garopaba, para que os sujeitos possam escolher qual (is) compraria (m) (Figuras 15 a 20).



**Figura 15.** Cartão-postal do centro de Garopaba com a praia central e o centro histórico ao fundo.



**Figura 16.** Cartão-postal da praia central, com baleias em primeiro plano e o centro histórico ao fundo.



**Figura 17.** Cartão-postal da praia central e do centro histórico.



**Figura 18.** Cartão-postal da praia da Ferrugem e da praia da Barra ao fundo.





**Figura 19.** Cartão-postal da praia da Silveira.



**Figura 20.** Cartão-postal da praia da Ferrugem.

### 1.2.1.3 Observação de campo

**Informações-chave:** Observação dos sujeitos em locais turísticos e dos sujeitos entrevistados, quando os entrevistamos em momentos de lazer. Observação sistemática e não participante.

A observação de campo (FLICK, 2004) é realizada para documentar as ações e interações dos sujeitos, situando o conteúdo de seus comportamentos que permeiam o estar no Turismo. O ambiente é importante na configuração das situações de vivência do sujeito. A observação foi importante para realçar e questionar muitas de nossas reflexões.

Observamos também os sujeitos entrevistados, antes ou após as entrevistas, quando esses estavam em momentos de lazer<sup>15</sup>. Seus movimentos enriqueceram as narrativas. “Os aspectos relacionados ao comportamento do entrevistado e ao contexto da entrevista ajudam a complementar a informação semântica, aquilo que se torna explícito verbalmente” (DUARTE, 2005, p. 74).

Apresentamos o quadro de registro da observação de campo (Quadro 7).

**Quadro 7.** Roteiro de observação de campo.

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE CAMPO
Data e horário:
Identificador do entrevistado:
Onde estão?
Com quem estão?
O que estão fazendo?
O que tem ao seu redor?
Sons, cheiros e cores:
Outras observações da paisagem:
Observações gerais:

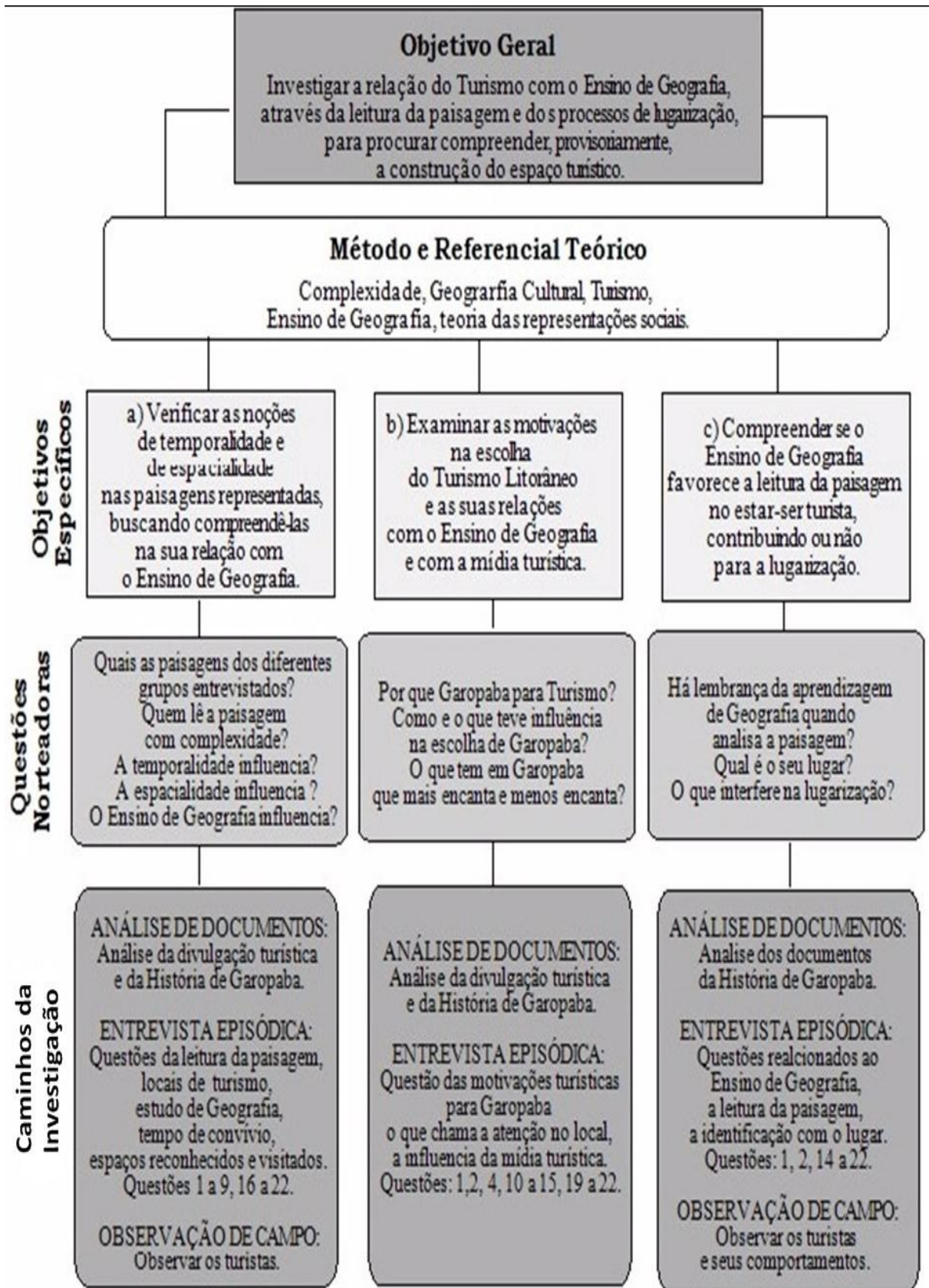
Fonte: Elaborado pela autora, inspirado em Pimentel, 2010.

### **Matriz de amarração dos objetivos e dos procedimentos metodológicos**

Para organizar o tratamento dos dados e sua triangulação, estruturamos uma matriz de amarração dos objetivos e dos procedimentos metodológicos, com o eixo transversal da revisão teórica. A matriz, representada na Figura 21, guiou as categorizações (que agrupamos a partir da codificação) e foi suporte para mantermos o foco em nossos objetivos a fim de direcionar a análise dos dados, que nos levaram às verdades provisórias.

A matriz de amarração está descrita em estruturas separadas, porém consideramos que cada parte é fundamental, assim como a visão do todo complexo, buscando que ocorra a emergência de novas relações nos contatos entre as partes.

<sup>15</sup> Para algumas entrevistas fomos até o local de trabalho dos sujeitos, como foi o caso para as professoras de Geografia, dos atores do Turismo e de alguns moradores.



**Figura 21.** Matriz de amarração dos objetivos e dos procedimentos metodológicos. Figura elaborada pela autora, inspirada em Tomasi, 2011.

#### 1.2.1.4 Codificação e triangulação dos dados

Para análise e interpretação das entrevistas episódicas utilizamos a técnica das codificações (temática e teórica), conforme indicação de Flick (2009). As codificações têm como ponto de partida os dados coletados nas entrevistas, que subsidiam os conceitos científicos, em vistas a gerar teorias. “A codificação é aqui entendida como representação das operações pelas quais os dados são fragmentados, conceitualizados e reintegrados de novas maneiras. Esse é o processo central por meio do qual as teorias são construídas a partir dos dados.” (FLICK, 2009, p. 277).

Iniciamos o tratamento dos dados, fragmentando as narrativas e agrupando seus trechos por semelhanças temáticas. Levantamos as palavras-chave, que remetem aos principais significados expressos nas narrativas, técnica utilizada nos estudos de representações sociais. Nessa etapa primária de tratamento do material empírico utilizamos o Software NVivo 2.0.

Na medida em que fomos acumulando os dados, passamos a estabelecer categorias e as aprimorá-las em um estágio de maior abstração. A codificação é concluída com a saturação teórica, a partir do momento em que já estamos aptos para desenvolver redes de conceitos e suscitar relações entre eles.

Ambas as técnicas da codificação sugerem um processo entrelaçado de coleta e interpretação dos dados, em que a interpretação ancora novos dados a serem coletados, como ocorreu na entrevista com a responsável da Fundação Gaia.

Atendendo aos nossos objetivos específicos, focamos as análises gerais na codificação teórica e situamos as interpretações que consideravam as distinções entre os grupos na codificação temática.

A codificação teórica serve para analisar os dados coletados, combinando uma abordagem indutiva com um tratamento cada vez mais dedutivo do texto e dos conceitos (FLICK, 2009). Seus procedimentos possibilitam uma interpretação que vai do geral para o foco, em um caminho pendular, contribuindo para o desenvolvimento de uma compreensão mais aprofundada do conteúdo e significado do texto, mesmo sendo provisória.

Com esses pressupostos, a codificação teórica se mostra uma opção adequada para trabalhar as narrativas das entrevistas episódicas focadas na relação do Turismo com o Ensino de Geografia, nas representações sociais do Turismo Litorâneo, da educação, da paisagem local e da construção de noção de lugar (objetivos específicos b).

A codificação temática se insere na análise das perspectivas acerca das questões e dos processos dos diferentes grupos. “Essa análise é voltada para uma melhor elaboração das semelhanças e das diferenças entre os grupos previamente definidos” (FLICK, 2009, p. 291).

A técnica se faz interessante na pesquisa quando identificamos como os diferentes sujeitos (moradores, turistas, veranistas) representam Garopaba e leem a paisagem enfocando a temporalidade e os conhecimentos formais geográficos, em dois dos objetivos específicos (objetivos a e c). Por trabalhar com a diversidade de mundos sociais tem como pressuposto as representações sociais (FLICK, 2009).

Os procedimentos na codificação temática levam à checagem cruzada entre os temas associados, proporcionando estrutura para compreensão das peculiaridades dos grupos pesquisados, em uma exposição orientada para a questão do estudo.

A triangulação dos dados (FLICK, 2004) refere-se ao uso de diferentes fontes de dados, que são combinadas no tratamento do fenômeno para uma compreensão do todo. Congregamos as entrevistas episódicas tratadas na codificação, a observação de campo, a análise de documentos e a revisão teórico-científica, para sustentar nossa triangulação.

O processo de tradução/interpretação dos dados busca se tornar mais concreto com esse procedimento, pois nos permite analisar e re-analisar as informações e contextualizá-las com as demais referências espaço-temporais e sociais, em um processo retroalimentar.

As informações alcançadas fazem parte de um conjunto e buscamos encaixá-las em seu contexto maior, para que expressem os seus significados.

Os objetos não são reduzidos a variáveis únicas, mas são estudados em sua complexidade e totalidade em seu contexto diário. Portanto, os campos de estudo não são situações artificiais em laboratório, mas as práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana. (FLICK, 2004, p.2 1).

É o princípio sistêmico e hologramático que permite o estudo do recorte desde que esse seja referente ao todo. É como o espaço geográfico para nós, um conjunto indissociável de objetos e de ações, onde podemos investigar um dos objetos ou uma das ações desse conjunto, mas esses devem ser estudados no contexto de seu (s) conjunto(s).

## 2 O MAR QUE MERGULHAMOS: REVISÃO CONCEITUAL

O espaço onde nos lugarizamos, Garopaba, que metaforicamente chamamos de praia (mesmo sabendo que o município é constituído de outros ambientes), se define no diálogo entre a Geografia e o Turismo. Os aportes desses campos do conhecimento fundamentam a pesquisa: é o mar que inunda e se dilui, deixando um gostinho de sal, ao longo de todo o (con) texto geográfico.

Nossa praia salgada se compõe a partir do espaço geográfico que recebe o espaço turístico. Assim, como uma comunidade que recebe turistas, essa relação parece não ser simples nem plena de harmonia. Tem tempestades, calmarias, marés baixas e altas, dialógica da Complexidade que ao esculpir os espaços revela e esconde suas dinâmicas e formações. (PIMENTEL, 2011). Os movimentos do mar, embalados sob a tutela do Paradigma da Complexidade, tem uma linha limitante para o nosso alcance de observação que é definida pela Geografia Cultural.

É pelo horizonte da Geografia Cultural que balizamos a própria Geografia, o Turismo, e a nossa convidada para mergulharmos no mar: a teoria das representações sociais.

A fim de ter essa estrutura mais clara, imaginamo-nos bordando o quadro do nosso estudo, onde teríamos a seguinte configuração:

**O desenho:** Garopaba, Turismo Litorâneo: Bitencourt (2003), Corbin (1989), Dantas (2009), Santos (2008), sujeitos entrevistados.

**A agulha:** Paradigma da Complexidade: Morin (2000a, 1998).

**As linhas:** Geografia Cultural: Claval (2007, 1999); Corrêa (1999).

Turismo: Castrogiovanni (2004), Moesch (2000).

Ensino de Geografia – representações espaciais: Castrogiovanni (2004, 1992), Costella (2008).

Representações Sociais: Moscovici (2003), Guareschi (2007).

**Os espaços:** Espaço Geográfico: Santos (2008, 1994).

Espaço Turístico: Castrogiovanni (2004), Rodrigues (1999), Crouch *et al.* (2001).

**Os pontos:** Paisagem: Berque (1998), Besse (2006), Cosgrove (1998), Meneses (2002), Verдум (no prelo), sujeitos entrevistados.

Lugar: Santos (2008, 2010), Castrogiovanni (2004), sujeitos entrevistados.

Do nosso quadro já delineamos a agulha, no capítulo do Paradigma da Complexidade. A seguir vamos contextualizar nosso mar na Geografia Cultural para prosseguir com a discussão pelo Turismo, pelo Ensino de Geografia e pelas representações sociais. Os espaços geográficos e turísticos são definidos ao final da revisão conceitual, com o intuito de congrega as linhas.

Com a revisão teórica, mesmo sabendo que é provisória, rumamos para o desenho de Garopaba e para bordar os pontos da paisagem e do lugar, onde tecemos as interrelações e coimplicações desses movimentos imbricados à análise dos dados coletados no campo.

Ressaltamos que os conceitos discutidos a seguir não são definições totalizantes dentro do pensar da ciência geográfica ou da ciência afim. Sabemos que há uma riqueza de divergências acerca de cada conceito, e acreditamos na importância destes questionamentos como um caminho para o princípio do conhecimento do conhecimento. No entanto, nesse momento, pelas nossas possibilidades de abrangência do conteúdo, optamos por alguns conceitos, que pensamos, provisoriamente, dar conta dos propósitos dessa pesquisa.

## **2.1 A fronteira do nosso horizonte sem limites: Geografia Cultural**

Que a geografia brasileira do século XXI que se avizinha seja impregnada de análises caracterizadas como próprias da geografia cultural. Mais do que isto, que seja plural, pois é nessa pluralidade que a complexidade das diferentes leituras da realidade alimenta uma mais rica compreensão da vida. (ROSENDAHL; CORRÊA, 1999, p. 13).

Selecionamos a Geografia Cultural por acreditarmos, nesse momento, na possibilidade de trabalharmos temáticas situadas na interface da ciência geográfica, por seu conteúdo relacional da cultura e por ter suas pesquisas apoiadas metodologicamente em recursos associados às humanidades. Ao buscarmos conjugar a Geografia com o Turismo e com a teoria das representações sociais, este estudo encontra no contexto da Geografia Cultural *um mar que está para peixe*. Na (re) união das disciplinas está a intenção de interpretar um mesmo fenômeno sob múltiplos enfoques, delineando seus aspectos e representações socioculturais.

A cultura está em constante mudança, pois nós estamos em constante mudança. Hoje buscamos pela dúvida, por uma reflexão questionadora ao apontar para novos e velhos caminhos. Reconhecemos a provisoriedade das verdades, as incertezas dos caminhos, os processos retroalimentares e recursivos. Sinalizamos a nossa dependência a um mundo ambientalmente saudável. Somos natureza ou não? Questionamos os alicerces e os valores da nossa cultura. Que mundo social estamos construindo? Diálogos, dialéticas, dialógicas. Essas são indicações da fase plural atual, que sugere o “olhar geográfico” direcionado ao todo contextualizado.

Claval (2004, p. 8) quando fala sobre a Geografia Cultural contemporânea remete a uma “Geografia do estudo do olhar dos outros”, em complementação e contraposição ao olhar do geógrafo absolutista, por muito tempo compreendido em “posição de superioridade para selecionar o que lhe parecia mais confiável”. Acreditamos que por sermos sujeitos nos refazemos a partir do outro, mesmo tendo como centro o eu. Dessa forma existimos também a partir do outro, o que nos permite compreender o mundo em um olhar diferenciado, sensibilizados que estamos pela experiência do contato. Com o outro, podemos juntar mais peças contextualizadas para compor o todo.

O olhar mais abrangente parece permitir à Geografia uma pluralidade temática e uma heterotopia epistemológica. (MELO, 2001). Essa pluralidade de abordagens, que incorpora a Geografia Cultural, tem um caminho norteador na crença de que podemos trabalhar com enfoques que priorizem a dialógica entre o que parece ser objetivo, contido nos objetos do espaço geográfico, e o que parece ser imaginário, mobilizador também de nossas ações. Estamos diante de um enfoque da Geografia, que busca não a fragmentação da ciência geográfica, mas abrir-se para uma quantidade maior de elementos do espaço que podem enriquecer as pesquisas ao (re) ligar a parte ao todo contextualizado da Geografia, ao todo da Ciência, ao todo do Mundo. Nesse contexto do momento, acreditamos que a Geografia Cultural renova a própria Geografia.

A Geografia Cultural cresce em sua volta<sup>16</sup> agregando a cultura não material na análise do espaço geográfico, bem como com a valorização da condição social e com uma “intrínseca característica política” (CORREA, 2004, p. 175). Na investigação da ação humana se aprofunda no que tange à subjetividade e à intersubjetividade, buscando compreender os

---

<sup>16</sup> A Geografia Cultural surgiu aproximadamente em 1925, desenvolvida como um subcampo da Geografia (CORREA, 1999), principalmente pelo geógrafo Carl Sauer e a Escola de Berkeley (EUA). Entre as décadas de 40 e 70 ficou adormecida, quando volta ao debate científico.



significados que os diversos grupos sociais atribuem aos objetos e às ações nas suas espaço-temporalidades.

A diversidade das culturas apresenta-se cada vez menos fundamentada sobre seu conteúdo material. Ela está ligada à diversidade dos sistemas de representação e de valores que permitem às pessoas se afirmar, se reconhecer e constituir coletividades. (CLAVAL, 1999, p. 62).

O conceito de cultura nessa volta é de um “conjunto de técnicas, atitudes, ideias e valores, transmitido e inventado na comunicação”, sendo que “seus componentes formam sistemas de relações”, e por ser assimilada diferentemente por cada membro da sociedade, é “vívida individualmente”. (CORREA, 1999, p. 52).

Compreendemos a cultura, neste momento, não como um conjunto já pronto, mas em uma construção que se cristaliza pelas redes de contatos que um sujeito está inserido, onde vive, sente, troca informações, códigos e símbolos, permitindo aos sujeitos se comunicarem, sentirem-se próximos e identificados ou não, se lugarizarem ou não.

A cultura designa o conjunto de saber-fazer, de práticas, de conhecimentos, de atitudes e de ideias que cada indivíduo recebe, interioriza, modifica ou elabora no decorrer de sua existência. De uma geração a outra os conteúdos mudam, uma vez que o meio físico se modifica e é apreendido, explorado, organizado ou examinado com novos meios. [...] a cultura não é uma realidade global: é um conjunto diversificado ao infinito e em constante evolução. (CLAVAL, 1999, p. 64).

Nessa perspectiva, parece-nos que a cultura é um contexto, algo dentro do qual os sujeitos, por sua postura ativa e relacional, se formam, são formadores e significam suas manifestações. “Assim cultura é, ao mesmo tempo, determinada por e determinante da consciência e das práticas humanas” (COSGROVE, 1998, p. 102). O conceito de cultura, parece-nos, deixa de ser concebido como uma força externa e os indivíduos superam a imagem de seres passivos para assumir seu papel enquanto sujeitos nas interações com o espaço, que potencializa ou nega as referências da sociedade em que se insere, de acordo com seu intertexto e com sua compreensão das manifestações. “A cultura na qual ele evolui é função das esferas da intercomunicação das quais ele participa” (CLAVAL, 1999, p. 66).

A preocupação da Geografia Cultural com o espaço geográfico se vincula as suas “significações que nele lemos e que nele objetivamos”, que não seja reificado nesse tempo globalizado e dominado pela informação hegemônica. (MONDADA, SÖDERSTRÖM, 2004, p. 143). O espaço geográfico parece ser um recurso da ação e não apenas sua representação.

Assim, o espaço não é somente o local para inscrição de uma cultura (dominante), mas um recurso para a prática e para as manifestações diversas, que devem ser pesadas e justificadas por cada sujeito.

Claval (1999) nos fala que a Geografia Cultural mostra que participamos de um duplo sistema de distâncias: a do espaço físico e dos espaços psicológicos. O espaço físico podemos transpor pelos deslocamentos, pela comunicação, pelas técnicas atuais cada vez mais especializadas. O espaço psicológico é alargado ou aproximado pelas semelhanças dos sistemas culturais, que não são independentes da distância que mapeia o espaço físico.

Quando temos a chance do diálogo pelo encontro ou pela comunicação, mesmo a distância, podemos descobrir que o que nos aproxima parece ser “infinitamente maior do que aquilo que nos coloca em oposição - o que abre caminho para reinterpretações dos sistemas simbólicos” (CLAVAL, 1999, p. 72).

Pensamos que o Turismo incentiva esse estreitamento da distância em ambos os espaços: no físico e no psicológico, por inserir sujeitos de diferentes grupos em uma rede de contato. Um espaço turístico, conforme sugerimos nesse momento, é local de encontros de sujeitos, desses entre si e desses com a comunidade local.

A aproximação nos parece ser importante para revisar escalas de valores, colocá-las em dúvida, para vivenciar as diferenças, para compreender o outro, para nos compreender. Pensamos que construímos nosso espaço a partir de comparações sociais que aceitamos, adaptamos ou rejeitamos. Dessa forma, não podemos compreender nosso mundo interior sem a articulação com a vida social.

Acreditamos que as representações sociais têm um papel relevante nesses encontros, pois podem, pelas verdades que estabelecem, exagerar os aspectos, de maneira a tornar mais sensíveis similitudes e oposições das culturas.

Confiamos, provisoriamente, que o universo de cada um tende a ser limitado ou ampliado pelos seus conhecimentos, por seus princípios, suas representações, sua cultura. Os turistas, para explorarem novos ambientes, o fazem baseados na esfera cultural e cognitiva que lhe é acessível. “No caso do Turismo, a estrutura cultural à qual o Sujeito (visitante ou receptor) pertence/possui incentiva, desperta, condiciona e constrói a Cultura, existente no Lugar. Isto (des) favorece à prática turística.” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 68).

Vemos que é através dessas esferas que os sujeitos constroem suas relações com o meio e que é a partir disso que o Turismo articula seu espaço. Por essa problematização o Turismo, o Ensino de Geografia e as representações sociais mostram-nos ser um fator importante na análise cultural do espaço.

A globalização que promove a rede de informações é subsidiada pelas oportunidades de encontros gerados no seio da atividade turística, assim como sustenta a atividade com suas representações sociais racionalizadas e desterritorializadas.

A educação geográfica contextualizada na Geografia Cultural e na transdisciplinaridade talvez possa nos dar a base para que essa aproximação seja qualificada na construção dos nossos mundos interiores a fim de que sejam solidários com os outros *mundos*, pois, como traz Claval (1999, p. 69), “a abordagem cultural sublinha, como mostrou Augustin Berque (1990), que a construção dos indivíduos e das coletividades se efetua em ambiente que ele deve compreender e interpretar”.

Todo ambiente que envolve o homem, seja físico, social, cultural ou imaginário, parece influenciar sua conduta. Assim, acessar o Turismo e as questões do ensino através de sua dimensão sociocultural é depararmos-nos com uma grande complexidade, pois são diversas as relações implicadas nos sistemas simbólicos e concretos de cada um. A realidade empírica tende a estar impregnada de valorizações e significações atribuídas pelos sujeitos em seu cotidiano e em seus eventos. A prática turística pelos seus movimentos que provocam (des) encontros parece requisitar que os sujeitos e as coletividades aproximados saibam entender as lógicas do Turismo das paisagens e dos *espaços*.

## 2.2 O horizonte dos encontros: Turismo

[...] no Turismo, como em outras faixas da cultura, o que está em pauta, em última análise, não são bens, sentidos e valores. São as relações entre os homens. O tipo de Turismo que propusermos e praticarmos dependerá do tipo de relações que julgamos aceitáveis e desejáveis entre os homens, isto é, do modelo de sociedade pelo qual optamos. (MENESES, 1999, p. 99).

Compreendemos, neste estudo, que o Turismo se constitui em encontros. Encontros, parece-nos, envolvem prioritariamente deslocamentos e comunicação, que despertam intencionalidades, desejos e fantasias. Assim, envolvem também uma composição estética do sujeito e do lugar para estar-ser nesse encontro. Pensamos que os encontros do Turismo são do tempo presente, como os eventos (SANTOS, 2008), que ao acontecer marca o espaço, e é simultaneamente uma matriz temporal e espacial.

Consideramos, nesse momento, significativo para a análise complexa do Turismo as relações entre os sujeitos e desses com o espaço (MENESES, 2002). Interações, harmônicas ou não, que se estabelecem nos possíveis encontros e desencontros, e que parecem sustentar as formas materiais e simbólicas em múltiplas representações e imaginários. São essas interações promovidas pelo Turismo que tomam o foco do estudo ao quisermos tecer com o Ensino de Geografia.

O fenômeno do Turismo parece ser complexo, portanto, um tecido que une o social, cultural, múltiplo, simbólico, concreto, fluido em suas fronteiras, tanto as políticas quanto as pessoais, e fixo em suas estruturas produzidas, prioritariamente, para o visitante e para o desenvolvimento do destino turístico. Por o considerarmos complexo, “possibilita uma *polissemia de significados*.” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 114).

Apoiamos, nesse momento, o Turismo, como denominação dada ao movimento que mobiliza indivíduos a passearem carregando mais que *um lenço e um documento*, como um

[...] campo de práticas histórico-sociais, que pressupõe o deslocamento do(s) sujeito(s), em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, portanto, explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer. (MOESCH, 2000, p. 134-5).

Ressaltamos que esse conceito se adéqua diretamente ao estar-ser turista. Mas há o Turismo enquanto atividade de quem recebe, envolvendo também profissionais, políticas, comunidades, retorno financeiro, financiamentos, aprendizados e trocas culturais, mas que só existem porque há os turistas, na interface dos encontros. Ou seria o seu reverso, o turista só existe porque antes há o Turismo, quando está associado a uma moda gerada pelo sistema capitalista? Entendemos, nesse sentido, é que o Turismo, enquanto fenômeno sociocultural, nasceu e cresceu com o capitalismo e que a “nova estética da busca do prazer” realizada pelo Turismo parece ser um padrão cultural da sociedade capitalista e incentivado pela globalização. (CASTROGIOVANNI, 2004; MOESCH, 2000). Acreditamos, provisoriamente, no ciclo que se dá, por sua recursividade e continuidade, ao Turismo ser influenciado e ao mesmo tempo influenciar o processo sociopolítico de novas representações sobre os lugares, suas paisagens e suas culturas. Parece-nos que “O Turismo não é exógeno à sociedade, ele também representa a própria sociedade.” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 114).

Por essa assimilação, o espaço vivido no Turismo, ao nosso olhar, se mostra interativo, simultaneamente objetivo e subjetivo, comportando representações que justificam culturalmente os deslocamentos e (re) locamentos momentâneos. Esses movimentos parecem

estar em si mesmos engendrados com as imagens que as paisagens incitam em diferentes contextos visitados e que alimentam as culturas e os lugares em que se situam, bem como os lugares e culturas de origem dos turistas.

O geógrafo Castrogiovanni (2004), ao significar os encontros potencializados pelo Turismo, o considera, além de geográfico, um fenômeno com características comunicacionais que favorece as trocas entre os sujeitos.

Com essa rede de Comunicação, que atinge de forma mais ou menos diretamente, a todos os Sujeitos, o Turismo pode se beneficiar de uma Comunicação, que poderemos denominar de *contato*, através do qual há favorecimento de trocas entre os Sujeitos. Esta relação cria um campo de interações que poderíamos chamar de *gravitacional complexo*, onde cada Sujeito favorece ou dificulta uma intercomunicação entre os demais Sujeitos, entre si e com ele. É gravitacional, pois há uma certa força de atração ou repulsão (toda repulsão é uma atração inversa), que leva os Sujeitos do Lugar a querer interagir entre si e com os Sujeitos e coisas dos outros Lugares. Também, existe uma interação dos Sujeitos de outros Lugares entre si, durante a permanência no Lugar *turístico*. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 192).

A composição das experiências/vivências no campo *gravitacional complexo*, parece ter também como fundamental uma noção espaço-tempo que caracteriza uma geograficidade<sup>17</sup>. São (e) feitos de eventos enquanto possibilidades do acontecer do mundo no lugar (SANTOS, 2008), com desencontros nos encontros que afirmam sua dialógica.

O Turismo parece formar diferenciados espaços ao passo que engendra as modificações para a sua prática, posto que na interação “tudo que forma, transforma e se transforma”. (MORAES, 2008, p.36). Na dialógica entre (se) formar e (se) transformar da atividade turística, que tende a se processar no *gravitacional complexo*, em um ambiente de tensões e sonhos, também é significada a atividade enquanto importante fator para o desenvolvimento intelectual dos sujeitos envolvidos, e a cada dia mais ganha ajuizamento para a qualidade de vida dos sujeitos turistas. (OLIVEIRA, 2003).

Um turista pode querer encontrar com o descanso, pode querer “voltar a um tempo” de natureza “intocada”, pode querer novos lugares, entre outras tantas motivações para uma viagem, mas pensamos que há a ideia constantemente agregada ao Turismo de algo que beneficia o sujeito, posto que representa um *status*. Por que viajamos? Por que é bom viajar,

---

<sup>17</sup> Por geograficidade entendemos “[...] caminho (que) parte da compreensão do espaço não como um dado geométrico abstrato, mas como dimensão da vivência humana, expressão da relação concreta que liga os sujeitos à Terra”. (PIMENTEL, 2011, p. 12).

ou não é? Viajamos para ver e sermos vistos pelos outros, mesmo que o ser visto se dê na volta pelas fotos e lembranças que trazemos, conforme nos fala Castrogiovanni (2004).

Mas por que temos a necessidade/desejo de vermos ou de sermos vistos? Será essa uma representação social ideológica ou não? Parecem que as experiências vividas, tanto pelos turistas como pelos empreendedores, por mais diversas que sejam, posto que são ancoradas no intertexto de cada sujeito, pensamos que trazem as imposições da cultura hegemônica agregadas. O Turismo produzido entre o movimento da sociedade e a sensibilidade do espaço vivido traz um comportamento implícito em sua dinâmica.

Se as pessoas não viajarem, elas perdem o *status*. A viagem é a marca de um *status*. É um elemento crucial, na vida moderna, sentir que a viagem e as férias são necessárias. Preciso tirar umas férias: eis a mais segura reflexão de um discurso moderno, baseado na ideia segundo a qual a saúde física e mental será recuperada se simplesmente pudermos viajar de vez em quando (URRY, 2001, p. 20).

O *status* social que o estar-ser turista proporciona, entendemos que é uma representação social. Outras autoras reforçam esse entendimento, como Moesch (2000, p. 15) ao destacar que “é algo que confere *status*, distinção. É um bem cultural”. Rodrigues (1999, p. 26) atesta que “a necessidade imperiosa de viajar é fabricada, sendo incorporada mercadologicamente ao rol de necessidades básicas do homem. [...] É o *Homo turisticus* ou *Homo viajor*”. Por acreditarmos que essa é uma representação social produzida no cerne das redes hegemônicas, as compreendemos como ideológicas.

Por que tiramos fotos quando viajamos? Por que visitamos os mesmos locais que nossos amigos, familiares, conhecidos visitaram e os guias turísticos indicam? Por que não descobrimos algo original? Por que, em muitos casos, tiramos fotos apenas do que o guia de Turismo nos aponta? “Turismo parece ser uma forma de condicionamento, de utilização do espaço e da temporalidade, através da relação vertical que os geógrafos chamam de ‘*Turistificação*’” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 35).

Urry (2001) também contextualiza o condicionamento no Turismo pela institucionalização de um modo de olhar e se relacionar do turista. Ao explicar o desenvolvimento do olhar do turista e suas transformações históricas, conta que desde as idades pré-modernas já eram realizadas viagens voltadas para a cultura e para o prazer, entre as elites da época, com roteiros e guias turísticos que apontavam onde se deveria ir e o que deveria ser visto.

Havia uma visualização da experiência da viagem ou o desenvolvimento do ‘olhar’, ajudado e assistido pelo crescimento de livros de orientação para turistas, que promoviam novos modos de ver. O caráter da própria excursão se modificou, e do Grand Tour Clássico, baseado em observações e registros de galerias, museus e artefatos altamente culturais, passou-se para o Grand Tour Romântico, que presenciou a emergência do Turismo voltado para a paisagem. (URRY, 2001, p. 19-20).

O *Grand Tour*, viagem de estudos ao exterior, consolidada entre os filhos de ricos nos séculos XVII e XVIII, tinha a proposta de uma experiência para aperfeiçoar a educação e de *status* de passagem para a vida adulta. Esse enriquecimento educacional se efetivava desde que os jovens seguissem o guia dos locais importantes a serem visitados. (URRY, 2001).

Essas motivações para o encontro situam o fenômeno do Turismo em um quadro cultural de construção social com elementos de continuidade e descontinuidade, e que são identificáveis ao longo da sua história pela diferenciação e/ou convergência. A relação espacial da atividade está imbricada também na medida em que variam seus reflexos no contexto relacional do local/global. Sendo uma construção sociocultural, historicamente localizado, podem transparecer os resultados, provisórios, de práticas, valores, conhecimentos e representações da sociedade nos turistas. “Portanto, o turista não pode ser visto como algo ilhado do contexto social globalizado e nem como um perverso, inserido no capitalismo destrutivo do equilíbrio natural” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 45).

O conceito de turista para a Organização Mundial de Turismo (OMT, 2001) é aquele que se desloca de sua casa visitando outro local por mais de 24 horas e por menos de 6 (seis) meses, sem exercer atividade remunerada. Distingue de excursionistas que ficam menos de 24 horas. Essa definição foca em seu aspecto econômico, mas entendemos que o turista é um sujeito que se aparta do seu cotidiano por múltiplas motivações, sendo tanto protagonista como mero figurante no local visitado, pois interage em diferentes escalas com sua paisagem e nessa interação pode articular representações, consumir objetos materiais e simbólicos, sendo também abastecido pelas representações culturais locais. Como conceituado por Castrogiovanni (2004, p. 45), “ele é um Sujeito, autor e co-autor do próprio Espaço Turístico”.

Em que pese a troca cultural na atividade turística, parece-nos que nem sempre acontece em bases igualitárias, principalmente no que temos visto no Brasil, em uma recorrente preponderância dos que vêm de fora para ditar as novas modas e os parâmetros sociais locais. “Sempre bom lembrar que entre o desenvolvimento (turístico) e o processo de

colonização há toda uma série de aspectos temporal e ideologicamente aproximativos” (OLIVEIRA, 2003, p. 98).

“Turista é praticar” (CROUNCH *et al.*, 2001, p. 254, tradução nossa<sup>18</sup>), ou podemos falar em “estar turista – turi-estar” (NABOZNY; FONTANA, 2011). Estar turista corresponde que se está a Turismo, em um momento migratório temporário com data de volta. Por praticar queremos dizer as ações, comportamentos, movimentos, ideias, sentimentos e subjetividades que o indivíduo possui e utiliza ao estar um turista. No entanto, pensamos que nos momentos da ação, da prática, da experiência também se “é” (do verbo ser) turista, em termos de uma expressiva intersubjetividade do encontro, que pode ir do poético ao rude, mediado pela forma como o corpo está engajado ativamente no espaço. (CROUNCH *et al.*, 2001).

Segundo Moesch (2000, p. 130), o turista “tem uma noção subjetiva e biológica, portanto, humanista. Busca sua auto-organização em seu tempo e espaço, por meio do seu grupo”. Ambas as dimensões do ser estão reunidas dialogicamente, uma vez que somos sujeitos complexos. A noção biológica da necessidade de se deslocar e da interação entre os sujeitos pode ser vista no histórico da humanidade. A história mostra que o ser humano sempre viajou, em princípio por necessidades de sobrevivência, e continuou a angariar novos espaços em nome de conquistas e de poder, atos heroicos, invasões, cruzadas, grandes descobrimentos. (RODRIGUES, 1999).

Sua noção subjetiva se tece com nossas representações, ideológicas ou não, mas que são combustíveis de sonhos, de interesses e de ações. Essa noção subjetiva também está no que a autora chama de uma aura específica no ato de viajar, que pode ser sensibilizada no estar partilhado (MOESCH, 2000).

Os encontros espaciais e temporais, pensamos nesse momento, que formam o mosaico de composição complexa do Turismo exemplificam um modo de nos relacionar com o mundo (PIMENTEL, 2011), de transformar e de representar o espaço e as paisagens visitadas, em que ambienta o Turismo na Geografia por seu estar-fazer-(trans)formar-ser no espaço.

### **Racionalidades do Turismo**

Nosso olhar parece variar de acordo com o grupo social, com a cultura e o momento histórico, conforme temos analisado. “Esse olhar é tão socialmente organizado e sistematizado quanto o olhar do médico” (URRY, 2001, p. 17). A inscrição dessa forma de

---

<sup>18</sup> N.T. Being a tourist is to practice. (CROUNCH *et al.*, 2001, p. 254).



nos relacionar com o mundo, produzida pelo Turismo, parece se otimizar ainda mais nas redes globalizadas com o poder da circulação da informação. O Turismo, na era da globalização, endossa suas texturas pelas conexões que atinge nas redes em que se articula. De acordo com Santos (2008, p. 266): “Tais redes são os mais eficazes transmissores do processo de globalização a que assistimos”.

O meio técnico-científico-informacional, que se afirmou a partir dos anos 70 do século XX, é o suporte das ações globalizadas, que tem na circulação da informação, com velocidade, a energia principal de seu funcionamento. (SANTOS, 2008). A informação privilegiada em circuitos internos tende a garantir o controle centralizado e a organização hierárquica da hegemonia, articulando a rede global carregada de racionalidades.

Racional<sup>19</sup>, nesse texto, significa a negação do raciocínio lógico em prol do social. É uma demanda do sistema hegemônico. Conforme Silva (2011a) explica, racionalidade é tornar racional o que tem apenas aparência de ser racional. Já irracional ou contrarracional são movimentos de bases populares, que versam fora da lógica do poder hegemônico (SANTOS, 2008). Na visão espaço-social da contemporaneidade percebemos como a globalização impõe a sua racionalidade em objetos que nos cercam e tem parte representativa no domínio de nossas ações. Segundo Milton Santos (2008, p. 290), essa é a premissa da era globalizada:

Aqui, nossa afirmação central é que a marcha do processo de racionalização, após haver (sucessivamente) atingido a economia, a cultura, a política, as relações interpessoais e os próprios comportamentos individuais, agora, neste fim de século XX, estaria instalando-se no próprio meio de vida dos homens, isto é, no meio geográfico.

Parece-nos que não perceber essa racionalidade nos toma de tal maneira que temos a impressão de nos alienarmos e nos padronizarmos com as imagens lançadas. Desconfiamos que nossas ações andam mais em concordância com os pretextos do sistema capitalista do que com nossos intertextos, nossos anseios e ideais. “As ações são cada vez mais precisas e, também, mais cegas, porque obedientes a um projeto alheio” (SANTOS, 2008, p. 81).

---

<sup>19</sup> Sinalizamos que em Morin (2000a, p. 22-3) o termo racionalização é utilizado para designar na educação o que chamamos aqui de racionalidade. O termo racionalidade é conceituado como algo necessário (positivo) para os saberes educacionais, denominado para discutir os erros da razão, quando é “o que permite a distinção entre vigília e sonho, imaginário e real, subjetivo e objetivo é a atividade racional da mente [...]. A racionalidade é a melhor maneira contra o erro e a ilusão”. O termo que designa uma coerência cega e fechada em um sistema lógico perfeito, fundamentado em bases mutiladas ou falsas, e se nega à contestação de argumentos e à verificação empírica, é a racionalização. “A racionalização se nutre nas mesmas fontes que a racionalidade, mas constitui uma das fontes mais poderosas de erro e de ilusão.” Nesse texto seguimos racional como conceituado, principalmente nas bases de Santos (2008), como uma postura dos sujeitos *cegos* pelo sistema no meio técnico-científico-informacional.

Com essas tessituras, aludimos que há uma perda de autonomia e um aprofundamento da nossa situação de dependência frente às necessidades e aos desejos criados pela comunicação. Retornamos aos nossos questionamentos quanto ao papel da educação nessas premissas. Será que os turistas viajam pelo modismo racionalizado da época, que, uma vez no local, costumam com certa frequência não ler a paisagem que os cerca de forma complexa e sensível para com o ambiente e a cultura social, ou não? Nesse pressuposto, segundo o Wainberg (2003, p. 15) “Em decorrência, a cognição obtida refere-se mais a relevância prometida pelas crenças e valores do turista-consumidor e menos as descobertas inesperadas típicas do explorador”. Será que nosso conhecimento cognitivo pode proporcionar um trânsito com maior respeito e mais significativo em descobertas, ou não? Buscamos responder essa questão com as análises da pesquisa nesse estudo.

Pensamos, por essas questões do nosso período atual, que cada vez mais falta a habilidade de analisar, de refletir e de interagir em um ato sensível, com suas informações e conhecimentos do mundo. Os agendamentos da comunicação<sup>20</sup> tendem a potencializar as representações sociais, principalmente as hegemônicas, que contribuem para esse modo institucionalizado de nos relacionarmos e estarmos no mundo. Nesse sentido, muitas vezes, os meios de comunicação concretizam ideias, imagens, sentimentos, comportamentos, que limitam as possibilidades de outros arranjos em nossas ações. Parece-nos que quando os turistas não têm uma leitura espacial enriquecida ficam muito suscetíveis aos agendamentos da mídia e às representações sociais ideológicas, o que levariam a não compreenderem a paisagem no local visitado e comprometerem a sua *lugarização*. A distância do espaço psicológico, conceituado pela Geografia Cultural, parece ser ampliada nessas situações.

Podemos pensar que “O turista é um outro eu no eu-mesmo” (YAZIGI, 1999, p. 23) que foge do seu cotidiano, mas muitas vezes não consegue se desvincular da sua lógica diária e nem da lógica globalizada inserida, uma vez que costumam ter atitudes menos responsáveis que as do seu cotidiano, posturas admissíveis socialmente a um tempo de férias: como falar muito alto, consumir desregradamente, não ter horário, voltar com marcas da viagem, tirar fotos, e principalmente ser feliz durante o estar-ser turista. Essas são as racionalidades permitidas e agendadas dentro da racionalidade do que fazer-ser nas férias, que tendem a configurar no universo de muitos turistas.

---

<sup>20</sup> Por agendamentos da mídia compreendemos, segundo Castrogiovanni (2004, p. 77), “o pressuposto fundamental do agendamento é que a compreensão que o Sujeito tem de grande parte da realidade social é construída por imposição dos meios de Comunicação”.

Outra racionalidade parece ser a opção pelos destinos turísticos no Brasil que ainda se situam prioritariamente nas praias do litoral, seguido pelas praias de rio, sendo esses destinos estimados tanto nas políticas públicas como na iniciativa privada. Reconhecemos que há projetos alternativos ganhando corpo na valorização do Turismo no meio rural e do Turismo cultural, mas ainda se desenvolvem de forma lenta, mesmo que tenham alguma publicidade veiculada na mídia. Pensamos que com uma mídia forte esses locais possam vir a ser bastante frequentados, mas esse agendamento seria facilitado se já seguisse a lógica racionalizada instituída para locais de Turismo no imaginário comum social, tal qual os destinos de praia.

Acreditamos, neste momento, que a Comunicação procura agendar uma Cultura turística de consumo para certos Lugares. Em outras palavras, parece que ocorre a manipulação do Espaço Geográfico, através de um discurso, que encaminha para a necessidade de consumo de um Lugar. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 45).

A globalização da circulação e dos agendamentos ainda nos insere nas representações pré-concebidas dos espaços turísticos. Um conjunto de imagens e expressões é oferecido antes da viagem realizada. Está presente aí a ideia de uma anterioridade, entre o que vai ser vivido e o que acaba sendo experimentado de fato na viagem turística. A viagem turística começaria bem antes do embarque.

Parece fazer sentido relativizar o papel desses intermediários que, em princípio, seriam responsáveis por apenas informar, reservar serviços ou comercializar destinos, mas que agendam pré-percepções de valor cultural, inseridos na rede dirigida e fortalecida pelo processo de globalização (PANOSSO NETTO, 2005). Esses agendamentos configuram em representações sociais, uma vez que são assumidas socialmente.

Assim, o Turismo parece estar sobremaneira baseado em um conjunto de pré-concepções e concepções de valores e imagens de valor cultural. Conforme Garcia e Oliveira Neto (2006, p. 8), indicam que “isso se dá pelo fato do homem ser um ser simbólico. A relação do homem com o mundo, com o trabalho, com o lazer é sempre revestida de significações e valorizações e com o Turismo não poderia ser diferente”. Moscovici (2003) alerta que, a partir das representações sociais, julgamos e criamos uma imagem das pessoas e dos objetos antes mesmo de estabelecermos uma relação com eles. Criamos sonhos, imaginários. Nesse sentido, temos a tendência de querer confirmar essa imagem e nossas informações são deturpadas a partir do julgamento prévio.

Pensamos ser importante teorizar esse universo de sonhos, não para que perca sua magia, até porque “a importância da fantasia e do imaginário no ser humano é inimaginável”

(MORIN, 2000b, p. 21), mas para que possa ser mais significativo no ser-estar do sujeito, da no estar-ser do turista e da comunidade receptora. Por isso, não conseguimos concordar com Rodrigues (1999, p. 82) quando coloca que “finalmente, não é a viagem o mais importante, mas a fantasia que a alimenta. Entre o real e o imaginário há uma enorme distância”. Parece haver mesmo uma enorme distância, mas que se aproxima pelos (des) encontros turísticos, nas ações dos sujeitos turistas, as quais não podemos esquecer que repercutem na localidade que os recebe e em seus habitantes, repercutem em si e repercutem na sociedade em que esse sujeito turista está inserido no cotidiano. Supomos que o Turismo concretiza no espaço geográfico, seus movimentos engajados de representações simbólicas, no corpo e nos sonhos de cada sujeito.

Parece-nos, como temos direcionado, que o comportamento desse turista, a sua autoria e coautoria no espaço, é matizado pelo grau e pela qualidade de sua educação (formal e informal), pela compreensão que o turista tem de sua realidade e da realidade em visita, pelas representações sociais e geográficas solidificadas, que poderão enriquecer culturalmente sua viagem e significá-la também em valores educacionais.

Acreditamos, no momento, que a educação é uma base essencial dos nossos comportamentos e de nossas escolhas, tida a educação no contexto de dar garantias de ordem social e de conservação ambiental com seus pilares no aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser (DELORS, 2001). Em diálogo com o Turismo, vemos que ambos devem se situar em um cenário de desenvolvimento de capacidade de elaboração própria, de questionamento das imagens e das informações, de teorização das práticas, juntamente com a habilidade de estimular nos alunos e nos turistas atitudes críticas, tolerantes e criativas, para dar conta das abrangências em que estão inseridos, potencializadas na globalização e a consciência planetária.

O ponto principal de aproximação entre Turismo e Educação são as relações sociais existentes nas duas atividades. Em ambas, as experiências são muito significativas para o participante, e podem conduzi-lo a entendimentos diversos sobre as relações humanas e as formas de compreender e organizar o mundo. Consideramos que o Turismo e a educação fazem parte de fontes de troca de informações como, são mecanismos de formação e de atividades de sociabilidade, [...]. (SOUZA; MELO; PERINOTTO, 2011, p. 52).

A convivência com os outros nessas sociedades multiculturais, desempenha um papel cada vez mais importante no sentido de potencializar a sensibilidade cultural e geográfica, também podendo desmistificar nossas concepções prévias.

Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. (MORIN, 2000b, p. 93).

O Turismo parece se firmar em um papel relevante e inovador nessa aproximação dos espaços psicológicos e físicos, pela possibilidade dos encontros e por talvez oportunizar o “viajar por sus diferencias, por sus extrañezas, por sus sabores, por las entrañas del Espaço Geográfico. Viajando por lo desconhecido quizá se entienda mejor.” (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 6).

Pensamos que na educação, mesmo a buscando pela transdisciplinaridade, o Ensino de Geografia pode ser uma das nascentes para os rios pelos quais navegam os turistas e banham seus comportamentos, uma vez que a Geografia lida com o movimento, com o diálogo dos sujeitos no e com o espaço.

O fato é que, na atualidade, o Turismo é um importante agente modificador do espaço que requer tanto da universidade, quanto da escola a sua discussão. [...] o essencial é que a Geografia busque contextualizar o Turismo em atividades significativas que despertem nos alunos a reflexão, a curiosidade e a criticidade. (SALES; ASSIS, 2006, p.111).

Nessa perspectiva, consideramos que o crescimento e a difusão do Turismo em escala global e local, lançam uma série de possibilidades para articular as discussões entre o Ensino de Geografia e as racionalidades e as irracionalidades da atividade turística. Com isso, se defende a prática de um ensino de Geografia que possa colaborar para a formação de sujeitos críticos e conscientes das complexidades do Turismo pelos movimentos que engendra nas realidades vividas e concebidas pelos alunos.

### **A complexidade do Turismo só poderia levar à transdisciplinaridade**

Ao nos propormos a compor Geografia com Turismo e com a teoria das representações sociais, buscamos caminhar para uma postura transdisciplinar, uma vez que entendemos que o conhecimento é um todo. Parece-nos que transpor os limites rígidos entre as disciplinas, como também sinalizado pela Geografia Cultural, se faz necessário, por

acreditarmos, nesse momento, que a fragmentação do conhecimento empobrece a apreensão da complexidade, como vimos no princípio do conhecimento do conhecimento.

A esse problema universal confronta-se a educação do futuro, pois existe inadequação cada vez mais ampla, profunda e grande entre, de um lado, os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de outro, as realidades cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários. (MORIN, 2000b, p. 36).

Como estamos buscando a relação entre o Turismo e o Ensino de Geografia, consideramos importante pensarmos o Turismo também enquanto um campo de conhecimento possível de ser teorizado e discutido na academia, onde propomos que se dê com um olhar de transversalidade nas disciplinas, guiado pela complexidade.

O Turismo nasceu de práticas espontâneas, não está assim associado a uma teoria em sua origem. As reflexões acerca do Turismo se processam a partir dos fatos resultantes de suas práticas, e que acabam por constituir um “fazer-saber” e não no “saber-fazer”. (MOESCH, 2002). Os fatos, quase sempre realçados em seus impactos econômicos, não revelam as consequências amplas que geram na sociedade.

Não descartamos que é pelos índices de crescimento econômico que a atividade ganha respaldo nas políticas públicas e em muitos debates. No entanto, pela sua complexidade, há a necessidade de se tornar mais efetiva e científica a pesquisa em Turismo, ampliando as possibilidades de análise com enfoques sociais, culturais, educacionais e na questão simbólica, que relativiza o desejo da atividade e o espaço vivido no tempo turístico.

Para teorizar o Turismo, Castrogiovanni (2004) e Moesch (2002) propõem uma intervenção do fazer-saber turístico, através da desconstrução do saber-fazer.

A desconstrução é o instrumento mais adequado, para romper paradigmas sedimentados e criar leituras que reforcem a necessidade da questionabilidade contínua, relativa aos saberes e informações, transformando-os em verdades provisórias e caminhos com opções diferenciadas. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 44).

A desconstrução é compreendida pela dialógica da Complexidade, em que para desconstruir precisamos constantemente construir, com verdades provisórias que encaminham questionamentos retroalimentares. Segundo Moesch (2002, p. 26):

O saber turístico deve conduzir a ideias, a uma ética de responsabilidade, pois enquanto pensamento complexo, conforme Morin, permite ao pesquisador apropriar-se globalmente do fenômeno conduzindo às explicações e

compreensões possíveis, diminuindo a distância entre os não saberes, permitindo a criatividade das incertezas.

O Turismo enquanto um campo do conhecimento, e assim que solicita pesquisas e estudos, se consolidou no século XX, quando diversas áreas do conhecimento, por diferentes meios acadêmicos, se voltaram para o fenômeno. Uma de suas riquezas está nessa pluralidade de olhares que atingiu, possibilitando o emprego de métodos e conceitos de muitas ciências já consolidadas (RODRIGUES, 1999). Talvez por isso ainda não tenhamos certeza de qual deva ser o objeto de estudo do Turismo (CASTROGIOVANNI, 2004). Parece-nos que o interessante é estimular esse processo de compreensão transdisciplinar que implica a Complexidade da prática teórica turística no saber-fazer e no saber-saber, para um fazer-saber mais inteligível, e quiçá em bases sustentáveis.

Moraes (2008, p. 119) traz que o termo transdisciplinar foi criado por Piaget ao falar do aparecimento de um estágio superior, em que as disciplinas não se contentam em promover interações ou relações de reciprocidade, mas “necessitam estabelecer ligações no interior de um sistema total sem fronteiras estáveis entre elas.” A transdisciplinaridade busca por um aprofundamento no encontro de múltiplas interconexões entre as diversas disciplinas, buscando superar as fronteiras do conhecimento disciplinar mediante a integração de conceitos e de metodologias.

Enquanto a interdisciplinaridade fica no nível disciplinar, “podendo significar apenas troca e cooperação entre as disciplinas” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 134), e a multidisciplinaridade constitui uma associação de disciplinas para dar conta de um projeto que lhes seja comum, com a transdisciplinaridade buscamos pela reciprocidade nos intercâmbios que deixe “em transe” as disciplinas ao atravessar esquemas cognitivos (MORIN, 2006, p. 115). Ao procurar transcender as disciplinas, ficando além delas, resulta em saberes provisórios, unificados e enriquecidos.

O conhecimento transdisciplinar parece ser complementar ao multi-inter-disciplinar, pois sugere a ideia de movimento e o transpassar de fronteiras que remete ao trabalho nas interfaces, com a migração de conceitos de um campo a outro, de forma retroalimentar e pendular, além de buscar pela própria unificação do conhecimento, o que pode renomear os estudos do Turismo.

[...] temos que conviver com o conhecimento em movimento, porque a vida se faz no movimento, a vida se faz no deslocamento, como o Turismo. Há um vaivém dialógico, que se movimenta/desloca das partes ao todo e do

todo às partes, como as *disciplinas* que compõem a ciência. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 139).

A falta de clareza epistemológica a respeito do que é conhecimento, como Morin (2003) nos avisa, constitui uma das mais graves debilidades dos atuais sistemas de ensino. A visão que temos do mundo parece decorrer da maneira como o conhecemos, e o observamos, de como apreendemos e interpretamos o espaço ao nosso redor. Ao acreditar, nesse momento, que nada é predeterminado ou determinado de fora para dentro, que a participação do sujeito é fundamental e que não existe uma interpretação do mundo anterior à própria percepção (MORAES, 2008), pensamos que estamos valorizando o diálogo aberto, as dialógicas da vida, a experiência, a autonomia, a construção coletiva e a solidariedade.

“A transdisciplinaridade é aquele tipo de conhecimento que estabelece correspondência entre o mundo interior e o mundo exterior do sujeito” (MORAES, 2008, p. 123). Essa forma de pensar, estudar, pesquisar e compreender o espaço e seus fenômenos resulta nas interações dinâmicas entre os dois mundos (interior e exterior) que leva consigo também os valores que permitem a (re) conexão dos diferentes saberes.

O que propomos, apoiados nos autores citados, é compreender o Turismo enquanto um campo do conhecimento transdisciplinar na educação formal, motivador do conhecimento por se aproximar do local vivido, do cotidiano do sujeito turista e receptor, que conecta o mundo econômico ao mundo dialógico e sensível, com a vida em sociedade e esta com os domínios da mente e da cultura. Pois “o ser humano ou a sociedade são unidades complexas, portanto, parece que só podemos conhecê-los provisoriamente, e, ainda, através da (meta) inter-poli-transdisciplinaridade” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 138).

Pensamos que na educação formal devemos proporcionar conhecimentos provisórios para que o sujeito se conheça conhecendo e questionando o mundo, e vice-versa, para então entender o sentido do espaço, do local e do global, e de suas tessituras. “O planeta exige um pensamento policêntrico capaz de apontar o universalismo, não abstrato, mas consciente da unidade/diversidade da condição humana.” (MORIN, 2000, p.64).

O conhecer-se a si próprio, como concebemos neste momento, acreditamos que mobiliza o sujeito em direção a questionamentos acerca da sociedade que se insere, do ambiente que o cerca, e “não apenas situado nela de forma pacífica como se ambos tivessem uma existência independente.” (SILVA, 2011b, p. 25). Ao compreender seu espaço de forma mais crítica e trans-multi-interligado, sugerimos que também pode compreender outros espaços que tenha rearranjos diferenciados do seu. Parece-nos que com esse sentido a Geografia é uma peça importante do quebra-cabeça da transdisciplinariedade do Turismo.



A amplitude de relações entre Turismo e espaço geográfico parece propiciar a integração de temáticas, oportunizando-nos extrapolar com as velhas dicotomias entre natureza e sociedade, e compor vertentes transversais a muitos dos conteúdos padrões escolares, contextualizadas nos espaços *loco*-globalizados.

Nesse sentido, não defendemos que o Turismo seja um tema restrito à discussão geográfica, pois a sua amplitude requer um trabalho escolar transversal e interdisciplinar. Contudo, não podemos negar que o crescimento desta atividade abre uma série de possibilidades para o ensino de Geografia propiciar aos alunos a compreensão de como o Turismo se instala, seleciona as paisagens e transforma os espaços. (SALES; ASSIS, 2006, p.108)

Temos observado, e em encontramos respaldo nas pesquisas acadêmicas como as de SALES; ASSIS (2006) que, principalmente na última década, a Geografia é das ciências que mais tem contribuído para as reflexões sobre o Turismo. No entanto, os estudos geográficos do Turismo se centralizam nas universidades, sendo ainda pouco discutidos no ensino escolar.

Entretanto, é preciso que haja um Turismo “realmente” sustentável no qual a população possa ter a possibilidade de engajamento e uma possível melhoria nas condições de vida e de conservação dos recursos naturais. Para isso, a contribuição da escola é fundamental para ajudar a formar cidadãos conscientes e comprometidos em transformar a realidade social dos seus lugares. Assim, defendemos que é possível inserir, de forma transversal e interdisciplinar, o Turismo nos diversos conteúdos que integram as propostas curriculares para a Geografia do Ensino Fundamental e Médio. (SALES; ASSIS, 2006, p.111).

Em alguns lugares onde a atividade turística já é considerada uma das principais fontes de desenvolvimento econômico, o Turismo passou a ser incluído como disciplina de parte diversificada do currículo básico (SALES; ASSIS, 2006), mas a situação ainda nos parece que é incipiente e o estudo do tema costuma a ficar restrito a slogans da necessidade de conservar a natureza para manter o Turismo local. Essa tema instiga futuras pesquisas para analisar como o Turismo tem sido trabalhado no ensino fundamental e médio, e sobretudo, no sentido de

reencontrar espaços de unidade, para que seja possível estabelecer interação e sinergia entre as disciplinas, conteúdos e a prática, de forma a descobrir alternativas educativas que possam ser desenvolvidas na escola e fora dela, proporcionando concomitantemente aprendizagem e socialização. (BONFIM, 2010, p.118).

Consideramos que o Turismo possibilita e reivindica uma discussão transdisciplinar, semelhante ao que ocorre com outros temas transversais como ética, meio ambiente,

pluralidade cultural, saúde, trabalho e consumo, pois nos parece que o Turismo é um fenômeno de múltiplas facetas. Afinal somos instantes, em um período de instantâneos, ainda que denso por sua teia complexa que forma e atravessa transversalidades históricas e espaciais.

Portanto, para alcançarmos a compreensão do fenômeno turístico parece ser necessário um sem-número de disciplinas, aí nascendo a Trans(in)disciplinaridade. O mesmo, provavelmente, aplica-se ao Espaço Turístico, pois ele parece ser a materialização do fenômeno turístico *indisciplinado*. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 172).

O Turismo parece mesmo não ter muita disciplina, suas técnicas seguem lógicas que (des) combinam o global com o local, seu ordenamento costuma não ser regrado, seus sujeitos vivem sob uma magia, e sua metodologia abarca diferentes composições de procedimentos. Por essas características o seu campo do conhecimento requer trânsito por/entre diversas áreas do conhecimento e onde o Paradigma da Complexidade parece ser um respaldo na articulação do seu todo, inapreensível porque é dialogicamente indisciplinado.

### **2.3 Múltiplas linhas (e curvas, traçados, pontilhados): O Ensino de Geografia**

A realidade do mundo humano é, em sua totalidade, feita de representação; na verdade, não faz sentido falar de realidade de nosso mundo humano sem a tarefa de representação. Para parafrasear Roland Barthes ao falar da narrativa (eis outra forma de representação), a representação está simplesmente aí como a própria vida. (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 1).

O que queremos com a Geografia, com a educação? O que queremos com nossas pesquisas, trabalhos, reflexões? Essas questões terão diferentes respostas, tantas quantas forem os sujeitos a ponderarem, mas pensamos que parte significativa das respostas se voltará para um mundo melhor, e que nos conduza também a uma consciência planetária (MORIN, 2000b). Quando trabalhamos com Educação, tendemos a pensar que no ensino podemos semear ideias e atitudes com essa perspectiva.

O duplo imperativo antropológico impõe-se: salvar a unidade humana e salvar a diversidade humana. Desenvolver nossas identidades a um só tempo concêntrica e plurais: a de nossa etnia, a de nossa pátria, a de nossa comunidade de civilização, enfim, a de cidadãos terrestres. [...] A consciência de nossa humanidade nesta era planetária deveria conduzir-nos à solidariedade e à comiseração recíproca, de indivíduo para indivíduo, de todos para todos. A educação do futuro deverá ensinar a ética da compreensão planetária. (MORIN, 2000b, p. 78).

A perspectiva de um mundo melhor e com uma consciência planetária toca no que cada um de nós pode fazer, nossas responsabilidades, nossas compreensões, nossa postura diante do mundo e nossos valores sociais. Ao escrever sobre as escolhas metodológicas e os desafios de ser professor na contemporaneidade, Becker (1993, p. 96) coloca a assertiva de que a primeira questão que o professor deve responder é:

Que cidadão ele quer que seu aluno seja? [...] Esta, parece-me, é a pergunta fundamental que permite iniciar o processo de restauração do significado – e da construção de um mundo de significações futuras que justificarão a vida individual e coletiva.

Esse aluno cidadão é um sujeito, tem autonomia, diante de suas dúvidas reflete sobre o significado de suas ações em sua vida coletiva e em interação crítica com o meio. Segundo Santos (1996, p. 41), “o cidadão é o indivíduo que realiza inteiramente suas potencialidades como participante ativo e dinâmico da comunidade. [...] O cidadão é multidimensional. Cada dimensão se articula com as demais na procura de um sentido para a vida”.

Para atuarmos de forma reflexiva e crítica sendo sujeito cidadão, parece que precisamos conhecer e sermos capazes de interpretar o mundo, identificar os movimentos do/no espaço. Concebendo a Geografia como a ciência que busca a compreensão do espaço produzido pela sociedade, é nessa a geografia – escrita (grafia) da terra (geo) - que produzimos, nos organizamos e nos relacionamos com os outros sujeitos, seres vivos e objetos, dando significados a nossas ações e emoções. Esses significados tendem a ser representações, ainda que provisórias.

Apropriar-nos-emos de duas representações neste estudo, a representação espacial, a fim de caracterizar o Ensino de Geografia em sua busca por ler o espaço tanto de forma objetiva quanto com os aspectos culturais subjetivos, e a representação social situada na Psicologia Social, para contemplarmos os conhecimentos populares, os sentidos comuns da sociedade.

Pensamos, nesse momento, que para interpretar o espaço-mundo-lugar a fim de que tenhamos consciência da responsabilidade de nossos atos precisamos acomodar as representações de forma transdisciplinar. Ambas as representações com que trabalhamos aqui se confundem e se misturam no espaço geográfico, estão em transe em cada sujeito, pois sabemos que os conjuntos que compõem a totalidade do espaço são indissociáveis e interagem sempre, mesmo que contraditoriamente. Acreditamos que são conhecimentos que se constroem entre as racionalidades e irracionalidades, refletindo assim nossa época, nossa educação e nossas paisagens.

Para que possamos representar espacialmente ou modificar uma representação social ideológica, pensamos, requisita questioná-la, tecê-la junto a outros parâmetros do espaço, conectá-las às suas estruturas gerativas e contextualizadas no espaço. No alcance em que a Geografia busca estar constantemente interpretando e reconstruindo o espaço, a construção do conhecimento deve seguir um olhar que vai além da aparência, do senso comum que está muitas vezes direcionado pelas racionalidades, por um olhar que intenta desvendar os processos e (re) descobrir o meio. É esse olhar complexo, reflexivo e investigativo de leitura do mundo que buscamos no Ensino de Geografia.

Com esse olhar também nos parece possível fazer referência à tendência pluralista atual, sem cairmos na fetichização, mas com a riqueza que a diversidade nos dá e o amparo da transversalidade na fusão e diálogo com outras disciplinas e com outras formas de construção do conhecimento que não sejam apenas academicistas.

### **2.3.1 Nos horizontes do Ensino de Geografia: Representações espaciais**

Assim, para que ocorra uma *educação* significativa, deve haver a construção tradutora do que está sendo conhecido e, para tanto, deve existir o conhecimento. O Sujeito necessita compreender como as organizações, os sistemas, produzem/criam, num contexto (complexo!) espaço-tempo, as qualidades fundamentais do Espaço Geográfico. [...] a vida só pode *auto-organizar-se* com o conhecimento – a Escola deve possibilitar o Sujeito a *auto-organizar-se* constantemente. A vida só é viável e passível de ser vivida com o conhecimento. Nascer é conhecer, morrer é, quem sabe, poder conhecer o desconhecido! Quanto mais conhecemos e

compreendemos, mais somos capazes de buscarmos o verdadeiro no desconhecido. (CASTROGIOVANNI, 2004a, p. 3).

A Geografia trabalha com as representações espaciais. Essas parecem se construir em cada sujeito, dialógica e recursivamente, com as representações sociais e os conhecimentos geográficos articulado nas esferas científicas.

Conforme Costella (2008), as representações espaciais são ponto-chave para a compreensão do estudo da Geografia. Na medida em que a Geografia busca observar, descrever e interpretar o mundo, tanto o distante quanto o próximo, pensamos, nesse momento, que se faz necessário representar esse mundo. Por isso, e essencialmente na ação pedagógica, a Geografia é uma aprendizagem de representações.

Na ciência do olhar, cada vez mais nós geógrafos nos damos conta que a descrição é imbuída de representação. O olhar parece que vê e expressa a realidade do espaço a partir dos conhecimentos de cada sujeito-pesquisador, matizando o observável de acordo com sua cartela de cor. Se quisermos compreender a dinâmica do espaço geográfico, acreditamos nesse momento, que precisamos representá-lo o mais próximo de sua *realidade*.

No momento que se compreende que o espaço é um sistema de ações, que essas ações estão presentes em suas representações, se compreende, também, que os elementos que compõem o espaço estão dispostos de forma a permitirem uma interpretação coerente entre eles. A textualização desse espaço não só compreende uma interpretação mais apurada das relações existentes nele, como também uma organização textual com coerência, relacionando diferentes quadros que o compõem (COSTELLA, 2008, p. 59)

Nesse sentido, pensamos que o ato de representar é uma (re) construção, é um ato integrado a partir dos nossos conhecimentos prévios e é complexo, pois tende a tecer o novo à realidade presente. A representação também é uma entre inúmeras formas de descrição, permeada por processos simbólicos e históricos. É assim dinâmica, por ter sua estrutura móvel. Uma vez que a representação entra em nossas tramas mentais, ganha espaço e se torna um fio de uma malha maleável, onde outros fios podem ser adicionados ou dispensados, para emergir sob novas complexidades, ajustando-se ao curso da vida. Portanto, a sua (re) construção parece ser infinita.

Para representar desenvolvemos o imagético<sup>21</sup>. Para que o imagético esteja próximo à realidade concreta, compreendemos nesse momento, a representação tem que estar imbuída de significados reais, de conhecimentos prévios. A representação, acreditamos, é uma realidade concreta em si, pois é uma construção individual, ou seja, a representação é a realidade a partir do que cada um pode observar de um espaço.

“É importante compreendermos o espaço como uma representação de condição particular, pois cada um de nós imagina o espaço em função de características já organizadas mentalmente” (COSTELLA, 2008, p. 70). Assim, cada sujeito parece representar os espaços experienciados e não experienciados de formas distintas. Tanto o espaço próximo como o distante pode ser textualizado em diferentes pontos de vistas e com profundidades diferentes dos olhares. Pensamos que esses pontos de vista e profundidades tendem a se dimensionar a partir de seus intertextos, dos conhecimentos que cada sujeito construiu em sua formação formal e informal, na escola e na vida.

Temos que representar espacialmente é geografizar, pois para a representação é necessário relacionar os sistemas de ações aos de objetos em conjuntos indissociáveis interagindo e produzindo o espaço. É complexo, pois se dá a partir de um grupo de elementos reunidos que perpassam diferentes ações das relações sociais dos sujeitos com os outros e com o meio.

Compreendemos, nesse momento, que a representação é um ato cognitivo, ao exigir a associação de conhecimentos prévios e a capacidade de mobilizá-los para que a realidade objetivada seja interpretada e seja administrada, refletindo as consequências das nossas ações atuais no momento posterior. Parece-nos que quanto mais eu conheço o espaço, melhor posso representar a realidade inserida nesse espaço e compreender seus movimentos atuais, assim como, prever os futuros.

Não temos essas representações apenas para explicar o mundo, mas agimos a partir delas, a partir do que elas nos aconselham que façamos em cada caso: não de como é a realidade, mas de como nós a representamos. Isso nos permite antecipar o que irá ocorrer e não ter que esperar que ocorra e, além disso, agir de maneira mais eficaz para nossos objetivos (DELVAL, 2007, p. 122).

---

<sup>21</sup> Apoiados em Costella (2008), compreendemos, para este estudo, o imagético como o referencial da representação para o espaço mentalmente projetado. Para compreender o espaço temos a manifestação do imagético em uma representação espacial, onde projetamos nosso imagético até os espaços que queremos representar, os reconhecendo diante do nosso próprio lugar. Assim, “o imagético de cada um traz características de suas vivências, enraizadas nos lugares e nos objetos que esses locais possam proporcionar, e nos objetos pelos quais possa haver relações que propiciam o conhecimento” (COSTELLA, 2008, p. 26).

Com isso, entendemos, nesse momento, a importância das representações espaciais, tanto no Ensino de Geografia como no saber-fazer do Turismo, para que o conhecimento possa ser construído, para que o mundo possa ser descoberto e lido, para nos relacionar e tecer atitudes conscientes em nossas práticas cotidianas e nos eventos.

O ato de representar para ser efetivado, compreendemos, necessita da mobilidade do pensamento. O desenvolvimento da capacidade da representação, por ser uma competência cognitiva, tende a se utilizar dos mesmos esquemas que levam à construção do conhecimento. É uma construção interna, do sujeito, mas, como todo conhecimento é relacional, se faz importante ressaltar que a interiorização recebe pressões externas, da relação do sujeito com o outro e com o meio.

Cada sujeito tem que realizar um trabalho pessoal de elaboração e reelaboração de seus próprios conhecimentos, no entanto, deve-se ter muito claro que o conhecimento é um produto da atividade social que se produz, se mantém e se difunde nas trocas com os outros. (DELVAL, 2007, p. 125).

A construção do conhecimento é explicado na Teoria da Epistemologia Genética. Para o conhecimento se efetivar parece haver a necessidade de um equilíbrio progressivo entre a assimilação e a acomodação do conhecimento.

A assimilação é um processo interno do sujeito, de dar significado ao objeto que percebe. “A assimilação acontece quando o organismo assimila o objeto e o transforma como parte de si, construindo uma estrutura para interiorizá-lo (assimilá-lo)” (CASTROGIOVANNI, 1992, p. 3). É como visitar um local inédito, ou aprender na Geografia uma nova forma do relevo, e encaixá-lo em uma ideia que já temos. O sujeito modifica o objeto para poder se apropriar dele e assim conhecê-lo, integrando elementos novos, em estruturas ou esquemas já existentes.

Acomodação é um movimento externo, a pressão vem do meio para que o sujeito compreenda o fenômeno assimilado e o reacomode em seus conhecimentos, elevando a complexidade de suas relações. “Na acomodação, o sujeito é que se modifica para conhecer (acomodar) o objeto” (CASTROGIOVANNI, 1992, p. 3). Acomodamos o novo em algo já apropriado por nós, em um contexto familiar, para que possamos encontrar um espaço em nossos sistemas prévios cognitivos e perceptivos a fim de associá-lo a imagens e significados preestabelecidos. É a nova forma de relevo se materializando na nossa mente, em nossas ideias. Como se agora, além de já tê-lo guardado na minha gaveta da memória onde posso interpretar o relevo, também posso reconhecê-lo na paisagem ou representá-lo.

Para Piaget, o conhecimento tem início quando o recém-nascido age assimilando alguma coisa do meio físico ou social. Este conteúdo assimilado, ao entrar no mundo do sujeito, provoca aí, perturbações, pois traz consigo algo novo para o qual a estrutura assimiladora não tem instrumento. Urge, então, que o sujeito refaça seus instrumentos de assimilação em função da novidade. Este refazer do sujeito sobre si mesmo é a acomodação. É este movimento, esta ação que refaz o equilíbrio perdido; porém, o refaz em outro nível, criando algo novo para o sujeito. (BECKER, 1993, p. 93).

A assimilação e a acomodação são os dois polos do processo de adaptação, que são complementares e dinâmicos, nessa interação entre o organismo e o meio. A adaptação é

a capacidade de seriar, ordenar, combinar e classificar. A inteligência é a adaptação e sua função é estruturar o universo no qual convivemos. A organização é a integração das estruturas físicas e psicológicas em sistemas coerentes. A adaptação surge através da organização. [...] A tendência à organização, parte integrante da adaptação, está implícita em nossa herança biológica. (CASTROGIOVANNI, 1992, p. 4, grifo do autor).

Há uma adaptação de todo o mecanismo para que o conhecimento antigo se reúna ao novo, se acomodando, não necessariamente em tempos sucessivos. Seus movimentos tendem a ser em forma de espiral, pois a adaptação é um processo ativo, e não passivo. Ativo porque demanda esforço do sujeito, revendo seus conceitos já acomodados perante os novos assimilados, os imbricando e os encaixando para uma nova acomodação que leva a um nível maior de conhecimento.

A adaptação é a passagem de um equilíbrio menos estável para um mais estável, um processo intelectual de recombinações construtivas para resolver os problemas que o meio impõe. Para que haja adaptação, o sujeito precisa superar desequilíbrios entre o que ele traz de conhecimento com o contato que ele tem com o novo. Essa relação entre o sujeito e o meio compreende um processo progressivo de equilíbrio que tem como consequência a construção do conhecimento. (COSTELLA, 2008, p. 62).

Para haver uma construção de novos conhecimentos é necessário haver o desequilíbrio desafiante, só assim parece haver um novo equilíbrio. Esse desafio precisa ser instaurado e mediado para a efetivação da mobilidade do pensamento, em uma prática pedagógica relacional. Esse pensamos que é um papel especial do Ensino: desencadear e assessorar esse processo para a cada equilíbrio possibilitar a construção de novos esquemas, que serão novamente desafiados, aumentando cada vez mais os patamares do conhecimento de cada aluno, e de cada turista.



Segundo Castrogiovanni (1992), além das etapas da adaptação, para conhecer é preciso abstrair, e há a abstração empírica e a reflexiva.

O conhecimento é abstraído do real e transformado em algo humano, interiorizando-o. [...] A abstração empírica é o sujeito retirar o conhecimento diretamente dos objetos ou da ação que exerce sobre eles. Na abstração reflexiva, o sujeito extrai o conhecimento da ordenação das ações sobre os objetos (CASTROGIOVANNI, 1992, p. 4).

Na abstração empírica o sujeito caracteriza um local (ou outro organismo) por suas formas concretas (cor, tamanho, volume) e por um conjunto de operações relacionadas a partir do local (perto, longe, ao lado). Na abstração reflexiva necessita de um desequilíbrio para o sujeito projetar o local sem estar em sua presença. “Toda a abstração reflexiva é uma abstração refletida no instante em que houver a tomada de consciência do sujeito quanto ao ato de construir conhecimento” (CASTROGIOVANNI, 1992, p. 3).

Ao nos relacionar nos desequilibramos e reequilibramos em um processo complementar, e assim construímos conhecimentos, continuamente. Diante dessa premissa, pensamos que todos nós deveríamos saber viver, pelo menos, aos 50 anos. Cinquenta anos é o tempo de duas gerações humanas, conforme Mainguet (1995). Acreditamos, nesse momento, que saber viver significa saber se relacionar, saber respeitar os outros para uma convivência em sociedade, saber refletir sobre a política que se desenvolve em nossa comunidade. Mas, parece-nos, nem todos nós sabemos viver, porque nos parece que a necessidade da abstração reflexiva precisa ser estimulada e problematizada.

Ponderamos que o aprendizado precisa ser mediado, discutido, assimilado, acomodado, equilibrado e desequilibrado, gerando reflexões. “Em outras palavras, conhecer é negociar, trabalhar, discutir, debater-se com o desconhecido que se reconstitui incessantemente, porque toda solução produz nova questão.” (MORIN, 1998, p. 104). Como canta Paulinho da Viola, “[...] as coisas estão no mundo, só que eu preciso aprender<sup>22</sup>”. O aprendizado precisa ser significado e, para tal, parece-nos que há que haver uma mediação entre o mundo externo e interno, e essa mediação, pensamos, pode ocorrer em sala de aula ou fora dela, desde que se proporcione uma teoria e uma prática conjugadas que levem a novas solitudes e inquietações.

---

<sup>22</sup> Música: Coisas do mundo minha nega, composição Paulinho da Viola.

No segmento do Turismo de Estudos e de Intercâmbio, que trabalha com roteiros direcionados para viagens de estudo ou atividades a campo<sup>23</sup>, a relação do aprendizado neste contexto vem gerando debates e mostrando uma estreita relação. Embora muito se discutiu sobre as vantagens e desvantagens do *Petit Tour* e o *Grand Tour*<sup>24</sup>, na França do século XVI, devido ao fato de que muitos jovens se dedicavam mais aos “prazeres” nos lugares que visitavam do que aos aspectos “educativos culturais”, muitos filósofos da época afirmavam que os resultados pedagógicos permitidos pela observação direta e vivência do espaço e de suas manifestações era um complemento incontestável. (BARRETTO, 1998).

Parecem-nos que no Turismo temos a oportunidade de realizar práticas, de conhecer muita das teorias estudadas nos bancos escolares, de potencializar a abstração reflexiva por comparação do local visitado com o nosso. Pensamos que há aqui uma das linhas que tece o Turismo ao Ensino de Geografia, mas para propiciar aprendizagens precisa conduzir a (des)equilibrações, que promovam a autorreflexividade dos sujeitos. Em um de seus textos sobre o Turismo Pedagógico<sup>25</sup>, Bomfim (2010, p.117) coloca que é preciso entender que a educação “é uma forma de intervir no mundo, pois além de proporcionar conhecimento dos conteúdos que na maioria das vezes, traduz uma ideologia dominante, deve permitir ao indivíduo o questionamento destes conteúdos”.

No Turismo podemos observar a crescente procura pelo contato com a natureza. Também observamos turistas sedentos de natureza e ao chegar não sabem o que fazer<sup>26</sup>. Nós estamos no mundo. Nós estamos/somos natureza. Mas volta e meia esquecemos onde estamos. Então, se esquecemos, será que estamos? Algumas vezes precisamos nos reconectar. Muitos turistas voltam para casa sem se reconectar. Parecem não exerceram suas possibilidades de uma reflexão, de uma representação espacial para a vivência.

---

<sup>23</sup> Por atividades de campo compreendemos aulas realizadas fora da sala escolar, que utilizam o estudo do meio como componente educacional para complementar os conteúdos trabalhados em aula e melhor aproveitá-los.

<sup>24</sup> As viagens de estudos, sendo o *Petit Tour* uma visita ao Vale do Loire e retorno a Paris; e o *Grand Tour* uma viagem pela França, Suíça e Itália, em especial às cidades de Paris, Roma, Genebra, Florença, Milão, Bolonha, Veneza e Nápoles. (BARRETTO, 1998).

<sup>25</sup> O Turismo Pedagógico é uma das conceituações do segmento de Turismo Estudos e de Intercâmbio, que o Ministério do Turismo (2006) define por “constituir-se da movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional”.

<sup>26</sup> Joseph Cornell, autor dos livros *Vivências com a natureza 1 e 2*, conta no prefácio do segundo livro que trabalhou alguns anos como consultor em educação para a natureza no *Grand Canyon* (EUA), quando passava costumava passar algumas manhãs entre os turistas em um ponto muito frequentado com ampla vista do cânion. Para sua surpresa notou que “eram poucos os turistas que gastavam mais que alguns segundos apreciando o *Grand Canyon*, antes de começarem a fotografar, conversar com os amigos ou voltar para o carro. Das quase 150 pessoas que visitaram o local em uma manhã, notei apenas 3 que pareciam olhar mais atentamente e por mais de 30 segundos [...]” (CORNELL, 2008, p. 14).

As representações espaciais solidificadas, pensamos que permitem uma percepção do espaço turístico com qualidades de interação, interpretação e assimilação em diferentes níveis. Acreditamos que o Turismo para ser vivenciado, precisa que o turista textualize o espaço. “Para vivermos o Turismo, é necessário conhecermos e compreendermos os elementos que constituem o Espaço Turístico” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 68).

Fazer Turismo parece ser também vivenciar as imagens representadas na Geografia, e a partir das bases do conhecimento e da experiência *in loco*, as representar em nível mais complexo com novos elementos acomodados. Com o Turismo e/ou com saídas a campo diversas, o cotidiano de um local, segundo Souza; Melo; Perinotto (2011, p. 52) tende a “tornar-se, além de um elemento de estímulo à curiosidade, fator de entendimento, contextualização, e memorização prazerosa que estimula a busca por novos entendimentos, ou descoberta de novos prazeres.” Parece-nos que quando deixamos nosso local e vamos para outro, não ocorre apenas uma mudança espacial, mas um novo rearranjo de muitos dos nossos elementos: linguagem, alimentação, relação de vizinhança (SANTOS, 1996), sensibilidades, olhares, interesses.

Pensamos que nem sempre a realidade / o mundo que conhecemos é o mundo que existe, muitas vezes é o mundo que nos fazem ver. Pensamos ainda que muitas vezes a rotina da cotidianidade e seus enlaces com as racionalidades, tendem a tolher nossos olhares. Talvez por isso “Al viajar com alma de turista se tienen más posibilidades de descubrir mundos desconocidos.” (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 6). No entanto, parece-nos que a educação também pode sensibilizar nossas almas cotidianas.

As representações espaciais e sociais parecem estar na essência dessa mirada para o mundo, na construção que vamos articular com os sujeitos. As responsabilidades da Geografia para com o mundo acreditamos que são múltiplas, mas consideramos, nesse momento, que ensinar os alunos sujeitos a representar espacialmente é uma de suas mais significantes. Representar para que tenham as bases para ser um sujeito sensível e responsável, ser um sujeito turista zeloso e interessado, ser um sujeito receptor articulado e coesivo. Afinal como coloca Paulo Freire (1987), a práxis pedagógica se faz pela leitura, ação e reflexão dos sujeitos sobre o mundo a fim de transformá-lo.

As coisas estão no mundo, mas precisamos aprender, para que possamos representar - nos relacionar, interagir e fomentar reflexões acerca da complexidade que constitui o ser humano e sua condição no espaço. E que essas reflexões guiem ações que conduzam a um mundo melhor compreendido em redes de solidariedade, que parece cada vez mais ser

utópico, mas precisamos acreditar, mesmo com a certeza provisória de Morin (2000b, p.81), de que “o futuro chama-se incerteza”.

#### **2.4 As linhas comuns, ondas e marés: Representações sociais**

Uma das coisas que nos intriga: Aceitar e compreender o que é familiar, crescer acostumado a isso e construir um hábito a partir disso, é uma coisa; mas é outra coisa completamente diferente preferir isso como um padrão de referência e medir tudo o que acontece e tudo o que é percebido, em relação a isso. (MOSCOVICI, 2003, p. 18).

Na pesquisa nos apoiamos também na teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 2003; GUARESCHI, 2007) como suporte metodológico e conceitual, por entendermos, nesse momento, que as representações sociais são parte constituinte da lógica (racional e irracional) do Turismo e do espaço geográfico. Por serem construções sociais edificadas a partir do senso comum, são facilmente corporificadas e passam a interferir nos comportamentos dos sujeitos, na construção do conhecimento e nas leituras espaciais que realizamos.

As representações sociais são fenômenos que necessitam ser descritos e ser explicados. Elas são fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar - um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. (MOSCOVICI, 2003, p. 13).

A teoria das representações sociais surgiu na Psicologia Social, nas décadas de 1950 e 60, tendo a sua frente Serge Moscovici. Na segunda metade do século XX a Psicologia Social, também em um movimento de reintrodução, como ocorreu à Geografia Cultural, passou a interrogar seu enfoque centrado apenas no indivíduo. A partir dessa inquietude, Moscovici elaborou a teoria das representações sociais, focalizando o caráter social do sujeito e avançando na superação da dicotomia indivíduo-sociedade, bem como (re) unindo “o externo e o interno, o estruturante e o estruturado, o processo e a estruturação e, que ao mesmo tempo, pudesse dar conta também de novos contextos sociais” (GUARESCHI, 2007, p. 10). A dialogicidade implícita à composição do campo dessa ciência demonstra uma das tessituras complexas de sua teoria.

Esse novo tipo de social emergente busca compreender a realidade através das relações coletivas, do simbólico, da cultura não material, das estruturas dominantes do poder vigente, que legitima o conhecimento no senso comum e que é um dos fatores impulsionadores das transformações histórico-sociais. (GUARESCHI, 2007).

Ao considerar o conhecimento popular dialogamos diretamente com a Geografia Cultural. Conforme Holzer (1999, p. 155) pondera “tanto do pensamento científico quanto do pensamento das outras pessoas” é relevante aos estudos culturais da Geografia. Contudo, na teoria da psicologia social a ênfase está no social, pois lida com as manifestações sociais carregadas de mediações cotidianas, no mundo vivido de cada grupo social. Na Geografia Cultural a ênfase está no sujeito, em suas particularidades de inclusão dos sujeitos nas coletividades (HOLZER, 1999).

Vale lembrar que essa compreensão nos é possível por entendermos que somos sujeitos complexos e vivemos em uma sociedade tal qual complexa, pois o espaço também é complexo e em decorrência disto, integrado, mesmo com suas rupturas. No Paradigma da Complexidade, com o princípio da dialógica, as representações sociais complementam a análise cultural, ao conjugar as interferências das similitudes sociais nas particularidades, nas referências de conteúdo social que aproximam sujeitos diversificados nos seus cotidianos.

O cotidiano se estabelece a partir do espaço geográfico, onde as informações, os símbolos e as ideias circulam e são reunidas, sustentando ou não as ideologias vigentes, distinguindo uma época histórica. Para Silva (2002, p. 11),

[...] a própria formação da representação social que envolve os processos de ancoragem e objetivação, as quais estão atreladas às estruturas históricas, estão também atreladas ao espaço. Como conhecimento construído por leigos em seu cotidiano, estão intrincados no espaço, pois os homens trabalham, moram, caminham, compram, enfim realizam uma série de ações na vida diária.

As representações sociais são designadas por Moscovici (2003) como uma “atmosfera” que envolve uma sociedade, permitindo a continuidade da comunicação e organizando o mundo comum. São conjuntos de saberes sociais, proposições elaboradas e compartilhadas socialmente, verdades do senso popular, que habitam o cotidiano de cada um, pois são geradas na vida social e propagadas pela comunicação.

[...] ocupam um espaço vital e simbólico. Se prestarmos atenção ao nosso agir, veremos que é impossível pensar, falar e mesmo agir, sem que por detrás, como pressuposto, haja algo que tem a ver com a cultura, as crenças,

os valores: é a isso que designamos de representações sociais. (GUARESCHI, 2007, p. 19).

No Paradigma da Complexidade, conforme conceituado por Morin (2000b), encontramos duas denominações que apoiam a teoria das representações sociais, o *imprinting* cultural e a noção de noosfera. Com o *imprinting* cultural compreendemos um certo conformismo cognitivo em aceitar sem contestar algumas marcas matriarcais, é a normalização das representações sociais que por estarem conosco desde que nos entendemos por sujeitos, são tão corriqueiras que assumimos como verdadeiras. “O *imprinting* cultural marca os humanos desde o nascimento, primeiro com o selo da cultura familiar, da escolar em seguida, depois prossegue na universidade ou na vida profissional.” (MORIN, 2000b, p.28).

A noção de noosfera, a esfera das coisas do espírito, acrescenta o peso que essas representações sociais parecem assumir em nossas vidas de forma geral, “as crenças e as ideias não são somente produtos da mente, são também seres mentais que têm vida e poder. Dessa maneira, podem possuir-nos.” (MORIN, 2000b, p.28).

As ideias e mitos criados e que costumam acabar por nos criando, são potencializados e enriquecidos pela comunicação. Parece ser na comunicação que a cultura, as crenças, os valores suscitam e amparam as representações sociais. A comunicação é o combustível aqui, como as informações (que também se situam na esfera da comunicação) em velocidade são o motor da globalização. “Pessoas e grupos criam representações sociais no decurso da comunicação e da cooperação” (MOSCOVICI, 2003, p. 9). A forma triangular das representações sociais proposta por Jovchelovith (2008) compõe essas premissas.

Defino representação como uma forma triangular, cuja arquitetura básica é construída pelas interrelações entre sujeito-outro-objeto. Esses elementos estão na base de toda formação do conhecimento. A representação é a matéria e a substância do conhecimento, a estrutura subjacente a todos os sistemas de conhecimento, o material que constitui todo conhecimento possível que temos dos outros, do nosso mundo e de nós mesmos. (JOVCHELOVITH, 2008, p. 41).

As representações sociais, por sua materialização e por sua representatividade nas relações que constroem o/no espaço, incorporam-se à rede de significados capaz de criar a realidade social e também de transformá-la, posto que também faça parte de nossa cultura. “Produto da nossa alma e mente, a noosfera está em nós e nós estamos na noosfera. [...] Os humanos possuídos são capazes de morrer ou matar por um deus, por uma ideia.” (MORIN, 2000b, p.29).

O social é entendido como uma relação, isto é, algo que não pode ser entendido sem outros; ele implica, em sua própria definição, outros. Possui “um direcionamento intrínseco do próprio ser em direção a outro (s) (*relatio: ordo ad aliquid*)” (GUARESCHI, 2007, p. 14). É singular e, ao mesmo tempo, múltiplo.

Aprendemos as representações sociais a partir do nosso convívio social, ainda na fase infantil, e vamos transmitindo o *imprinting cultural* de geração em geração, verdadeiros no momento, até que haja uma ruptura e que modifiquemos nossa visão da realidade comum. “É esse o social que constitui o processo de mediação na complexidade entre o mundo interno e externo, entre o individual e o coletivo, entre o psíquico individual e a realidade psíquica social externa” (GUARESCHI, 2007, p. 14).

A teoria das representações sociais, no estudo dos processos cognitivos, “pretende, entre outros objetivos, examinar como se formam os conhecimentos, como pensamos, com que pensamos, a partir do que pensamos” (GUARESCHI, 2007, p. 20). Com esse pano de fundo a teoria busca elevar o conhecimento popular à pesquisa científica, estabelecendo uma ponte entre o concreto da realidade e o simbólico, o significado e o poder ideológico.

A questão ideológica se destaca pertinente à análise na teoria, uma vez que as representações sociais, por serem construídas e reconstruídas pela comunicação, parecem dividir as mesmas redes de circulação de informação constituídas pela globalização e a serviço da hegemonia. A ideologia inscreve o pensamento dominante nas representações sociais, institucionalizando os modos de ver e de se relacionar com o mundo segundo as racionalidades vigentes (SANTOS, 2008). Para Guareschi (2007, p. 43), “toda ideologia possui, pois, esses dois elementos: um conteúdo, derivado da base, e uma forma, que provém de cima, que dá ao senso comum uma aura científica”.

As representações sociais associadas às racionalidades da globalização servem para produzir relações de dominação, isto é, relações ideológicas, e são a essas que frequentemente somos inconscientes. Entendemos, nesse momento, ideologia como conceitualizada

em termos das maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação: estabelecer, querendo significar que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; sustentar, querendo significar que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas. (THOMPSON, 1995, p. 78-9).

No Turismo a ideologia das representações sociais, conforme indica Moesch (2000), está vinculada às informações totalitárias para uma imagem do ideal de lugar turístico, de estética da paisagem e da relação entre os sujeitos visitantes e moradores. Acreditamos, na esteira de Moesch (2000), na importância de relativizar essa imagem ideal, contrapô-la, redefini-la por meio de uma reflexão crítica, qual pensamos que possa ter em suas bases o Ensino de Geografia.

A cognição nas representações sociais é explicada pelos processos de ancoragem e de objetivação, que para fins dessa pesquisa podemos aproximar, respectivamente, com os processos de assimilação e acomodação segundo a Teoria Epistemológica de Piaget. Como na adaptação, essas ações (ancoragem e objetivação, ou assimilação e acomodação) estão dialogicamente articuladas para que possamos tornar familiar o não-familiar.

Há um esforço constante por tornar comum e concreto algo que é estranho e abstrato, em que a ancoragem consiste em incorporar o não-familiar aos nossos pensamentos e conceitos existentes para que se possamos compreendê-los e assimilá-los. A objetivação é o processo de tornar concreto algo abstrato. Transferimos o que está na mente para algo que existe no mundo físico, material. Contudo, para as representações sociais o desequilíbrio na reestruturação de bases do conhecimento do senso comum não necessariamente remete aos seus contextos.

Tornar familiar algo não familiar é uma das principais funções das representações sociais (MOSCOVICI, 2003; GUARESCHI, 2007). Parece-nos que o não-familiar, tanto no Ensino de Geografia como no Turismo, atrai e intriga os sujeitos. No entanto, percebemos a tendência de sempre buscarmos por bases familiares para desvendá-lo, porque concomitantemente o não-familiar incomoda, dá medo.

Isso se deve ao fato de que a ameaça de perder os marcos referenciais, de perder contato com o que propicia um sentido de continuidade, de compreensão mútua, é uma ameaça insuportável. E quando a alteridade é jogada sobre nós na forma de algo que "não é exatamente" como deveria ser, nós instintivamente a rejeitamos, porque ela ameaça a ordem estabelecida. (MOSCOVICI, 2003, p. 18).

Mas, então, por que mesmo viajamos? Será que viajamos para exercitar nossas representações sociais? Ou será que só queremos viajar em bases familiares, onde tenhamos hotéis e restaurantes que ofereçam serviços que nos lembrem os do nosso convívio ou de um *status* superior elitizado? Será por isso que os hotéis e os atrativos cada vez mais se parecem uns com os outros, ao menos no que diz respeito à infraestrutura de segurança e de alimentação, ou não? Sendo assim, o que explicaria o interesse em ir para locais de guerra



civil, locais remotos entre tribos desconhecidas, locais com vulcões apenas adormecidos, o risco do deslocamento (PIMENTEL, 2011), sair apenas com mochilas por locais inóspitos?

Esses mecanismos transformam o não-familiar em familiar, primeiramente transferindo-o a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo; e depois, reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar, e, conseqüentemente, controlar. (MOSCOVICI, 2003, p. 21).

Parece-nos que só podemos representar de início o que nos é familiar, o que conhecemos. Pensamos, nesse momento, que todo conhecimento tende a ser uma representação e acreditamos que toda representação, em especial a social, pode gerar uma simplificação da realidade. A representação social acomoda o estranho ao familiar muitas vezes o desconectando de seu *habitat natural* sem a contextualização.

As sociedades domesticam os indivíduos por meio de mitos e ideias, que, por sua vez, domesticam as sociedades e os indivíduos, mas os indivíduos poderiam, reciprocamente domesticar as ideias, ao mesmo tempo em que poderiam controlar a sociedade que os controla. No jogo tão complexo (complementar-antagônico-incerto) de escravidão-exploração-parasitismo mútuos entre as três instancias (indivíduo-sociedade-noosfera), talvez possa haver algum lugar para uma pesquisa simbiótica. Não se trata, de forma alguma, de ter como ideal a redução das ideias a meros instrumentos e torna-las coisas. As ideias existem pelo homem e para ele, mas o homem existe também pelas ideias e pra elas. Somente podem utiliza-las se sabem também servi-las. (MORIN, 2000b, p.29).

Vemos a necessidade do princípio do conhecimento do conhecimento, que nessa pesquisa inserimos pelas bases geográficas, para superar esse princípio da simplificação (descontextualizada); para fortificarmos as representações espaciais em nossas ações cotidianas e no Turismo; para buscarmos pela transdisciplinaridade, ao longo de uma caminhada incerta, até porque a vida parece mesmo ser um ir e vir complexo.

## **2.5 Os espaços da nossa praia: espaço geográfico e espaço turístico**

É um espaço único, com nomes próprios, que desperta nossas sensações e sentimentos, e também ao qual atribuímos símbolos e significados. É a dimensão em que construímos nossa existência e sobre a qual dirigimos nossas intencionalidades,

engajando-nos em sua transformação. A experiência turística afigura possibilitar o envolvimento nas tramas de outro feixe de relações espaciais. Experimentar-se diante de outra presença. Fruir a oportunidade de perceber/ser/estar no mundo desde outro ponto. (PIMENTEL, 2011, p. 12).

Quando ponderamos o espaço de ocorrência do Turismo, pensamos haver inúmeros tipos de práticas e experiências que podem valorar diferentes *espaços*. Diante dos nossos objetivos situados na Geografia, centralizaremos a prática turística no espaço geográfico, uma vez que também o entendemos, nesse momento, como a totalidade dos múltiplos espaços que a sociedade pode gerar/significar.

No dizer de Milton Santos (2008, p. 73): “O espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, que interagem, solidariamente e contraditoriamente, mas interagem sempre”. Compreendendo o espaço geográfico por esses conjuntos, vamos reconhecer que esse varia conforme a natureza dos objetos e das ações presentes em cada período histórico, pela “materialização da organização ou da desorganização das sociedades” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 89).

Parece ser no espaço que os acontecimentos se concretizam ou não. Na medida em que esse espaço geográfico equivale ao todo complexo composto pelo local físico mais a vida que o anima (SANTOS, 2008), gera mudanças e é modificado pelos (des) encontros dos sujeitos, se substantivando por acréscimos, reduções e substituições. O espaço turístico parece surgir das emergências dialógicas das partes deste todo geográfico, constituindo-se numa complexidade “híbrida, sin que los objetos tengan significados independientes” (CASTROGIOVANNI, 2007, p.8), tal qual o espaço que o substantiva (SANTOS, 2008).

Na interface com a atividade turística, o espaço geográfico é usado frequentemente na elaboração e na transmissão do contexto onde o Turismo acontece. Pode ser também considerado como algo que, pelo menos em parte, é construído e valorado pelos sujeitos envolvidos na prática turística (CROUNCH *et al.*, 2001), a partir das relações e contradições que tecem com o local.

O entendimento do que pode vir a ser o Espaço Geográfico, com as suas categorias, [...] parecem ser instrumentos fundamentais na amplitude da compreensão do Turismo. O Espaço Geográfico é um *ponto* de conexão entre todos os Lugares, Não-Lugares e Entre-Lugares. Tem sido o todo, que envolve as partes, mas que é menos que a soma das partes. Parece representar o *todo* espacial *turístico* (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 313).

O espaço turístico, por princípio hologramático, não se difere do todo, sendo significado e (trans) formado pelos sujeitos sociais em um determinado curso da história, e que por recursividade é também propulsor das manifestações de sua época. No entanto, ainda enquanto parte se distingue no todo por sua densidade simbólica, que parece se materializar em estruturas fixas e movimentos fluidos para sustentar o fazer-saber-estar do Turismo. Essas semelhanças e diferenciações com o espaço geográfico não fazem parte de lados opostos do fenômeno. Cada parte, pela complexidade do fenômeno, está auto-eco-organizada em relação às outras partes e ao todo.

Com enfoques e demandas próprias, ainda que globais, o espaço turístico parece ser tecido pelos movimentos momentâneos de sujeitos imbuídos de representações, que mobilizam interrelações plurais e tende a provocar a reestruturação do espaço para o seu acontecer. Observamos que, em grande parte de suas ocorrências, costuma estimular ações ideológicas através de seus objetos produzidos intencionalmente para o consumo do turista e para o desenvolvimento econômico (e algumas vezes social) da população que recebe. Em sua ideologia, divulga as certezas de felicidade em um tempo de lazer que se associam as realidades locais no evento presente. Afins ou contraditórios, os sistemas precisam interagir ou reagir, pela presença dos novos objetos e de suas ações. Pensamos ser com o olhar sob esse prisma que

“espaços turísticos também podem ser apresentados como sistemas de objetos naturais artificializados, pois o consumo deste espaço cria artificialidades para atender a demanda. Ao mesmo tempo, as ações estão organizadas em sistemas artificializados e cada vez mais tendem a finalidades estranhas ao lugar e aos seus habitantes. As contradições entre objetos existentes no lugar e ações determinadas fora do lugar tendem a ser materializadas através dos conflitos entre habitantes e turistas.” (ANJOS, 2001, p.129).

Inseridos nesse contexto, os sujeitos turistas potencializam comportamentos em si e nos outros com quem se relacionam, que são tanto possibilitadores da (entre) *lugarização* do turista, a partir do espaço vivido e apreendido, quanto de certa estranheza (positiva e negativa) do nativo para seu próprio lugar, que recorrentemente coloca em xeque identidades e paisagens.

Os sistemas de objetos, em sua materialidade, parecem dar ao espaço turístico característica de fixo. Os fixos podem ser exemplificados pelos atrativos turísticos, instituições, infraestrutura turística e de apoio. No entanto, como relata Rodrigues (1999, p. 62), “o espaço do Turismo é essencialmente fluido, porque por natureza implica mobilidade

horizontal e vertical”. A fluidez que se caracteriza no deslocamento, no capital financeiro, na influência da mídia e na sua composição imagética imprime formas para sua sustentação que convergem na (re) construção do próprio espaço.

A maneira pela qual nos deparamos com as formas são, pelo menos em parte, significativas do espaço e do encontro de um jeito personificado e envolvente, em que pese as representações sociais. “Culturas, lugares, lembranças, ações e tempo são assim incorporadas ao nosso corpo”. (CROUNCH *et al.*, 2001, p. 259, tradução nossa<sup>27</sup>). O espaço turístico parece ser um meio através do qual o turista negocia o seu mundo, para poder construir seus próprios significados. Acreditamos, nesse momento, que os significados construídos se diferem de acordo com os intertextos de cada sujeito, potencializando a construção de lugares, de entre-lugares e/ou de não-lugares.

É nessa dimensão que o espaço turístico e o sujeito parecem coexistir, onde um é o reflexo do outro, pois ambos tendem a serem reflexos da sociedade e do meio em que se articulam e se retroalimentam. Na globalização, esses reflexos assumem uma esfera densa de simbologias e representações que são difundidas pela ação comunicativa que ocorre na dialogicidade entre o local e o global. “Actualmente ya no se hace referencia a contradicciones entre lo local y lo global ya que em la diversidad existente em ambos se complementan.” (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 18). A ordem espacial é assim constantemente recriada, com os objetos se moldando às forças externas ao mesmo tempo em que encontram a lógica interna (SANTOS, 2008), em um entrelaçamento que não se desenodaa sem deixar vestígios de um no outro. Ou será que ainda conseguimos separar o que local e o que é global?

Nesse sentido, pensamos neste momento, ser necessário investigar as ordens que compõem o espaço para que as produções sociais sejam mais elucidativas de quereres socialmente justos, de alterações responsáveis com o ambiente, de coletivos coesivos sem que se anulem cada sujeito. Segundo SANTOS (2008, p. 239), o meio técnico-científico-informacional requalifica o espaço para, sobretudo, garantir os interesses hegemônicos e o incorpora às novas correntes mundiais, consolidando a “cara geográfica da globalização”.

O Turismo, enquanto atividade de encontros, como tangenciamos, pode servir para que experiências sejam compartilhadas a fim de criar uma rede solidária de iniciativas humanizadas para uma consciência planetária. Com representações sociais contestadas sob

---

<sup>27</sup> N.T Cultures, places, memories, actions, and time are embodied. (CROUNCH *et al.*, 2001, p. 255).

um olhar complexo, acreditamos que os sujeitos poderão se relacionar com maior autonomia e respeito no espaço. Essas reflexões encontram amparo em Castrogiovanni (2004a, p. 7), para quem o

Espaço Turístico nasce para cada Sujeito, quando este, empregando o seu conhecimento, enquanto fazedor de uma Cultura, contextualiza as Formas. Com isso, o Sujeito constrói uma Imagem e constitui o Entre-Lugar *turístico*. A Comunicação, de maneira geral, parece querer balizar/substituir esta ação construtora através de um intertexto *coletivo* posto, cada vez mais globalizado. A Escola está inserida neste contexto.

Mesmo com as suas racionalidades e irracionalidades, integrando horizontalidades e verticalidades, pensamos que o espaço turístico pode proporcionar uma saudável estranheza do lugar de cada um, na negociação do espaço do eu com o do outro. “Ao encontrar o espaço, o turista também encontra o seu, ou a si mesmo”. (CROUNCH *et al.*, 2001, p. 255, tradução nossa<sup>28</sup>).

Na comparação do lugar com o lugar do outro nesse espaço turístico que negociamos e que pode nos lugarizar ou não, reside a possibilidade de um desequilíbrio na autorreflexividade que parece poder mobilizar nossas estruturas mentais, elevando os processos cognitivos.

É importante sabermos que, para conhecermos o Espaço Turístico, devemos compreender as relações, que são estabelecidas, sendo necessário aprendermos que devemos reaprender incessantemente, ou seja, aplicarmos o Princípio da Reintrodução, pois o Espaço Turístico é dinâmico e tende a acompanhar o movimento social. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 92).

Acreditamos que esse contexto pode fomentar o que Crouch *et al.* (2001, p. 255, tradução nossa<sup>29</sup>) chamam de “conhecimento leigo, ou, em termos de espaço, uma leiga geografia”, com referência a todos os tipos de contextos e representações que produzem sentidos no próprio indivíduo, aproximando da geograficidade que nesse caso se figura no universo do turista.

Para os autores, o mundo do turista ao se configurar, e seguir se reconfigurando no processo da atividade, gera conhecimentos que podem ser significativos para o reconhecer dos lugares/espacos formando uma narrativa particular da viagem no estar-ser turista (CROUNCH *et al.*, 2001). Na complexidade e integração do espaço turístico é que está a dialógica do estar-

---

<sup>28</sup> N.T. In encountering space the tourist also encounters her - or himself (CROUNCH *et al.*, 2001, p. 255).

<sup>29</sup> N.T. that is, lay knowledge, or, in terms of space, a lay geography (CROUNCH *et al.*, 2001, p. 255).

ser-aprender do sujeito turista, do viver-ser-trocar do sujeito habitante que recebe o turista, do local e do global.

[...] do que parece produzir o Espaço Turístico. Assim, pensamos que é um *circuito gerador*. Os indivíduos humanos produzem a sociedade nas interações e pelas interações. Por isso numa *viagem*, todos, enquanto parte, devem se fazer presentes, pois à medida que emergem, há a necessidade do diálogo entre os diversos e opostos saberes dos Sujeitos, produzindo a própria viagem, o todo; fornecendo, através do próprio saber que é dialógico, a Complexidade, em que múltiplas formulações de verdades provisórias, que orientam, momentaneamente, a viagem, estabelecem o rumo. A consciência da Complexidade para *navegar* implica um novo teorizar e praticar *atitudes e latitudes* do saber. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 166).

O espaço é interpretado individualmente ou intersubjetivamente, tanto quanto socialmente, por seus lugares e paisagens valorizadas, sendo os fenômenos observados como parte de um fenômeno maior, ou seja, não como uma soma de objetos próximos uns aos outros, mas de forma simultânea. Por isso, parece-nos que o espaço turístico e suas dinâmicas não podem ser explicados por categorias isoladas, tão pouco por categorias apenas emprestadas de outros espaços, uma vez que suas lógicas tendem a serem híbridas. Conforme Anjos (2001, p. 132) “Os espaços apropriados pelo Turismo, os territórios turísticos, apresentam relações de produção e consumo do espaço, de forma diferente daquelas tratadas tradicionalmente”.

No espaço turístico a diversidade parece ser atrativa, sendo que o diferente chama a ser valorizado, a natureza ganha significado para ser vivida e como um recurso a ser consumido, a cultura renasce para ser apresentada, o familiar precisa estar em algum local de descanso, as emoções e os movimentos são almejados, o distante e retirado é alcançado. Como sintetiza Castrogiovanni (2004, p. 138), “no Turismo, consumimos, destruindo e produzindo o Espaço Turístico. Esta é a dialógica. Como compreender esta situação, sem a Transdisciplinaridade?”

Essa estranheza dialógica transversal, que também abre *espaço* para relacionar o Turismo e o Ensino de Geografia, parece ser uma possibilidade cognitiva de curiosidade em (des) cobrir a paisagem, de nos relacionar com o lugar, indo além de sua aparência, que pode levar a repensar as racionalidades hegemônicas, tanto quanto as nossas responsabilidades para com a (trans) formação do espaço.

### 3 OS NÓS E OS PONTOS (EUS): NARRATIVAS DA PRAIA

#### **Pontos: as texturas que arremetam o bordado**

Os pontos, que dão a textura ao desenho do bordado, têm seus conceitos e sua discussão tecidos nos capítulos a seguir conferidos à triangulação dos dados. Com nossa eleição pela técnica de codificação, compreendemos que os conceitos são gerados a partir da organização dos dados coletados, por isso a revisão teórica do nosso local de pesquisa-Garopaba, da paisagem e do lugar está imbricada à análise. De toda forma, iniciamos pela discussão teórica que sustenta nosso olhar para então podermos mirá-los com um olhar mais aguçado na análise dos dados.

#### **3.1 A colheita do mar: Garopaba**

Quando a gente colocou a pensão não tinha turista ainda. Fizemos esses quartos, repartimos de madeira. Não tinha luz, o banho era água fria. O tio Joca mandou colocar o nome hotel, mas era pensão. Mas no primeiro ano, abrimos dia 20 de janeiro de 1961, antes de Garopaba ser município, invés de ser os caixeiros viajantes foi o turista que veio. Foi gaúcho e de Tubarão e de São Joaquim. [...] Olha eles dizem que quando eles vieram a primeira vez, se eles retornassem só agora de novo, eles não conheciam mais Garopaba. [...] O banho de mar era reservado. É foi o Turismo que incentivou sabe, né. Na época em que eu me criei a única pessoa que ia na praia de maiô era a minha professora, mas o maiô era inteirinho. Depois é que começou a vestir assim, mais degotadinho, com as costas mais de fora. Aí quando entrou mesmo o Turismo então, não teve mais nada, não teve mais diferença, quem era de fora e quem não era. Porque o Turismo pode mudar até os costumes das pessoas. (Sujeito Ator do Turismo 2).

A citação da moradora Vanda Lobo (Sujeito Ator do Turismo 2), proprietária do primeiro hotel da cidade, é emblemática sobre a importância do Turismo nas transformações de Garopaba. No entanto, o personagem principal da história de Garopaba, anterior ao

Turismo e junto a essa atividade, parece-nos ser o mar. Para entender as relações do mar e do Turismo com o município, que representam um significativo meio de desenvolvimento econômico e social, recorremos ao processo geográfico-histórico.

Contextualizar Garopaba nos parece ser uma aventura importante para compreendermos, provisoriamente, o espaço turístico e os objetivos específicos dessa pesquisa, em especial o objetivo a, com o olhar histórico e geográfico das transformações do espaço local, e o objetivo b, quanto às motivações para o Turismo Litorâneo. “O Turismo é um fenômeno complexo, não podendo ser compreendido sem uma perspectiva histórica” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 52).

As produções sobre a história local vinculadas ao Turismo, apesar de incorporarem documentos históricos, estão ligadas sobremaneira à fala dos habitantes. Dessa forma, nos fazemos valer das entrevistas realizadas na pesquisa para enriquecer o texto. A história de um lugar é continuamente construída por seus sujeitos através das formas herdadas, simbolizadas nas memórias, nas representações e nos imaginários, produzidos nessa relação espaço/tempo.

Acreditamos, nesse momento, que o município de Garopaba é um retrato do Turismo Litorâneo no Brasil, por isso traz em si o todo do litoral brasileiro. O Brasil está no mundo, assim contém o mundo nas suas representações globalizadas. Por esse viés, entendemos que Garopaba traz hologramaticamente e sistemicamente o mundo complexo em si. É repleta de movimentos dialógicos em uma relação de recursividade organizacional com os sujeitos que a habitam e a visitam.

O município, situado no litoral catarinense, é uma enseada que se estende da praia da Gamboa até a praia do Ouvidor. O relevo, na maior parte do município, está em ambiente de planície litorânea com áreas planas e onduladas, costões de formação granítica, dunas e restingas, “tendo o mar como influência direta dessa configuração” (FARIAS; LUZ; NEU, 2011, p. 11)<sup>30</sup>.

O clima de Garopaba é mesotérmico úmido, sem estação seca. Controlado por massas de ar frias e quentes, as quatro estações são bem definidas, sendo que no inverno pode atingir 10° C e no verão pode alcançar 38° C, quando normalmente, na atualidade, o mar estará lotado de pessoas. A Massa Tropical Atlântica atua mais frequentemente na primavera e no verão e a Massa Polar Atlântica no inverno e no outono. (FARIAS; LUZ; NEU, 2011).

Com 111 km<sup>2</sup>, o município faz limite com Paulo Lopes a norte e a oeste, com Imbituba

---

<sup>30</sup> O livro Uma aventura pela história de Garopaba, de FARIAS, Deisi; LUZ, Elaine Coelho; NEU, Márcia (2011) foi elaborado com o objetivo principal de proporcionar aos alunos do Ensino Fundamental os conhecimentos básicos sobre a História e Geografia do município.



ao sul e é banhado a leste pelo Oceano Atlântico. Distante 90 km de Florianópolis (capital do estado) e a 415 de Porto Alegre (capital do Rio Grande do Sul), seu principal polo emissor de turistas. (PREFEITURA MUNICIPAL DE GAROPABA, 2011).

As praias parecem ser seu principal atrativo. O balneário turístico costuma ser especialmente reconhecido por suas praias, pelo surf e atualmente também pela observação de baleia. A cidade foi inclusive referenciada como a “capital catarinense do surf” até o ano de 2009, o que se deve, talvez, ao fato da Empresa Mormaii<sup>31</sup> ter sido gestada na cidade.

Para as sete praias de Garopaba (Figura 22) temos a característica de cada uma contar com diferentes representações sociais de seu ambiente. Segundo o Guia de Turismo de Garopaba - Verão 2011, veiculado pela Prefeitura Municipal (2011), as praias são: “familiares (Garopaba e Ouvidor), sossegadas (Siriú e Gamboa), bonitas (Silveira) e cheias de surf, e esportes radicais com muito agito noturno (Ferrugem)”<sup>32</sup>.

O município, no entanto, também se incorpora para além do mar. Interiorizando há muitas áreas rurais com um cotidiano bastante diferenciado do da cidade. Na maior parte dessas localidades, ir a “Garopaba” (região central) é um evento que requer tempo, vestuário mais formal e transporte público. Atrativos turísticos culturais e históricos, como alambiques, engenhos de cana e de farinha, e atrativos naturais com cachoeiras e mirantes potencializam o Turismo em rota rural.

O diálogo com o mar e com *seus frutos* são os marcos que diferenciam as épocas históricas pelas quais constituímos a trajetória de Garopaba. É através dessa perspectiva do mar que dividimos a história de Garopaba em três momentos. O primeiro apresenta o mar como local de coleta e de pesca para subsistência. A pesca é uma atividade que permanece importante em Garopaba até a atualidade, mas com o tempo outras práticas foram associadas ao espaço marinho, como a caça da baleia, abordada no segundo momento, e o Turismo, discutido no terceiro.

Iniciamos uma viagem por Garopaba, com seus pescadores, redes de pesca, carroças, baleias e turistas.

---

<sup>31</sup> Mormaii é dos maiores fabricantes de artigos para surfe e de *beachwear*, uma marca reconhecida pelos praticantes do esporte e que exporta o nome de Garopaba a vários países. A empresa está localizada em Garopaba, pertence ao gaúcho Marco Aurélio Raymundo, surfista conhecido como Morongo, que veio como turista a Garopaba no final da década de 1960. Morongo decidiu morar no município e foi o primeiro médico local. Em um inverno começou a construir roupas de surf que o protegesse das águas geladas, até que montou a fábrica da Mormaii. A Mormaii, provavelmente, incrementou muito a vinda de turistas para o município.

<sup>32</sup> Fazemos três ressalvas ao Guia da prefeitura: i) há ainda a praia da Vigia (ou da Preguiça), frequentada principalmente por famílias, ii) as melhores ondas para o surf de acordo com muitas publicações especializadas e, de maneira geral, pelos surfistas é a Silveira, iii) há esportes radicais na Vigia e na Silveira.



**Figura 22.** Município de Garopaba, com enfoque em suas praias a propósito do tema de estudo. Elaborado pela autora, imagem gerada a partir das imagens do *Google Earth* (2011).

### O mar para subsistência

Apoiado principalmente em Bitencourt (2003), que reconstrói a história do município até o final do século XX, temos que a ocupação do litoral catarinense remonta há sete mil anos. Os principais testemunhos dos primeiros grupos que povoaram a região são os sambaquis<sup>33</sup>, que ainda podem ser encontrados no município.

Quando os europeus chegaram a Garopaba, no início do século XVI, encontraram o litoral de Santa Catarina (SC) ocupado pelos Carijó, sendo esse grupo uma das principais

<sup>33</sup> Sambaqui (do tupi *tamba'kĩ*; significa monte de conchas), também conhecido como casqueiros na região catarinense, são sítios arqueológicos de populações pré-históricas que depositavam materiais orgânicos, como restos de alimentos, enfeites, artefatos cerâmicos e líticos, calcários, e até sepultavam corpos, empilhados ao longo do tempo formando montes.

bases étnicas do povo litorâneo do estado. Os Carijó<sup>34</sup>, grupo Tupi-Guarani, dominaram a costa por aproximadamente quatro séculos, alimentando-se da pesca, da caça e de produtos da terra. Essa etnia é descrita por sua relação com o mar, por seu caráter pacífico em receberem bem os navegadores.

A fundação de Garopaba remete ao ano de 1692, estabelecida pelos colonizadores portugueses. Com o objetivo de garantir a posse do território e o acesso ao Rio da Prata, a Coroa Portuguesa, por volta de 1750, envia habitantes do Arquipélago dos Açores para ocupar o Brasil Meridional (BITENCOURT, 2003). Esse povo, que também tem forte ligação com o mar, é a segunda principal base do povo de Garopaba. (BESEN, 1980).

De um primeiro contato amistoso entre os carijós e os açorianos, o confronto se instala com os portugueses escravizando e posteriormente dizimando a população indígena.

Nas narrativas dos sujeitos entrevistados vimos uma representação social dos portugueses como povo meigo, ingênuo e que seus descendentes atraem ao Turismo por essas características. A narrativa do sujeito Veranista 1 revela um desses olhares, quando conta:

Esses dias um menininho, de 14 anos, disse assim, eu sou filho de pescador, eu sou pescador, aquilo foi tão lindo assim, soou como uma verdade tão poética, uma coisa tão, que não alterou. E eu espero que não altere. Eu não sei se vai alterar, tanto que permaneceu. Desde aquela época tinha essa candura, essa coisa ingênuo, que é característico do povo açoriano né, do povo português, que nos atrai aqui em Garopaba. (Sujeito Veranista 1).

Essa representação social não parece ser a mesma que o povo indígena poderia ter dos açorianos. Outra representação social histórica, que também integra a memória coletiva da população nativa, mistura o caráter receptivo dos Carijó ao dos açorianos.

Essa pode ser sentida no relato do sujeito entrevistado Ator do Turismo 2, que quando questionado acerca das motivações dos turistas para Garopaba nos diz: “É o pessoal, o pessoal amigo. E não é porque a gente é daqui, mas o pessoal é tudo amigo e isso é desde sempre”. Reforçando essa representação social temos o sujeito entrevistado Professor de Geografia 2: “É, ela não tem atrativos culturais, né, mas ela tem um aconchego, uma coisa assim da população, do nativo, que faz com que as pessoas voltem, que é assim, o povo daqui, recebe bem as pessoas, e querendo ou não, isso faz parte da nossa história”.

---

<sup>34</sup> O nome do município Garopaba tem sua origem associada a essa etnia que chamava as baías que favoreciam o acesso as canoas de Ygara-Mpaba. Um fato histórico interessante associado ao povo Carijó também é de que por alguns anos sobreviventes e esquecidos, principalmente de navios espanhóis e franceses se integraram à tribo. Foi nesse convívio que os europeus ouviram sobre a existência de um rei branco e de uma montanha de prata e ouro no interior das terras, provocando assim o sonho e depois a viagem de espanhóis até o Peru e Bolívia, no território inca, colocando o caminho Peabiru na história.

Nesse sentido, as representações sociais são verdades socialmente aceitas e cristalizadas no imaginário coletivo de uma população. É importante valorizar o passado, mas essa apreciação parece ter importância de fato quando é investigada e compreendida em seus contextos. “Todas as culturas tem virtudes, experiências, sabedorias, ao mesmo tempo que carências e ignorâncias. E no encontro com seu passado que um grupo encontra energia para enfrentar seu presente e preparar seu futuro.” (MORIN, 2000b, p. 77).

As formas passadas, aqui estimadas, parecem denotar um desconhecimento da história por parte de seu povo. A suposta cristalização do comportamento parece estar mais substanciada em uma busca de autoafirmação da identidade do que na valorização das formas herdadas. Acreditamos na necessidade do princípio da reintrodução do conhecimento, para superarmos a descontinuidade da história e a desintegração do conhecimento.

[...] há de um lado as Formas criadas e, de outro, as Formas criadoras, aquelas que, após construídas, como que se levantam e se impõem, como aquilo que o passado nos herda e implica uma submissão do presente; um presente submetido ao passado exatamente através das Formas cuja estrutura devemos reconhecer e estudar. (SANTOS, 1994, p. 72).

Parece sermos, nós, os sujeitos que construímos, inventamos, selecionamos e cremos na história dos lugares que habitamos e frequentamos. As ações e os objetos do espaço são temporais e intencionais, como explica Santos (2008). As formas com realce de criadoras são criadas pelos sujeitos tanto quanto criam os sujeitos, bem como a sociedade e o lugar. Dar luz ao passado parece ser iluminar o futuro.

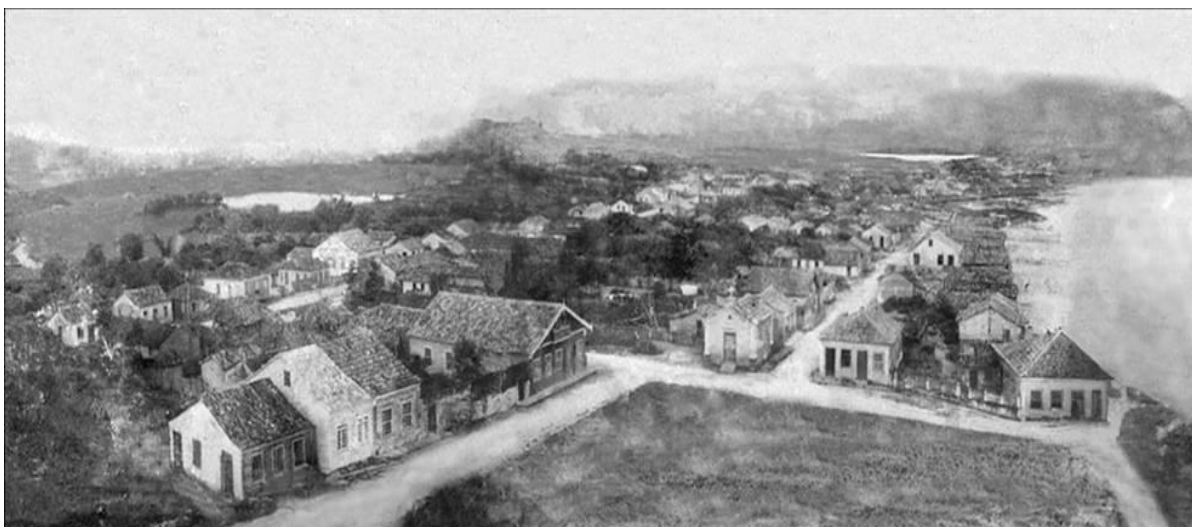
### **O mar do extrativismo das baleias**

No final do século XVIII, com a povoação açoriana já estabelecida, é instalada a Armação São Joaquim de Garopaba, responsável pelas atividades de pesca das baleias e que impulsiona o desenvolvimento do município. Com as armações as baleias, geralmente a baleia franca por ser considerável presa fácil, eram caçadas e delas retiravam, para fins comerciais, as barbatanas e a carne, que era frita para extraírem o óleo usado na construção e na iluminação de ruas e casas. O fim da caça à baleia se deu com a descoberta do petróleo que fez substituir o óleo e a fabricação de cimento que daria liga às massas nas obras. Essa intensa exploração da baleia fez com que diminuísse a sua avistagem no litoral por muitos anos.

No decorrer do século 19, São Joaquim de Garopaba é elevado à freguesia, as atividades da Armação São Joaquim de Garopaba findam, e as principais atividades

econômicas voltam a ser a pesca artesanal, realizada principalmente na região central, e a agricultura familiar, em pequenas propriedades do interior. (CARVALHO, 2011).

A elevação de Garopaba a vila deu-se em 1890 e no início do século XX a vida no povoado se transformava com o crescimento do número de moradias e as casas de comércio, principalmente no núcleo da cidade. Na Figura 23, podemos observar como era o centro da Vila de Garopaba na década de 1920.



**Figura 23.** Região central da cidade em 1925, vista a partir da Igreja Matriz. Local hoje é denominado centro histórico. Fonte: Disponível em : <<http://ferrugem.org/>>. Acesso em: 4 out. 2011.

Em 31 de dezembro de 1961 a vila de pescadores é emancipada. O município de Garopaba contava com a rodovia SC-434, ligando Araçatuba (bairro de Imbituba, situado à margem da BR-101 atualmente) ao centro de Garopaba, uma escola Mista Estadual Desdobrada, uma farmácia, um time de futebol<sup>35</sup>, transporte público coletivo que fazia diariamente a linha Garopaba-Laguna, mas seguia sem luz elétrica, tendo apenas o gerador do “Estefal”<sup>36</sup>. (BITENCOURT, 2003, p. 105).

O atraso com a urbanização de Garopaba pode ser relacionado com a política nacional da época colonial que não priorizava o litoral. Guardando as especificidades dos lugares, podemos dividir os municípios brasileiros litorâneos quanto ao seu desenvolvimento: alguns se desenvolveram rapidamente com a construção de portos e outros percorreram uma trajetória de *estrada de chão* até o mar, como foi o caso de Garopaba. À exceção dos destinos

<sup>35</sup> Time de futebol Nereu Ramos Futebol Club.

<sup>36</sup> Oswaldo Westphal, conhecido como Estefal, fez história em Garopaba. Veranista desde 1952, o morador de Braço do Norte instalou gerador de energia a óleo diesel que forneceu a primeira energia elétrica ao povoado em 1959, funcionando das 18h às 22h, abastecendo as poucas casas que pegavam uma taxa por “bico” (p. 104).

turísticos de Rio de Janeiro e de Foz de Iguaçu, esses demais pontos do Brasil eram praticamente ignorados pelas políticas. (DANTAS, 2009).

O interesse maior no Brasil estava nas terras do interior, com a agricultura e com a exploração de minérios, servindo o litoral como ambiente de chegada e de partida dos produtos. “No Brasil, em virtude do caráter interiorano da elite, a ocupação para moradia da zona de praia teve pouca atração para as classes mais abastadas, reforçando o caráter do litoral como lugar de moradia das classes mais pobres” (DANTAS, 2009, p. 37).

A herança dessa política nacional pode ser sentida até hoje. “O processo social está sempre deixando heranças que acabam constituindo uma condição para as novas etapas” (SANTOS, 2008, p. 140). A formação presente não pode ser explicada sem as formas herdadas. Os processos que constituem o espaço envolvem uma redistribuição das formas que não são indiferentes às condições preexistentes. Essas formas já existentes que permanecem no espaço atual retratando o passado são conceituadas por Santos (2008) como rugosidades.

O que na paisagem atual representa um tempo do passado, nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os Lugares. As rugosidades se apresentam como Formas isoladas ou como arranjos. (SANTOS, 2008, p. 140).

Em Garopaba, a antiga sede do escritório da Armação Baleeira é uma rugosidade que conta a história de um tempo de caça a esses mamíferos, que também vem à tona com o movimento das marés que esporadicamente desenterram ossadas nas areias da praia central. Essa rugosidade parece confrontar e complementar o Turismo de Observação de Baleia, que cresce a cada ano, bem como o número de baleias que chegam até as costas catarinenses. O antigo escritório hoje abriga a loja de artesanato. As formas herdadas são remanejadas e ressignificadas com as práticas atuais, sustentando um papel importante na localização dos novos eventos.

A permanência dos Lugares depende da sua história. A história do Lugar *turístico* parece estar atrelada às Formas, que identificam o Lugar, não como um dado escrito, passivamente, mas como um dado ativo, embalado pelo movimento da própria sociedade, e esse fato não pode fugir da nossa *viagem* (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 248).

O interessante tende a ser as formas do passado valorizadas e contextualizadas às formas presentes. A compreensão da história enriquece o presente. Como no Turismo, o atraente parece ser a mistura, dos nativos com os turistas, das linhas onduladas dos costões com as linhas retas da praia. O contínuo processo de produção da história não ignora as rugosidades. Segundo Castrogiovanni (2004, p. 251), “parece ser o conhecimento aplicado às rugosidades que despertam para o tempo de modernização presente e dão novos sentidos às Imagens já existentes, as quais auxiliam a construir o Imaginário do Lugar *turístico*”. Nesse sentido, as rugosidades devem ser valorizadas, ainda que suas novas funções sejam limitadas pela própria velha estrutura. Acreditamos, nesse momento, que com conhecimento e criatividade essas limitações tendem a serem superadas e, ao serem, dão originalidade ao lugar e fortificam identidades.

### **O mar para desfrutar - Garopaba: cidade turística**

Vai ser apenas no século XX que no Brasil o litoral, lugar dos pescadores ou dos portos, ganha importância e começa a se configurar como uma zona mais valorizada do território. As transformações locais que levam à valorização do espaço litorâneo parecem estar relacionadas à moda da elite europeia, e posterior estadunidense, de renovação do ser e de cuidados da saúde junto ao mar.

A melhoria dos níveis de vida, as leis trabalhistas e o desenvolvimento dos transportes e das vias de acesso transformam o Turismo em fenômeno de massa e chega aos olhares das políticas públicas brasileiras. Essa conjugação nos leva a entender, generalizando, que a racionalidade inicial das cidades litorâneas dos países em vias de desenvolvimento se dá conforme o modelo das potências políticas da época. Sem desmerecermos que o lugar Brasil, com sua paisagem litorânea, é bastante propício para os requisitos globais hegemônicos dos espaços de praia.

A origem dessa mutação não é local, ela se vincula ao novo desejo que manifestam, a partir do século XVIII, as elites europeias pelos espaços vazios que constituíam as praias: nelas se descobre as cores do mar; nelas nos deixamos acalmar pelo balanço das ondas; graças aos ventos marítimos, respiramos melhor: não seria ideal para tratar as doenças respiratórias, a tuberculose em particular? [...] É nos litorais do final do século, que as crianças e mulheres da aristocracia e da burguesia renovam suas energias, os homens se fortalecem desafiando o mar. (CLAVAL, 1999, p. 10).

Compreendemos, nesse momento, que a moda (uma representação social) marítima no Brasil parte da produção de formas e da geração de fluxos dirigidos para o litoral enquanto resultados da emergência de valores, hábitos e costumes que transformam o mar, *o território do vazio* e do medo, em espaço atraente para a sociedade contemporânea. (CORBIN, 1989; DANTAS, 2009).

As representações sociais são atualizadas com o tempo e com a cultura, sendo alteradas sucessivamente na história. “[...] à medida que a sociedade e a cultura evoluem com o tempo, podem mudar de atitude para com o meio ambiente – até inverter-se”. (TUAN, 1980, p. 86). Nosso significado e atitude em relação às formas naturais e construídas recriam o lugar, assim como no processo recursivo organizacional, as formas potencializam as representações que temos acerca delas. Como explica Santos (2008) o sujeito e objeto (re) criam-se mutuamente, sendo que eles ganham significado um à custa do outro pela empiricidade e se revelam no evento.

Segundo Tuan (1980, p. 113) “[...], em certo sentido o mar corre por nossas veias: a composição química de nosso sangue é uma reminiscência de nosso ancestral remoto dos oceanos primitivos”. O autor considera que os fatores econômicos e tecnológicos explicam o aumento do volume do movimento em direção ao mar, porém não explicam por que em primeiro lugar as pessoas acham o mar atrativo.

Acreditamos, nesse momento, que são as representações sociais, que surgem das classes hegemônicas econômicas e científicas, do mar enquanto local de gozo da saúde e do ser, que o elevam ao *status* cultural de um local importante. Nossa questão, então, parece ser: será que sem os aportes culturais que promovem a visão positiva do mar, o sangue que corre em nossas veias se identificaria com os oceanos em alguma época?

A partir da leitura de Corbin (1989), compreendemos que anterior ao século XVII as praias eram portadoras de imagens repulsivas, referindo o mar como elemento indomável e vasto, trazendo nessa representação associações com o dilúvio bíblico e com os naufrágios. Pensamos que talvez os sujeitos dessa época não gostassem muito da associação do seu corpo com o mar, ou não? O desejo do litoral parece só ser semeado na segunda metade do século XVIII, nas classes dominantes dos países do norte ocidental da Europa, período denominado pelo autor de invenção das praias.

A época clássica, com raras exceções, ignora o encanto das praias de mar, a emoção dos banhistas que enfrenta as ondas, os prazeres da vilegiatura marítima. Uma capa de imagens repulsivas impede a emergência do desejo da beira-mar. A cegueira e o horror integram-se a um sistema global de



apreciação da natureza, dos fenômenos meteorológicos e das impressões cenestésicas cuja configuração se esboça pouco a pouco a partir da Renascença. (CORBIN, 1989, p. 11).

No final do século XVII, conforme Corbin (1989), as crenças do poder no tratamento terapêutico dos banhos de mar ocasionam uma mudança de olhar para as praias, aproximando ainda timidamente a sociedade aristocrática dos espaços litorâneos. Entre os tratamentos médicos figuram os benefícios das qualidades curativas da água fria do mar e da ambiência marítima, que aceleram a circulação do sangue, acalmam as ansiedades, restabelecem a harmonia do corpo e da alma, favorecem a longevidade e a cura de doenças pulmonares e males da urbanização crescente nas cidades.

Na primeira metade do século XVIII, o mar passa a representar a força primitiva, responsável pelas formas do relevo. Durante esse período, o modelo romântico de olhar o mar também é estabelecido, onde há uma vinculação entre o estado da alma e a paisagem, com a contemplação do horizonte, do infinito e da imensidão. Os românticos fortalecem os modos de deleite da praia e acentuam os desejos de ir ao mar.

O povo que vive na praia ganha importância por ser percebido como transparente pelos estudiosos da época, adivinhando que podem lê-los em suas origens, que são primordiais e simples, e denotam admiração por sua força e robustez. “A escuta do povo das praias estimula a fantasia, possibilita o reencontro, imaginário, com o passado submerso; estabelece a homologia mais uma vez afirmada entre as profundezas do mar e as do psíquico” (CORBIN, 1989, p. 237-8).

No início do século de XIX a praia passa a ser o lugar da alegria coletiva, onde a elite se encontra para desfrutar, praticar esportes, ler, caminhar e contemplar a natureza que introduz a dramaturgia dos sentimentos. Surgem os *SPAs* de banhos e a vilegiatura marítima já é moda consagrada entre as classes europeias mais ricas economicamente. A literatura e a pintura desse período são enriquecidas pela contemplação, paixão e imaginação que o estar à beira-mar pode proporcionar. “Entre 1810 e 1840, enquanto se desenvolve essa literatura fascinada pela praia, pela gruta e pela areia molhada, a pintura das praias conhece sua breve idade de ouro” (CORBIN, 1989, p. 246).

No Brasil, temos que a primeira cidade litorânea a se desenvolver foi o Rio de Janeiro, então capital nacional, por volta da primeira década do século XX, com a construção da via litorânea e das práticas marítimas associadas ao tratamento terapêutico importadas da Europa. O hábito dos banhos de mar, “à medida que se torna prática urbana da capital federal, se espalha pelos principais centros urbanos costeiros brasileiros e, a partir da segunda metade do

século XX, por toda a costa do país” (MACEDO; PELLEGRINO, 1999, p. 157). Esse movimento se intensifica no entre guerras, quando a vilegiatura marítima e o residir na praia se tornam efeito de moda para as classes dominantes.

Tal movimento no Turismo litorâneo é seguido por sua associação ao banho de sol, quando não é somente da água que esperamos aproveitar as benesses, mas dos raios aos quais nos expomos voluntariamente. Na atualidade já passa a ser contestada a exposição ao sol, exigindo cuidados e proteção. Pensamos haver aqui uma nova representação social, que começa a se formar na nossa relação com a praia.

Esses processos de relação com o litoral podem ser percebidos também em Garopaba, ainda que com certo atraso, uma vez que o lugar, hologramaticamente, traz o mundo em si, mas tem o seu tempo de assimilá-lo.

A partir de 1960 percorremos a visão sobre as transformações sociais de Garopaba que içam a vila de pescadores e agricultores rurais a cidade turística, fator que mexe bastante com a vida e a cultura dos habitantes locais. A história de um lugar é uma produção continuada, que na aproximação das formas herdadas, das representações sociais e das suas contextualizações, o povo se reconhece, se lugariza e fortifica seu núcleo social, frente aos processos externos, tanto globais quanto dos movimentos turísticos, que como acreditamos, nesse momento, são também colonizadores.

O período inicial da segunda metade do século XX remonta a um momento importante na história da cidade, visto que dava os primeiros passos rumo à modernização e urbanização.

Os anos de 1964 e de 1966 são significativos. Prosseguindo com o olhar histórico subsidiado por Bitencourt (2003), temos o Turismo marcado pela chegada de um grupo que colocaria a cidade na mídia nacional. Em junho de 1964, o navio Mercante Brasil Mar, com uma tripulação de 20 homens, encalhou na Ponta do Vigia e foram acudidos por pescadores locais. Familiares e amigos dos tripulantes começaram a visitar Garopaba, em maior número a cada final de semana. As manchetes dos jornais, estaduais e nacionais, divulgavam o fato e a “pequena aldeia de pescadores”. Parece ser a comunicação construindo o espaço turístico.

Em 1966 é inaugurado o fornecimento de energia elétrica cooperativada, a distribuição de água encanada e muitas melhorias para o traçado urbano. O governador contrata um fotógrafo para registrar a situação de obras públicas financiadas com os recursos do estado. Manfredo, fotógrafo gaúcho, assim conhece Garopaba e diz se apaixonar pelo “pedacinho do paraíso”. Retorna outras vezes, acompanhado também de amigos, entre eles o jornalista Ribeiro Pires, que atuava nos jornais Correio do Povo e Folha da Tarde, em Porto Alegre. As reportagens com imagens de Garopaba são veiculadas por Pires e Manfredo em jornais da

capital gaúcha e região, alavancando, ainda mais, o município como destino turístico. O fotógrafo Manfredo conta como era Garopaba nessa época e sua promoção da cidade:

Garopaba vivia praticamente em torno do centro histórico. A pescaria era abundante, mas havia pouco dinheiro circulando na cidade, e a troca era uma prática comum. [...] Apesar da simplicidade, os nativos não viviam em desconforto: pela manhã, tarrafeavam o peixe que alimentava a família e assim iam levando a vida neste paraíso intocado dos anos 60. Fiz muitas fotos que foram publicadas no Correio do Povo e Folha da Tarde, ilustrando os textos do jornalista Ribeiro Pires. Especialmente os gaúchos e leopoldenses vieram para cá por conta das reportagens publicadas na imprensa gaúcha. Os hippies só chegaram depois” (Manfredo, 2010)<sup>37</sup>.

Com a divulgação na mídia, o município passou a ter seu nome associado a “Paraíso Turístico”. Excursões, em ônibus de linha, começaram a fazer parte da paisagem na enseada e as festas populares, a maioria de cunho religioso, ganham novos participantes. O rápido aumento de visitantes levou comerciantes locais a atualizarem e ampliarem suas atividades. Onde era “venda” passou a bar, onde era “secos e molhados” passou a lancheria e mercado. É o caso da família Lobo, que reestrutura sua venda e instala o primeiro hotel de Garopaba em funcionamento até hoje, Hotel Lobo, além da primeira sorveteria, da primeira casa de sinuca em Garopaba e aluguel de bicicletas.

No entanto, para a maioria dos habitantes a vida em Garopaba não parecia tanto com o paraíso. Segundo Bitencourt (2003) a população local tinha uma produção arcaica de alimentos e uma economia de escambo.

Com a cara de “sociedade alternativa”, nos anos 70, Garopaba passa a ser visitada também por incursões hippies, vindas principalmente do Rio Grande do Sul. Conforme relato do Sujeito Professor de Geografia 3,

os primeiros turistas nossos assim, que se entusiasmaram, que Garopaba era um paraíso, tudo era ainda meio natural, o espaço não tinha sido tão modificado, foram os gaúchos, e a era hippie fez com que muitas pessoas de outros lugares conhecessem através deles Garopaba. A vila de pescadores, o camping, não era um camping, você encontra uma grama e coloca a sua barraca. Eu vivi bem esse tempo. Então esses foram os filhos que foram trazendo os pais, e os pais foram gostando e acharam o lugar maravilhoso, compraram um terreno, construíram uma casa.

---

<sup>37</sup> Texto indicado em conversa informal. Disponível em: <<http://www.guiagaropaba.com.br/cultura.php>>. Acesso em: 29 set. 2011.

Na figura 24, observamos tais turistas nas suas barracas à beira-mar. Esses visitantes também costumavam ficar nas casas de pescadores, nos ranchos de pescas e mesmo dormiam dentro de canoas. (BITENCOURT, 2003)



**Figura 24.** Acampamento dos turistas ditos hippies na década de 1970: Morro da Vigia, canto sul da praia de Garopaba. Foto cedida por Carvalho, seu arquivo histórico.

Os pescadores, para os hippies, pareciam ser os anfitriões perfeitos que davam abrigo, contavam suas histórias do mar e ensinavam a pescar.

Daí tinha ido pescar com o Seu Gigi, um dos mais antigos de Garopaba, faleceu agora há pouco, e aí eu pedi se ele me ensinava a pescar no costão, porque eu nunca tinha ido pescar no costão, eu pescava na praia, que lá no sul a gente pesca na praia. Aí eu fui pescar lá no costão com ele, ele me ensinava assim, né, como caminhar nas pedras, como é que tinha que fazer, como é que tinha que jogar a linha pra puxa e não traçar, pra amarrar o anzol. (Sujeito Morador 2).

Atraídos pela beleza natural e simplicidade de vida dos “locais”, lembrando o modelo romântico europeu dos séculos 18 e 19, a relação dos turistas hippies com os pescadores parece ser de admiração, que remetiam os visitantes a sentimentos de liberdade e de força pelo contato com a natureza. Segundo Corbin (1989, p. 241):

Esse território do vazio, onde a propriedade é abolida, onde o objeto readquire sua disponibilidade original, aparece, nesse domínio também, como o lugar de uma legítima colheita. [...]. Nesse teatro manifesta-se em tais eventualidades, diante dos olhos do observador ou na imaginação do leitor, a energia do povo das praias, cuja “poderosa seiva” compensa a ausência de civilização.

Nesse contexto de interação cultural, a vida dos habitantes, baseada num forte cunho religioso, sobretudo da prática católica, sofreu alterações. Os novos hábitos trazidos pelos turistas causam estranheza à população local e parecem modificar suas representações sociais. Ao descrever o cotidiano de Garopaba na época, Carvalho (2011) evidencia a reação indignada dos moradores diante das turistas em trajes de banho, a quem chamavam de “sem-vergonha”. Isto se devia, em parte, ao fato da prática do banho de mar não ser muito comum, principalmente, entre as mulheres. O sujeito Professor de Geografia 2 relata tais mudanças:

E hoje essas mesmas que se banhavam vestidas elas já colocam maiô, sim, já é a mudança. É uma coisa que a gente percebe que foi mudando ao longo do tempo, nós não tínhamos esse comportamento turístico e hoje a população já é de ir à praia tomar banho, ficar tomando sol, antes a gente ia é pra se refrescar. Hoje a gente vai pra praia pra tomar sol, pra ficar tomando caipirinha e tudo mais, ela adquiriu esse hábito do turista. Isso é uma grande transformação.

Contudo, as modificações no cotidiano observadas principalmente na região central não tiveram tanta influência à maior parte da população, que vivia nos bairros mais afastados onde as atividades pesqueiras e agrícolas desenvolviam-se ainda de forma extensiva. São as várias Garopaba que permanecem até hoje. Garopaba conservava aspectos do interior mesmo na cidade, como observamos na Figura 25, que era também fator de forte apelo turístico para as elites da região que buscavam a paisagem bucólica à beira-mar, e para os hippies que almejavam pela simplicidade no estilo de vida.



**Figura 25.** Região central da cidade na década de 1970. Foto cedida por Carvalho.

Muitos dos turistas que vêm a Garopaba começam a comprar terrenos e a fazer do lugar seu local de férias para veraneio. “Por sua vez, a vilegiatura marítima intensifica o processo de incorporação da zona de praia à tessitura urbana” (DANTAS, 2009, p. 47). Assim, a rápida valorização imobiliária traz uma grande circulação econômica. Para muitos que chegavam a Garopaba o valor dos terrenos era barato, porém para quem vendia, uma fortuna. No curto espaço de tempo, entre a chegada da energia elétrica em 1966 e o asfalto em 1986, 60% de Garopaba já não pertencia aos que *herdaram este paraíso*.

A aquisição de terras para venda cometeu uma injustiça, enriquecendo poucos em detrimento de muitos. Na época refrigerador, televisores e produtos de primeira necessidade circulavam como moeda na compra de terras que hoje valem milhões. A partir de então tudo passa a ter outro valor. [...] Quem sabia mais ganhava mais, quem sabia menos perdeu o que tinha. Os primeiros a fazerem contato com os ‘gaunchos’, até hoje sinônimo de turistas, e ouviram suas sugestões saíram na frente com grande vantagem (BITENCOURT, 2003, p. 117).

Na narrativa do sujeito Professor de Geografia 2, vemos como essa dinâmica modificou o olhar dos nativos para com seu território.

A gente trabalha com essa época, que é (a década) 70, quando, é na verdade, a gente via os hippies chegarem em Garopaba e é quando começa mesmo a ser visitada por pessoas que tinham um outro olhar que não era aquele olhar nosso, que morávamos aqui. Uma outra visão né, tanto é que essas pessoas que começaram a vir pra cá começaram a comprar toda a praia, a adquirir terrenos que a gente não tinha essa visão, mas eles tinham uma visão de crescimento turístico. Então por isso a praia é toda tomada hoje por pessoas que não são daqui, que são de fora, com a visão empreendedora que as pessoas que chegavam tinham que nós não tínhamos.

Nas décadas de 1980 e 1990, o desenvolvimento da região ganha novo impulso com o Turismo que amplia as possibilidades de renda, principalmente na região central da cidade, com os trabalhos de lavadeiras, arrumadeiras, pedreiros, comerciantes, vendedores. No cotidiano, o dinheiro passou a ter mais importância, sendo parte das transações rotineiras.

Como eu morava no centro, a minha infância e juventude foi toda ali. Então a minha irmã mais velha cuidava da casa de um pessoal de fora. Dez, doze casas. A gente fazia tudo, limpava, cozinhava, cuidava, eles pagavam e a gente retribuía. Mas aí já pagavam com dinheiro, né, na época da minha mãe não era bem assim. (Sujeito Morador 4).

As influências do Turismo na cidade são diversas, extrapolam as questões de

urbanização, econômicas e políticas. Enquanto um fenômeno complexo, toca nos costumes e nas maneiras de se relacionar com o ambiente.

No inverno, com as baleias na costa catarinense para procriarem, o Turismo de Observação de Baleia começa a se estabelecer. Alguns campeonatos de surf e outros eventos também são realizados fora da temporada, contribuindo para que o fluxo turístico se distribua ao longo do ano. Com muitas casas de veraneio, mesmo na baixa temporada é comum encontrar veranistas pela cidade. No verão, alta temporada, a população tem um aumento em torno de 70% com turistas (informação verbal<sup>38</sup>).

O mar, lugar de *colheita* do alimento, da economia, do desenvolvimento, dos peixes, das baleias, dos deslocamentos marítimos, do refrescar, passa a colher mais um fator desencadeante de desenvolvimento, os movimentos turísticos.

Seu valor na cidade turística é selecionado na contemplação, no mergulho, na interação do turista com a paisagem litorânea e com seus habitantes mais fiéis: os pescadores. Questionada sobre como o mar é trabalhado na sala de aula, o sujeito entrevistado relata:

O mar sempre foi e continua sendo trabalhado, principalmente, em seu fator econômico. Desde sempre o mar foi a base da economia local. Primeiro com a pesca de peixes, depois a caça das baleias e agora encantando no Turismo. (Sujeito Professor de Geografia 1).

De tantos turistas que passaram e ficaram ou não por Garopaba, citamos mais um que teve influência no crescimento da cidade, mostrando, conforme pensamos nesse momento, como a relação do turista com a comunidade local pode gerar ações colonizadoras. Foi por causa de um turista vindo da Itália, que sugeriu transformar Garopaba numa cidade estilo italiano, onde os prédios tenham uma altura máxima que não esconda os morros e o horizonte, que o plano diretor da cidade não permite a construção com mais de dois andares. O governo atual está revendo essa lei, com muitas tensões sendo geradas.

Desde os primeiros moradores, podemos observar como as novas práticas, propulsoras de modificações nas formas, alteraram a paisagem, os costumes locais e mesmo os turistas que a visitam. Seus habitantes transformaram-se junto com a cidade. Com a simbólica narrativa do sujeito Professor de Geografia 2, finalizamos, provisoriamente, este capítulo:

É assim, o que eu percebo é que os hábitos mudaram, né, então a gente que cresceu com hábitos bastante simples. Eu venho de uma família que tinha comércio em Garopaba, meu pai tem restaurante na ponta da praia, então

---

<sup>38</sup> Dado fornecido por Marcus Israel Tobias, Secretário de Turismo de Garopaba da gestão 2008-2012.

assim oh, pra gente foi uma transformação interessante, né, porque a gente cresceu junto com o município. Então a gente vê, por esse lado comercial, foi um lado interessante, mas se a gente for pensar pelo lado cultural a transformação foi muito grande. Garopaba mudou e foi muito, nossos hábitos mudaram, porque daí o município não se preparou pra receber, é pra esse *boom* sabe, de pessoas com outros hábitos, muitas pessoas acabaram não se preparando e muitas famílias não estavam preparadas pra isso e acabou que aquilo que era uma coisa comum passou a ser, a ter um pouco, as pessoas passaram a ter vergonha do que era comum [...].

Há muitas formas para serem descobertas no refinamento do espaço-tempo de Garopaba. Há muitas outras além das quais nos foi possível evocar aqui. Ler essa complexa paisagem exige um grande *deslocamento* do sujeito, pois nas formas do passado e do presente há uma descontinuidade não revelada *sem um mergulho de cabeça nessa praia*.

### 3.2 A (des) coberta: Paisagem

Entenda-se bem, a paisagem se deixa ver, mas além do simples pitoresco, na ordem própria da visibilidade que a paisagem oferece, o ser humano, ao situar-se nela visualmente, nela descobre as dimensões do seu ser. A paisagem é ambiente, mas não círculo fechado: ela é desdobramento, ela é fundamentalmente um horizonte que se abre. Na verdade ela só é geográfica, diz Dardel, pelos seus prolongamentos, pelo plano de fundo real ou imaginário que o espaço abre além do olhar. Não há paisagem de sobrevôo, para retomar a imagem frequentemente usada por Merleau-Ponty, o que quer dizer que a paisagem exige, para ser, um corpo de carne, um olhar encarnado, um olhar vivo, em outras palavras, um ímpeto, uma intencionalidade presente e que atravessa o espaço entre o aqui e o distante. Em suma, não há paisagem sem profundidade, uma profundidade que se dá a ver sob a forma de uma presença nos longes, de um ser na distância que significa o espaço da vida. A profundidade da paisagem é a da existência. (BESSE, 2006, p. 35).

A paisagem parece ser uma cobertura composta de elementos naturais e/ou artificiais, tramados pelas representações e imaginários do (s) sujeito (s), que se modelam a sua base, o espaço geográfico. Pensamos que des-cobrir a paisagem é ter a habilidade de ler tanto sua



forma espacial quanto a composição do seu conteúdo histórico, tecendo sua complexidade com a própria história de quem a observa.

Interessa-nos saber como lemos as paisagens, porque pensamos que esse é um caminho para entendermos as relações do Ensino de Geografia e do Turismo. Com essa análise, almejamos dar conta de dois dos nossos objetivos específicos a partir das narrativas que envolvem a paisagem e da revisão conceitual: o objetivo a, que investiga as temporalidades e espacialidades na leitura dos sujeitos para as paisagens, e o objetivo c, relacionando essa leitura com o Ensino de Geografia e com as representações sociais para a orientação ou não da construção da noção de lugar. Iniciamos ainda as reflexões que nos conduzam ao objetivo b, examinando as motivações para o Turismo Litorâneo.

Rodrigues (1999) assume que uma das formas para entender o espaço geográfico se dá pela observação de sua paisagem, por crer que todas as definições de paisagem partem do ponto de vista de quem as contempla, assim revela as relações e as representações do sujeito com o meio. Castrogiovanni (2003, p. 47-8) ressalta que a paisagem enquanto recorte hologramático do espaço geográfico, é uma parte do todo, mas contém em si o todo espaço, e que sua observação é “considerada de grande importância nos estudos de Geografia do Turismo, uma vez que a paisagem em si é um notável recurso turístico”.

Acreditamos, nesse momento, que ler a paisagem é “muito mais complexo do que *ver* e perceber a paisagem. Envolve uma visão de mundo, consciente e inconsciente, sempre subjetiva e permeada pelo imaginário” (CASTROGIOVANNI, 2003, p. 47). Nossa leitura da paisagem é uma construção contínua social e particular, onde se sobrepõem conhecimentos, simbolismos, representações e sentimentos, pois sugerimos que nós, enquanto sujeitos, também somos paisagens, e, como toda paisagem, somos inacabados.

Por esse conteúdo misto e relacional, as lembranças e conhecimentos de Geografia podem estar contidos no olhar de quem lê a paisagem. (A paisagem) Em sua complexidade tende a apresentar dialógicas imbricadas no fenômeno de sua conceitualização, de sua contemplação e de seu aspecto relacional: forma – conteúdo; objetivo – subjetivo; *realidade* – representação; ideologia – imaginário. Tais dicotomias permanecem em contato retroalimentar, sem que uma aniquile ou empobreça o olhar sobre a outra, pois constituem uma totalidade dialógica que parece criar a própria existência, aproximando o espaço vivido do percebido, o científico da emoção.

Há recorrentemente uma inclinação demarcada em sua noção visual, conceituando paisagem como o que o olhar alcança, unidade visível do arranjo espacial. Nesse sentido, é um recorte do espaço, emoldurado pelas dimensões da perspectiva do olhar, que leva à

questão: Será que a paisagem então é o que pode ser visto? Parece-nos que a paisagem tem seu primeiro contato mediado pelo olhar, mas pode ir além da visão, sendo também percebida em suas texturas, cheiros, sons, gostos (RODRIGUES, 1999). Ainda sugerimos que esse olhar não é imóvel, “mas como algo que tem memória, que compreende e só é compreendido através do processo histórico” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 39).

Nesse contexto, para termos paisagem precisamos também de um sujeito que a observe, que a perceba. A questão agora que se coloca e que buscamos responder, provisoriamente, com nossa pesquisa, é como cada sujeito vai observar uma (vista da) paisagem? Cada sujeito vê o mesmo em uma mesma paisagem?

Parece-nos que ver se diferencia do que é visível. Além dos diferentes ângulos que uma mesma vista possibilita, pensamos que cada sujeito vê o que lhe serve e/ou o que lhe é acessível dentre o conjunto de elementos visíveis, configurando que cada sujeito vai ter a sua paisagem. Há ainda como vimos com Urry (2001), que o olhar é definido pelo intertexto de cada sujeito, mas por ser ao mesmo tempo esse olhar fator de construção social, tende a haver uma representação que remete à organização coletiva em que estamos inseridos.

Dizemos nesse momento que os limites da paisagem estão vinculados ao modo de olhar, onde o arranjo espacial das formas que configura uma paisagem é tão importante quanto o processo cultural que lhe é apropriado (MENESES, 2002).

Pensamos que a paisagem ainda guarda elementos escondidos, que marcam a sua temporalidade e sua espacialidade, mas que não costumam se revelar a um olhar que apenas corre em sua superfície, posto que nem tudo é aparente e muitas vezes tão pouco revelado por suas janelas de tempos passados. Como cada sujeito vai acessar e interpretar essa forma, que esconde tantas outras formas e conteúdos?

Acreditamos, nesse momento, que a vivência de cada sujeito na interação com a paisagem tende a revelar elementos imperceptíveis aos olhares que não participaram de sua construção. Não obstante, o desenvolvimento acadêmico e cultural de cada sujeito pode perceber relações e dinâmicas da paisagem que um olhar leigo teria mais dificuldade em estabelecer. Na compreensão do conjunto paisagem, temos que “[...] a interpretação que fazemos deles nos diz tanto sobre nós mesmos e nossas suposições culturais quanto sobre o seu significado original” (COSGROVE, 1998, p. 117).

A profusão de formas da paisagem ao singularizar um lugar parece ser reveladora de sua história, cultura e muitas outras informações que interessam tanto ao estudioso quanto ao morador ou ao possível visitante. A paisagem, segundo Maciel (2001, p. 103) possui “identidade calcada em uma constituição reconhecível, limites e relações com outros lugares

num contexto maior”. Dessa maneira, supomos que é possível entender a complexidade de sua formação, na medida em que a forma possui informações, as informações carregam conteúdos que no meio técnico-científico-informacional estão carregados de racionalidades, no entanto, com cada lugar ainda guardando suas particularidades.

Estamos aqui diante de uma outra relação com o visível, diante de uma outra noção do visível. O visível conta algo, uma história, ele é uma manifestação de uma realidade da qual ele é, por assim dizer, a superfície. A paisagem é um signo, ou um conjunto de signos, que se trata então de aprender a decifrar, a deciptar, num esforço de interpretação que é um esforço de conhecimento, e que vai, portanto, além da fruição e da emoção. A ideia então é que há de se ler a paisagem. (BESSE, 2006, 63-4).

Parecem ser inúmeras as maneiras de cada sujeito aceitar e interpretar as paisagens que se dispõe a descobrir. O modo como hoje socialmente a vemos e a representamos nos remete a sua relação com a arte, quando surge no Renascimento<sup>39</sup>, no ocidente do século XV, e traz uma nova relação entre os seres humanos e seu ambiente.

Na perspectiva histórica da paisagem, interessa-nos suas relações com a pintura, por ser uma representação, e com a Geografia. Tanto na pintura quanto na descrição geográfica da paisagem parece ser o olhar humano que se sobrepõe na delimitação das representações.

### **Paisagem e arte**

A paisagem não existia no Ocidente como um conjunto autônomo até a Renascença, quando essa representação é viabilizada pela pintura em perspectiva, que transpõe para a tela uma vista com profundidades escalonadas. A paisagem nasce assim com o domínio da pintura flamenga em perspectiva, representando uma natureza com senso estético e organizada em um conjunto autônomo e coerente, não sacra e à parte do ser humano, sugerindo a separação do sujeito e do objeto (CLAVAL, 1999). A representação do espaço,

---

<sup>39</sup> Renascimento é a denominação dada a um período da história europeia localizado aproximadamente entre fins do século XIII (final da Idade Média) e meados do século XVII (início da Idade Moderna). O Renascimento, assim como todo período histórico delimitado pela sociedade, é marcado por transformações no modo de compreender o mundo. Uma das características desse período é o rompimento com determinações de cunho religioso, que revestiam as explicações da realidade de aura metafísica e as ancorava em aspectos do sobrenatural. A sociedade passou a evocar um pensamento centrado no homem, no seu raciocínio lógico e na ciência de evidências empíricas. O desenvolvimento da ciência e a preponderância das capacidades humanas separaram o homem dominador da natureza a ser domesticada. Os avanços das regras matemáticas e geométricas ampliaram as artes.

em uma ilusão realista, é recorrentemente guiada pela visão da ciência autorizada pelo poder hegemônico, e o mundo externo passa a ser visto

como uma criação racionalmente ordeanada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e mecanismo são acessíveis à mente humana, assim como ao olho, e agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o meio ambiente. (COSGROVE, 1998, p. 99).

Nesse contexto, paisagem, arte e representação costumam ser indissociáveis. Através da pintura e posteriormente da literatura, a paisagem foi retratada e parece ter codificado uma maneira de ver e compreender o mundo em uma época. Mais que realçar as mudanças na representação da paisagem, nos chama a atenção o poder dessa perspectiva na vida social, adaptando as representações sociais às novas crenças científicas e condizentes com a ideologia vigente. Essa representação social da paisagem parece continuar a direcionar nosso olhar.

Entendemos, nesse momento, que a representação ao mesmo tempo em que revela um sujeito, esse que a representa, manifesta também uma época e, generalizando, sua ideologia e sua cultura. Parece-nos que desde quando a arte se volta para a paisagem até a contemporaneidade, os significados de uma compõem a carga simbólica da outra: a premissa da contemplação da paisagem bela, “o caráter ornamental da natureza e sua valorização estética como símbolo distintivo da posição social” (LUCHIARI, 2001, p. 14), seguem sendo retroalimentadas. Nossas apreciações da paisagem tendem a seguir os padrões institucionalizados, mas será que somos conscientes deles ou não? Para Morin (1998, p. 75)

Dizendo de outra forma, através dos sentidos, pelo olfato, pelos olhos tratamos as diferenças e essas diferenças são computadas, são codificadas, sendo que nossa mente faz representações e ideias. No entanto, há um problema, uma relação surpreendente: traduzimos a realidade em ideia e em representações, mas não temos um conhecimento direto sobre ela.

Parece-nos que as representações sociais inserem nas ações e nas leituras um argumento contextualizado em um mundo de vida própria e que costuma conduzir nosso olhar. Assim como no olhar do turista, muitas vezes o olhar para a arte foi acompanhado de tutoriais de como observá-la, do que buscar em sua apreciação e de como senti-la. Meneses (2002, p. 47) conta que no século XVIII as implicações de diferenciação social vinculados ao olhar foram ressaltadas.

Na Inglaterra, por exemplo, nesse século e sobretudo no seguinte, o critério de bom gosto pressupunha um certo tipo de educação e exigia adequados padrões de comportamento das classes sociais mais altas, incluindo em sua premissa o culto ao pitoresco. [...] A paisagem em consequência não era algo que qualquer um pudesse descortinar de uma colina, mas tinha que ser composta por aqueles que detinham o privilégio da aristocracia e da *gentry*, de entender a arte e dedicar-se a viajar.

Pensamos que cabe ainda questionar o que é uma paisagem bela (?) e talvez o caminho mais propício para encontrar essa resposta é com outra pergunta: o que é uma pintura (arte) bela? A relação tende a ser direta, acentuada no senso popular, e nos conduz ao olhar romântico da natureza, criando um cenário de cores e formas ordenadas, que fazem nosso olhar passear suavemente por ambientes em que parece não existir moscas nem perigos (Figura 26). Esse mesmo cenário pode nos lembrar daquele dia ensolarado na beira de praia que vemos em fotografias da mídia turística (Figura 27).



**Figura 26.** Pintura de Monet, de 1919, série das Nenúfares. Fonte: pesquisa de imagens na web.

**Figura 27.** Fotografia da praia da Silveira.

Fonte: Disponível em: <<http://www.guiagaropaba.com.br/praiasilveira.php>>. Acesso em: 6 set. 2011.

A fotografia, que incorpora a pintura, populariza-se no século de 1900 e tem na sua relação com o natural a função de registrar as paisagens que a modernização ameaçava ocupar com edificações. Entendemos, nesse momento, que se fortifica a representação social de que a natureza preservada é que vale ser fotografada, para ser assim registrada e mantida.

A transição da pintura para a fotografia na representação de paisagens envolve também algumas mudanças conceituais. [...] A fotografia surge no momento em que o mundo vive grandes transformações na forma de produção e consumo, gerando um desejo por novas imagens. A busca por captar o instantâneo e registrar as mudanças que estavam ocorrendo faz

com que a arte também se preocupe em registrar a transitoriedade da vida moderna. (COELHO, 2011, p. 38).

No capitalismo, a publicidade se apropria da técnica fotográfica, para produzir suas propagandas, e com a praticidade da multiplicação das imagens reproduz seus símbolos em ampla escala. As imagens de paisagens da mídia parece ser ainda mais incorporadas ao imaginário social propulsando comportamentos e contemplação estética, provocando “a apropriação visual da natureza como mercadoria de acesso imediato” (MENESES, 2002, p. 35).

A paisagem como um recurso ligado à valorização econômica e de qualidade social parece desembocar nesse processo, porque impregnada de simbolismo é promovida nas representações sociais. A mídia turística faz uso desse recurso para divulgar paisagens a serem visitadas, consolidando o imaginário geográfico das paisagens a serem valorizadas e seu paradoxo atual: enquanto valoriza as imagens da natureza para sua preservação, parece querer consumi-la e restringir seu uso a seletos grupos.

Questão subjacente, mas que consideramos interessante, é que no início da pintura da paisagem na Europa, os elementos mais comuns representados são as vistas campestres, às vezes com casas, mas tendo os personagens “um papel apenas secundário” (CLAVAL, 2004, p. 13). A representação da paisagem sem a figura humana inserida parece também prosseguir vigente. Contemporaneamente, como pensamos uma paisagem? Se fôssemos pintar uma tela de paisagem, desenharíamos o ser humano nela ou não? Veremos essa questão nas análises das narrativas.

Na mídia turística, em contraponto, o ser humano com frequência é inserido na paisagem. Temos assim, para as paisagens litorâneas, a praia e o (s) sujeito (s) no mar, na cadeira bebendo algo colorido ou simplesmente contemplando. Em termos comerciais da paisagem enquanto uma mercadoria parece que o ser humano deve aparecer, para que o comprador daquela paisagem se projete no sujeito da imagem.

### **Paisagem e Geografia**

A paisagem parece ter emergido como termo associado à Geografia com os naturalistas e viajantes, que a utilizavam para nomear o conjunto dos elementos da natureza descritos nas regiões que percorriam. (CLAVAL, 2004). Nos relatos de viagens a descrição

das paisagens se concentra em traduzir sua fisionomia, as características morfológicas da superfície terrestre que se buscava conhecer, por onde é narrado o local visitado.

Essa realização de paisagem parece também aproximar a Geografia do Turismo. Para o viajante geógrafo a primeira impressão de um local se constitui na apreensão da paisagem. O turista ao contar de um local visitado para alguém costuma descrever a sua paisagem. Turista ou geógrafo, antigamente ou agora, pensamos que a tendência é da paisagem continuar a materializar o contato com o local visitado.

As narrativas dos viajantes configuram um gênero literário de sucesso, guardando as especificidades do que representa em diferentes períodos históricos. Na época dos naturalistas, a Geografia engatilhava fonte de conhecimento para descrever a paisagem em suas cadernetas de campo, emolduras pelo olhar do escritor e/ou do desenhista. Através dos registros, os locais podiam ser acessados mesmo pelos que não podiam ou não tinham disposição de viajar, bem como compunham uma memória das formas da natureza.

Na atualidade, as narrativas de viajantes agendam locais a serem visitados, paisagens a serem contempladas, a serem fruídas e a serem vividas, e a Geografia tende a servir genericamente de pano de fundo para valorizar ainda mais as já marcadas estéticas significadas em nossas representações sociais turísticas.

Se admitirmos os viajantes naturalistas também como turistas, uma inquietude relacionada à fluidez e fruidez da viagem nos encontra. Será que por se preocupar em descrever, em estudar, há uma perda de qualidade de lazer ou não? Ou eles usufruíam da viagem em um misto de lazer e trabalho/estudo? Será que ao compreender melhor o espaço pelo estudo, podiam aproveitar melhor o local? Será que se lugarizavam, teciam laços de afeto com o local ou não? Será que a possibilidade de aprender associada ao Turismo pode endossar a representação do estudar como algo prazeroso? Essas questões nos parecem interessantes e que merecem um estudo aprofundado encaminhando a outras pesquisas.

Até o século XVIII ainda não havia palavras e classificações suficientes para a descrição da diversidade da natureza, por isso os geógrafos passaram a utilizar gravuras e pinturas também para ilustrar seus relatos de viagem. Essas representações dão ideias mais sugestivas do que poderia se conseguir com palavras (CLAVAL, 2004). Será que mesmo hoje, com o cabedal de vocábulos que temos, os desenhos ainda não representam/ilustram melhor a paisagem? Deve a paisagem ser sempre desenhada? Se pensarmos no Ensino de Geografia, como podemos desenvolver a representação da paisagem? Devemos iniciar pelo desenho ou não?

A descrição da paisagem em noções geográficas era e é priorizada pelo que se vê, mais do que pelo gosto, cheiro ou pelo que o local faz sentir no sujeito. Todavia, podemos descrever a paisagem sem iniciar nosso contato pela visão? Como os deficientes visuais percebem a paisagem? Essas questões da aprendizagem da paisagem, permanecem em aberto, instigando outras possíveis pesquisas.

O conceito de paisagem é oficialmente incorporado à Geografia para o estudo da descrição das formas da Terra, quando esta se tornou uma disciplina acadêmica na Modernidade.

Em sua raiz geográfica ocidental, o termo paisagem remete à palavra *landskip* dos Países Baixos, da qual deriva *landschaft* do alemão e *landscape* do inglês. A palavra germânica é medieval, significando região e, posteriormente, algo como a terra de um povo, ou também como produzir a terra, sugerindo a interação do homem com o terreno. (CARON, 2010).

Por sua vez, o termo latim (*pagus*) é renascentista, surgido em sua conjugação com a pintura, designando a imagem e o que ela representa. A Geografia francesa utiliza a palavra *paysage* nesse sentido, mas posteriormente restitui seu sentido à ideia de região por sua associação morfológica e cultural. (HOLZER, 1999). A dupla origem linguística denota dois sentidos possíveis para paisagem: o da imagem artística e o de parcela visível de um território. (COELHO, 2011).

No final do século XVII a paisagem recebe novas características advindas das ciências com a noção da crosta terrestre como interface com a vida social. Há vida sob a superfície terrestre com as relações complexas que se desenvolvem entre os homens e os ambientes, e essa vida passa a fazer parte da paisagem, sendo retratada na Geografia Humana (CLAVAL, 2004).

Segundo Verdum (no prelo, p. 1), o termo paisagem é polissêmico, o que pode acarretar em significados vagos atrelados a ele, configurando por vezes um conceito impreciso no meio acadêmico. Atualmente na Geografia o seu uso a tende a variar segundo as correntes geográficas, o sentido que se quer desenvolver, de acordo com a escala de observação e/ou pelos critérios de classificação, remetendo à importância da contextualização no seu emprego<sup>40</sup>. Nessa multiplicidade, julgamos adequada à nossa pesquisa a perspectiva da Geografia Cultural.

---

<sup>40</sup> Ressaltamos também as abordagens de paisagem por outras áreas do saber que desenvolvem o tema ao seu modo, como a arquitetura, ecologia, artes e antropologia, dentre outras.



## Paisagem na Geografia Cultural

A paisagem é um conceito central na nova Geografia Cultural que teve seu espectro de abordagens ampliado com os aportes da cultura não material, sendo compreendida como a forma como a sociedade dá “sentido (global e unitário)” e se relaciona com o espaço, “relação que a paisagem exprime concretamente” (BERQUE, 1998, p. 84). Com a perspectiva da Geografia Cultural, investigamos não apenas os aspectos formais explícitos da configuração, mas atentamos também para os valores simbólicos, culturais e para os processos cognitivos desencadeados em cada sujeito no seu processo de assimilação e abstração.

Os aspectos subjetivos por um tempo não encontraram espaço dentro da Geografia enquanto ciência, pela dificuldade em sua classificação e mensuração. Os sentimentos e as representações não codificados pela razão, motivadores também da ação humana e filtros da interpretação que fazemos do espaço, parecem terem sido ignorados diante dos parâmetros científicos. Revestimos também uma paisagem com significados afetivos ao analisá-la e/ou interpretá-la, ou não? Pensamos, nesse momento, que escolhemos os adjetivos para uma paisagem não apenas por sua morfologia, mas esses encontram ecos em nossa memória e nas referências coletivas. Há interesses subjetivos na construção das paisagens que podem se aproximar das ideologias de uma época ou não? Provisoriamente, apostamos que sim, pois

[...] recusando-nos a explorar como tais paixões encontram expressões no mundo que criamos e transformamos; conseqüentemente nossa geografia deixa escapar muito do significado contido na paisagem humana, tendendo a reduzi-la a uma impressão impessoal de forças demográficas e econômicas. (COSGROVE, 1998, p. 96-7).

Compreendermos que na complexidade do espaço geográfico é pressuposto (re) unir nossas paixões e razões, por sua inseparabilidade nos movimentos da vida social (movimentos esses também constituintes das paisagens), assumindo a dialogicidade que envolve nossas ações e representações, afinal o espaço é esse conjunto indissociável. Pensamos que os sentimentos que nos movem falam de nós, como fala o nosso corpo. Os simbolismos que estão emaranhados nas paisagens podem contar acerca da cultura de uma sociedade como as concretudes de suas edificações e as áreas preservadas ou não dos seus ambientes.

Entretanto, numa visão mais ampla sabemos que as atitudes e crenças não podem ser excluídas da abordagem prática, pois é prático reconhecer as paixões humanas em qualquer cálculo ambiental; elas não podem ser excluídas da abordagem teórica porque o homem é, de fato, o dominante ecológico e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado. (TUAN, 1980, p. 2).

É nesse contexto que consideramos a leitura da paisagem, como habilidade que exige uma complexidade maior do que apenas *ver* a paisagem. O sujeito não é apenas espectador, ao ler a paisagem há necessariamente uma relação estabelecida, e assim o sujeito é também construtor de sentido. Ou pode o sujeito ser apenas um espectador da paisagem?

Pensamos que os conjuntos de objetos e de intenções que constroem as paisagens existem, coexistem e se reconstróem em relação aos sujeitos, o que parece exigir algo a mais do sujeito que uma inércia expectadora traduzindo objetivos e sentimentos culturais da sociedade. Na interação com a paisagem costuma haver o acúmulo de estruturas e representações sociais, onde seu simbolismo necessita ser ativamente reproduzido pelos sujeitos para continuar a ter significado. (COSGROVE, 1998).

Na análise cultural, por nos preocupamos em fugir de definições focadas na dicotomia do objetivo e do subjetivo, vemos a oportunidade de acalantar algumas das tensões da relação do Turismo e do Ensino de Geografia. O Turismo prioriza em suas práticas um caráter mais contemplativo e simbólico, enquanto o Ensino de Geografia, por entender o espaço ao mesmo tempo uno e múltiplo (SANTOS, 2008), pode transpor as representações pueris no intuito de descobrir as conexões hologramáticas entre as funções e dinâmicas em suas estruturas e formas.

Para Sauer (1998), a paisagem geográfica como resultado da ação cultural sob a paisagem natural, ao longo do tempo, pensa na relação homem/meio carregada de valores e funções associadas com vínculos afetivos. Com isso, a paisagem é formada pelo conjunto de formas naturais e culturais associadas a uma dada área, sendo que da integração entre essas formas emerge sua identidade. Esta deveria ser comparada a outras, assim sua individualidade estaria baseada em características reconhecíveis e em relações genéricas com outras paisagens. (HOLZER, 1999). Ao comparar locais, paisagens, como vimos, acreditamos que podemos aprender no estar-ser no Turismo, na Geografia leiga, na medida em que o novo nos desequilibre e conduza à autorreflexividade.

O conceito de paisagem marca e matriz é proposto com Berque (1998), que pode nos guiar a fim de manter a paisagem mais em seu conjunto e menos em suas antinomias, no anel reorganizacional da paisagem com a sociedade, produtora e produto das suas interrelações.

Percebemos que é pela interação da sociedade com o espaço que novas formas concretas são agregadas a essa cobertura, ao mesmo tempo em que essa materialização ganha valor e significado, em um movimento recursivo entre sujeito e paisagem.

Acreditamos, nesse momento, na paisagem enquanto uma marca (BERQUE, 1998), “ao expressar uma civilização”, onde é vista por um olhar, apreendida e experimentada, valorizada e simbolizada, um produto da feitura social que conjuga tempo e espaço, posto que emerge das práticas sociais, em que a sociedade tece interrelações a partir da sua percepção do mundo externo.

Também compreendemos que a paisagem é produtora por sua dinâmica natural e histórica, uma matriz, “porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza” (BERQUE, 1998, p. 86).

Ao ser compreendida como matriz determina em contrapartida o olhar, a experiência, a estética, a consciência, a política, etc, onde se (re) constrói e destrói estruturas com as percepções das formas e das circulações. Desse modo, mostra ser um sistema aberto de processo complexo, em contínua adaptação, instável e indissociável de suas bases geradoras e modeladoras “físicas e culturais a um só tempo” (MACIEL, 2001, p. 103). Por ser um sistema aberto, integrado, físico e cultural, tem algumas partes ocultas enquanto outras, destacadas, são atualizadas em uma organização recursiva.

Assim a paisagem tanto se desenvolve na trama das práticas sociais, quando por refletir essa trama parece ser uma marca, como ela própria lhe dá novo conteúdo, por ser também matriz do desenho tramado. Pensamos que ao ocupar um determinado espaço e certo período de tempo, tem sua existência condicionada pela interação e pelo funcionamento de seus elementos, estabelecendo uma historicidade e uma espacialidade.

Em seu princípio retroativo, ao modificar os aspectos culturais de uma sociedade, a paisagem se modifica também, em sua estrutura, em seus usos e em seus simbolismos. No entanto, o relevo que dá origem a uma paisagem, por ser também natureza, está em constante transformação, e ao mudar sua morfologia gera um movimento nas práticas culturais que a significam também.

“As mudanças morfológicas na paisagem não são inócuas e não podem ser analisadas independentemente das práticas sociais. A produção de um novo contexto material altera a forma/paisagem e introduz novas funções, valores e objetos” (LUCHIARI, 2001, p. 12). Deduzimos então que a paisagem não se esgota, é da natureza da paisagem se transformar, é

da cultura da paisagem se modificar, a Terra é um organismo vivo e a nossa cultura também é por origem processual.

Na roda-viva da paisagem o que se esgota ou deixa de existir é um determinado recurso natural, uma edificação, um elemento, uma forma, uma representação, que significa a substituição por outra estrutura, função, simbolismo. Inacabadas as paisagens sugerem um movimento complexo da auto-eco-organização. A paisagem tem sua própria forma de formar o aparente, em decorrência do meio onde está situada e dos sujeitos que se mantêm em relação a ela, organizando suas estruturas e funções no efeito desse movimento.

Supomos que como a sociedade se transforma ao transformar o espaço, a paisagem também transforma o sujeito, tanto em sua individualidade quanto em sua coletividade. Parece-nos que nos modificamos ao contemplar uma paisagem. Algo muda em nós após uma tarde apreciando a vista para o mar ou não? Nossa estética para uma paisagem bela pode mudar ao entramos em contato com outros conceitos, com outras culturas, ou não? Há na sociedade em que convivemos valores de terrenos que se diferenciam conforme a paisagem em que se situam? Parece-nos que sim.

A paisagem é plurimodal como é plurimodal o sujeito para qual a paisagem existe; a paisagem e o sujeito são co-integradores em um conjunto unitário, que se auto-produz e se auto-reproduz (e, portanto, se transforma, porque há sempre interferências com o exterior) pelo jogo, jamais de soma zero, desse diversos modos. [...] esse jogo impregnado de sentido é a cultura (BERQUE, 1998, p. 86).

O que está presente são todos os modos de relação do sujeito com o mundo, por isso que Berque (1998) se refere a um sujeito coletivo, uma sociedade. No entanto, é através de cada sujeito que a relação com a paisagem se estabelece. “São as interações entre os Sujeitos, que produzem a sociedade, mas é a sociedade que produz o Sujeito” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 86). Compreendemos que esses relacionamentos dão o tom da percepção que cada sujeito vai ter da paisagem e mobiliza sentimentos dessa mesma origem.

### ***3.2.1 À percepção da paisagem nas narrativas***

Segundo o geógrafo Verdum (no prelo), são apontadas três possibilidades enquanto método de análise da paisagem: a descritiva, a sistêmica e a perceptiva. Nossa pesquisa tem o intuito de reconhecer a percepção que os sujeitos possuem sobre a paisagem, a fim de encontrarmos pistas da relação do Ensino de Geografia com o Turismo. É nesse sentido que

nos inserimos em uma análise perceptiva, buscando “os elementos que estruturam a paisagem e a relação desses com novos elementos que são a ela integrados, nas escalas espacial e temporal” (VERDUM, no prelo, p. 5), a partir das narrativas dos sujeitos entrevistados.

Para Tuan (1980, p. 14), “a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo”. Parece ser uma resposta dos sentidos aos estímulos externos e também uma atividade proposital, pois registra certos fenômenos ao mesmo tempo em que nega, bloqueia ou escamoteia outros. Por isso, o “estender-se” para o mundo é único para cada sujeito, pois a percepção também é seletiva.

Porque a percepção não deixa de ser uma experiência, nesse sentido de interação com o mundo, muito do que percebemos tem valor apenas para o sujeito, lembrando que “o mundo que o indivíduo percebe jamais é um objeto dado” (CLAVAL, 2004, p. 48). Se trabalharmos com as percepções concordamos que a paisagem existe em função de seu observador.

Passamos a ver a paisagem pelo olhar do outro. Partimos das narrativas dos sujeitos entrevistados tecendo com a teoria estudada, em movimento que buscou ser retroalimentar.

Guiamo-nos, nesse momento, pela ponderação que a leitura da paisagem não é abrangente, mas fragmentada e que coloca em alerta quase todos os sentidos em operação (BOULLON, 1985). Tampouco é instantânea, mas é apreendida na medida em que o sujeito observador registra, em sucessivas vivências, as informações do espaço e as retém em sua memória, pois “chega de maneira informal ou formal, ou seja, pelo senso comum ou de forma seletiva e organizada” (CASTROGIOVANNI, 2003, p. 46).

Pensamos que a paisagem também denota um conflito enlaçado a um acordo “portanto abordá-la em toda a sua complexidade é estar ciente dessas tensões” (COELHO, 2011, p. 58).

Por pensarmos a paisagem como resultado de uma ação cultural temos que, no processo de leitura, a identificação dos significados parece buscar contemplar as dimensões nela contidas para atender a riqueza e a diversidade das narrativas, geralmente reveladoras da memória, dos conhecimentos formais, das representações, dos imaginários e das relações afetivas que os sujeitos tecem na construção do lugar. Enquanto uma construção cultural, a traduzimos a todo o momento em um processo contínuo de assimilação, pois seu significado é resultado de momentos pessoais, que só existe nessa mediação entre o sujeito e o objeto, (BERQUE, 1998), retratando um fragmento do mundo sensível.

Partimos das narrativas dos sujeitos entrevistados, mas nos voltamos constantemente às nossas bases teóricas para compreender o que é paisagem, como ela é lida e como é

abstraída, em um movimento pendular entre as bases, as narrativas e os objetivos. É bem interessante ouvir moradores, turistas e educadores em suas bases da paisagem, assim como é interessante ler Berque, Besse, Castrogiovanni, Claval, Cosgrove, Melo, Meneses, Luchiari, Verdum, entre outros, que codificam nossa análise.

A síntese é guiada pela busca daquilo que é dominante nas narrativas sobre a paisagem e também o que é específico ao meio estudado. Para nortearmos a análise das narrativas nos referenciais teóricos da Geografia, procuramos nos ocupar das paisagens matriz e marca (BERQUE, 1998); de perceber quando aparece atrelada a sua forma, a sua função, a sua estrutura e a sua dinâmica (VERDUM, no prelo); bem como nos valendo da proposta de Nogué (2006)<sup>41</sup>, para a classificação da paisagem utilizada nos Catálogos de Paisagem da Catalunha, e de Macedo (2002)<sup>42</sup>, que levanta algumas qualidades de valores paisagísticos para o litoral brasileiro.

Investigamos as noções de temporalidade e espacialidade, respondendo ao objetivo específico a, a partir das narrativas para as questões do conceito de paisagem, da percepção dos processos da paisagem, da interpretação de imagens, e nas escolhas de cartões-postais, tecendo com representações sociais e ideológicas. A escolaridade também é uma resposta-chave nessa análise. Quiçá ainda podemos notar as motivações do Turismo Litorâneo em nossa época social nessas primeiras narrativas.

Encontramos nas indicações de Verdum (no prelo, p. 8, grifos do autor) que a

análise da paisagem deve ser realizada na sua *globalidade*, na visão geral que os entrevistados têm do *que é paisagem* e de que forma ele a descreve, como também na decomposição de *elementos da paisagem* que são aqueles de referência para ele, a partir das suas experiências vividas e que privilegiam seu grau de satisfação.

Iniciamos com perguntas abrangentes que nos levem ao tema, a fim de que as memórias episódicas possam ser reavivadas. Para tal, direcionamo-nos a analisar o que os sujeitos compreendem por paisagem. Suas narrativas acerca dessa questão foram ainda significativas para embasar as demais repostas acerca do tema.

---

<sup>41</sup> Nogué (2006) desenvolveu uma classificação para paisagem no “*Prototipo de Catálogo de Paisaje*”, que é adotada pelo “*Observatori del Paisatge*” para as bases conceituais e metodológicas da elaboração dos Catálogos de Paisagem da Catalunha, com vistas a incorporar a paisagem nos processos de planejamento territorial.

<sup>42</sup> Macedo (2002) em capítulo sobre a paisagem e o Turismo no litoral brasileiro levanta qualidades definidoras de valores paisagísticos.

## O que é paisagem?

A pergunta o que é paisagem foi aplicada em 21 das 24 entrevistas dos grupos temáticos, por ter sido uma questão que foi adicionada posteriormente ao início das entrevistas, na reintrodução do conhecimento ao longo da pesquisa. Foi interessante agregar essa questão ao roteiro de entrevista como pergunta inicial para trabalharmos o tema, pois notamos que a maioria dos sujeitos precisou de uma pausa para elaborar sua concepção. Mesmo explicando que não tem certo ou errado na resposta, acreditamos que os sujeitos buscaram por seus conhecimentos geográficos, trazendo episódios associados a esse significado e, principalmente, encaminhando-o para as demais questões de paisagem. Essa questão serve a análise na relação entre o Ensino de Geografia e a leitura da paisagem.

Em 11 das respostas o conceito de paisagem foi associado a uma combinação de natureza e beleza, assumindo que o que é natural é sempre belo. A paisagem é apenas natureza ou não? A natureza é sempre bela ou não? Parece-nos que em sua noção visual, para os entrevistados, a paisagem tende a uma vista da natureza bela. A fruição que essa natureza bela proporciona foi estabelecida em algumas das respostas também. A seguir, selecionamos alguns trechos das narrativas, priorizando os que expressavam com maior clareza o seu intuito. Ressaltamos em negrito as palavras-chave para as representações de paisagem.

*O que é paisagem? Olha, é... o fato de **tu sair desse meio de construções** e tudo mais, e **tu olhar** para todos os lados e **só ver verde, beleza natural**, isso pra mim é paisagem. **Beleza natural** [...] tu tem uma **vista** assim que tu nem consegue observar as casinhas aqui, que tu, até, tu nem liga pra elas, porque é tanta **beleza natural**, é tanto **verde**, que tu nem, nem se concentra nisso, tu se concentra **no mar, no horizonte** é muito, é muito... (*suspiro*). (Sujeito Ator do Turismo1)*

Pensamos que a beleza se enquadra em um significado estético. Estético compete a um universo mais amplo que o da beleza, pois representa valores que cada sociedade atribui a algum local, forma ou imagem, não sendo assim, simplesmente, resultado de fatores primários e objetivos (NOGUÉ, 2006; MACEDO, 2002). Dessa forma, parece ser um atributo que normalmente está associado a uma base cultural e que tende a ter forte influência na determinação desses valores, relacionado com a possibilidade que uma paisagem tem para transmitir sentimentos, em função do significado conferido. Compreendemos, nesse momento, que é um sentido da percepção e acreditamos que os sentidos são umas das pontes da interação do sujeito com o espaço externo.

Para uma perspectiva da paisagem relacionada aos fatores que determinam a qualidade ambiental, Nogué (2006) confere significado ecológico. A natureza representada nessas narrativas se enquadra no significado ecológico, pois se apresenta como natureza preservada.

O significado estético e ecológico é uma das representações mais antigas de paisagem. No entanto, mesmo com a associação do conceito histórico de paisagem com a arte, que revela pela pintura a escolha de lugares bonitos, com possibilidades de atividades relaxantes ou revigorantes, parece ter sido só na Modernidade que a natureza é construída como uma paisagem. “Esse é um olhar do homem da cidade, que por não estar mais em contato direto com a natureza, o que gera um distanciamento, faz este recorte estético” (COELHO, 2011, p. 58).

O verde, representativo da natureza, é uma matriz estética e ecológica para a paisagem, que marca nossa civilização no período Moderno e atual, sugerindo uma representação social do ambientalismo. Em nossa cultura o verde está associado à natureza preservada e saudável.

Paisagem pra mim é uma coisa **verde, pensa no verde, pensa em animal, pensa em coisas bonitas**, mas a gente sabe que abrange mais coisas, mas quando falamos lá **olhar** uma paisagem, a gente pensa assim, **pensa no verde** (Sujeito Moradora 4).

Em uma observação de campo ouvi uma avó conversando com seu neto. A avó fez uma declaração junto ao morro revestido de vegetação em um dos costões de Garopaba: – Olha esse lugar, olha todo esse verde. É muito lindo, né? Ah esse verde! A criança de aproximadamente cinco anos respondeu: - Mas por que tu gostas tanto do verde? Eu prefiro o laranja. Para a criança o verde parece ainda não representar uma natureza bela que deve ser preservada.

Questionamo-nos acerca de como essas representações podem ter sua discussão ampliada em uma aula de Geografia, mesmo que talvez não possamos responder essas questões com essa pesquisa encaminhado a futuros estudos. O que significa preservar a paisagem, se a paisagem é orgânica e cultural, por isso está em contínuo movimento de equilíbrios e desequilíbrios, se desfazendo ao se refazer? Parece-nos que podemos preservar os elementos da natureza, suas nascentes, suas árvores, seus prédios históricos, mas não seu conjunto, pois este é dinâmico. O que é preservar o *verde da natureza* se estamos querendo



cada vez mais casas em áreas de natureza protegida? Há que se destruir algumas árvores para construir nossas moradias ou não?

Parece-nos oportuno problematizarmos na educação sobre a teoria das representações sociais e a ideologia que essas imagens podem carregar. Essas representações sociais seguem os conceitos estéticos e valorativos da cultura dominante, são assim ideológicas ou não? Onde temos as melhores vistas em nosso município? Por que essas são consideradas as melhores vistas? Quem mora lá? Quanto custa morar lá, economicamente e ambientalmente?

Pensamos, nesse momento, que a lógica da seletividade da paisagem, especificada em valores estéticos, embutida em nossas representações sociais e da qual o Turismo também se serve, reproduz a estrutura cultural de estratificação da sociedade, demonstrando a recursividade da sociedade com a paisagem.

Ao ser objeto dessa lógica estruturante da sociedade, a paisagem é portadora de sentido. Assim, veremos que o domínio ideológico que estrutura o espaço total está representado também na organização social das paisagens. (LUCHIARI, 2001, p. 11-2).

A narrativa do Sujeito Ator do Turismo<sup>1</sup> destaca entre os elementos belos da natureza o mar. Desde o início do Turismo em Garopaba, vimos que o mar tem sido um elemento importante do simbolismo da paisagem. Através do mar, percebemos representações sociais da nossa civilização, uma vez que a apreciação de cenas marinhas não foi um hábito durante longo tempo. “Os critérios de beleza integram códigos históricos, que estão em transformação contínua” (MENESES, 2002, p. 31).

As características concatenadas à paisagem até aqui nos remetem ao olhar romântico, de uma paisagem bela e de natureza intocada, o paraíso perdido que os primeiros turistas encontraram em Garopaba. Esse olhar na contemporaneidade tende a traduzir a fetichização da paisagem. A fetichização parece dotar de valores próprios elementos da paisagem como se fossem autônomos, estáveis e isolados das contingências da vida social e do próprio ambiente.

Nesse processo, a beleza da paisagem em nossa sociedade contemporânea aparece recorrentemente fruto da razão da transformação da paisagem em mercadoria, competindo aos valores de mercado. Podemos pensar na especulação imobiliária como mais um exemplo dessa conotação. A paisagem de Garopaba enquanto mercadoria turística é consumida, em muito, na fruição do seu objeto visual, proporcionando sensações ao visitante, como aparece na narrativa seguinte.

Paisagem eu acho assim que é uma **paz**, que tu **olha** para o um lado uma paisagem, **um lugar lindo**, é Garopaba, a **paisagem é Garopaba!** É um **lugar lindo** onde **tudo se transforma**, porque a **paisagem vai se transformando**, e **ela é linda**. Pra mim eu acho que é isso. (Sujeito Veranista 2)

Talvez tudo pareça ser e estar belo em Garopaba, mas esse sentimento parece mascarar problemas ambientais, que como grande parte das cidades em expansão não tem planejamento urbano que dê conta do espaço como um todo. Por isso, vamos ao encontro da afirmação de Meneses em que a própria transformação da paisagem em mercadoria merece a centralidade da reflexão.

Esse mecanismo começa por esvaziá-la de sua concretude e densidade próprias, reduzindo-a a meros símbolos abstratos, que podem ser selecionados e recombinaados infinitamente, segundo interesses imediatos ou predominantes. Por isso são objetos de sensações, nem mesmo de percepção, muito menos de consciência. (MENESES, 2002, p. 54).

Será que no espaço turístico a fetichização costuma ficar mais aparente devido ao seu olhar lúdico, ou não? Pensamos, nesse momento, que o Turismo se segmenta conforme marca a paisagem e o turista a compra conforme acredita no que seja a sua matriz. No Turismo temos paisagens-marca com praias, onde o turista poderá relaxar e se lançar em seu ambiente *belo* de sua paisagem matriz. Para quem quer cultura, temos a paisagem-marca de cidades históricas ou centros culturais, onde o turista pode *respirar a cultura* do local. No Turismo, entendemos que por estarem em um tempo de fruição, esses simulacros tendem a se intensificar.

Nesse momento, estamos reconhecendo que a paisagem dá forma e significado para o local, sendo por sua vez matriz e marca do lugar (BERQUE, 1998) e que esse *quadro* que capta nosso olhar, bem como nossos outros sentidos, nos proporciona sensações, assim é importante em nossa existência social. Mas, se olhar uma paisagem serve à nossa existência social, o interesse sensível sobre esta não deve requerer sua consciência? O que é respirar cultura? Apontamos para as premissas da importância do Ensino de Geografia para tais questões.

A narrativa do Sujeito que Não Conhece Garopaba 2, a seguir, traz um ponto de análise da paisagem que parece ir além das noções de representações sociais.

Pra mim a paisagem é assim ó um lugar que tenha **árvores, banho, umas pedras**. Acho assim, pra mim é isso.  
 Pesquisadora: *É um lugar bonito ou feio? Te remete algo, te sentes bem ou não?* **Bem bonito**, pra mim paisagem é um **lugar bonito**. Claro nem todos são bonitos, mas todos **são bem legais**. (Sujeito que Não Conhece 2)

Ao associar paisagem com um conjunto de elementos que remetem ao cenário campestre, precisamos juntar aos seus relatos de infância para compreender o contexto. Esse sujeito é da chamada região dos pampas no Rio Grande do Sul, onde paisagens compostas com árvores, pedras e água corrente são destaques. Aqui a paisagem remete a um local vivido e de boas lembranças, local de lazer da infância do sujeito entrevistado.

Nessa linha, avigoramos que a noção de paisagem nos passa algo, é uma representação que tende a ser boa, de algo prazeroso, porque, enquanto matriz, representa algo valioso para a sociedade do século XX e XXI, a sua função de natureza saudável e um marcante conteúdo existencial de experiência vivida. Mostra-nos que vai além de ser uma vista, ela passa algo, exprime um querer, um uso. “De fato, o que está em causa não é [...] somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo” (BERQUE, 1998, p. 87).

A paisagem então tem a condição de gerar sentimentos ao sujeito com o qual se relaciona. É uma paisagem matriz fazendo resgatar no sujeito outras paisagens que o marcaram por serem marcas de um tempo, um tempo vivido, que estão em sua memória afetiva. A seguir temos a narrativa do veranista 3, onde a paisagem se reveste de afetividade, ao circundar explicitamente sua infância, sua vivência particular.

Paisagem pra mim é não só coisa assim plantada ou da **natureza** mesmo né, e eu adoro, por exemplo, quando eu vou lá no Gueleri<sup>43</sup>, chego a parar o carro pra ver, matar a saudade, porque eu fui tanto, não eu mesmo agricultor, **mas filho de agricultor**, cheguei a trabalhar na roça, então eu **sinto saudades daquele cheiro da mata**, pra mim isso aí é uma **paisagem, que é muito linda** e quando vou pra terra eu vejo. (Sujeito Veranista 3)

Paisagem para ele parece ser o seu lugar. Pensamos que o valor afetivo tende a ser construído por uma convivência de um tempo com estruturas aparentemente estáveis, as incorporando ao seu cotidiano. A paisagem parece estar carregada mesmo de “sentido, investida de afetividade por aqueles que vivem nela ou a descobrem” (CLAVAL, 2004, p. 52). Esse valor não costuma ter significado para outros sujeitos que não participaram da mesma experiência. Sua representação, nesses casos, parece ser mais individual que social.

---

<sup>43</sup> Ghelleri é a denominação de uma área turística rural do município de Siderópolis, em Santa Catarina.

Não obstante devemos ter em consideração que essa também é uma representação aceita socialmente com certo *status*, a de memórias doces de infância. Será que tudo é sempre uma busca pela infância? Será que os sujeitos que tiveram uma infância negativa associaria a paisagem às suas memórias dessa época ou não? Essas são mais questões que emergem na tessitura e que conduzem a novas pesquisas.

O significado simbólico e o identitário, conforme classificação de Nogué (2006), diz respeito à identificação que um grupo social sente em relação à paisagem e referem-se aos elementos da paisagem que em seu conjunto possibilitam uma grande carga simbólica e identitária para as populações locais, estimulando relações de pertencimento, que podemos conceituar de lugarização. Esse significado nos leva a afirmar, provisoriamente, que através da memória afetiva um sujeito pode se lugarizar em uma paisagem, como no exemplo da citação do Sujeito Veranista 3, em que essa paisagem remete o sujeito àquele lugar onde vivenciou momentos simbólicos junto às formas.

Na pontuada percepção visual temos nove narrativas que falam de um olhar, uma vista, o que um sujeito vê como sendo a paisagem. O Sujeito Veranista 4 coloca:

Paisagem, olha, paisagem pra mim é uma **vista da natureza**, mesmo que **ela contenha elementos artificiais, construídos pelo homem**, como, por exemplo, isso que nós estamos **vendo, tem uma casinha de salva-vida**, mas se nós fôssemos fazer uma **pintura** dessa paisagem aí poderia até colocar ela também né, **também não está destoando tanto do total**.  
(Sujeito Veranista 4)

Podemos observar que mesmo quando o belo não está explícito no conceito há a busca por uma harmonia do que é visto, mostrando sua associação com uma pintura. A representação da natureza bela e harmônica é valorizada, sendo que os elementos construídos podem fazer parte desde que não destoem do conjunto natural, supostamente perfeito. A representação da paisagem autônoma e coerente em um conjunto ordenado renascentista parece mesmo permanecer.

Nesse contexto, retomamos o modo de ver a paisagem compreendido como auto-eco-organizacional, pois é autônomo no sujeito, um enfoque particular onde o mundo exterior se sobrepõe às nossas lembranças e experiências, ao mesmo tempo em que é dependente do seu meio por ser balizado por suas representações sociais, e é organizado para poder ser ancorado, abstraído e narrado. “A coisa percebida e sua representação (conceitual, visual, verbal, etc) existem simultânea e simbioticamente” (MENESES, 2002, p. 32).

Também selecionamos para a representação visual a narrativa do Sujeito Morador 2.

Então, pra mim paisagem é todo tipo de **informação que te entram, nos olhos** assim, e **te causam algum tipo de sensação**, pode ser **uma paisagem negativa ou positiva**, mas **qualquer informação que tu olha e aquela formação estética ali te passa alguma coisa**. (Sujeito Morador 2)

Nesse sentido da paisagem que representa algo a alguém, temos o observador. Os sentimentos que a paisagem gera ou encontra nos sujeitos parece partir a priori da observação visual da paisagem ou da representação desta. Parece não ser um processo linear, mas tende a se dar nessas bases. “Não há paisagem sem um observador. A percepção visual é, desta forma, uma condição fundamental para a existência cultural da paisagem” (MENESES, 2002, p. 32). Sem pretender negar essa dimensão, pois a acompanhamos, temos às inquietudes do que é paisagem para um deficiente visual. Infelizmente não encontramos com nenhum no período da nossa pesquisa.

Assim como há no Turismo a anteposição de indivíduos com poder aquisitivo e em pleno condicionamento físico, há a primazia da visão em nossa sociedade sob os demais sentidos e essa verificação é tão assimilada por nós que todo um conjunto de atividades é construído para o olhar. Confiamos mais no que vemos do que no que ouvimos.

“A resposta através da vista, para o mundo, é diferente, em vários aspectos importantes, da resposta através dos outros sentidos. Por exemplo, ver é ‘objetivo’; ver – como diz o ditado - é crer, mas tendemos a desconfiar da informação obtida através dos ouvidos; é um ‘boato’ ou ‘rumor’”. (TUAN, 1980, p. 12).

Entretemo-nos olhando paisagens, obras de arte, vitrines, filmes, TV, como nenhum outro sentido parece ser capaz de nos manter parados e passíveis por tamanho tempo, assistindo a inúmeras representações. Até música que é para se ouvir, hoje com a evolução dos shows, é também para se ver.

A visão alcança o distante. Os objetos distantes somente podem ser vistos e por isso Tuan (1980) analisa que temos a propensão de considerar os objetos vistos como distantes, com isso não provocariam uma resposta emocional forte. Tuan (1980) segue seu raciocínio levantando a questão de que o sentido da visão é limitado quando envolve a ação de emocionar, indo de encontro com o depoimento do Sujeito Morador 2 apresentado.

Ver não envolve profundamente as nossas emoções. Podemos ver, através da janela de um ônibus com ar condicionado, que a favela é feia e indesejável, mas o quão ela é indesejável atinge-nos com pungente força

somente quando abrimos a janela e recebemos uma lufada dos esgotos pestilentos. (TUAN, 1980, p. 12).

O sujeito que apenas vê é para o autor um espectador que não está envolvido com a cena e por isso o seu mundo percebido é mais abstrato do que o conhecido através dos outros sentidos. Mas como medir a profundidade de uma sensação? Se a paisagem é mediada principalmente pela visão e esse olhar nos causa sensações, colocamos em xeque a avaliação de Tuan (1980). Uma imagem vale mais que mil palavras? Talvez devêssemos duvidar um pouco mais do que vemos. Sob o domínio da aparência, parece-nos que nem tudo que é parece ser. Os olhos exploram o campo visual e dele abstraem alguns objetos, pontos de interesse, perspectivas. O que podemos é virar de costas para a favela, e, por não ver, a cena deixa de nos envolver. Há outros sentidos que não podem abster o local, e nesse sentido concordamos com Tuan (1980, p. 12): “Mas o gosto do limão, a textura de uma pele quente, e o som do farfalhar das folhas nos atingem como sensações”.

Outra relação com o visual é apresentada pelo Sujeito que Não Conhece 3:

Pra mim assim, eu tenho uma **percepção bem visual** assim do que seja paisagem, meio **fotografia** né, é meio eu não sei, eu sempre penso naquela afirmação do Milton Santos que ele disse que se coloca uma **bomba de nêutrons num lugar o que sobrar é a paisagem, toda vida desaparece e o que sobra é a paisagem**, né, aí eu fico um pouco com isso, não sei muito. São **referências espaciais** assim, **representação do espaço**, sei lá, um **símbolo do espaço**. (Sujeito Não Conhece 3)

A paisagem se distingue de espaço para Milton Santos (2008, p. 103) ao conceituar que "a paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são as formas, mais a vida que as anima". Dessa forma, para Santos, se a bomba de nêutrons fosse utilizada teríamos antes o espaço e após a explosão somente a paisagem, pois a bomba é capaz de aniquilar a vida humana em uma dada área, mantendo apenas suas estruturas e formas concretas.

Mas existiria paisagem sem vida humana? A paisagem, até agora discutida, baseia-se na existência da vida para percebê-la, observá-la, significá-la. Sem vida humana, em princípio, não há observador ciente.

Continuando com Santos temos que a paisagem são formas criadas em momentos históricos diferentes, mas que coexistem no momento atual, considerando que uma é escrita sobre a outra, um conjunto de objetos com idades diferentes, somando uma herança de vários

momentos. O seu caráter de palimpsesto revela um passado já morto que permite rever as etapas pretéritas numa perspectiva de conjunto. "A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais" (SANTOS, 2008, p. 107).

Para Santos (2008, p. 103), paisagem pode ser definida no domínio do visível, uma "porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão", resultante do processo histórico da sociedade. Enquanto pura materialidade e destituída da sociedade, a paisagem não tem força para gerar mudanças, quando são atribuídos valores a esta, se transforma em espaço geográfico. Pensamos haver aqui um esvaziamento do conceito de paisagem em prol da valorização do espaço nessa definição.

O espaço parece ser a sua base, o palco onde se desenrolam as formas e as representações em sua relação com a sociedade. Os conjuntos de objetos e de ações que compõem o espaço geográfico sustentam e dão forma, tanto concreta quanto simbólica, para a paisagem. A paisagem é, nesse momento para nós, representativa de um local, indo ao encontro do Sujeito Morador 3, que observa que a paisagem "é aquilo tudo que **representa um lugar.**"

Retornando a Santos (2008) em seu conceito da paisagem como palimpsesto, de uma escrita sobre a outra que prioriza a forma e seu conteúdo histórico, temos a Professora de Geografia 4.

Trabalho com a teoria do Ab'Saber que é a teoria da paisagem que ele procura fazer com que a gente **redescubra a construção do espaço a partir da observação da paisagem**, então por isso as saídas de campo pra **observar uma paisagem** e aí depois de observar uma paisagem aí a gente vai ver, bom, **como é que ela foi sendo construída, e o processo histórico, o que eu posso observar dessa paisagem – tem coisas do passado, tem coisas do presente, o que chama a atenção**, procura se mostrar assim. (Sujeito Professor de Geografia 4).

Ainda realçando o caráter histórico, temos o conceito da Professora de Geografia 3.

Paisagem é durante uma **passagem pelo espaço**, em determinado momento, seja ele urbano, seja ele rural, com o tempo esse **lugar vai se modificando e vai modificando a sua paisagem**. Então hoje tu tens **espaços naturais e tu tens espaços construídos** pelo homem, que transforma-se em um **espaço geográfico**. Então a paisagem nada mais é do que **a leitura de toda essa transformação ao longo dos anos** (Sujeito Professor de Geografia 3).

Nessa conceituação a paisagem entra com o argumento da leitura das transformações do espaço, mas atrelada ao lugar enquanto modificadora do local que por relação retroativa se modifica.

Pensamos que as transformações na paisagem nos revelam sua dinamicidade, e colocam tanto o espaço, a sociedade, quanto o lugar também em constante transformação, por suas relações de pertença – a paisagem faz parte do espaço geográfico e representa um local. Acreditamos que a paisagem conta do lugar/local. Pela paisagem podemos comparar lugares. No aspecto relacional com o lugar, a paisagem o dota de identidade, em que pese a cultura dominante local e suas representações sociais. A cultura, ao se transformar, transforma o lugar, mexe, valora a paisagem do lugar.

Uma cultura torna-se tão circunscrita à paisagem que tem dificuldades de se adaptar a outros lugares. Tal restrição ocorre porque quando uma cultura domestica a paisagem ao longo do tempo ela ajusta os instrumentos culturais, desde habitação até visão de mundo, àquele lugar. O processo de domesticação não é outro senão a transferência do DNA do lugar à cultura, e vice-versa, de modo que ambos se pertençam. Isto é, ao ver a paisagem, logo identificamos o personagem que a habita, e, ao ver este, de imediato pensamos na paisagem. (MENEGAT, 2008, p. 14)

Assim como as formas se alteram pela ação do tempo sobre o espaço, as funções e a estrutura também se transformam, fazendo com que a paisagem esteja constantemente se refazendo, como podemos ver na narrativa seguinte.

Paisagem é um conceito, acho, a **paisagem muda toda**, mudou totalmente, porque você tem todo um **sociocultural e o econômico aí também, que mudou também** totalmente, porque **hoje em dia você já pode construir no morro (da Vigia), antigamente não podia**. (Sujeito Morador 1)

O significado histórico de uma paisagem considerado por Nogueira corresponde aos traços marcantes que a sociedade deixou no espaço ao longo do tempo, sejam construções, traçados, sistemas de infraestrutura, entre outros. Trata de espaços-fragmentos da paisagem que tenham valor sob uma perspectiva histórica e, por estarem em contato com o cotidiano vivo, se imbui de dinamicidade.

A propriedade histórica se insere no âmbito de construções patrimoniais referentes a um coletivo, no entanto, também cabe para expressar locais que contam da história cotidiana. A história interessa no significado das paisagens, porque ao contar do local, conta também dos seus habitantes. O morro construído é um local de significado histórico para o Sujeito



Moradora 1. O morro da Vigia parece ter significado para outros sujeitos, pois vai aparecer em outras narrativas, quando os sujeitos contam das mudanças verificadas na paisagem de Garopaba.

As construções passadas, realizadas por sujeitos de outra geração que compreendiam o mundo e sua interação neste, diferentemente de nós, apresentam representações cristalizadas tanto em grandes estruturas quanto em ocorrências menores, do cotidiano, dos fatos guardados na memória, das versões de cada um que participou de um mesmo espaço geográfico. Para Coelho (2011, p. 32), a história decifrada na paisagem

não deve se reduzir a uma simples análise cronológica dos acontecimentos, mas sim colocar em perspectiva seus significados. Uma história que não se limita a estudar as características de determinada cultura ou civilização, mas que se refere ao presente vivo, ou seja, ao passado a que estamos vinculados.

Nesses rastros podemos encontrar o sujeito, suas posturas e suas atuações frente aos caminhos que a paisagem percorre. O próprio cotidiano é um elemento de alteração e transformação do espaço. Ao confrontarmos nosso olhar para a paisagem com outras escalas diferentes da do cotidiano, parece que podemos também perceber o espaço de maneira nova.

Outra coisa de paisagem que eu acho que tem **a ver com esse olhar**, é quando eu estou viajando de avião, lá no alto eu me dou conta que aqui embaixo se as pessoas não tomarem conta, elas viram marionetes dispersas nesse **espaço todo**. E por várias vezes já, e **estando lá em cima e olhando assim eu tomo certas ações** ou mudo certas ações ou traço alguns objetivos justamente **da minha ação nesse espaço**, para não me sentir esse bonequinho somente cumprindo ordens dos outros. É isso que eu falo, **essa ação dos homens sobre o espaço, sobre onde ele está**. (Veranista 1)

A paisagem, em suas múltiplas possibilidades de enfoques, permite um olhar para o espaço que integra diversos aspectos sobre a relação dialógica sociedade-natureza, e, ao expressar os diferentes momentos da ação de uma cultura sobre o local, é também uma acumulação dos tempos, trazendo os significados históricos. Como o Ensino de Geografia pode trabalhar a paisagem em diferentes escalas? Será que uma visão do alto nos “aproxima” do local ou não?

Diante da nossa relação com o mundo que mudou para local-global (SANTOS, 2008), onde o local ecoa o global, ver o mundo em escalas de maior abrangência, como em imagens de satélite, segundo Santos (2008), estreita nossa relação com ele.

O que nos parece interessante é variar as escalas, o olhar, tem tanta vida em um lugar como no mundo, e são essas relações de diversidade, singularidades, pertencimentos e mobilidades que pensamos ser importante de discutirmos, e que tanto no Ensino de Geografia como no estar-ser turista podemos fomentar com as oportunidades dos encontros, na leitura das paisagens, na comparação dos lugares.

Sentimentos como respeito, solidariedade, ética estão implícitos nessa reflexão. Sentimentos significativos para uma consciência planetária, que nos leve a uma civilização verdadeiramente humana (MORIN, 2000b). Uma civilização que se coloca em um contínuo processo de conhecimento do conhecimento para apre(e)ndermos o mundo, os lugares, as paisagens, o nosso convívio com os outros seres.

A paisagem está sempre presente como forma de relacionamento com as facetas e os lugares da realidade. Eis porque entendemos por civilização um processo de busca incessante e aperfeiçoamento do convívio entre os homens. Seria a busca da dignificação. Mas é preciso que, de uma vez por todas, o espírito seja educado de forma a não denegrir o produto paisagístico. (YAZIGI, 2002, p. 26)

Apresentamos os enfoques narrados pelos sujeitos entrevistados para a compreensão do conceito de paisagem, pela codificação teórica. Além da discussão realizada a partir dos trechos selecionados, as respostas transpareceram para nós o princípio do anel recursivo, da paisagem enquanto produtora e produto ao mesmo tempo, assim como é marca e matriz. Sobressaltamos ainda que o humano não foi explicitado em nenhum conceito de/na paisagem.

Para seguirmos em nossa análise acerca do conceito de paisagem, temos a codificação temática. Organizamos um quadro síntese das narrativas codificadas por palavras-chave (Quadro 8). Esse quadro tem o intuito de relacionar os conceitos com os grupos dos sujeitos entrevistados e com seu histórico de Ensino de Geografia e do profissional. Também encaminhar para a reflexão da temporalidade e da espacialidade dos sujeitos relacionada à sua complexidade na leitura da paisagem. No Quadro 8 estão apenas os sujeitos para os quais a pergunta o que é paisagem foi feita.

<b>Quadro 8. Síntese do conceito de paisagem - divisão pelos grupos dos entrevistados</b>				
<b>Sujeito</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Atuação Profissional</b>	<b>Codificação por palavras-chave</b>	<b>Interpretação da pesquisadora</b>
MOR 1	E. Superior Incompleto	Trabalha na política	Mudança pela sociedade, tudo que se observa.	Percepção visual, estrutura dinâmica que é modificada pela sociedade (anel recursivo paisagem – sociedade), histórica.
MOR 2	E. Fundamental Incompleto	Historiador	Informação que entra pelos olhos, causa sensação, formação estética.	Percepção visual, representação pela informação, que gera sensações.
MOR 3	E. Superior Gestão Financeira	Proprietário de Restaurante	Vê um lugar, representa um lugar.	Percepção visual, forma representativa do lugar, significado identitário.
MOR 4	Especialização Educação Infantil	Professor Municipal E. Infantil	Pensa no verde, pensa em animal, pensa em coisas bonitas.	Olhar romântico, significado estético e ecológico, representação.
ATUR 1	E. Médio	Garçoneiro	Olhar para a natureza, bonito.	Olhar romântico, significado estético, percepção visual.
ATUR 2	E. Superior Incompleto	Gerente Restaurante	Olhar e só ver verde, beleza natural.	Olhar romântico, significado estético e ecológico, percepção visual.
ATUR 3	E. Básico	Hoteleira	Natureza	Olhar romântico.
ATUR 4	E. Superior Incompleto Direito	Gerente Agência Tur. Receptivo	Mar lindo, montanha linda, Garopaba conjunto dos dois - paisagem perfeita.	Olhar romântico, significado estético e ecológico.
GEOG 1	Especialização História	Professor Estadual História e Geografia	Local bonito. Um local alterado, transformação da natureza principalmente pelo sujeito.	Evolução do conceito. Estrutura dinâmica pela interação sujeito versus natureza.
GEOG 3	E. Superior Estudos Sociais, ênfase Geografia	Professor Estadual Geografia	Passagem pelo espaço, com o tempo modifica o lugar - modifica a paisagem, leitura dessa transformação.	Leitura da dinâmica espacial e temporal.
GEOG 4	Especialização Gestão Pública, E. Superior Geografia	Professor Estadual Geografia	Redescobrir a construção do espaço pela observação da paisagem, processo histórico.	Leitura da dinâmica espacial e temporal.
VER 1	E. Superior Letras	Professor Universitário Letras	Natureza, apropriação da natureza pelo sujeito. Tem a ver com o olhar, olhar do alto e tomar ações / traçar objetivos, ação dos homens sobre o espaço.	Estrutura dinâmica pela interação sujeito versus natureza. Percepção visual, escala de observação do alto - mudança do ângulo cotidiano – potencializa a ação do sujeito sobre o espaço.
VER 2	E. Básico	Comerciante	Uma paz, olhar uma natureza, lugar lindo, Garopaba.	Olhar romântico, significado estético, percepção visual e sensorial.

VER 3	E. Médio	Comerciante	Natureza, linda, ver na terra a roça onde trabalhou com o pai, matar a saudades.	Olhar romântico, estética da natureza associado a sua vivência, percepção visual e sensorial, memória afetiva.
VER 4	E. Superior Geologia	Funcionário Público	Vista da natureza mesmo com elementos não naturais, conjunto harmônico para uma pintura.	Olhar romântico, percepção visual, estética da natureza combinada com elementos não naturais.
TUR 2	E. Superior Análise de Sistemas	Analista de sistemas	Imagem que grava de um lugar.	Percepção visual, memória do lugar.
TUR 3	E. Superior Pedagogia	Prof. Ensino Fundamental	É tudo, depende se é modificada ou natural.	Totalidade, natureza e natureza modificada.
TUR 4	E. Superior Direito	Advogada	Retrato de um local, em constante transformação.	Percepção visual, estrutura instável.
NC 1	E. Superior Direito	Advogada e Assessora de Moda	Vista da natureza, bonita, sentir bem.	Olhar romântico, significado estético, percepção visual e sensorial.
NC 2	E. Básico	Cuidadora, Faxineira	Natureza, lugar bonito.	Olhar romântico, significado estético.
NC 3	Mestrado Geografia	Autônoma	Percepção visual, fotografia, lugar sem vida, representação do espaço.	Percepção visual, sem vida, forma representativa do espaço.
NC 4	E. Superior incomp. Geografia	Estudante	Foto, muda a cada momento, mesmo lugar, paisagem diferente.	Percepção visual, forma representativa em constante mudança, dissociação paisagem e lugar, paisagem muda, lugar permanece.

Fonte: Elaborado pela Autora.

O olhar romântico que predomina nas narrativas, associando a paisagem à beleza, ao verde e à natureza preservada, e também colando a ideia de natureza bela com uma percepção sensorial de apropriação fruída é compreendido por nós, nesse momento, como conceitos simplificadores do espaço. Nesse conceito houve a preponderância acentuada dos sujeitos com baixa escolaridade, mas também tivemos sujeitos com formação superior apresentando tal visão.

Notamos que o conceito de paisagem que proporciona uma compreensão mais elaborada e abrangente destacou-se nas respostas dos sujeitos com formação escolar, na maioria, superior. Mas que o estudo superior não é imprescindível na noção de um conceito complexo de paisagem. Temos elucubrações com teor científico apresentadas por um sujeito com formação básica. Ressaltamos que esse sujeito, que tem o ensino básico, parece ter buscado por outras vias, que não a do ensino formal, uma construção do conhecimento um

tanto apurada e sólida. Esse sujeito hoje tem se dedicado com notável apreensão à história de Garopaba e região.

A relação com a noção visual sobressaiu nos conceitos de paisagem. A paisagem como uma vista mostrou-nos ser uma representação social generalizada. Concepções mais elaboradas geograficamente, especificando a interação do homem com a natureza, transformando e assim marcando o espaço, e da paisagem enquanto representação de um lugar, foram narradas principalmente pelos sujeitos professores de Geografia e sujeitos com formação superior. As questões identitárias apareceram nas narrativas de sujeitos moradores associadas ao sentimento de lugar.

Será que essa compreensão base do conceito nos permite ler com maior propriedade a paisagem ou não? E será que todos querem decifrar a paisagem ou alguns sujeitos apenas querem o deleite que possa ser proporcionado na contemplação não engajada? Pensamos que ao contemplar já estamos nos relacionando com a paisagem. Toda relação predita responsabilidade, ou não?

Para buscar responder essas questões, mesmo provisoriamente, e especificamente ao objetivo das noções de temporalidade e espacialidade (Objetivo específico a) nos encaminhamos para a análise das perguntas das entrevistas relativas aos processos e à leitura da paisagem. Ao perceber as mudanças e relacioná-las ou não a acontecimentos paralelos, acreditamos que será possível desvelar a espacialidade e a temporalidade, além de retratar a complexidade da leitura de cada sujeito.

### **Leituras da paisagem: temporalidade e espacialidade nas narrativas**

Pensamos que podemos verificar a possibilidade de investigarmos a escala temporal e espacial na paisagem, pois nos parece que “não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço” (SAUER, 1998, p. 42). Abrigando estruturas e formas construídas em múltiplas combinações por justaposição, transferência, composição ou negação, a paisagem, enquanto materialidade, tende a ser constituída de várias camadas, que potencializam usos e funcionamentos, mostrando um campo de revisitação das práticas exercidas pela sociedade que a significa subjetivamente.

A Complexidade requer que a mente e a matéria sejam vistas em interação uma com a outra. Nenhuma deve ser dada como prioridade. Espacialmente e historicamente seria

insatisfatório considerar a paisagem e o lugar fora do contexto do mundo das relações humanas de produção.

Mesmo que possa ser encadeada a temporalidade com a História e a espacialidade com a Geografia, sabemos que ambas as noções constroem o espaço geográfico indivisivelmente. A paisagem enquanto recorte do espaço se coloca na mesma lógica, pois os fenômenos que compõem a paisagem “não estão simplesmente reunidos, mas estão associados e interdependentes” (SAUER, 1998, p. 17).

A temporalidade é relativa à leitura da paisagem que traz elementos históricos estabelecidos ao longo do tempo, compondo sua característica dinâmica. “Todos os elementos que compõem esta dinâmica podem ser objetos de estudo, tanto em conjunto como isolados, no entanto esta dinâmica sugere uma *estrutura* e um *funcionamento* essencialmente únicos, características que dariam a cada paisagem seu caráter específico” (VERDUM, no prelo, p. 1, grifo do autor). Ter noção de temporalidade parece ser perceber as camadas da historicidade contida na paisagem, é acreditar que a história pode ser narrada na paisagem e essa percebida pelos sujeitos que a vivenciam. Tem como perguntas norteadoras: o que mudou? Quando mudou? Em que intensidade mudou?

A espacialidade parece ser relativa ao domínio do espaço alcançado pela visão, que traz as noções de localização, de interação dos fatores que causam as mudanças e suas consequências, dos elementos físicos (relevo, vegetação, cursos d’águas), como também do engajamento da ação de cada sujeito, da responsabilidade social nas esferas políticas e econômicas. Onde mudou? Por que mudou? Com que está relacionada essa mudança? O que aconteceu ou acontecerá referente a essa mudança ou a sua não mudança?

Podemos perceber pela escala espacial a estrutura, a forma e os usos da paisagem. Percebendo seus usos e a sua apropriação pelos sujeitos, trabalhamos com seus significados subjetivos. “A partir desses níveis de análise da paisagem pode-se propor que a concepção de paisagem assume significados distintos, isto é, têm-se **padrões paisagísticos locais e identidades locais**” (VERDUM, no prelo, p. 11, grifo do autor).

A fim de visualizarmos as noções de temporalidade e espacialidade, focamos nas narrativas que expressam os processos de mudanças da paisagem. Elaboramos quadros com as narrativas divididos por grupo. Nos quadros, pensamos ser importante especificar a quanto tempo o sujeito conhece Garopaba para ponderarmos essas noções.

Na primeira coluna trazemos a identificação do sujeito, o tempo que os sujeitos moradores, atores do Turismo e professores de Geografia moram em Garopaba, pois não são todos nativos (quando o sujeito é nativo de Garopaba, denominamos como Natural e

colocamos sua idade), e para os veranistas e turistas especificamos o tempo que frequentam o município. Ainda nessa coluna, inserimos a Escolaridade para a nossa reflexão acerca da relação do Ensino de Geografia.

A segunda coluna apresenta o Resumo das mudanças narradas por cada sujeito, seguida pela coluna com os Trechos selecionados da Narrativa, para exemplificar alguns dos pontos resumidos. A última coluna tem a Interpretação da pesquisadora embasada pelas colunas anteriores. Classificamos em três leituras as narrativas a fim de organizar nossa análise:

1) **Leitura complexa:** tece relações para as mudanças podendo apresentar as possíveis causas ou consequências da (s) modificação (ões) a partir das dinâmicas sociais ou naturais, e/ou pode trazer postura crítica conjugando com as responsabilidades sociais e políticas.

2) **Leitura intermediária (Interm.):** conjuga alguns fatos relacionados às mudanças, embasados em representações sociais, e muitas vezes deixam transparecer certa insegurança em sua avaliação, ou uma distorção do espaço.

3) **Leitura pontual:** apenas sinaliza as mudanças, com ou sem sua localização no espaço, mas não tece conexões.

Será que quem estudou tem uma leitura mais complexa, ou não? Será que quem estudou Geografia tem uma leitura enriquecida com representações espaciais? Essas questões serão reintroduzidas em outras tabelas, para ampliarmos nossas redes de relações.

Os sujeitos que não conhecem Garopaba não aparecem nessa análise, pois não poderiam definir as mudanças na paisagem.

Iniciamos com o quadro para os moradores (Quadro 9).

### Grupo de entrevistados: sujeitos moradores

Será que o morador de Garopaba conhece mais a paisagem local, ou não?

Quadro 9. Relato e interpretação das mudanças na paisagem para os sujeitos moradores			
Sujeito	Resumo das mudanças narradas	Trechos selecionados das narrativas	Interpretação da pesquisadora
MOR 1 Natural de Garopaba 25 anos E. Superior Incompleto	Nível do mar subiu associado a maior aproximação da maré e de destruição de casas à beira mar; diminuição do espaço em geral de atuação do nativo e	- Já tinha muito turista. Eu tenho 25 anos. Nas minhas primeiras lembranças aqui <b>era muito movimentado, havia muito turista, e nada muito regulamentado.</b> Tanto em relação ao Turismo, quanto ao dever e aos direitos, tanto do turista e do cidadão. É, aí <b>houve um achatamento pra gente que é nativo, né?</b> Diminui o nosso espaço.	<b>Interm:</b> Tece relações com a ocupação decorrente da chegada do Turismo com a estrutura da cidade e com a legislação municipal, mas nos parece que traz uma

	<p>especificamente do espaço para o nativo comercializar o peixe; diminuição da pesca por causa dos atuneiros; incremento dos serviços básicos para o turista; falta de preparo/compreensão do Turismo pela população e a falta de regulamentação tanto para o Turismo quanto para os cidadãos.</p>	<p>- A diferença é que antes só vinha gaúcho, agora tem muito paulista e curitibano. Trabalho, essas coisas, foram, assim, <b>eles deixaram o nativo na ignorância, para trabalhar para eles</b>. Eles construíram fábricas, colocaram farmácias, deram alguns empregos. Também tem que a gente aqui se acomoda. <b>O povo açoriano que veio para cá era o mais preguiçoso.</b> [...] O povo açoriano, não é um povo que tem lá muita vontade, então não vai muito em frente.</p>	<p>visão distorcida das causas e suas possíveis consequências. Busca retratar a perda de espaço valorizado do povo nativo e expõe as representações sociais para o açoriano e para os de “fora”. Traz os locais que frequentava, associando com sua vivência.</p>
<p>MOR 2 19 anos em Garopaba E. Funda- mental Incompleto</p>	<p>Modificação do comportamento dos nativos com a chegada dos turistas e pela própria dinâmica da vida (referências às informações que chegam pela mídia); aumento do Turismo; mudança do traçado do espaço pelo aumento da urbanização; aumento da estratificação social da população; não mudou a falta de identidade.</p>	<p>- Uma coisa que não mudou e ainda tá faltando, <b>é uma definição em relação à própria Garopaba</b>, que eu noto assim de conversar com as pessoas, eles mesmo <b>não sabem quem eles são</b>, o próprio pessoal daqui. Aqui do centro histórico, tu conversa com as pessoas, e Garopaba para elas é o centro histórico. Quando tu dizes: lá no Siriú, é outro lugar, não é Garopaba, então eles <b>não fazem nem ideia do universo que pertence a eles</b>, e ao mesmo tempo também tem o aspecto, da realidade de sobrevivência, <b>um vive do mar, mais da pesca, outros da agricultura</b> e eventualmente dão uma pescada na lagoa, <b>então são culturas diferentes, que pouco dialogam</b>.</p> <p>- E aí quando eu comecei a me envolver com o pessoal nativo, eu comecei a notar isso, <b>porque eles tinham essa relação assim, viviam todo mundo junto</b> e ao mesmo tempo um respeitava o outro. Não existia muro, inclusive eles não tinham nem cachorro. Cachorro foi de um tempo pra cá, eram bem poucos, porque eles sempre diziam que cachorro espanta visita e eles adoram serem visitados de surpresa.</p>	<p><b>Complexa:</b> Tece relações da dinâmica do espaço com as mudanças na paisagem, associa a paisagem e sua compreensão do local aos comportamentos. Traz também sua vivência.</p>
<p>MOR 3 9 anos em Garopaba E. Superior</p>	<p>Mudança acentuada neste ano (2011) na dinâmica costeira – menos areia acumulada; diminuição das dunas em decorrência da retirada da areia pela população; aumento do desmatamento, ocupação dos morros por construções, construções nas beiras de estrada e de ruas pavimentadas.</p>	<p>- Ah, achei que mudou bastante. <b>Ocupação de morros</b>, assim eles estavam até meio desmatados já, não é em relação a desmatar mais, <b>mas em ter mais construções. Muito mais construções na beira da estrada</b>, daqui até a saída.</p> <p>- <b>Esse ano rolou uma mudança</b>. Todos os anos era a mesma coisa, <b>o vento acumulava aqui aquela areia e aí o mar vinha vindo, mas vinha cavando</b>, vinha cavando e aí <b>depois ele voltava e se estendia. Parece que depois daquelas ressacas aquela areia que ele acumulava foi embora. Podia mostrar isso para o aluno</b>. Por exemplo, porque que quando daquelas ressacas o <b>mar invade as casas</b> e mostrar porque que tem que <b>ter uma distância das casas da praia</b>.</p>	<p><b>Complexa:</b> Análise das dinâmicas naturais, tece relações na ocupação do espaço, traz locais de sua vivência. Visão crítica das construções muito próximas da costa.</p>



<p>MOR 4 Natural de Garopaba, 43 anos, Especiali- zação</p>	<p>Perda de identidade do centro histórico; aumento do desmatamento; aumento do Turismo; deslocamento da fauna local de seu habitat de origem devido aos aterros para novas construções, supostamente para turistas.</p>	<p><b>- O centro histórico, eu não gosto de ir lá,</b> porque eu acho muito parado. Aquilo lá já foi muito usado. <b>Como que perdeu a vida? Quando a gente era pequena, a gente via o movimento dos pescadores, dos moradores, e hoje em dia a gente vai lá, pra passear e a gente vê que não tem mais ninguém</b> na rua, coisa monótona, <b>então a gente já nem passa mais por lá.</b> [...] Porque o <b>que fazia a gente ir lá era a igreja e hoje não tem mais.</b> A igreja, em vez de ter construído essa grande obra no centro, deviam ter reformado lá. Trabalhei agora <b>no projeto da fauna nativa de Garopaba, né, com essa modificação, com a vinda do Turismo pra cá,</b> com as construções (loteamentos) para os turistas, tudo isso, <b>a natureza sofreu modificações e animais desses que tinham antigamente hoje não tem mais.</b> [...] A questão da caça aqui não existe mais, é muito difícil, é mais caça assim por diversão.</p>	<p><b>Complexa:</b> Tece relações nas ocupações do espaço pela sociedade, associa as consequências das modificações no espaço e na paisagem. Pontua as mudanças conforme os locais que frequenta, trazendo também sua vivência.</p>
---	--	--	---

Parece-nos que os sujeitos moradores procuram trazer a sua vivência para descrever as mudanças verificadas na paisagem de Garopaba. O olhar tende a denotar mudanças tanto na escala temporal, com a dinamicidade das remodelações da estrutura e do funcionamento da paisagem, quanto espaciais, com as questões subjetivas do comportamento, com os diferentes usos da paisagem, com as rugosidades, com as mudanças na forma pelas novas construções, pela perda e pelo ganho da cobertura vegetal.

Elementos não visíveis aos olhos aparecem nos relatos, provavelmente porque fizeram parte do cotidiano vivido dos sujeitos.

A intenção de representar algo ausente ou no todo inapreensível revela o caráter subjetivo desse processo, assim, a paisagem expressa os diferentes momentos de desenvolvimento de uma sociedade sendo portadora de significados e adquirindo uma dimensão simbólica passível de leituras espaço-temporais. (COELHO, 2011).

As relações tecidas na paisagem trazem um olhar abrangente que faz conexão com as esferas políticas, com a chegada dos turistas, com a mudança histórica do significado do mar, com as mudanças do habitat dos animais. A impressão que temos é que, mais que a educação formal, para ler a paisagem é necessária a vivência, a temporalidade e a espacialidade. No entanto, essa vivência vem com uma carga de representações sociais e ideologias cristalizadas na sociedade, que por comporem a paisagem em sua forma simbólica podem

também mascarar dimensões mais reais, e aqui acreditamos que podemos situar a importância do Ensino de Geografia.

Por força do hábito, podemos enxergar para além da própria realidade da paisagem, e a vemos mais do ponto de vista cultural que da descrição natural, de como ela é de fato. Como se criássemos certos mitos acerca do lugar, numa espécie de cegueira (MENEGAT, 2008, p. 15).

No relato do Sujeito Morador 1 a explicação para o comportamento dos nativos busca subterfúgios nas representações sociais associadas à descendência açoriana. A crença expressa na narrativa é comum no município entre os moradores, usada como justificativa para não terem se desenvolvido economicamente como desejavam, quando se comparam aos novos moradores. Vimos no estudo sobre Garopaba que outros moradores compartilham dessas representações, que aparecem também associadas a uma postura amigável e acolhedora, ou como nas representações dos veranistas e turistas, respaldando um simbólico de candura e simplicidade relacionadas ao povo nativo, que remetem ao olhar romântico para o povo da praia, puro e transparente (CORBIN, 1989).

Pensamos que esta concepção deva ser mais discutida pelos sujeitos garopabenses, e que seja um tema trabalhado no Ensino. Parece haver uma representação social, construída na identidade dos nativos, sedimentada em um simbolismo de inferioridade cultural. De acordo com a narrativa do sujeito Morador 2, a problemática da identidade presente em Garopaba também se coloca pelo viés dos sujeitos não conhecerem seu “universo”.

Cada grupo social possui seus próprios códigos, representações sociais, que nem sempre são compreendidos pelos demais sujeitos e mesmo por seus próprios sujeitos, estabelecendo tensões. “Qualquer realidade social apresenta tensões entre os seus sujeitos, eis a riqueza da sociedade. Tensões estas que ocorrem entre as partes e, portanto, reflete o todo” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 215). Assim como pensamos que cada grupo tende a ver o mundo limitado pelo seu mundo cultural, também já discutimos que vemos o nosso mundo a partir do outro. Essa dialógica parece estar recorrentemente presente em espaços turísticos.

Creemos, nesse momento, que o ensino das ciências sociais deve valorizar as diversidades culturais, e para tal acreditamos ser importante compreender a história, a cultura e a identidade do seu lugar. Se não temos nossas bases identitárias sólidas, tendemos a ver o outro em superioridade e/ou como um invasor, como acontece com certa frequência no caso dos turistas.

A representação social do turista enquanto invasor aparece na narrativa do Morador 4, explicitado no trecho a seguir, que complementa o citado no quadro:

Nesse espaço aqui (entorno da escola) já apareceu capivara e tudo daqui, jacaré, cobra, tudo que tu podes imaginar. Mas eles estão fugindo de lá pra cá por quê? Porque lá onde eles estavam ali, onde tá saindo **o loteamento dos turistas** (novo loteamento, com aterro do banhado) né, claro, aí o que eles fazem? Eles fogem tudo pra cá, onde ainda não tem esse tipo de movimento, aí aparecem esses bichos.

A visão do Sujeito Morador 4 traz a ideia que parece ser senso comum que as novas construções, principalmente as maiores, são obras dos “de fora”. O loteamento ao qual ela se refere provavelmente vai sim ter lotes vendidos aos turistas, que talvez passem a veranistas e moradores em um tempo próximo, mas é uma obra de moradores, nativos e não nativos.

O Ensino de Geografia abarca a possibilidade de leitura da paisagem mais contextualizada, para não ficarmos apenas nas representações sociais que podem inebriar nosso olhar. No entanto, reforçamos que parece também não ser o ensino formal o caminho único para uma leitura mais complexa da paisagem, como interpretamos baseado nas narrativas do Sujeito Morador 2. Esse sujeito abandonou a escola cedo, antes de completar o ensino fundamental, mas dedicando-se a (re) contar a história de Garopaba apreendeu movimentos espaciais e temporais locais.

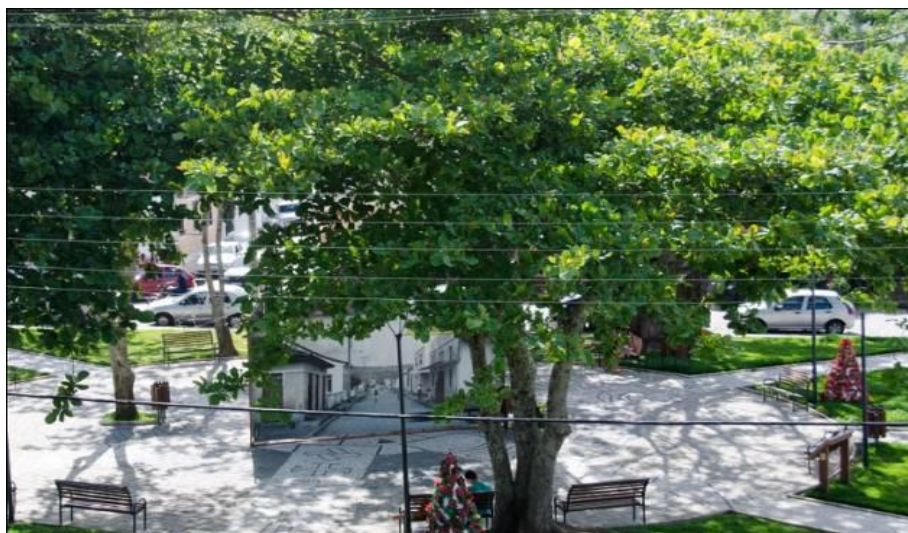
Eu já fiz **a pé, tirando foto, observando, toda essa costa e um bocado das trilhas do município**. Eu já caminhei por toda essa Garopaba. [...] Ih, gosto, **gosto mesmo de me entregar a uma conversa**. O Seu Inácio, que já morreu, me contou muito. Queria ter feito uma festa para ele. Mas agora o seu Pila, vai chegar aos 95 anos, vamos fazer uma festa para ele ali no centro (Sujeito Morador 2).

Comprendemos, nesse momento, que o Sujeito Morador 2 demonstra que, ainda mais expressivo do que o tempo em um local, é importante para compreender a paisagem a sua mobilidade pela área, a troca de conversas, o contato com os seus habitantes. A questão da identidade que esse morador traz pensamos ser bastante específica, exigindo um olhar apurado. Esse mesmo relato aparece apenas em outra narrativa, a do sujeito Professor de Geografia 2 (que será apresentada no quadro 11), sujeito que interpretamos como sensível à leitura da paisagem. Também a identidade parece não se referir a uma essência permanente, mas a situações e interesses movediços. Para uma população a sua identidade é questão de referência, parece ser onde nos apoiamos quando estamos em frente ao outro.

No campo das identidades e dos processos identitários a paisagem também pode ser mobilizada. Há exemplos do seu uso para a constituição e fixação de uma imagem e de um sentimento nacional, como hinos e bandeiras que recorrem a elementos paisagísticos identitários. (MENESES, 2002, p. 41).

Nesse contexto, parece que quem não conhece sua paisagem pode apresentar maiores dificuldades de saber quem é. “Entenda-se bem, a paisagem se deixa ver, mas além do simples pitoresco, na ordem própria da visibilidade que a paisagem oferece, o ser humano, ao situar-se nela visualmente, nela descobre as dimensões do seu ser” (BESSE, 2006, p. 35). A falta de uma identidade pode ser uma característica, em princípio oculta, na narrativa do Sujeito Morador 1 quando fala que o espaço do nativo diminui e que não há lei para regulamentar a ocupação e o uso do espaço. Ainda que importante uma lei (mesmo levando em conta que costumamos não nos apropriarmos delas), talvez seja necessário reconhecer o seu lugar, redescobrir a sua paisagem, hoje já compartilhada com tantos outros olhares. Consideramos, nesse momento, que o ensino não deve deixar escapar esse tema.

A narrativa do Sujeito Morador 4 traz a falta de sujeitos e de vida no centro histórico, local que deve ser reincorporado aos movimentos locais. O centro histórico já foi o local do mercado do peixe e de produtos agrícolas, do centro religioso, de encontros, de trabalho. O ser humano aparece como significante da paisagem nessa narrativa. Afinal, como pergunta Yazigi (2002, p. 26), “quem mais do que o homem tempera o lugar?” A fotografia da praça do centro histórico revela seu pouco uso, mesmo em um dia de verão da alta temporada do Turismo em Garopaba (Figura 28).



**Figura 28:** Praça no centro histórico com pouco movimento. Fonte: Esperança Gadelha e Pedro Hahn<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> As fotografias que compõem as narrativas dos sujeitos entrevistados, foram tiradas a pedido da pesquisadora para a dissertação, por Esperança Gadelha e PedroHahn, em janeiro de 2011.

### Grupo de entrevistados: sujeitos atores do Turismo

Quem trabalha com Turismo tem uma leitura mais focada na atividade ou não? A seguir o quadro do relato dos atores do Turismo para a leitura da mudança da paisagem (Quadro 10).

Quadro 10. Relato e interpretação das mudanças na paisagem para os sujeitos atores do Turismo			
Sujeito	Resumo das mudanças narradas	Trechos selecionados das narrativas	Interpretação da pesquisadora
ATUR 1 10 Anos em Garopaba E. Médio	Mudou completamente do final da década de 90 para cá; diminuição da faixa de areia na praia central (praia de Garopaba) e na passagem da praia de Garopaba para Siriú; gruta era mais preservada; diminuição das árvores na cidade e dos animais marinhos de pequeno porte na praia; aumento da urbanização; não havia esgoto desembocando na praia central.	<b>E antes tu podia ir pro Siriú sem subir as pedras</b> , tu fazia a volta na areia mesmo, é claro que a <b>maré influenciava</b> , chegava o meio-dia ele encostava, depois passava do meio-dia e tu ia pra lá, tanto que a gente ficava na praia, caminhava até o Siriú, às vezes vinha a maré, a gente esperava ela descer pra volta. [...]. Com certeza parece que <b>o mar também subiu, porque não existe a possibilidade hoje de tu ir pro Siriú pela areia</b> . A impressão que dá, é como se fosse, o mar, o mar vai pegando a areia, né, vai puxando a areia e depois tem as fases que ele traz a areia de volta e antes tinha areia pra ele pegar, e agora não tem areia, né. <b>O espaço tá tudo mais curto, né.</b>	<b>Interm:</b> na mudança da faixa de areia Garopaba - Siriú, uma vez que busca compreender a dinâmica costeira. <b>Pontual:</b> no restante da narrativa apenas pontua as mudanças, localizando-as nos locais de ocorrência. Tece também com sua vivência.
ATUR 2 Natural de Garopaba 30 Anos E. Superior Incompleto	Aumento da vegetação no Morro da Vigia (relação com a troca da atividade econômica – retirado do gado para construção de casas); aumento da urbanização na área central; diminuição da faixa de área na praia central; descaracterização dos locais de trilhas, de caminhadas, da piscina natural no Morro da Vigia pela construção de casas e proibição das passagens pelos novos donos dos terrenos; área rural à venda por valor alto e preocupação com mudanças futuras nessa área (quem comprar vai manter os aspectos rurais e a natureza mais	- Eu acho que essa <b>parte de morros da parte rural de Garopaba</b> , as pessoas <b>querem muito vender os seus terrenos</b> . A gente anda pelo sítio lá, tem muita faixa de terra pra vender e com um valor bem alto, então, <b>essa insegurança de vender e não saber</b> o que vai acontecer é insegurança, né, <b>mas eu acredito que quem compre mantenha...</b> eu não gostaria que mudasse essa região nossa, no caso oeste, né, que é a parte de morro, que pega até uma parte da BR-101 lá. - Tu pensas assim, é <b>pela faixa de terra</b> , uma pessoa que <b>vai fazer uma fossa</b> , com os <b>padrões daqui que a cidade recomenda</b> , com aquela faixa de terra, não vai de maneira nenhuma esgoto pra água, mas se tu chegar <b>ali naquela parte de praia, onde tem as casas, onde é areia da praia, não é feito conforme</b> , até porque já são coisas antigas. Se tu chegas mais acima no mesmo rio, nós temos o Panorâmico (bairro), <b>aquele residencial foi feito em cima de um</b>	<b>Complexa:</b> Tece relações buscando compreender como se deram as mudanças - o comportamento dos sujeitos, as políticas com a remodelação do espaço, as ocupações humanas, e também busca visualizar como ficará em um tempo futuro. Assume postura crítica nas restrições do uso de áreas públicas, na situação de novos loteamentos, o destino dos esgotos, tecendo com a legislação municipal. Avalia os problemas ambientais, parece-nos, extrapolando com as representações sociais. Situa as mudanças nos locais de ocorrência,

	preservada?); problemas com o esgoto; não havia esgoto desembocando na praia central; aumento do Turismo e otimismo pela relação dos turistas com a natureza (os novos moradores querem ficar no mato e por isso desmatam menos).	<b>banhado, todas as casas abaixo do valão</b> eles tem esse problema de esgoto. <b>Botam aonde? No rio. E onde é que o rio vai parar? Na praia.</b> E então para mim o <b>principal problema de Garopaba, não é o desmatamento, porque isso comparado a imensidão de terra que gente tem é mínimo.</b> Não é porque <b>as pessoas jogam lixo na rua, não, porque a nossa coleta de lixo é muito boa. Agora passou para esgoto, ta aí nosso problema.</b>	associando também com a sua vivência.
ATUR 3 Natural de Garopaba 80 Anos E. Básico	Descaracterização da paisagem natural com a urbanização principalmente na área central, aumento das construções da beira da praia (remete-se ao plano diretor), de ruas pavimentadas, do emprego pelo Turismo; mudanças nos hábitos dos nativos: banho de mar era reservado, não usavam maiô; ocupação pelos turistas de áreas não valorizadas anteriormente.	Eu sou a favor dessa avenida, só que não sou a favor das construções que saíram na beira da praia. <b>O plano diretor</b> que foi feito com o primeiro prefeito, <b>era pra ter livre daqui do início até lá no fim da praia</b> , só que sabe como é, <b>muda</b> , outros prefeitos chegaram, depois vai mudando.	<b>Complexa:</b> Tece relações com a chegada do Turismo e com as políticas públicas para a urbanização da área central. Situa as mudanças nos locais de ocorrência, tecendo com sua vivência.
ATUR 4 9 Anos em Garopaba E. Superior Incompleto	Desde 2002 mudou muito; aumento das construções de casas no morro da Vigia; desmatamento na área do cemitério.	Mudou muito a paisagem. <b>O morro da Vigia</b> , tu cochila, e tu <b>abre o olho já tem uma construção nova.</b>	<b>Pontual:</b> Pontua as mudanças, localizando-as nos locais de ocorrência.

Os atores do Turismo não apresentam uma leitura focada no Turismo, essa parece estar mais situada nas suas vivências. Em referência à situação, percebemos, nesse momento, uma relação dos sujeitos atores com menos tempo morando em Garopaba apresentarem uma leitura mais limitada, sem realizar conexões das mudanças com suas causas e consequências, endossando a importância da temporalidade e da espacialidade na leitura da paisagem.

A dinâmica costeira, com o mar alcançando as pedras que dividem as praias de Garopaba e do Siriú é assinalada em muitos relatos, aproximadamente em um terço deles, no total das narrativas. Essa representação social recorrente parece exigir uma representação espacial para sua compreensão. Buscamos trabalhos científicos nessa área para Garopaba e não encontramos. Acreditamos que esse tema possa ser desenvolvido em um estudo conjugando os movimentos costeiros locais às suas representações sociais.

Os sujeitos entrevistados trazem que nos últimos 10 anos, em média, a dinâmica da costa modificou a paisagem, “a maré retirou a areia, cavando seu caminho até as pedras”. Temos no relato do Sujeito Veranista 3 outro exemplo dessa percepção:

Quando eu cheguei lá, nós fomos às dunas no Siriú, **hoje você é obrigada a subir pelas pedras, e quando eu cheguei, eu vi um carro de boi passar carregado de farinha de mandioca, passando pela areia.** Por exemplo, **até marisco tem ali naquelas pedras agora.** Não é tanto que o mar subiu, **subiu sim, mas mais é o mar que retirou areia, né.** Acredito uma coisa assim, **o vento vai pra lá, quando ele volta, ele traz de volta né,** então quando dá muito nordeste, aquelas casas na rua principal, é tirado os telhados e sei lá, e é tirado carradas de areia (Sujeito Veranista 3).

Muitas associações são possíveis com as marés, com a retirada da areia, com o vento e com a ocupação da orla por construções, nos processos contínuos da paisagem. Essas associações nas narrativas são muito próximas, como podemos observar com a do Sujeito Ator do Turismo 1 e com o Sujeito Veranista 3, o que reporta a já haver uma representação social cristalizada dessa dinâmica. A seguir temos a foto (Figura 29) da passagem da praia do Siriú para a praia de Garopaba na maré baixa. Podemos imaginar que passava carro de boi entre o mar e as rochas? O Ensino de Geografia local, acreditamos, pode investigar as dinâmicas do mar e das areias enlaçando com a história da população local.



**Figura 29.** Foto da passagem da praia do Siriú para a de Garopaba. Fonte: Esperança Gadelha e Pedro Hahn.

Outra mudança pontuada é a da ocupação no morro da Vigia, com a construção de casas de alto poder aquisitivo, a grande maioria de veranistas, como aparece no relato do Sujeito Ator do Turismo 4. A materialidade da presença de suas formas parece não deixar

dúvida dessa ocupação. Algumas narrativas elaboram associações com outras modificações do uso da paisagem nesse ponto, ampliando o espectro de leitura. É o caso do Sujeito Ator do Turismo 2, que comenta:

Eu tenho uma foto ali (do Morro da Vigia), se **tu comparar hoje os morros aqui estão mais preservados**. Talvez **porque antes tinha muita criação de gado, então era muito pasto**, como as pessoas de fora compraram esses terrenos de pessoas nativas daqui, então acabaram não criando mais gado e a vegetação natural acabou crescendo naturalmente. Tu vê claramente ali uma foto do ano de 89, a **diferença dos morros, é, aumentou as casas na região**, no caso de cidade, de centro ali, **aumentou mesmo as construções, mais região de morro, as pessoas que vêm para cá, querem ficar mesmo no mato e aí ninguém desmata muito mesmo** (Sujeito Ator do Turismo 2).

Esse sujeito embutiu na percepção da ocupação do morro a representação que quem vem de fora preserva a mata por querer estar próximo dela. Essa mesma assimilação é exposta por esse sujeito no comentário selecionado para o quadro, relativo à venda dos terrenos na zona rural do município. Essa representação social se mostra um tanto específica, não sendo partilhada por muitos sujeitos de Garopaba, e parece remeter a uma visão calcada no movimento ambientalista. Os movimentos sociais, assim como a paisagem que marca o habitante do local, também transpõem para as paisagens pessoais uma aparência materializada. É o caso dos *hippies* com suas roupas mais soltas, barracas e uma postura de desapego material, identificáveis no início do Turismo local.

A venda dos terrenos na área rural remete a outros questionamentos também. Será que vai acontecer o mesmo da ocupação da orla, uma ocupação por quem vem de fora, que compraram os terrenos por um preço módico, às vezes até trocando por eletrodomésticos, e os valorizaram deixando o nativo carente em suas negociações, ou não? Os moradores da zona rural estão a par das mudanças que ocorrerão na paisagem, ou não? Parece-nos que essas questões assinalam para outras pesquisas que poderiam ser realizadas tanto na zona rural como no âmbito da educação.

Os sujeitos Atores do Turismo 2, 3 e 4, assim como outros sujeitos, contam das mudanças da paisagem, relacionando e questionando com as políticas locais. São os problemas de esgoto, de traçados das ruas, pavimentações, ocupações urbanas, lixo, típicos problemas de planejamento municipal. Ao relacionar com as leis, expressam uma leitura que elabora conexões, o que acreditamos ser importante para a contextualização da prática da cidadania.



A apreciação da política no desenvolvimento local transparece as representações hegemônicas. Atualmente Garopaba vive um dilema, a administração municipal quer alterar uma das leis mais tradicionais (aquela lei proposta pelo turista italiano que citamos no estudo de Garopaba): permitir a construção de edificações com mais de dois andares. Essa demanda foi gerada a partir da reforma de um hotel de donos estrangeiros localizado próximo à praia. Como justificativa, o governo também se dirige ao prédio da IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina) que está sendo construído no município, em um bairro distante da praia.

A população tem se dividido e passeatas populares ocorreram contra essa mudança. A lei já foi aprovada na primeira instância e aguarda a segunda. O sentimento que repercutiu pode ser lido no relato do Sujeito Professor de Geografia 2 quando se refere aos condomínios que cada vez mais são construídos no município, até em áreas de preservação:

Mas eu acho muito desmotivador o que aconteceu no alto da Vigia, por mais que **se tente justificar o crescimento econômico**, essas coisas que acontecem de especulação imobiliária, **eu não gosto do que aconteceu naquela parte do morro ali**. Não gosto do que aconteceu aqui atrás, **esse condomínio que surgiu ali, eu também não gosto**, mas **a especulação imobiliária é uma situação que sobrevive em região turística e a nossa não escapou disso**. É essa especulação imobiliária **que vai chegando e que a gente não gosta, e que a gente não tem força pra lutar contra** (Sujeito Professor de Geografia 2).

Em outra mão já se propaga a importância dessas construções para o desenvolvimento do município, para a geração de empregos e renda. Esses espaços enlaçam paisagem e política hegemônica. Cosgrove (1998) elenca a cultura dominante nas paisagens residuais, emergentes e excluídas.

Segundo este autor, o estudo da cultura está ligado ao estudo do poder, uma vez que o grupo dominante procurará impor suas próprias suposições como verdadeiras e válidas. Com isso, “o poder é expresso e mantido na reprodução da cultura” (COSGROVE 1998, p. 105), assim como na reprodução da paisagem. Percebemos no relato do Sujeito Ator do Turismo 2 para as trilhas atrás da igreja, hoje interditadas por construções particulares, que o poder imprime sua marca.

A gente **fazia caminhada com os escoteiros** no costão atrás da igreja velha, mas agora tem uma **série de construções** que apareceram atrás do morro, eu não achei legal. Eles **fizeram muitas estradas** e depois detonou. Tem piscina natural, uma trilha muito legal, é, era muito legal quando a gente ia. Só que agora não é mais assim, porque eles fizeram umas quatro mansões. Era muito legal, e agora é **até proibido passar por dentro do gramado**, agora tu passa só lá na pedra e eles parecem que **estavam deixando só os**

**pescadores passar, turistas não mais.** Sim, porque **tem segurança das casas** e tudo mais. [...] É uma área de marinha, né, mas pelo fato de ter muito dinheiro, então sabe, Brasil é assim, acha as brechas e vai em frente né, eles **chegaram a botar cerca perto das pedras, mas os pescadores brigaram e parece que eles tiraram uma parte, mas eles estavam ali, limitando o acesso,** né, tavam de olho.

Esse morro supostamente é ambientalmente inapto à ocupação devido a sua declividade e proximidade do mar. As fotografias retratam as marcas das ocupações na paisagem (Figuras 30, 31 e 32).



**Figura 30.** Morro da Vigia: construções no morro, cobertura vegetal restabelecida, gados no alto do morro.



**Figura 31.** Casa particular interditando passagem na trilha atrás da igreja.



**Figura 32.** Cerca interditando passagem na trilha atrás da igreja.  
Fonte: Esperança Gadelha e Pedro Hahn.

### Grupo de entrevistados: sujeitos professores de geografia

Quem é professor de Geografia, com formação superior nessa área, apresenta uma leitura mais complexa da paisagem ou não? (Quadro 11)

<b>Quadro 11. Relato e interpretação das mudanças na paisagem para os sujeitos professores de geografia</b>			
<b>Sujeito</b>	<b>Resumo das mudanças narradas</b>	<b>Trechos selecionados das Narrativas</b>	<b>Interpretação</b>
GEOG 1 20 anos em Garopaba Especiali- zação	Aumento das estradas e do lixo, da cidade, das luzes nos morros, da área construída e em decorrência o problema do destino das fossas; aumento dos aterros em áreas de preservação permanente, como nos banhados.	- É, sempre tem assim <b>a questão das estradas, dos caminhos, a questão do lixo</b> , principalmente, é uma coisa assim que preocupa. A questão é <b>pra onde é que vai esse lixo todo</b> , são as tantas casas, <b>a cidade crescendo sem ter um preparo</b> . Não se vê <b>abrir uma estrada e botar um cano</b> , a questão do saneamento. [...] A gente vê ali do lado da Ferrugem <b>muitas luzes, no morro, porque tem muita gente ali</b> , mas a questão de cuidados assim com o meio ambiente, pra onde <b>tá indo esse esgoto</b> , isso aí, já não se vê, então aí me preocupa.	<b>Complexa:</b> Tece relações com o aumento da população, com a ocupação do espaço e com as políticas públicas. Assume postura crítica referente às responsabilidades com o meio ambiente.
GEOG 2 Natural de Garopaba 49 anos	Aumento das baleias pela preservação e como consequência aumento do fluxo turístico no inverno; histórico do Turismo; aumento da	- É uma coisa que a gente percebe que foi mudando ao longo do tempo, nós <b>não tínhamos esse comportamento turístico</b> e hoje <b>a população já tem</b> , de ir à praia tomar banho, ficar tomando	<b>Complexa:</b> Tece relações com a conservação da natureza (baleia) e o aumento do Turismo, com as mudanças

E. Superior	especulação imobiliária, ocupação da área central e valorização dos terrenos à beira-mar, crescimento da cidade; mudança de hábitos e mistura de culturas pelo Turismo onde prevaleceu a de quem veio de fora.	sol. Nós não tínhamos mesmo, né, a <b>gente ia é pra se refrescar</b> . Isso é uma grande transformação.	comportamentais dos nativos e a valorização das áreas turísticas. Na ocupação do espaço assume postura crítica referente à interação dos locais com os turistas. Traz locais que frequentava, tecendo com sua vivência.
GEOG 3 Natural de Garopaba 53 anos E. Superior	Histórico do Turismo.	- <b>Garopaba era um paraíso</b> , que tudo era ainda <b>assim meio natural</b> , o espaço não tinha sido tão modificado como é hoje. Os primeiros turistas que se entusiasmaram foram os gaúchos, <b>eram hippies que fizeram com que muitas pessoas de outros lugares conhecessem</b> através deles Garopaba, a vila de pescadores, o camping, não era um camping, era uma grama. Você encontra uma grama e coloca a sua barraca, então eu vivi bem esse tempo.	<b>Pontual:</b> Traz um recorte do histórico do Turismo e pontua as mudanças localizando algumas delas nos locais de ocorrência, tece com sua vivência.
GEOG 4 10 anos em Garopaba Especialização	Mudança da cidade causada pelo incremento do Turismo como o aumento do comércio, dos serviços turísticos, do número de residentes e de turistas; aumento das ruas pavimentadas.	- Tudo o que é do <b>Turismo acabou mudando a cidade</b> , com certeza. A parte das relações pessoais não notei mudar. O que eu noto é que cada vez <b>mais tem gente vindo morar aqui</b> . [...] O que eu noto é isso, a cidade cresceu, o comércio, e muitas pousadas, muitos restaurantes, todo esse foco bem turístico mesmo.	<b>Pontual:</b> Pontua as mudanças de forma geral em função do Turismo e o aumento de residentes em Garopaba.

Com a metade das narrativas classificadas como Pontual no quadro dos professores, a relação do Ensino continua em aberto: ter continuidade nos estudos, mesmo nos geográficos, parece não dar garantias de uma visão ampla no que tece as relações na leitura da paisagem. Nem todos se autorizam a uma leitura reflexiva, mesmo que pareçam ter as habilidades necessárias. Como podemos com o Ensino de Geografia engajar os sujeitos? Como estimular as inquietações e um olhar poliscópico (MORIN, 2000b)? Será que é esse o caminho?

O lixo e a falta de planejamento para a expansão do município, principalmente no que se refere ao meio ambiente, retorna nas narrativas. Será esse um olhar preocupado ou mais repetitivo das representações sociais agendadas para o meio ambiente? Mesmo que as representações sociais alarguem os contextos ambientais, a seguir trazemos a fotografia de um dos problemas ambientais que merece atenção: lixo e esgoto em espaços de uso público (Figura 33).



**Figura 33:** Água provavelmente contaminada desembocando na praia central de Garopaba. Fonte: Esperança Gadelha e Pedro Hahn.

Luchiari (2001), com olhar associado ao valor natural, explica-nos que o ambientalismo em seu movimento conservacionista protegeu ecossistemas e tornou a natureza mais uma vez externa ao sujeito. Ao ser externa a nós, a natureza é reinventada enquanto paisagem valorizada e reproduz em si os valores da sociedade, selecionando paisagens que são consideradas mais valiosas que outras e assim são mercantilizadas e apropriadas pelas elites, restringindo e excluindo as práticas das populações tradicionais.

A representação social que Garopaba era um paraíso está atrelada à vida em tempos passados, mas era paraíso para quem? Outros relatos trazem as dificuldades da época, como expostos no capítulo do histórico de Garopaba. Quando se referem a paraíso falam de um tempo de ingenuidade, sem muitos barulhos, sem tantas ameaças de assaltos, drogas, trânsitos. O paraíso de hoje não era o de ontem. As representações sociais mudam as paisagens, e as paisagens mudam as representações. “A paisagem não surge da mente dos indivíduos ou grupos humanos, deslocados de um contexto histórico de relações humanas” (MELO, 2001, p. 38).

O paraíso que aparece com a chegada do Turismo está intimamente relacionado com o lazer das praias, que, como fala o Sujeito Professor de Geografia 2: o mar e a praia não eram locais de relaxamento, apreciação, diversão. As casas da beira da praia, principalmente de pescadores, eram viradas para a rua, de costas para o mar. O mar trazia o cheiro do peixe morto, a maresia que enferruja, o vento forte com areia.

A mudança cultural referente às paisagens litorâneas, seus usos e estruturas, é verificada em grande proporção na civilização ocidental.

Detenhamos aqui esse rápido catálogo das imagens repulsivas do mar e de suas costas; elas se enraízam num sistema de representações anterior à emergência do desejo a beira-mar. Desde o século XVII, porém, opera-se uma mudança que viria a possibilitar novo olhar. Entre 1660 e 1675, os mistérios do oceano dissipam-se graças aos progressos realizados, na Inglaterra, pela oceanografia. No mesmo período, opera-se a retirada de Satã da história mental do Ocidente. Sobretudo três fenômenos, após a efêmera atenção dada por um grupo de poetas barrocos às maravilhas, preparam a partir daí a mutação do sistema de apreciação: os cantos idílicos dos profetas da teologia natural, a exaltação das praias fecundas da Holanda, abençoada por Deus, e a moda da viagem clássica às margens luminosas da baía de Nápoles. (CORBIN, 1989, p. 28-9).

O relato do Sujeito Professor de Geografia 4 retoma a expansão da cidade pela ampliação dos serviços turísticos, *é o paraíso imaginário sendo invadido pelos bárbaros do capitalismo*, os mesmos que *inventaram a praia*. As sociedades deixam suas marcas na paisagem ao imprimirem suas concepções de relação com a natureza, suas modas estéticas, seus modos de vida. Ao marcarem a paisagem, são pela paisagem matriz, que também ordena os limites da interação e das possibilidades de transformação, marcadas, assim se transformam mutuamente, cristalizando a tradição e a cultura de uma época que envolve a ambas. Aqui encaminhamos mais uma vez nossa inquietude para o Ensino de Geografia: como essas questões de marca e matriz são ou podem ser trabalhadas na escola de maneira problematizada e contextualizada?

### Grupo de entrevistados: sujeitos veranistas

Qual será a leitura de quem veraneia? (Quadro 12)

Quadro 12. Relato e interpretação das mudanças na paisagem para os sujeitos veranistas			
Sujeito	Resumo das mudanças narradas	Trechos selecionados das Narrativas	Interpretação
VER 1 28 anos em Garopaba E. Superior	Característica dócil do nativo não mudou.	- <b>Os nativos continuam com a mesma candura e amabilidade</b> , porque eles são <b>portugueses, né, açorianos, apesar de toda a agressividade que seria exigido</b> para eles, da questão do comércio, do dinheiro, isso não alterou neles, nem um pouquinho, a ingenuidade do açoriano, a meiguice, o jeitinho de falar.	<b>Pontual:</b> Remete-se ao que não mudou sem tecer relações. Traz representações sociais dos nativos.
VER 2 12 anos em Garopaba	Aumento das ruas pavimentadas, diminuição dos insetos, mais fogo (associado ao aumento da	- Tinha <b>tanto mosquito</b> aqui, tinha <b>tanta mosca</b> , mas hoje já não tem mais nada disso. <b>Hoje é só paraíso.</b>	<b>Pontual:</b> Traz a vivência ao descrever que diminuíram os insetos. Pontua mudanças gerais

E. Básico	população).		de urbanização sem localizá-las.
VER 3 34 Anos em Garopaba E. Médio	Chegada de energia elétrica, aumento das ruas pavimentadas, do Turismo, do barulho. Início de assaltos. Instrumentos eram mais artesanais, casas tombadas foram deixadas apodrecer, mudança nos hábitos dos nativos.	- Ela mudou assim, <b>antes tinha aquele artesanato de pesca, de enrolar as cordas, hoje é náilon</b> e tal.	<b>Interm.:</b> Realiza conexões entre as mudanças da paisagem e como está atualmente. Relata mudanças ocorridas em seu cotidiano, em locais e costumes de sua vivência - espaço vivido. O histórico do local parece estar restrito ao seu espaço vivido.
VER 4 6 anos em Garopaba E. Superior	Natureza preservada na beira da praia – área turística; expansão da ocupação urbana para o interior do município, com muitos loteamentos e aterros.	<b>Na área turística</b> até que está se <b>mantendo bastante a natureza</b> . Mas eu vejo que <b>Garopaba tá crescendo</b> muito para dentro, ali na <b>direção das lagoas</b> , naquela <b>área plana</b> , onde tá saindo muitos <b>loteamentos, muitos aterros</b> , e isso aí tem que ter <b>cuidado na quantidade de impermeabilização do solo</b> e do princípio <b>de impacto ambiental</b> devido à <b>urbanização</b> , para evitar que futuramente a gente tenha aí <b>alagamentos</b> .	Complexa: Tece relações nas ocupações do espaço pela sociedade. Visão crítica em respeito aos problemas ambientais decorrentes de construções/loteamentos. Remete-se ao seu trabalho - de certa forma ao espaço vivido.

No quadro dos veranistas, notamos que o tempo em um local parece não ser também quesito fundamental para a leitura da paisagem, pois há veranistas com mais tempo em Garopaba que não avançaram em seus relatos tanto quanto outros com menos tempo de vilegiatura. Essa análise se contrapõe aos quadros anteriores, quando associamos a temporalidade e a espacialidade para o enriquecimento da leitura da paisagem.

A representação social da candura para os residentes do paraíso está fortificada no olhar de alguns dos Sujeitos Veranistas. Essa representação nos remete a pensarmos, provisoriamente, que o contato restrito com o espaço não viabiliza a desmistificação de algumas formas. Será que esses sujeitos Veranistas já participaram de um dia com os nativos descendentes dos açorianos, em suas lidas diárias? Qual o envolvimento desses Veranistas com a população local? Pensamos que o Ensino de Geografia pode promover as bases para refletirmos sobre esses mitos que criamos ao trabalharmos os movimentos do espaço e suas identidades.

As modificações geradas no âmbito do meio técnico-científico-informacional são trazidas pelo Sujeito Veranista 3, com a passagem dos instrumentos mais artesanais para os com maior industrialização e tecnologia, que propiciam uma leitura centrada nas

modificações cotidianas. Esse olhar também aparece com o Sujeito Veranista 4, na preocupação ambiental articulada e embasada para os loteamentos. Ambos os veranistas parecem perceber a paisagem com maior complexidade que os demais do seu grupo.

Levando em conta que o Veranista 4 está há menos tempo que os demais na região, não podemos associar à sua temporalidade. Temos a tendência de relacionar o Veranista 4 com sua formação superior e sua atuação profissional com a Geologia. Não obstante, na análise do quadro das professoras atestamos, provisoriamente, que parece que o Ensino Superior (ainda que em Geociências) não ampara por si um olhar complexo. No entanto, como vimos também não são todos os moradores que tecem relações e as questionam. Ainda assim tendemos a pensar que a vivência com mobilidade que pode instaurar relações sensíveis se mostrou fator desencadeante desse processo, ou será que não é?

Para o Veranista 3 temos que ele partilha do cotidiano com os nativos, casado com uma nativa, sua residência está situada na rua principal do centro histórico, é pescador sempre que tem tempo livre, assim, participou/participa das mudanças culturais que conformam a paisagem.

São vários os caminhos e os fatores que conduzem a uma leitura complexa, assim como na paisagem, procuramos ver os elementos da leitura em seu conjunto e não isolados.

### Grupo de entrevistados: sujeitos turistas

E o turista, consegue ter uma leitura complexa mesmo nas suas visitas de curto tempo ou não? (Quadro 13).

Quadro 13. Relato e interpretação das mudanças na paisagem para os sujeitos turistas			
Sujeito	Resumo das mudanças narradas	Trechos selecionados das Narrativas	Interpretação
TUR 1 5 anos Curso Técnico	Diminuição da faixa de areia na praia central, associa a urbanização.	- Ali principalmente em Garopaba, no espaço <b>da areia não tinha... Eu falei com um pessoal nativo que disseram que dava pra jogar dois campos de futebol</b> , um do lado do outro, eles faziam dois times, isso há 10 anos atrás [...]. Então aquilo ali é uma coisa que eu achei de <b>urbanização</b> , vai ter que ser feito uma jogada, eu acho que ficou muito em cima, não sei... Tem que ir <b>bem cedo pra beira da praia pra conseguir um espaço</b> , coisa que antes não tinha isso. <b>É, não tem mais espaço.</b>	<b>Pontual:</b> Pontua as mudanças localizando-as nos locais de ocorrência, dá ênfase às mudanças mais aparentes na praia e na cidade (construções, movimentação da areia). Tece com sua vivência. Destacamos que traz uma visão diferente para a diminuição da faixa de areia associada à pavimentação da rua beira-mar e não pela dinâmica costeira.



TUR 2 15 anos mais de 25 vezes E. Superior	Não percebeu mudanças.	- Não, <b>não percebi nenhuma diferença</b> pra mim. Já tinha estado aqui outras vezes, e de lá para cá não mudou.	<b>Não notou mudanças.</b>
TUR 3 1 dia 1 vez E. Superior	Motivação a partir da entrevista para observar mais a paisagem.	- Após <b>a conversa inicial passamos a observar mais a paisagem</b> como a lagoa, a enseada e outras paisagens.	<b>Motivação a partir da entrevista</b> – passaram a observar mais a paisagem. - Não notou mudanças no curto espaço de tempo (3 dias)
TUR 4 2 dias 3 vezes E. Superior	Aumento das ruas asfaltadas, de casas e de restaurantes.	- Acho que mudou mais porque tem <b>mais ruas, asfaltadas, e talvez um pouco mais de casa e de restaurantes.</b>	<b>Pontual:</b> apenas cita as mudanças.

Os turistas entrevistados nos mostram que em uma relação passageira a leitura fica limitada. Por essa análise, creditamos, nesse momento, mais uma vez a vivência como fator importante das possibilidades de reconhecer e tecer relações com a paisagem. Pelos outros relatos, reforçamos que a vivência em sua característica da espacialidade, do deslocar-se, envolver-se, comunicar-se, configura como pressuposto da leitura da paisagem. Mas aqui temos a questão: se é pela vivência em sua interação, será que mesmo em um tempo restrito, mas com um convívio sensível com o (s) local (is) podemos descobrir, no estar-ser turista, a paisagem em seus detalhes e significados?

Nas narrativas dos sujeitos Turistas 1 e 4 entendemos que o foco se concentra no que é sua vivência, do que participam. A paisagem tem significado quando interagimos com ela.

O Turista 1 ateu sua percepção à diminuição do espaço na areia da praia central, que foi procurar nos sujeitos locais a compreensão do fato. Ao interagir com os locais, a forma aparente se concretiza com a legitimação do senso comum.

A Cultura de um Lugar pode ser vista como um *intertexto*. O intertexto, dinamizado por diferentes (con) textos, parece lugarizar diferentemente o Espaço Geográfico e Forma (r) os Lugares *turísticos*. Também é ele que, resultado de textos que se atravessam e são atravessados, valorizam e desvalorizam Lugares *turísticos*. Neste contexto, a Comunicação pode ter uma expressiva parcela de responsabilidade. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 229, grifo do autor).

A Figura 34 mostra como está a faixa de areia na praia central de Garopaba.



**Figura 34:** Foto de praia central de Garopaba: espaço de areia mais estreito, construções na beira da praia.  
Fonte: Esperança Gadelha e Pedro Hahn.

O Turista 3 nos surpreende ao revelar que após os questionamentos da entrevista passou a olhar com mais cuidado a paisagem. Anteriormente, no texto perguntamos se os turistas querem ler a paisagem, respaldamos que nos parece que sim. A inquietude que fica então, para futuros estudos quiçá, que se alinhava a questionamentos anteriores levantados, é: será que apenas uma conversa, um questionamento já sensibiliza ou não? A escola pode gerar esse olhar mais cuidadoso com perguntas inquietantes?

Para o sujeito Turista 2 não houve mudanças que pudessem ser apontadas. Muitas vezes a “incompreensão significa a falta da reintrodução do conhecimento, em todo o conhecimento” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 132). Qual pergunta não foi feita para o sujeito Turista 2 para inquietá-lo como aconteceu com o sujeito Turista 3? Faltou a pergunta ou a motivação em que o sujeito se colocou foi diferente? A paisagem de cada sujeito também é própria e muda a cada instante. Como já sinalizamos, somos também paisagens (e por isso, inacabadas!). Será que o ensino pode encontrar meios de mobilizar as paisagens de seus alunos?

Geralmente, pode não ocorrer uma projeção do Sujeito/visitante para com o Sujeito/residente e uma identificação do Sujeito/visitante com o Sujeito/residente, num duplo movimento de sentido contrário, estabelecido numa dialogicidade, portanto, não ocorrendo a construção/tradução do Espaço Turístico pelo visitante. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 132).

Com as narrativas dos turistas, pensamos que tendemos a ver as formas familiarizadas, para as quais já possuímos imagens identificáveis, acionando nosso arquivo,

formada por elementos ligados a uma iconografia mundial, mas também por diferentes circunstâncias sociais, culturais e individuais, a fim de tornar o não-familiar em familiar.

No entanto, quando não prestamos atenção ao novo, ao diferente, ao não-familiar, não registramos, não ancoramos nas imagens já coletadas em nosso arquivo pessoal. Nesses casos, costumamos relacionar com as imagens lançadas pelos agendamentos realizados pela comunicação, e buscamos, muitas vezes sem uma reflexão e autorreflexividade, pelo que nos foi apresentando de antemão. Com isso, não nos damos a oportunidade de conhecermos os locais visitados em primeira mão, notando suas paisagens e como elas mudam ou não, de uma visita para outra.

Esse processo de *agendamento* encaminha à construção de uma estrutura absoluta de pensamento, pelo menos, *tribalmente*, frente aos objetos e (situ)ações, evidenciando o Poder da Comunicação, ao emitir informações através da palavra ou imagens. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 192).

Os olhares pré-determinados pelas imagens veiculadas na mídia turística ou em outras mídias, por mostrarem a *paisagem maquiada*, talvez limitem a chance de descobri-la, pois tendem a reduzir a paisagem ao descrito nos guias turísticos e/ou apontados pelos guias de Turismo. A novidade pela qual o olhar turístico é ávido não tem em si tanto de originalidade como parece ter de coletividade, solicitando a presença nos locais já estabelecidos e de ter as fotos já institucionalizadas.

Quem vai a Garopaba e não quer tirar uma foto na praia? Podemos pensar em locais mais famosos: quem vai ao Rio de Janeiro e não quer tirar uma foto no Cristo Redentor ou em Copacabana? Pensamos que a paisagem ganha valor por sua relação com a sociedade e sugerimos que o Turismo se vale desse valor que é dado à paisagem para também gerar seu próprio valor.

A desmaterialização da paisagem nos simulacros da venda para o Turismo tende a desmaterializar o lugar por sua vez, pois o que se vende parece ser uma imagem e talvez não a concretude do espaço. Como coloca Meneses (2002, p. 59), na imagem turística o que está ausente é a própria paisagem. O jogo da imagem parece estar vinculado à lógica do consumo no Turismo, a venda de estilos de vida, do que fazer, do que trazer, de como estar-ser no tempo de lazer.

Essas reflexões nos levam a questionarmos: Com que comprometimento nos movemos? O que vemos / queremos ver? Quais expectativas colocamos em nossos olhares?

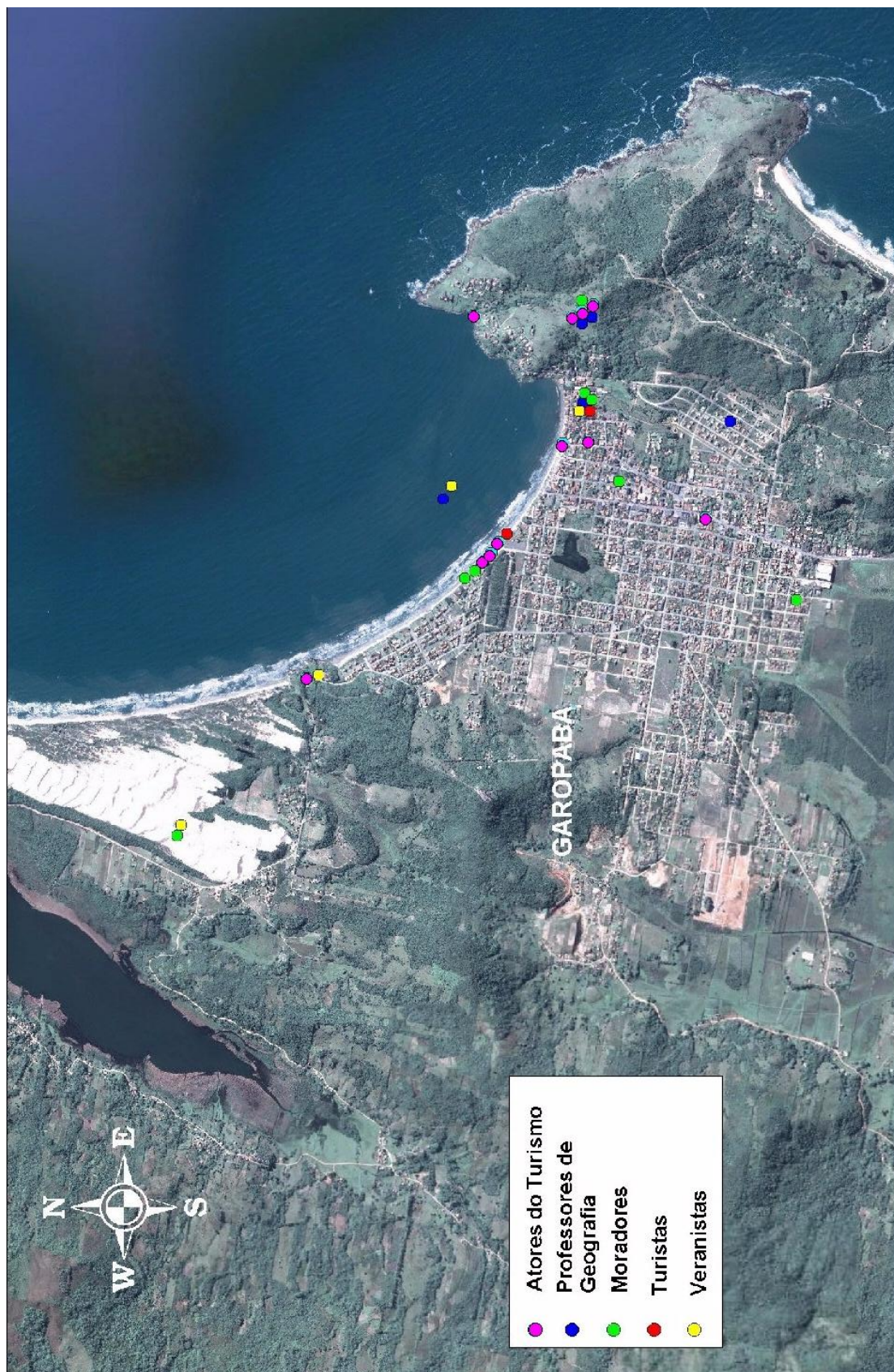
Para uma síntese das narrativas e análises dos locais referidos nas narrativas para as mudanças na paisagem local elaboramos a Figura 35. Cada grupo de entrevistados recebeu uma cor para sua sinalização. Algumas mudanças relatadas acerca das modificações nos comportamentos não podem ser visualizadas na figura. Com esse mapa, buscamos ter uma visão espacializada dos processos e sua relação com os grupos de entrevistados.

O mapa de localização das mudanças verificadas nas paisagens de Garopaba exibe a quantidade de locais identificados por cada grupo de entrevistados. Vemos que os pontos dos Moradores, dos Atores do Turismo e dos Professores de Geografia se sobrepõem, expressando a tendência para a importância da vivência para acompanhar as mudanças, os fazeres, desfazer e refazer da paisagem.

Parece-nos que a vivência tende a ser mesmo necessária para a leitura da paisagem. Essa vivência exige uma espacialidade. Sabemos que para haver espacialidade há necessariamente uma temporalidade. No entanto, a partir das interpretações das narrativas, ficamos com a impressão que o domínio da espacialidade não tem necessariamente relação direta com o tempo. Talvez mais que dias, meses e anos, são importantes interações, conversas, observações, compreensões mútuas, sensibilidades e mobilidade pelo espaço. Parece ser a troca e a inquietação que valorizariam o descobrir da paisagem, mais que o tempo ocorrido.

Parece-nos que há a necessidade de um tempo lento de (com) viver. O tempo corrido pode se passar em um isolamento. Temos a tendência, diante de nossas análises, de acreditar que é o contato, com tato, que nos habilita para apreender a dimensão complexa da paisagem. Com esse contexto, como ensinar a paisagem no Ensino de Geografia sem aulas de campo? Como aprender sem vivenciar, sem o deslocamento e a relação presencial (tomara que sensível) no espaço? E ainda, será então que é possível o turista se lugarizar, priorizando uma interação com o local e um olhar rico em representações espaciais?

Relações marcam os lugares, as paisagens, significam os momentos. Se a escola educa para vida, talvez devêssemos nos ocupar mais com as relações interpessoais.



**Figura 35:** Imagem com os pontos citados nas narrativas para os processos da Paisagem. Elaborado pela autora com base da imagem de satélite GoogleEarth.

## **Recursos visuais impressos nas entrevistas**

Na busca de reforçar o ambiente que dialoga com as representações sociais e com o Ensino de Geografia, permitindo que através dessa atmosfera possamos acessar suas realidades geográficas, realizamos algumas questões com o caráter lúdico, a partir da interpretação de fotos, de imagens de satélites e de cartões-postais. Essas questões, pensamos, vieram a enriquecer as análises das espacialidades e temporalidades na leitura da paisagem, ao termos a oportunidade de cruzarmos o Ensino de Geografia e a vivência nas narrativas.

### **Recursos visuais impressos da entrevista: diálogo com a Geografia através das fotografias e imagens de satélites**

Trabalhamos com as fotografias e as imagens de satélite em duas questões específicas no roteiro das entrevistas. Mesmo considerando as fotografias representações da paisagem e associadas à arte, essas imagens serviram de guias para o reconhecimento e a localização das paisagens fotografadas no espaço, remetendo a um olhar e uma posição geográfica no local, por isso falamos em diálogo com a Geografia. As imagens de satélite mostram o município em uma escala do alto e distanciado, a fim de provocar visão por perspectivas diferenciadas das que normalmente temos no cotidiano.

No primeiro momento entregamos para os sujeitos entrevistados algumas fotografias da paisagem de Garopaba e pedíamos para que reconhecessem as imagens, descrevendo o que viam, e se possível ressaltando suas características geográficas e a localização no município. Ao total tínhamos oito fotos, mas em alguns casos trabalhamos com apenas seis, variando conforme a dinâmica da entrevista.

Com as fotografias percebíamos se o sujeito entrevistado poderia reconhecer o município através das paisagens e quais conhecimentos vinham à tona na identificação das imagens, se demonstravam maior ênfase nos conhecimentos geográficos ou do cotidiano vivenciado.

No intuito de produzir uma análise mais diversificada, após as fotografias oferecíamos aos entrevistados imagens de satélite do município. Com as imagens, o entrevistado foi convidado a apontar o local onde estávamos realizando a entrevista, a partir da pergunta: onde estamos agora? E também localizar as fotografias. Para os entrevistados mais moços que já tinham manuseado as imagens, pudemos trabalhar o mote.

Houve situações em que as fotografias que primeiramente não tinham sido identificadas, com o uso da imagem, foram situadas. No entanto, a maioria dos sujeitos entrevistados com mais idade não se adaptou ao uso da imagem, mesmo com o auxílio da pesquisadora. Nesse caso, para a interpretação das questões foi utilizada apenas a primeira questão das fotografias. As imagens de satélites são uma ferramenta bastante recente e parte dos sujeitos não teve contato anterior com tal instrumento. Para os sujeitos que Não Conhecem Garopaba analisamos como localizaram as fotografias na imagem de satélite e a descrição que fizeram, mas não a sua localização sem a imagem, uma vez que não tinham condições de reconhecer as fotos por nunca terem ido ao município.

Cabe dizer que essas questões tiveram resultados bastante proveitosos para dinamizar a entrevista e até para aproximar a pesquisadora do entrevistado. Foi ainda interessante apresentar a ferramenta das imagens de satélite para os entrevistados, principalmente para aqueles que a desconheciam, pois renderam bons momentos de troca, na busca de ancorar o não-familiar.

Para apresentar as narrativas e nossa interpretação referentes a estas questões elaboramos um quadro. Na primeira coluna temos a identificação do sujeito, com o tempo que vive em Garopaba, para cruzarmos com as respostas baseadas na vivência de cada um, e com a Escolaridade, para exemplificar os conhecimentos formais. Em Fotos da Paisagem e Imagem de Satélite pontuamos quais fotos foram acertadamente localizadas e descritas.

Nos casos em que os sujeitos não se sentiram à vontade para manusear as imagens, usamos Não se adaptou, e quando o sujeito manuseou as imagens mas não conseguiu ler denominamos Não se localizou. Nosso intuito nessa coluna não é contabilizar acertos e erros em uma avaliação quantitativa, mas complementar a análise das narrativas, por entendermos nesse momento que os erros fazem parte do processo cognitivo.

Na última coluna interpretamos os relatos em Geografia, em Vivência, ou em Misto, considerando qual conteúdo se pronunciou com maior evidência na descrição e localização das imagens, cruzando com a identificação das representações sociais.

Em Geografia destacamos a leitura da paisagem, que revelam representações espaciais, conceitos e conteúdos escolares como rio, lagoa, mar, ilha e suas conexões às noções de relações da produção do espaço. Para exemplificar nossas interpretações, temos os exemplos do Quadro 14.

**Quadro 14.** Narrativas dos entrevistados para a localização das fotografias, interpretadas Em Geografia.

FOTO 1	Essa aqui é aqui no canto, né, pega morrinhos aqui no canto, né, as dunas lá trás, praia do Siriú, e o morro que pega o morro do Macacu e tudo mais. É... Em termos geográficos a gente vê assim que é, que é a vegetação, que é <b>vegetação nativa</b> , né..., <b>tem muita mata atlântica, eu acredito que aqui no alto desse morro não tenha sido mexido</b> , eu acredito que seja mata atlântica, a gente tem um pouco de... é pouco leiga, né, faz tempo isso tudo, e tem ainda <b>essa vegetação aqui em cima das dunas é, ainda é a dela mesmo</b> , não foi mexido, graças, né, <b>é o que segura um pouco as dunas</b> , pra, pra não sair dali, e é isso. Sujeito Ator de Turismo 2
FOTO 2	Aqui eu chutaria que é um <b>lago</b> , que a <b>água tá bem calma</b> assim, a margem, né. Sujeito que Não Conhece Garopaba 3
FOTO 4	Eu vejo uma mocinha fazendo escalada, rapel, e não sei, a cidade, <b>a vista da cidade, a lagoa</b> , aqui deve ser <b>a zona rural e aqui a parte mais habitada</b> , né. <i>OK</i> . Sujeito que Não Conhece Garopaba 4
FOTO 6	[...] mas eu gosto do fato dessa água ser gelada sabe, não sei explicar, e a água ela é muito, me dá a <b>impressão de ser muito limpa assim</b> , embora, claro, <b>de repente aqui tem um monte de lavoura e sei lá, né, pode estar sujo</b> , mas eu <b>gosto da mata fechada</b> assim. Pra mim <b>isso é rio, vejo uma queda d'água</b> . Sujeito que Não Conhece Garopaba 3

Também valorizamos Em Geografia as respostas que trazem dúvidas coerentes, ou seja, dúvidas que dialogam com as imagens e que encaminham para reflexões acerca do espaço geográfico. Ter dúvida é mobilizar o pensamento. Apresentamos alguns exemplos no Quadro 15, abaixo.

**Quadro 15.** Narrativas dos entrevistados para a localização das fotografias, interpretadas na categoria Em Geografia mostrando dúvidas.

FOTO 3	Essa foto parece <b>mais uma lagoa</b> , não parece? É não sei, lá <b>no fundo onde tem as casinhas</b> , será que é lá que é.... aqui (na frente) <b>parece mais desabitado do que lá</b> . Essa <b>lagoa se encontra com o mar um dia, não? Isso aqui tem uma barra?</b> Sujeito que Não Conhece Garopaba 3
FOTO 5	Achei legal a <b>vegetação, o que é isso, tipo um cedrinho (pinheiro)?</b> É engraçado, bem baixinho... me parece um cedrinho, <b>não parece mato assim, né?</b> Engraçado, <b>ele está bem aqui onde tem água, água salgada, né?</b> Sujeito Turista 3

Em Vivência enfatizamos as respostas em que o sujeito entrevistado reconheceu a paisagem por já ter apreciado, locais por ele frequentados ou visitados, em que associam algo da fotografia à sua vivência sem necessariamente ampliar para os conhecimentos de cunho geográficos, como nas narrativas seguintes (Quadro 16).



**Quadro 16.** Narrativas dos entrevistados para a localização das fotografias, interpretadas Em Vivência.

FOTO 4	Aqui é na Pedra Branca. Primeiro porque é um dos lugares <b>pra fazer rappel</b> é na Pedra Branca e <b>pela vista</b> . Sujeito Ator do Turismo 1
FOTO 5	Essa aqui eu sei onde é, é <b>onde a Nana tem a casa</b> , que tem <b>as duas praias, geralmente nós vamos aqui oh</b> , como é o nome? Aqui tem uma e aqui tem outra. Onde os pescadores pescam aqui também. É pra lá. É... a Barrinha, <b>onde minha amiga tem a casa. Porque aqui nós ficamos sempre oh, aqui tem os pescadores pescando e aqui as pessoas sobem pra olhar</b> . A Barrinha e a Ferrugem. Sujeito Veranista 2
FOTO 6	Pô, essa aqui é <b>onde eu subi ali já</b> , subi de moto lá, é o Siriú. Essa <b>foto aqui, o pior é que eu tinha</b> e aí não sei o que eu fui mexer na máquina e aí sumiu. Sujeito Turista 1
FOTO 1	Essa aqui é a praia aqui de Garopaba, né? Assim oh, eu gosto. Vou ser sincero, <b>eu tive restaurante 8 anos ali</b> e ainda hoje quando eu chego eu acho bonito, principalmente <b>tem um momento ali na hora do pôr-do-sol, uns 10 minutos mais ou menos, todos os dias, independentemente de como esteja o tempo</b> , em que por alguma razão a luz fica perfeita, acho que é a hora perfeita para tirar uma foto, que faz uns desenhos nas nuvens e tal. <b>Mesmo morando 8 anos ali na frente, todos os dias eu saía ali na frente pra apreciar aquilo, eu acho essa vista lindíssima, eu nunca cansei de ver</b> . Sujeito Morador 3

Também Em Vivência estão as respostas em que os conceitos geográficos apresentados estavam equivocados, por aparecerem ligados às representações sociais ou pela falta do conhecimento geográfico pertinente (Quadro 17).

**Quadro 17.** Narrativas dos entrevistados para a localização das fotografias, interpretadas Em Vivência / equivocadas.

FOTO 1	Essa é daquela ponta de lá. Aqui é o mar, aqui tem as dunas atrás, pra mim é <b>uma montanha</b> , pra mim tudo é montanha. O mar, dunas e <b>a montanha</b> . Sujeito Ator do Turismo 1
FOTO 2	Humm, aqui eu não saberia dizer, <b>umas ilhazinhas</b> . Acho que aqui é <b>o mar</b> . Talvez não é o mar, mas pode ser. Não sei onde. ( <i>Pesquisadora: Essa é uma Lagoa da Encantada/Garopaba e não essas não são ilhas, tem ligação com o terreno aqui</i> ). Sujeito Morador 1

Em Misto, avaliamos as respostas que combinam os conteúdos formais e os informais, sem que um tenha se sobressaído. Também fica nessa categoria as respostas que

foram apontadas pela pesquisadora, mas que o sujeito participou com inquietudes, como mostra o Quadro 18 nas narrativas seguintes.

**Quadro 18.** Narrativas dos entrevistados para a localização das fotografias, interpretadas Em Misto.

FOTO 1	Essa é a praia de Garopaba, né. Então o que eu acho legal exatamente isso que nos falávamos agora pouco esse <b>aspecto que Garopaba te dá várias visões</b> , né, então aí tu consegue ver aqui, por exemplo, <b>o barco, aqui que sempre te remete a uma questão artesanal</b> , primitiva, aí tu <b>já vê o cara usando uma tecnologia superavançada</b> , fazendo um esporte, aí <b>lá trás tem uma natureza que parece intocada</b> , então Garopaba tem esses aspectos assim, é uma maneira de olhar, de olhar e sentir, né. Sujeito Morador 2
FOTO 1	Aqui é o Siriú? ( <i>Pesquisadora: Não, não é, mas muitas pessoas acham que é também. Se não é o Siriú, onde pensas que é?</i> ) Ai, e agora? Posso ver pelas imagens de satélite? ( <i>Pesquisadora: Claro, tenta te localizar primeiro. Onde estamos agora na imagem?</i> ) Eu acho que eu tô por aqui, né? Aqui é a lagoa, aqui é o centro, e aqui Ouvidor, a Praia Vermelha, Ferrugem, a Silveira, deve ser, né? Ai, que legal isso aqui! Se não é lá, onde é que vai ser. <b>Ali na Ferrugem?</b> Não, <b>não porque lá não tem esse morro lá</b> . Ai, não sei. Onde é? ( <i>Pesquisadora: É Garopaba centro</i> ) <b>Garopaba centro? Claro, tô vendo o Siriú lá atrás né, as dunas</b> . Claro. Sujeito Professor de Geografia
FOTO 4	Ok, ah, então olha só, <b>tava bem equivocado da outra. Eu não tinha, eu não sabia que aqui atrás tinha essa lagoa</b> , entendeu. <b>Isso aqui é pra cima do morro</b> , talvez seja até o morro lá onde tem as antenas. Não, não é o morro das antenas, não. Mas aqui, a praia lá é de, de Garopaba. Esse, eu não sabia que tinha isso aqui pra trás, então aquilo lá que eu vi antes não era Gamboa. <b>Porque é a mesma lagoa</b> , inclusive isso aqui tá assim oh, e essa parte é essa aqui. Sujeito Turista 2

A seguir, no Quadro 19 apresentamos uma síntese para a interpretação das questões em que foram utilizados os recursos visuais.

Quadro 19. Interpretação das questões com recursos visuais			
Sujeitos	Fotos de paisagem	Imagens de satélite	Interpretação da pesquisadora
MOR 1 Natural de Garopaba 25 anos, E. Superior Incompleto	6 acertos	5 localizações 1 erro	<b>Vivência.</b> Demonstra buscar as respostas prioritariamente em sua memória do cotidiano, reconhecendo os locais em que já esteve. Traz conhecimentos geográficos equivocados.
MOR 2 19 anos E. Fundamental Incompleto	8 acertos	Todas localizadas	<b>Misto.</b> Demonstra leitura da paisagem rica em relações socioespaciais, mas cita alguns conceitos geográficos equivocados. Traz a vivência para reconhecer os locais.

MOR 3 9 anos E. Superior Gestão Financeira	7 Acertos 1 erro	Todas localizadas	<b>Vivência.</b> Demonstra buscar as respostas prioritariamente em sua memória do cotidiano, reconhecendo os locais em que já esteve. Traz conhecimentos geográficos superficiais.
MOR 4 Natural de Garopaba 43 Anos Especialização Educação Infantil	6 acertos 2 erros	3 localizações 5 erros	<b>Vivência.</b> Demonstra buscar as respostas prioritariamente em sua memória do cotidiano, reconhecendo os locais em que já esteve. Traz conhecimentos geográficos superficiais.
ATUR 1 10 anos E. Médio	5 acertos 1 erro	5 localizações 1 erro	<b>Vivência.</b> Demonstra buscar as respostas prioritariamente em sua memória do cotidiano, reconhecendo os locais em que já esteve. Traz conceitos de geografia equivocados.
ATUR 2 Natural de Garopaba 30 Anos E. Superior Incompleto	6 acertos	Todas localizadas	<b>Geografia.</b> Leu as fotos tecendo relações da ocupação do espaço e/ou interpretou a geomorfologia corretamente. Traz a sua vivência.
ATUR 3 Natural de Garopaba 80 Anos E. Básico	4 acertos 2 erros	Não se adaptou	<b>Vivência.</b> Demonstra buscar as respostas prioritariamente em sua memória do cotidiano, reconhecendo os locais em que já esteve. Traz conhecimentos geográficos superficiais.
ATUR 4 9 anos E. Superior Incompleto Direito	3 acertos 3 erros	Não se adaptou	<b>Vivência.</b> Demonstra buscar as respostas em sua memória do cotidiano, reconhecendo os locais por já ter estado lá e/ou por raciocínio lógico. Traz conhecimentos geográficos superficiais.
GEOG 1 20 anos Especialização História	5 acertos 3 erros	Todas localizadas	<b>Misto.</b> Demonstra conhecimentos geográficos na descrição das formas do relevo, mas não localiza os pontos. Traz a vivência para reconhecer os locais.
GEOG 2 Natural de Garopaba 49 Anos E. Superior Estudos Sociais Enf. História	6 acertos	Só não situou a Lagoa de Garopaba	<b>Geografia.</b> Leu as fotos tecendo relações da ocupação do espaço e/ou interpretou a geomorfologia corretamente. Traz a sua vivência.
GEOG 3 Natural de Garopaba 53 Anos E. Superior Estudos Sociais, Enf. Geografia	4 acertos 2 erros	Localizou-se e localizou algumas praias	<b>Misto.</b> Demonstra conhecimentos geográficos na leitura das relações espaciais e a ocupação antrópica, mas cita alguns conceitos geográficos equivocados. Traz a vivência para reconhecer os locais.
GEOG 4 10 anos Especialização Gestão Pública E. Superior Geografia	5 acertos 1 erro	Todas localizadas	<b>Geografia.</b> Leu as fotos tecendo relações da ocupação do espaço e/ou interpretou a geomorfologia corretamente. Traz a sua vivência.
VER 1 28 anos E. Superior letras	4 acertos 2 erros	Não se adaptou	<b>Vivência.</b> Demonstra buscar as respostas prioritariamente em sua memória do cotidiano, reconhecendo os locais em que já esteve.

VER 2 12 anos E. Básico	6 acertos 2 erros	Nao se adaptou	<b>Vivência.</b> Demonstra buscar as respostas prioritariamente em sua memória do cotidiano, reconhecendo os locais em que já esteve.
VER 3 34 anos E. Médio	4 acertos 4 erros	Nao se adaptou	<b>Vivência.</b> Demonstra buscar as respostas prioritariamente em sua memória do cotidiano, reconhecendo os locais em que já esteve. Traz conhecimentos geográficos superficiais.
VER 4 6 anos E. Superior Geologia	8 acertos	Todas localizadas	<b>Geografia.</b> Leu as fotos tecendo relações da ocupação do espaço e/ou interpretou a geomorfologia corretamente. Traz a sua vivência.
TUR 1 Em 5 anos visitou 15 vezes Curso Técnico	4 acertos 2 erros	Todas localizadas	<b>Vivência.</b> Demonstra buscar as respostas prioritariamente em sua memória do cotidiano, reconhecendo os locais em que já esteve. Traz conhecimentos geográficos equivocados.
TUR 2 Em 15 anos visitou mais de 25 vezes E. Superior Análise de Sistemas	3 acertos 2 erros	Todas localizadas	<b>Vivência.</b> Demonstra buscar as respostas prioritariamente em sua memória do cotidiano, reconhecendo os locais em que já esteve. Traz conhecimentos geográficos superficiais.
TUR 3 Primeira vez E. Superior Pedagogia	4 acertos 2 erros	Todas localizadas	<b>Geografia.</b> Leu as fotos tecendo relações da ocupação do espaço e/ou interpretou a geomorfologia corretamente. Traz a sua vivência.
TUR 4 Em 2 Anos visitou 3 vezes E. Superior Direito	3 acertos 3 erros	3 localizadas	<b>Misto.</b> Demonstra conhecimentos geográficos na leitura das imagens para descrição das formas do relevo, mas não encontro os locais fotografados no espaço de Garopaba.
NC 1 Já ouviu falar: Localiza em SC E. Superior - Direito	–	2 localizadas	<b>Geografia.</b> Leu as fotos tecendo relações da ocupação do espaço e/ou interpretou a geomorfologia corretamente.
NC 2 Nenhuma Referência: Não Sabe a Localização E. Básico	–	Não se adaptou	<b>Vivência.</b> Guia-se pelas comparações/associações a outros locais em que já esteve. Traz conhecimentos geográficos equivocados.
NC 3 Já ouviu falar: Localiza em SC Mestrado Geografia	–	Todas localizadas	<b>Geografia.</b> Leu as fotos tecendo relações da ocupação do espaço e/ou interpretou a geomorfologia corretamente. Remete à associação com locais já visitados.
NC 4 Nenhuma Referência: Não Sabe a Localização E. Superior Incompleto Geografia	–	Todas localizadas	<b>Geografia.</b> Leu as fotos tecendo relações da ocupação do espaço e/ou interpretou a geomorfologia corretamente. Não traz um imaginário para Garopaba, nunca ouviu falar do município.

A partir da análise das narrativas compreendemos provisoriamente que para as leituras mais complexas da paisagem conceituadas em Geografia, parece haver uma combinação da espacialidade, da temporalidade e do ensino formal. Pensamos, nesse momento que os três elementos combinados podem sustentar as bases necessárias para uma leitura contextualizada, relacional e questionadora. No entanto, parece-nos que com a combinação de apenas dois dos elementos já podemos alcançar uma leitura bastante coerente, em que a espacialidade, com o relacionar-se integrado ao conhecimento, é destacada. Apenas ter tempo em um local parece não avaliar que acompanhemos seus contínuos movimentos, a interação, o vivenciado na espacialidade. A leitura dos signos parece estabelecer uma relação com o espaço vivido.

Parece haver uma relação recorrente entre o estudo e o nível de profundidade na leitura das paisagens, sendo que quem estudou até o ensino superior demonstrou, de forma geral, uma leitura rica em conhecimentos geográficos, principalmente na conexão dos acontecimentos que configuram o espaço geográfico e, por consequência, a sua parte paisagem.

Não obstante, também o ensino superior parece não garantir uma leitura enriquecida. Respaldamos que nos parece que melhor percebemos a sua potencialidade quando está associado à vivência. Nesses casos temos o olhar reflexivo, que ouviu falar, vivenciou, analisou e compõe sua opinião sem se guiar apenas pelas representações sociais. Contudo, vemos a necessidade de uma pesquisa com uma amostra maior de sujeitos, para que possamos continuar a discussão e tecermos outras relações indicativas.

Nessa perspectiva, damos continuidade à análise com o uso de cartões-postais nas entrevistas. A partir da escolha de um postal e da elaboração do próprio cartão-postal<sup>45</sup> almejamos evidenciar a relação do sujeito com a paisagem, principalmente relacionada ao Turismo, às representações sociais dessa atividade e do município em geral, e da construção do lugar de cada sujeito.

---

<sup>45</sup> Diferenciado da nossa proposta, o cartão-postal é recorrentemente utilizado como recurso documental, ligado à história, para suporte de pesquisa. Nesse âmbito, podemos citar autores como Gilberto Freyre, Marcos Antonio de Moraes, Maria Eliza de Linhares Borges, Nelson Schapochnik, Carlos Cornejo e João Emilio Gerodetti, Boris Kossoy Pedro Karp Vasquez, dentre outros, com foco de interesse na imagem da frente, no verso ou em ambos. (SANTOS, 2007).

## **Recursos visuais impressos da entrevista: diálogo com as representações e a arte através dos cartões-postais**

Usamos dinâmicas com cartões-postais em duas questões específicas do questionário, nas quais trabalhamos de forma indireta e lúdica a percepção da paisagem. O cartão-postal parece ser, sobretudo, o resultado de uma estética da paisagem, por isso funde-se de subjetividades, seja por parte de quem executa a fotografia, seja por quem seleciona a imagem.

Para a questão da escolha do cartão-postal, adquirimos os 6 (seis) cartões-postais de Garopaba que atualmente são encontrados à venda no município e perguntamos aos sujeitos quais eles escolheriam, se fossem enviar a um (a) amigo (a), a fim de convidá-lo (a) para uma visita. Ao selecionar o (s) cartão(ões)-postal(is) que melhor representa (m) Garopaba e nos contarem o motivo da sua escolha, expuseram as paisagens que consideram mais relevantes (objetivo específico a) e as suas motivações para viver/visitar Garopaba (objetivo específico b), ou seja, o que os sujeitos mais gostam da paisagem, o que os identifica, o que melhor retrata o município. Nessas narrativas ainda percebemos as representações espaciais e sociais (objetivo específico c) motivadoras para a escolha, ao que pesou os agendamentos do Turismo.

Na segunda questão, pedimos que cada sujeito elaborasse seu cartão-postal, quando, entre outras expectativas, buscamos analisar a paisagem humana utilizando de algumas habilidades da arte, enquanto representações subjetivas, em uma “expressão intencional, composta de muitas camadas de significados” (COSGROVE, 1998, p. 97). A partir dessas expressões, aventamos também os movimentos que dão consistência à construção do lugar de cada sujeito, que nos encaminham para os conceitos de lugar.

Essa questão também contribuiu como contraponto ao (s) cartão(ões)-postal(is) escolhido (s), em que notamos que, na maioria dos casos, a visada do recorte espacial para a fotografia e sua intencionalidade não são as mesmas para as duas dinâmicas. Parece-nos que a distinção se dá em um campo que separa o que é para/do Turismo ou sua representação social, retratado na escolha do cartão comercial, e o que é significativo para cada sujeito para a formação do seu cartão, local em que as representações sociais parecem não se imporem tão fortemente, enquanto balizadoras.

A fim de ampliarmos a análise, cruzamos as escolhas dos cartões-postais com os locais que os sujeitos apontaram como os que mais gostam e os que menos gostam no município, bem como com os locais que escolheram para levar os amigos que viriam visitar o

município, questões também da entrevista. Inquietações que permeiam essa análise são: será que levo o turista meu amigo nos locais que mais gosto ou será que levo apenas nos locais agendados para o Turismo? Será que escondo os que menos gosto, como faria se pudesse colocar um tapume em frente, ou não? Será que onde eu levaria os turistas ou o cartão comercial que eu escolho tem também significado afetivo como o local que escolho para o meu cartão-postal, ou não? Qual é a representação de local para a visita turística e do lugar escolhido para o meu cartão?

Consideramos importante comentar que a questão da elaboração do cartão-postal foi inicialmente proposta no meio da entrevista, no entanto, com o andamento da pesquisa, passamos a fazê-la para finalizar a atividade. Feita no fechamento, assumiu caráter reflexivo, compondo uma síntese simbólica da relação do sujeito com a paisagem local. Lembrou-nos como um evento, que marca por sua simbologia, mas também por ter envolvido o sujeito. Esse envolvimento pode ser lido em uma observação de campo, quando encontramos com um dos sujeitos entrevistados (Sujeito Ator do Turismo 1) e ele nos falou: “E o meu cartão-postal? Fiquei pensando depois da entrevista, pensei em fazer umas fotos como o meu cartão postal” (informação verbal)<sup>46</sup>.

A partir dessa observação, pensamos em como o Ensino de Geografia pode gerar o envolvimento nos alunos. Será que quando há a possibilidade dos sujeitos se colocarem em um espaço de reflexão da sua relação com o local, de forma lúdica ou não, há a garantia do envolvimento, ou esse estar ativa e emocionalmente presente tem a ver com a magia de momentos que marcam como eventos? Como planejar aulas que tenham características de eventos, com o trabalho coletivo e integrado para o alcance de uma proposta? Parece-nos que o cartão-postal<sup>47</sup> em sua possível conexão para a compreensão da construção do lugar mereceria outras pesquisas, pois se mostrou um articulador do Turismo, das representações sociais e do lugar.

O cartão-postal mais escolhido foi o de número 2, que retrata a praia central de Garopaba, com a vila histórica ao fundo e o mar com baleias nadando em primeiro plano. Uma fotografia com aspecto de mais antiga (no verso temos a data registrada de 1996). Uma representação bastante turística, que no entanto, nenhum sujeito turista o escolheu. Foi selecionado por um sujeito que não conhece Garopaba e pela metade (2) dos entrevistados dos grupos dos sujeitos moradores, dos sujeitos atores do Turismo, dos sujeitos professores

---

<sup>46</sup> Relato da observação de campo, no dia 8 de novembro de 2011.

<sup>47</sup> Parece haver trabalhos desenvolvidos com o cartão-postal para ensinar História e com menos expressão a Geografia de locais, mas essa interação com a construção da noção de lugar não encontramos destaque nas propostas de ensino.

de Geografia e dos sujeitos veranistas. Em todas as respostas para a motivação da escolha desse cartão figura a presença da baleia, como vemos nas narrativas organizadas no Quadro 20 a seguir.

**Quadro 20.** Narrativa da motivação pela escolha do cartão postal 2.

Sujeito	Motivação da escolha do Cartão-Postal 2
Sujeito Morador 2	E essa aqui é porque mostra que Garopaba é isso aqui, né, uma enseadinha, uma encosta de morro, com as baleias, imagina que tu podes ver toda a manifestação da natureza, né, que eu acho lindo demais, um mamífero, bah, que é uma bênção, né, e a ocupação aqui nossa da presença humana.
Sujeito Ator do Turismo 4	Aí é a rainha maior, é a estrela, o animal em extinção e que tá aqui do nosso lado, aqui junto comigo, imagina.
Sujeito Veranista 2	Por causa da baleia, pra mostrar que a nossa cidade tem a baleia, e a nossa igreja, né.
Sujeito que não conhece Garopaba 3	É, eu acho que eu escolhi um bem paisagem assim do imaginário que eu tenho sobre paisagem, que é ter uma visão ampla, uma visão do lugar, e aqui já fala sobre, dá uma ideia tanto da geografia, do lugar assim, tem a igreja, sei lá o centro histórico e tal, tem a praia, mas tem o morro também e tem as baleias, então aí eu posso ter atividades pra fazer, pra conhecer, tanto no mar, quanto na areia, quanto no morro, eu acho que ele fala de várias coisas assim no mesmo.

Em entrevista com o Sujeito Ator do Turismo 4, que é gerente de uma das duas agências locais que realizam os passeios de observação da baleia franca<sup>48</sup>, foi-nos relatado que mesmo com preços diferenciados para moradores e com as parcerias do Instituto Baleia Franca<sup>49</sup> com as escolas locais, não há quase residentes entre os sujeitos que aderem ao passeio. Interessante que ao cruzar a escolha do cartão-postal com os cartões-postais elaborados pelos sujeitos ou com os locais escolhidos para levar um amigo, a baleia ou o passeio para observá-la aparece apenas na resposta desse sujeito da agência, que tem seu cotidiano tanto profissional quanto afetivo atrelado ao mamífero, como podemos ler em seu cartão-postal: “O meu cartão teria o Siriú, as dunas, o mar, a lagoa, a montanha e a baleia maravilhosa.” (Sujeito Ator do Turismo 4).

<sup>48</sup> As baleias francas podem ser avistadas na costa catarinense de Florianópolis até a praia do Rincão de julho a novembro, período em que buscam as águas mais quentes do litoral catarinense para terem seus filhotes e amamentá-los nos primeiros meses de vida. Nos demais meses do ano, as baleias francas vivem na região da Antártida.

<sup>49</sup> O Instituto Baleia Franca realiza pesquisas para conhecer as baleias francas, para divulgação da espécie e para a proteção desses mamíferos. Atua junto às escolas em projetos de educação ambiental com enfoque nas baleias. Nas palavras da entrevistada Sujeito Professor de Geografia 2, que é a Secretaria de Educação Municipal: “O BF (Instituto Baleia Franca) faz um projeto, inclusive agora as crianças estão participando de um projeto de limpeza das praias, então existe uma parceria com os institutos que fazem um trabalho nas escolas, principalmente nas escolas que beiram as lagoas e que beiram as praias, então tem esse trabalho com a BF e tem umas parcerias que dão o enfoque e em si os planejamentos das escolas elas já trazem essa situação da pesca artesanal, do Turismo no município, o planejamento já foca esse conteúdo.”



Em nenhuma outra resposta o Turismo para observação de baleia foi marcado, bem como entre os sujeitos que escolheram o cartão-postal de número 2, apenas dois já tinham realizado o passeio embarcado para a observação. Essa análise nos encaminha para relacionarmos com a lugarização, ao ponderarmos que o universo do sujeito Ator do Turismo 4 tem baleias. Em suas narrativas percebemos que ele não apenas trabalha com passeios para observar baleias, ele se envolve, ele estuda, ele gosta, ele tem um lugar seu ali.

Observamos que o Lugar, onde os Sujeitos interagem, circunscreve-se uma dimensão que é construída pelas suas práticas individuais e coletivas, simultaneamente, é uma das realidades que mais condicionam a vida humana nas suas várias interfaces. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 179).

Ao tentarmos explicar o porque da escolha desse cartão pelos demais sujeitos, temos que a baleia é a representação social atual para o desenvolvimento do Turismo e do município. O Turismo de observação de baleia tem crescido muito em Garopaba e por movimentar a cidade no inverno, baixa temporada da atividade turística e do comércio, é o atrativo realçado no momento. Em entrevista com o Sujeito Professor de Geografia 2, também Secretária de Educação, ela nos aponta:

Além disso, existe todo esse trabalho feito em parceria com o Instituto Baleia Franca, que é pra trabalhar essa questão das baleias, isso que Garopaba assumiu agora, de ser um município com as visitas das baleias, está também entrando no circuito para trazer mais pessoas fora do período da temporada. E esse ano tá muito forte. A cada ano está ficando mais forte, e na verdade, com a preservação tem aumentando bastante a visitação das baleias. É um enfoque totalmente novo, então a gente percebe que a cada ano está vindo mais pessoas nesse período de julho, agosto, setembro. E mexe com a economia do município, muito, a gente percebe que são meses que já começa a movimentar, as férias ali já começa, o tempo estando bom. (Sujeito Professor de Geografia 2).

Pensamos, por ocasião das narrativas, que por ser o passeio de observação de baleias uma representação relativamente nova para o Turismo esta ainda não foi assimilada no cotidiano local, por isso não configura nas respostas que partem do imaginário dos sujeitos como a elaboração do seu próprio cartão ou do roteiro turístico. No entanto, como esse segmento do Turismo está conectado ao crescimento econômico local, ao aumento dos empregos no inverno, às melhorias da infraestrutura da cidade no ano todo, há, talvez até sem muita consciência (como é uma das características associadas às representações sociais), a pretensão de valoriza-lo e de popularizar as baleias em Garopaba.

O cartão-postal convém à comunicação na atividade turística. Por mais que, desde sua criação até os dias de hoje, os cartões tiveram modificações em sua estrutura, qualidade e até mesmo na função principal, este remete a viagens e as paisagens dos locais visitados. Antigamente os cartões-postais eram usados para informar a chegada das pessoas no destino, hoje assumiu a função de convidar, contar, divulgar o local.

Parece-nos que a representação social do cartão-postal comercial enquanto um recurso ligado ao Turismo potencializa os atrativos turísticos locais agendados e serve à sua divulgação. “O perfil das paisagens impressas em imagens de cartões-postais tem a função de exibir o que se pretende mostrar ou divulgar do espaço turístico. Sob um enfoque enaltecido, os elementos destacados ganham visualidade, amplitude, ou mesmo, são diminuídos” (SANTOS, 2007, p. 28). Fica a dúvida, que talvez possa ser atendida em novas entrevistas, se os amigos turistas dos sujeitos entrevistados viessem visitar Garopaba, viriam na época das baleias ou no verão? E será que os remetentes sujeitos entrevistados do cartão iriam com eles observar as baleias, ou não?

O cartão-postal surge com o avanço da tecnologia de reprodução da paisagem através das fotografias, dando continuidade à produção de imagens e contribuindo para sua disseminação. (COELHO, 2011). Ele divulga as paisagens destacadas, com a tendência de provocar uma imagem positiva do que está sendo representado. Ele também permite a elaboração de uma descrição pelo remetente, que alguns autores acreditam geralmente se ligar à imagem formal da ilustração. (SANTOS, 2007). Complementamos nossas dúvidas anteriores: O que os sujeitos escreveriam no verso dos cartões de baleias para seus amigos? O texto faria menção à imagem, contaria algo relativo ao mamífero marinho ligado à vivência dos sujeitos, ou não?

As baleias no cotidiano local do inverno estão ali, aparecem todos os anos e muitos já as avistaram da beira da praia e dos costões. É para muitos garopabenses antes a história da atividade econômica da época da Armação Baleeira de Garopaba do que algo a se apreciar. Mesmo nas escolas as baleias ainda figuram como um recurso econômico do mar que mobilizou o município por muito tempo e volta agora a ter importância. Em entrevista com o Sujeito Professor de Geografia 1, ela nos coloca a situação:

Bom, normalmente a gente trabalha mais a questão do meio ambiente e a questão da baleia franca que acaba, é, sendo voltado assim na economia, né, porque a baleia foi importante pra economia de Garopaba, do município, e hoje com o Turismo, com a baleia aí vindo visita e as fotos delas nos folders também vão estar atraindo turista pra visitar os locais, ela também

está sendo importante pra economia. Então a importância da baleia na economia tá ali, foi no passado e é hoje.

A contemplação das baleias, enquanto um atrativo turístico, diz, sobremaneira, desse movimento de constante rearranjo das representações sociais enquanto códigos instituídos coletivamente, assim como a paisagem se mostra socialmente “um símbolo que necessita de permanente atualização”. (MACIEL, 2001, p. 99). Mesmo o comportamento dos sujeitos, em um movimento recursivo organizacional, é reorganizado para as novas representações que temos da paisagem.

As estruturas perceptivas são também históricas e o contemplar não é um sentimento inerente aos sujeitos. Como nos explica Maciel (2001, p. 121), “nas últimas décadas do século XX, os meios de comunicação de massa multiplicaram ao infinito as possibilidades de reproduzir imagens de paisagens e propagaram um comportamento de contemplação estética”.

No que a contemplação das baleias se adéqua as nossas preocupações ambientais contemporâneas, de promover atividades que não agridam o espaço e seus seres, é oportuna a consciência da representação de uma atividade turística, enquanto direcionadora do desenvolvimento com vistas à sustentabilidade do meio.

Os cartões-postais 3, 4, 5 são os mais escolhidos após o da baleia, com irrelevante diferença entre eles quanto à quantidade de sujeitos que os selecionaram. Esses cartões foram escolhidos por todos os grupos de entrevistados e pela totalidade dos quatro sujeitos turistas. Os cartões 4 e 5 são fotografias de praias, respectivamente da Ferrugem e da Silveira, e o cartão 3 tem em primeiro plano o mar da praia central de Garopaba com o centro histórico ao fundo. As praias e o centro histórico também são emblemáticos na maioria dos pontos de visita preferidos para levar os amigos turistas e são os locais que mais compõem as paisagens dos cartões-postais projetados pelos sujeitos entrevistados.

Essas parecem ser as representações sociais marcas de valores coletivos, pronunciadas para o Turismo de Garopaba, cristalizadas desde a chegada dos chamados *hippies*. Sendo um modo de olhar que se define na própria história, a ideia estética da paisagem natural e bela parece trazer o caráter ideológico carregado de simbolismos.

Essa representação social de Garopaba como o paraíso perdido de natureza bela pode ser interpretada também nas narrativas dos sujeitos que não conhecem o município, mas já ouviram falar, como a seguir: “Os que retratam mais a cara de Garopaba são assim, mais de

natureza, sabe, como eu imagino que é. (Cartão-Postal 4 e 5).” (Sujeito que não Conhece Garopaba 1).

Uma das justificativas bastante comuns para a escolha desses cartões traz a afirmação de que essas imagens são as que de fato retratam Garopaba, pertinentes a divulgar o que é entendido como sendo a realidade local. Podemos verificar essa orientação nos relatos selecionados a seguir: “Eu acho que esse aqui daria mais uma noção pro cara do que ele ia encontrar, do que ele ia ver. Se ele visse esse aqui e ele achasse que ia gostar, ele ia vir pra Garopaba e ia gostar. (Cartão-Postal 4).” (Sujeito Morador 3).

Vemos essa mesma indicação com o Sujeito Professor de Geografia 1:

Porque esse a gente pode ver bem assim, é o tipo de vegetação, no caso aqui pinheiro, a onda, as pedras, enfim, assim o mar, dessa forma. E o meu amigo ou a minha amiga vai encontrar esse aqui, quando vir e olhar, ela vai ver realmente, é lindo. (Cartão-Postal 5).

O sujeito Turista 2 também compartilha a ideia de buscar no cartão os elementos que retratam Garopaba pelo que compreende como sendo sua realidade. “A minha representação é mais o mar, o mar mesmo, o mar, os barquinhos, bem isso aqui. (Cartão-Postal 3).” (Sujeito Turista 2).

Contribuindo ainda com esse olhar, temos o relato do Sujeito Ator do Turismo 2 para o cartão-postal 1, fotografia que apresenta a área da praia central, com sua urbanização, mar com barquinhos e o centro histórico. Esse sujeito foi o único que selecionou apenas o cartão-postal 1. Esse mesmo cartão foi eleito por dois sujeitos, mas como segunda opção.

Olha, pena que não mostra tão bem para os outros, mas a princípio seria esse. Eu queria que mostrasse mais o morro (da Vigia). [...] Porque eu acho assim, mostra bem que não temos prédios, mostra que temos verde ainda, e mostra esse mar lindo. (Cartão-Postal 1). (Sujeito Ator do Turismo 2)

Os residentes de Garopaba, como podem ser lidos nas narrativas recém-apresentadas dos Sujeitos Atores do Turismo, Moradores e Professores de Geografia, trazem a conotação do cartão-postal enquanto um recurso que alimenta a divulgação e a comunicação na atividade turística, incentivando seus pontos positivos.

Outra justificativa que se destaca entre as narrativas é tecida com os locais que os sujeitos mais gostam de Garopaba. Essa motivação na escolha dos cartões remete ao lugar dos sujeitos, aparecendo através da percepção da paisagem a subjetividade afetiva do vínculo com o lugar.

Na verdade é a paisagem dessa área histórica do município, eu gosto muito dessa parte aqui. Eu sento no domingo, às vezes à tarde na pracinha, tanto que eu briguei muito pra pracinha ser remodelada, arrumadinha, e pra gente poder ficar dando uma olhada, a igreja ali que a gente tá brigando pra começar a restauração, mas que começa já também. (Cartão-Postal 3). (Sujeito Professor de Geografia 2)

Às vezes o cartão-postal precisa ser um pouco ajustado para caber no lugar do sujeito. “Aqui aparece mais a cidade, e todo esse canto. Se ainda pudesse mostrar mais esse canto que eu gosto, toda aquela baía, mais a montanha e não tanto essas casas, porque quando eu sento aqui oh, eu gosto de olhar a natureza. (Cartão-Postal 3).” (Sujeito Ator do Turismo 1).

Para os sujeitos que parecem não se lugarizar, o cartão costuma remeter aos limites e relações com outros locais que gostam e que encontram similitudes com a imagem, num contexto de identidade generalizada. Esse pensamos ser o caso do sujeito Turista 3, em sua primeira visita em Garopaba de dois dias, limitada especialmente por terem se mobilizado pouco e não terem tido contato com pessoas locais, ou do sujeito que Não Conhece Garopaba 4, que nem sabia em que estado ficava o município, se era litoral ou interior. Seus discursos para motivação da escolha parecem estar impregnados de subjetividades, em que a paisagem assumiu formas visíveis aos seus olhares, e muitas vezes invisíveis a outros olhares, colocando o sujeito como razão de ser da própria noção da paisagem.

“Esse modo de olhar demonstra como os turistas são, de certo modo, praticantes da semiótica, lendo a paisagem à procura de significantes ou de certos conceitos ou signos preestabelecidos, que derivam dos vários discursos da viagem e do Turismo” (URRY, 2001, p. 29). Ambos selecionaram o postal 5, um recorte da praia da Silveira, um recanto, mas que poderia ser em muitas outras praias. “Porque tem uma árvore na beira da praia que é raro, e tem aqui um remanso assim com umas pedras e mar tá superbonito. (Cartão-Postal 5).” (Sujeito Turista 3).

Aparece uma única árvore na imagem, que parece não ser uma vegetação nativa da costa brasileira. Há outras praias em Garopaba mais arborizadas, como a Ferrugem/Barrinha, o Siriú, a Gamboa e o Ouvidor. Os elementos apontados no cartão são bastante genéricos, como vemos também na próxima narrativa. “Gosto da luz. O Sol eu acho, não sei, a calmaria do lugar, eu acho que me atrai, é um lugar que parece ser mais intocado do que os outros, porque passa uma calma. (Cartão-Postal 5).” (Sujeito que não Conhece Garopaba 4).

A narrativa do sujeito veranista 4 para o mesmo cartão-postal (5) traz um olhar diferente, os elementos destacadas são outros e o histórico do sujeito parece se fazer presente

na percepção. “[...] Agora se fosse um colega que quer pegar ondas, não só pela beleza da foto, mas pela presença da onda, que já dá menção do que é para o surfe, e pelo local, né, seria essa aqui da praia da Silveira. (Cartão-Postal 5).” (Sujeito Veranista 4).

Cada olhar para o cartão-postal 5 enxerga elementos e o combina com os demais, formando o conjunto do cartão de forma singular. “A paisagem de uns não é a paisagem dos outros” (MENESES, 2002, p. 33). O cartão está contido em uma totalidade que explica muitos dos seus significados. Contudo, esses elementos ou objetos, apesar de pertencerem a um universo de ações comuns, tendem a ser observados de maneira individualizada, até mesmo desconsiderando, muitas vezes, o contexto ao qual está imerso.

O geógrafo Milton Santos (1982, p. 35) faz uma relação da paisagem com o cartão-postal na similaridade de suas composições: ambos são compostos por um conjunto de elementos. Mas nos alerta que “de um modo ou de outro, temos a tendência de negligenciar o todo; mesmo os conjuntos que se encontram em nosso campo de visão nada mais são que frações de um todo”.

A compreensão da leitura do cartão-postal, assim como as leituras de paisagem que estamos trabalhando nessa pesquisa, assimila a ideia de que nele há uma aparência que se impõe em seu significado simbólico e que frequentemente fragmenta o todo no recorte do olhar. Por ser o limite da paisagem, manifesto nas capacidades do observador, o alcance do postal pode ser medido em suas narrativas e no que expressa de suas representações, como o resultado da apreensão do olhar do sujeito que por sua vez é condicionado pelos filtros socioculturais, de seu intertexto, da esfera da rememoração e da lembrança recorrente, a partir da sua vivência.

A onda para o surfe que o sujeito veranista viu não é destacada nas narrativas anteriores. Caberia perguntar se os outros sujeitos viram a onda propícia para o surfe. Entretanto, há uma beleza na foto compartilhada por todos, uma referência estética que parece ser uma representação social, evidenciando balizamentos que as ideologias/racionalidades comandam.

É concordável, assim, que a paisagem necessita de uma diversidade de elos para sua compreensão. O que cada um vê pode estar ligado à sua vivência, aos seus conhecimentos, a sua cultura, aos seus desejos, e enfim a bagagem de cada um que é composta de elementos culturais e individuais. Seguindo a lógica de nossas análises reforçamos que assumimos, provisoriamente, em nosso texto que:

Cada um de nós, de acordo com a nossa trajetória, nossa consciência, experiência, vê as paisagens de forma diferente e única. Cada um constrói seus conceitos que vão refletir em suas ações e olhares, mas estes olhares estão concebidos a partir de uma matriz cultural, do coletivo das pessoas de uma determinada sociedade humana. (VERDUM, no prelo, p. 4).

Quanto à codificação temática por grupos, verificamos que não há uma homogeneização das escolhas, levando nossa análise a identificar que a seleção do cartão postal se dá por circunstâncias pessoais, valorizando locais que o sujeito aprecia e/ou que vivencia. No entanto, percebemos, com maior clareza, as circunstâncias coletivas nas narrativas referentes às motivações da escolha dos cartões.

Dessa forma, independente da escolha, há uma tendência nas justificativas do grupo dos moradores de apresentar Garopaba ao Turismo, onde figuram representações sociais para os atrativos e uma busca pela honestidade na propaganda da paisagem local. Para os veranistas, notamos saliência de pensar o que o turista busca e onde poderia encontrar. Com os turistas, o simbólico domina a apreensão da paisagem e as motivações das escolhas, muitas vezes comportando e compreendendo as imagens em um fragmento descontextualizado do espaço.

Cabe lembrar que entendemos, nesse momento, que as representações sociais também compõem o espaço, e a partir dessa afirmativa acreditamos que é preciso compartilhar, pelo menos em parte, as representações sociais de um local para que a paisagem possa ser lida de forma mais contextualizada. O cartão-postal do turista é a paisagem, mas cada cartão-postal com a mesma imagem apresenta simbolismos e histórias diferentes, conforme a representação dada pelo observador, apresenta assim diversidade nas paisagens da mesma imagem. Com isso, acreditamos que se a paisagem é o registro do tempo e do espaço movimentado, o cartão-postal pode contar essa história na sua imagem congelada.

Na codificação da leitura da paisagem e dos cartões-postais vemos o processo retroalimentar na medida em que compreendemos provisoriamente a paisagem como dinâmica e o postal como estático, assim a paisagem pode ajudar a reinterpretar o contexto em que está inserido o cartão. Da mesma forma em que o postal pode ser colecionado e a paisagem pode ser esquecida, o cartão pode ajudar a reencontrar paisagens.

Quando pedimos aos sujeitos para que compusessem seu próprio cartão-postal, vimos muitos olhares, muitos ângulos, mas parece que com denominadores comuns da representação social do Turismo de Garopaba: todos trazem a praia, o mar, o centro histórico, em elementos isolados ou em conjunto. Os pescadores e seus barcos, as gaivotas e a tranquilidade também figuram em alguns postais. As palavras mais citadas nas narrativas, por

ordem de repetição, foram mar, praia, verde, azul, morro, natureza, barcos/barquinhos, céu, sol, pescadores, igreja histórica. Os cartões-postais elaborados pelos sujeitos que sintetizam estas narrativas são exemplificados no Quadro 21 a seguir:

**Quadro 21.** Exemplo de cartões-postais dos sujeitos entrevistados.

<b>Sujeito</b>	<b>Cartão-postal elaborado pelo sujeito</b>
Sujeito Morador 1	Eu mandaria dali oh, perto da <b>pescaria</b> . O <b>azul</b> , apareciam as <b>gaivotas</b> , o <b>mar azuuul</b> e o <b>sol</b> sempre brilhante, sem falar que tem um <b>barco</b> lá na <b>ponta da Vigia</b> , no meu cartão ia aparecer o navio. Apareceria um contraste, do <b>verde</b> e de algo do <b>sol</b> , do <b>mar</b> , e <b>gaivotas</b> .
Sujeito Ator do Turismo 1	Incluiria o maior número de cores e contraste de cores. De <b>Garopaba</b> eu gosto muito da vista de onde aparece a <b>igreja, a rua dos pescadores</b> , aquela ponta lá. Com certeza, <b>as pedras, montanha, céu</b> , bonito lindo <b>azul</b> , e claro o <b>mar</b> , aquela vista <b>verde</b> mesmo.
Sujeito Professor de Geografia 1	Muita <b>praia</b> , muita <b>areia</b> , e muito <b>morro</b> , é um traço marcante assim, é de ter muitos <b>morros</b> , além da <b>água</b> muito bonita, muito limpa, um <b>mar</b> lindo, né, mas também a questão assim do <b>costão</b> , né, tem sempre uma <b>pedra</b> a mais que tu pode ir mais perto da <b>água</b> . As minhas cores ficam no <b>marrom, no azul, no branco e no verde</b> também.
Sujeito Veranista 3	Sempre pegando o <b>mar</b> e com a <b>natureza</b> junto, né, agora o ponto certo seria sempre pra mim pegando a parte da <b>Vigia</b> ali, né, teria que ser quase do <b>mar</b> , duma embarcação, aonde começa a <b>Vigia</b> assim, né, aonde saiu as <b>primeiras casas</b> ,[...] e depois <b>as mansões</b> lá. Ali seria da <b>própria natureza</b> assim, né, um <b>verde</b> , com aquelas <b>rochas</b> ali, com aquelas <b>pedras</b> , né, e o colorido, sempre uma cor <b>natural</b> , eu gosto, de uma <b>coisa natural</b> .
Sujeito Turista 2	Incluiria os <b>pescadores</b> , teria os <b>barquinhos</b> que é bem típico daqui, né, típico de <b>praia</b> .

Uma característica que se pronuncia nos cartões dos residentes vemos uma maior quantidade de elementos para compor a paisagem, enquanto no cartão dos turistas temos é que vemos poucos elementos que se repetem (a praia, os barquinhos, o pescador e a igreja histórica). Aqui retomamos nossa interpretação das noções de espacialidade e temporalidade, partindo do suposto de que quanto mais temos vivência, em termos de interações sociais, mais ricas podem ser nossas imagens mentais para um lugar. As representações geográficas parecem constituir um modo de ver, de ser, de se relacionar com o espaço.

Os elementos mais marcantes, por sua repetição, na composição dos cartões-postais dos entrevistados se refletem também nos locais escolhidos para levar os (as) amigos (as), que estão detalhados no próximo capítulo sobre o conceito de lugar. Há locais pré-estabelecidos para o Turismo e esses parecem que *não devem ser esquecidos* quando montamos um roteiro ou quando compomos um cartão-postal, pois esses locais tendem a ser aceitos como os principais atrativos. Fica uma questão: Mas quem os definiu? Os pontos turísticos costumam para orientar (e até condicionar) o turista, e, como vemos aqui por sua repetição, até mesmo os residentes.



Os agendamentos do Turismo parecem ter grande força na materialização das representações sociais, remodelando os olhares dos residentes ao que é propagado como um olhar turístico, “que é estruturado por noções culturalmente específicas daquilo que é extraordinário e, portanto, digno de ser visto” (URRY, 2001, p. 96). Quando planejamos o que visitar, tendemos a recorrer a nossa coleção de locais, modelos e de imagens pré-determinadas que a Indústria Cultural porfia em concretizar. Os roteiros turísticos<sup>50</sup> são vendidos como fechado, mas devemos lembrar que são inacabados, posto que deveriam estar constantemente readequados aos sujeitos que lhe consomem. (CISNE, 2011).

Esse olhar adestrado (URRY 2001) pode acabar por desconstruir a materialidade da paisagem, como a conceituamos por sua fetichização. Ao mesmo tempo, começamos a notar autonomia nos habitantes locais de inserir aqui e ali outros locais de sua vivência, locais fora do circuito turístico.

O cartão-postal parece contar uma história. Uma história pela soma de muitos olhares. Tem o fotógrafo que tirou a foto que ilustra o cartão. Tem o olhar que escolhe e compra para enviá-lo, que pode deixar suas marcas no verso do cartão, acumulando representações. Tem quem recebe, que na sua leitura o interpreta com outros significados. Em si mesmas, parecem-nos que imagens não significam os espaços/lugares, assim como as paisagens. Elas precisam ser sentidas, observadas e interpretadas por um sujeito que as dinamiza. Aquele que vê um postal ou uma foto, turista ou não, dialoga com a imagem, alimentando-a com novos sentidos e significados.

Um cartão-postal tem a função de reproduzir imagens por via da ilustração que comporta e que, por sua vez, é uma representação da paisagem. Segundo Santos (2007), o cartão-postal serve como um suporte para a imortalização da memória cultural. O cartão-postal, assim como a paisagem, apresenta duas formas, a forma da imagem e a forma da representação de quem o seleciona. Dessa forma, a concepção do cartão-postal tende a se expandir no seu sentido mais global, de objeto iconográfico, à noção que atribui a determinadas paisagens a função de representar e qualificar o espaço turístico.

Vemos também a consistência do uso de cartão-postal para o Ensino, pois como uma imagem material que ilustra, educa e resgata algum momento do passado e do presente, podendo auxiliar no desenvolvimento do seu raciocínio lógico, da sua autonomia, da sua criatividade, da sua capacidade de investigação, de compreensão e do seu espírito crítico.

---

<sup>50</sup> Compreendemos, nesse estudo, os roteiros turísticos como uma “ferramenta de leitura da localidade visitada, considerando não apenas os atrativos, mas também as relações interpessoais ali desenvolvidas”. (CISNE, 2011, p.359).

## Combinando Paisagens

Notamos que o sentido dado à paisagem por turistas, veranistas, moradores e professores de geografia não recobrem a mesma realidade. A materialidade parece ser a mesma, mas são outras representações e outras histórias, que acreditamos, nesse momento, estarem calcadas principalmente nas vivências, que leva cada sujeito a ver a materialidade por diferentes ângulos, com diferentes sentimentos, realçando partes distintas e peculiares.

Entretanto, alguns pontos parecem ser reconhecidos por todos, onde os sujeitos compartilham, para a mesma materialidade, uma visão similar. Essa visão nem sempre remete a uma explicação clara dos fatos, suas causas e consequências, e por tanto nos encaminham na direção das representações sociais. O desafio estaria, então, parece-nos em apostar na diversidade dos olhares como elemento revelador de significados, e a partir desses olhares, complementando as representações individuais, as sociais e os conceitos do ensino formal, é que a interpretação visual poderia alcançar a complexidade geográfica.

Nesse contrapor de olhares, a paisagem é descoberta em sua forma tanto material quanto simbólica, ao mesmo tempo, no mesmo diálogo e em diferentes, pois a paisagem contém esse todo objetivo e subjetivo, indissociável. Melhor, nos parece, é reconhecer que a paisagem é um dado tal qual é percebido, um fragmento do mundo sensível. (MENESES, 2002).

Pensamos, nesse momento, que perceber uma paisagem precede de percepção e cognição de forma integrada, assim como suas práticas parecem desfazer as antinomias objetivo/subjetivo; natureza/cultura. O que parece estar em jogo é a complexidade da historicidade e espacialidade, das experiências vividas em um tempo lento.

A paisagem, que dessa forma serve de ponte entre o mundo humano e não humano, não é apenas uma cena natural, nem mesmo apenas a representação dessa cena, “mas uma representação de uma cena natural, um traço ou ícone da natureza na própria natureza”. (MENESES, 2002, p. 34).

Uma das questões emergentes de tessitura da paisagem com o Turismo está na significação e na intencionalidade desses conteúdos simbólicos, permeados pelas ações e contextualizados por um sistema de valores, muitas vezes, ideológicos. A valorização da paisagem natural preservada e sua mercantilização costuma decorrer desse cruzamento ideológico do simbólico com o intencional. “Por isso os símbolos contidos nos objetos de uma paisagem são perigosos, pois não se revelam totalmente a um olhar pouco reflexivo,

podendo escapar à apreensão e tornar mais eficaz a fetichização da paisagem” (LUCHIARI, 2001, p. 12).

Considerando que a representação social não substitui o objeto, mas seleciona determinados detalhes do objeto (KOZEL, 2007), parece-nos que quanto mais nossa representação estiver centrada na escala local - lugar que conheço, onde vivo, meu cotidiano, mais próxima também estará da realidade objetiva. “Nossa experiência vivida desta realidade se acumula e se renova continuamente” (AMORIM FILHO & ABREU, 2002, p. 5).

E assim podemos assistir, participar e interiorizar suas formas e significados. Para o turista a escala é global, este sujeito-turista não acompanhou no seu cotidiano as mudanças da paisagem em que visita e que busca desvelar, suas representações ficam ainda mais distantes do espaço vivido e mais relacionadas com seu arcabouço cultural, resultante de suas leituras, de suas experiências, quem sabe, de seus estudos de Geografia, ou apenas das informações de outros.

Essas representações são menos precisas, pois não são parte do mundo vivido e da experiência cotidiana de quem a representa e que “dependem de informações, imagens e representações selecionadas e veiculadas por terceiros, com seus próprios valores, intenções, preferências, vieses e limitações” (AMORIM FILHO & ABREU, 2002, p. 6).

Compreendemos através das narrativas que a paisagem nos revela o espaço geográfico, a sociedade, seus sujeitos, e a nós mesmos quando a interpretamos. Assim, é um conceito importante do Ensino de Geografia. Buscamos construir no Ensino de Geografia o saber ler momentaneamente a paisagem, que pressupõe essa concepção de que os espaços têm uma forma que expressa seu conteúdo, de que a paisagem revela as relações de produção da sociedade, seu imaginário social, suas crenças, seus valores, seus sentimentos, tanto quanto a de cada um que a contempla, e que assim faz parte dela e a ela do seu observador. Partindo do suposto que todo imaginário social é também imaginário geográfico, não há como dissociá-los, porque, como nos fala Yázigi (2002, p. 127), embora fruto de um atributo humano, a imaginação é alimentada pelos atributos espaciais.

### 3.3 O NINHO: LUGAR

Cada lugar tem características tão próprias que poderíamos pensá-lo como se portasse uma impressão digital ou um DNA que lhe fosse único. Porém, diferentemente dos genes dos ancestrais, os genes do lugar não ficam automaticamente registrados no organismo. Mas ficam impregnados, desde que nascemos, em nosso espírito e cultura de modo indissociável. Seja a língua, o sotaque, a comida, os jogos, a religião, tudo é profundamente influenciado pela paisagem, onde a cultura vai sendo cotidianamente construída. (MENEGAT, 2008, p. 14).

Nosso olhar para o conceito de lugar busca investigar os fatores que proporcionam /impulsionam a construção deste pelos sujeitos turistas. Temos algumas inquietações que nos guiam: o que envolve a lugarização de um sujeito? Como um sujeito encontra, identifica e se apropria do seu lugar? É o sujeito que encontra o lugar ou o lugar que encontra o sujeito? Um sujeito turista, em seu tempo passageiro pelos locais que visita, pode se lugarizar ou não? O Ensino de Geografia pode contribuir para a lugarização ou não? Lugarizar-se dá garantias de uma relação reflexiva com o local, a fim de cuidarmos dele, ou não?

Essas questões situam os objetivos específicos b e c, examinando as motivações dos turistas e dos veranistas na escolha do seu lugar ao sol (*ou à sombra*) no Turismo Litorâneo (objetivo específico b) e na busca por compreender como os sujeitos constroem a noção de lugar e as possibilidades dessa construção pelos turistas, verificando onde o Ensino de Geografia dialoga e/ou pode dialogar (objetivo específico c).

Nos encaminhamentos dos objetivos b e c, buscamos ainda examinar o Ensino de Geografia em Garopaba com os temas transversais do Turismo.

Como vimos nos estudos de paisagem, respondendo ao objetivo específico a, a temporalidade, a espacialidade e o Ensino de Geografia tendem a articular nossa leitura da paisagem. No entanto, de acordo com nossa análise das narrativas, parece-nos, provisoriamente, que o mover buscando relacionar-se, buscando pela interação com o lugar e sua gente, sobressaiu-se como fator importante para a descoberta e o reconhecimento da paisagem. E que se essa interação tiver o respaldo dos conhecimentos geográficos articulados o mover parece ser ainda mais significativo para uma experiência de qualidade e um descobrir a paisagem.

Parece-nos que o tempo (lento) vivido e compartilhado do cotidiano incorpora significado à paisagem e ao lugar de forma especial. Talvez porque seja nessa relação complexa retroalimentar de modificação do objeto e do objeto modificando o sujeito que o espaço como um todo, que abarca lugares e paisagens, e como parte de uma teia global, nos é dado a conhecer. É nos conhecendo que também conhecemos o lugar e sua paisagem, e acreditamos que através do lugar chegamos com maior propriedade ao espaço.

O lugar de um sujeito parece ser seu ninho, tecido por vínculos afetivos é um local de referência social, de identidade espacial e de carinho individual. Aninhados no lugar concreto, nos sentimos acolhidos, o dotamos de significado em uma construção mediada pela intimidade, em que a materialidade do lugar é enlaçada simbolicamente com imaterialidades.

O Lugar, entendido como a porção do espaço que tem sentido para a vida, é vivido, reconhecido e constituído por identidade. Ele possui densidade técnica, comunicacional, informacional e normativa. Guarda, em si, o movimento da vida, enquanto dimensão do tempo passado e presente, ou seja, é onde estão as referências pessoais e os sistemas de valores que direcionam as diversas Forma (s) de perceber e constituir o espaço geográfico. [...] A consciência de ser mundo é dada, concomitantemente, ao Lugar e ao indivíduo. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 40).

O espaço tende a transformar-se em lugar à medida que é vivido e significado por um sujeito e/ou por um coletivo, adquirindo personalidade e identidade. Enfatizando mais o “conteúdo” que a “forma”, ainda que os compreendendo indissociáveis, podemos dizer que são as relações de um sujeito ou de um grupo que definem a invenção e a produção de lugar/lugares. Portanto, pensamos, nesse momento, que o lugar deve ser apreendido como movimento de relações nas quais os próprios lugares vão se (des) (re) fazendo.

Com isso, parece-nos que a percepção, o histórico e o conhecimento de cada sujeito, por meio da experiência subjetiva e na intersubjetiva constroem o lugar. Em decorrência, acreditamos, nesse momento, que é o sujeito que encontra seu lugar no espaço e o recobre com um sentido e um sentimento que se propaga também nas demais leituras do espaço. O sujeito parte de seu lugar para interpretar o mundo, ler o espaço e suas paisagens. “É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado” (SANTOS, 2010, p. 112).

Há o lugar de cada sujeito, há o lugar de uma comunidade, de um povo, e há indivíduos, que mesmo tendo envolvimento com um local ainda não encontraram seu lugar. Como na paisagem, é o olhar do sujeito que vai ler e se identificar com o lugar. No entanto, parece-nos que para o lugar damos um passo a mais do que na paisagem, pois o lugar é aquela

paisagem que um toma para si como referência afetiva, e consideramos, nesse momento, que por ser sua o sujeito vai querer cuidá-la e mantê-la saudável.

Muitas vezes o mesmo lugar pode ter mais de um sujeito lugarizado, vários sujeitos podem dividir o mesmo lugar e não se conhecerem. O lugar é uma propriedade, mas por ser imaterial, mesmo que tenha bases materiais, é passível de infinitos partilhamentos sem que se perca em área e em densidade simbólica. Talvez o lugar seja mesmo dos conceitos mais solidários (SANTOS, 2008) na Geografia, por essa sua capacidade de ser compartilhado com tantos, ao mesmo tempo em que apropriado e cuidado por cada um.

O lugar é uma parte do espaço que um sujeito significa, mas também parece ser uma totalidade que se compõe ao reunir os feixes de possibilidades e de diálogos do/com espaço-mundo. A ordem local reterritorializa o global, singularizando fragmentos da rede distante (e tão próxima) globalizada, posto que se dá no espaço cotidiano onde coliga numa mesma lógica interna todos os seus elementos (SANTOS, 2008). Parece haver um acontecer solidário nessa lógica, regido na interação, organizado pela comunicação e que se concretiza pela ocorrência da contiguidade de objetos e de fenômenos sociais agregados. É a horizontalidade do espaço geográfico.

As relações horizontalizadas sugerem que podem ser potencializadas no espaço turístico pelos encontros, o que, pensamos tendem a facilitar a lugarização dos sujeitos. O evento amalgamado ao cotidiano costuma ser propulsor da comunicação e da singularidade, que no seu princípio recursivo costuma também ser fomentador do espaço turístico pela promoção de seus atrativos turísticos. Quanto mais original e diverso é o espaço turístico, mais atrativo esse parece ser e mais significados o lugar pode ter. “Cada Lugar, mesmo globalizado, deve ser único, para dar sentido à existência do Sujeito e, portanto, do turista” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 41).

O Turismo também parece ser potencializado nas ações verticalizadas do lugar, uma vez que o fenômeno turístico participa da rede globalizada, levando ao lugar suas demandas. No contexto global a rede se mostra composta por objetos esparsos, que se unem no lugar segundo as normas impostas pela globalização, dependente de fatores externos e que são organizados pelo primado da informação com a contrapartida do território local. Essa lei única da globalização é desterritorializada, por estar distante do centro da sede da ação, e para que se realize necessita gerar no local a obediência e a disciplina embutidas em seu discurso e em suas representações sociais ideológicas. (SANTOS, 2008).

Compreendemos, nesse momento, que o espaço geográfico contemporâneo é composto dessas horizontalidades e verticalidades, que se entrelaçam repercutindo e

compondo os lugares. Nesse contexto, para nós, o lugar é complexo, dialogicamente construído entre o local e o global, entre solidariedades e racionalidades, que se realizam por aproximação, associação e/ou por conflito. “A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao Mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade.” (SANTOS, 2008, p. 338-9). Por isso, parece-nos que o lugar também pode tomar outros rumos e corpos contrariamente às ações globais que se objetivam em seu curso intencional.

Pensamos que o cotidiano local tem dinâmica própria, que filtra, maximiza ou minimiza as influências e solicitudes globais, mas que tende a enriquecer porque adiciona sua cultura. O lugar e os sujeitos de sua sociedade parecem que se produzem e são produzidos nas dialógicas da vida local e das redes globais, e seria essa produção-recursiva e de auto-eco-organização que os singulariza. Os sujeitos negociam as dinâmicas locais com seus intertextos, com as representações sociais racionalizadas, para sua compreensão do espaço. Quando existem sujeitos envolvidos, há relações.

Pelo fato do lugar ter sua memória, sua história, sua geografia e sua dinâmica, cada lugar é diferente, cada lugar é único, assim como cada sujeito. “O lugar é o cotidiano das ordens globais e das paixões locais” (SANTOS, 2008, p. 322), cheias de criatividade e de incertezas, pois a solidariedade é fruto da diversidade e que não exclui a surpresa.

Para Santos (2010, p. 114), é por causa desses encaminhamentos que o lugar é considerado “o espaço de exercício da existência plena”, mesmo que alertando para o fato de que estamos “muito longe da realização desse ideal”. Fazemos eco a sua inquietação: “Como, então, poderemos alcançá-lo?”

Acreditamos que essa é uma questão importante de ser pensada pela perspectiva do Ensino de Geografia. Cogitamos que no âmbito do fazer geográfico precisamos *tomar* o lugar, *em pequenos goles*, indo além da sua experiência imediata e o teorizando, pois nos parece que compreender e construir o lugar que queremos exige dedicação, bases cognitivas e envolvimento.

De um ponto de vista das ideias, a questão central reside no encontro do caminho que vai do imediatismo às visões finalísticas; e de um ponto de vista da ação, o problema é ultrapassar as soluções imediatistas e alcançar a busca política genuína e constitucional de remédios estruturais e duradouros. (SANTOS, 2010, p. 116).

Pensamos, nesse momento, que precisamos perceber mais a vida e o lugar onde a vida se constrói com um olhar cotidiano ao mesmo tempo de longo prazo. Parece-nos que temos a

tendência de não ajuizar o espaço, e em muitas situações apenas o *engolimos* sem nos perguntarmos seu *sabor*, quais ingredientes estão ali, quais os movimentos articulados. Ponderamos ser cada vez mais preciso conhecimento para teorizá-lo, fazer uma reflexão, interpretar o mundo que nos cerca, para então darmos o rumo que quisermos.

Acreditamos que o ensino deve e pode educar para vida. Compreendemos, nesse momento, que educar para a vida (e/ou para o espaço) é ler em conjunto o lugar, enriquecendo com representações espaciais, respeitando o ritmo de cada sujeito, para a partir do meu poder ler o seu, ou seja, para a partir do lugar poder ler o mundo, ou não é assim?

Ler em conjunto porque a leitura pode ser algo que se estimula, que se compartilha no desenvolvimento da autonomia e na problematização do espaço. O lugar e a paisagem são assim importantes na aprendizagem, porque por serem também concretos, são possíveis de verificação, de experimentos e exemplos, ricos para trabalharmos representações espaciais, tanto as presentes quanto, a partir deles, as distantes. (CASTROGIOVANNI, 2012, informação oral<sup>51</sup>).

Parece-nos que nós vivemos os lugares, não só culturalmente, mas corporalmente. Apoiados em Santos (2008, p. 314), temos que o lugar, por ser o “intermediário entre o mundo e eu”, é também o local, na atualidade da globalização, onde sentimos a corporeidade do nosso corpo. Ainda com Santos (2008), indicamos, nesse momento, que nessa época da fluidez precisamos redescobrir o lugar com seus novos significados. Compreendemos que o Turismo é uma das dimensões atuais de muitos lugares.

Entendemos que o lugar não necessariamente é o local de nascimento de um sujeito, mas parece ser o local onde se tem uma relação identitária, sente-se bem, envolve-se, mobiliza-se por suas causas. Diante dessa situação, pensamos, que o local que o turista visita necessita de um trilhar para se materializar enquanto lugar turístico. No entanto, o turista pode pegar um atalho e chegar ao entre-lugar. Entendemos aqui o trilhar como o ato de percorrer uma trilha no Turismo, que exige do caminhante disponibilidade, vontade e interação, que pede por observação e conhecimentos para saber onde pisar e como se apoiar, que pede por envolvimento para viver o ambiente e solidariedade para ajudar seus companheiros. No atalho deixamos de viver alguns trechos do caminho, deixamos de conhecer e de aprender algumas árvores, alguns animais, algumas nascentes, mas mesmo assim podemos dizer que fizemos a trilha.

---

<sup>51</sup> Reflexão apresentada na aula da disciplina de mestrado: Espaço, Complexidade e Comunicação: O Lugar da escola e os seus arredores (2011).



Os Sujeitos, ao viverem o Espaço Turístico, o (re) constrói através de múltiplos ‘pertencimentos’. Esta relação de ‘pertencimento’ *lugariza* o espaço e, parece que assim, vai sendo construído o que entendemos por Lugar *turístico*, ou não? O Lugar turístico teria mais densidade de pertencimento, *de sentimento em constituir o espaço* do que o Entre-Lugar *turístico* (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 177, grifos do autor).

Como todo lugar, o lugar turístico não se dá a priori, mesmo aceitando que a imagem e o simbólico do local turístico começam a ser construídos antes da viagem. É na visita ao espaço turístico e *a posteriori* com suas lembranças, fotos e memórias que os laços afetivos e vínculos com o lugar são construídos, fortificados, ajustados em níveis de intimidade diferentes. No entanto, cabe ressaltar que acreditamos neste momento que conhecimentos prévios, que vão além das representações sociais e ideológicas, ajudam a acomodar os movimentos locais. Se compreendermos o que estamos fazendo e onde estamos, confiamos, nesse momento, que temos possibilidades de nos lugarizar, pois podemos nos projetar em relações humanas com os outros, com o espaço e com nós mesmos.

Pensamos, provisoriamente, que o nosso intertexto, construído também com conhecimentos, nos ampara para efetivar a lugarização. Quem se coloca com habilidade, competência e aberto para descobrir o local espacialmente e historicamente, tende a se inserir no novo com maior propriedade.

Parece-nos que o turista pode se lugarizar quando se possibilita vivenciar o local visitado com sensibilidade e articula o que podemos chamar de *reflexividade cognitiva*, que engendra o princípio de reintrodução do conhecimento ao refletir acerca do novo local com bases em conhecimentos geográficos já acomodados. A reflexão, que por si já solicita uma interação, um relacionar-se com o local, pode fomentar uma dimensão maior do que a do entre-lugar. O entre-lugar é estabelecido quando o turista fica em uma participação superficial e passageira, pois parece estar angariado no simbólico das representações sociais, ideológicas e agendamentos.

Castrogiovanni (2004) constrói o conceito de entre-lugar no Turismo, apoiado nos estudos de Bhabha (1998<sup>52</sup>), que propõe a categoria de um terceiro espaço.

O sociólogo indiano estudando a forte influência colonizadora que vigora sobre as Culturas dos povos ainda colonizados, refere-se à necessidade inicial de existir um *Terceiro Espaço*, para que ocorra a articulação da diferença cultural e da assimilação de contrários. É o que ele denomina de “[...] inter, o fio cortante da tradução e da negociação.” (BHABHA, 1998, p. 69). A partir da leitura

---

<sup>52</sup> BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

do autor, o Entre-Lugar pode ser concebido por nós, permite que comecemos a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionalistas, do ‘povo’. E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos. No caso do Espaço Turístico, o Entre-Lugar é esta possibilidade dos *turistas* verem em si o próprio espetáculo, onde o deslocamento ocorre para o turista ser visto ou para ver o outro. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 98).

Se o lugar é nosso ninho, o entre-lugar parece ser aquele voo em que pousamos em algum local, mas não tendemos a nos apropriar do espaço, porque não nos colocamos em um movimento de integração com o meio. Na citação de Castrogiovanni (2004), entendemos que o entre-lugar turístico é onde o turista pode ser visto e ver-se, pois no lugar turístico ele extrapola com essas aparências. Parece haver outra afinidade com lugar, que vai além da sua superfície estética.

A preposição *entre*, usada em complemento a lugar, referencia a passagem pelos locais. Nessa passagem, também costuma produzir encontros tecendo pontos de interconexão, mas esses pontos tendem a ser pouco sólidos, não sustentando uma rede de trocas, uma rede de transformações autônomas e coletivas. Já o lugar turístico tende a ser revelador de relações significativas, onde realizamos o outro através de nós, em bases ricas espacialmente, que nos proporciona não nos confundirmos com o outro e delimitarmos nossa esfera, mesmo que com fronteiras fluidas, para que a partir dela possamos entender as tramas complexas do espaço.

O lugar, nesse contexto, é onde se efetiva a dialógica, em contraposição ao entre-lugar, que conforme Castrogiovanni (2004, p. 98) explica: “Para nós, no caso do Turismo, se substantiva entre os dois outros espaços, o de emissor e do receptor, sem que ocorra a efetiva *dialogicidade*. O Terceiro Espaço é aquele em que não há a *permanência* do Sujeito”.

O entre-lugar nos parece ser o espaço onde, na relação com o outro, o lugar do outro é negociado e assimilado ao meu, sem que haja a efetivação da ancoragem e da objetivação desse lugar, e assim ficamos restritos a suas representações e aos imaginários coletivos.

[...] os processos Comunica(ção)cionais, através dos caminhos midiáticos, reforçam o sentido dado, empregando narrativas, Imagens e Nominalismos à criação de Entre-Lugares, pois estabelecem necessidades espaciais para os Sujeitos serem felizes. Este *agendamento* leva à formação de um Estereótipo do que deva ser o Espaço Turístico para a existência do Entre-Lugar *turístico*. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 274).

Pensamos que esse espaço intermediário, o entre-lugar, é o local onde o turista é aquele sujeito que assume a postura racionalizada de férias, que comentamos no capítulo do Turismo, onde ele pode ser o outro no eu mesmo e ser feliz (CASTROGIOVANNI, 2004),

mas não consegue transpor as lógicas engendradas do sistema hegemônico, que pelo menos em parte poda a personalidade e restringe a autonomia dos sujeitos de viver o mundo a sua maneira.

O ser o outro de nós mesmos é também dizer que o que “acontece no Turismo fica no Turismo”<sup>53</sup>, em uma dupla identidade que parece possível de ser assumida quando estamos viajando. Nos chama a atenção que temos ouvido de muitos turistas que eles são “de verdade eles” quando estão em Turismo, pois se sentem livres, sem as amarras sociais e racionais impostas no âmbito de convivência. Será que para sermos nós “de verdade” precisamos negar nosso cotidiano social ou não? Quem somos? Será que para sermos o que desejamos ser precisamos habitar um não-lugar<sup>54</sup> ou um entre-lugar? Estas questões filosóficas parecem requisitar outras tessituras que podem compor novas pesquisas.

Santiago (1978) conclui seu texto *O entre-lugar do discurso latino-americano* ao dizer:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão - ali, **nesse (entre-)lugar aparentemente vazio, seu lugar de clandestinidade**, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana. (SANTIAGO, 1978, p. 28, grifo nosso).

Compreendemos, nesse momento, que o entre-lugar pode ser vazio por ser clandestino, então talvez a pergunta para uma reflexão posterior seja: o entre-lugar turístico onde tendemos a ser *os outros de nós mesmos* vale a pena ou perderíamos, conforme discutido com Moesch (2000), a aura específica do ato de viajar, no estar junto, na sensibilidade coletiva partilhada, pelo esvaziamento de nós em preferência ao que acreditaríamos ser? Como a educação pode trabalhar essas nossas (outras) identidades?

O terceiro espaço por ser o lugar onde traduzimos os lugares dos outros e os negociamos com os nossos, parece-nos configura-se em multiterritorialidades. A lugarização talvez exija tempo, talvez exija uma imersão no novo lugar para construir laços afetivos e entrelaçar nossa identidade ao novo lugar. Talvez exija aceitar o eu do cotidiano, do construir junto à vida sensível e suas habitualidades. Talvez exija conhecimentos prévios para podermos ler a paisagem de forma mais complexa e nos situar/adaptar ao novo. No entanto,

<sup>53</sup> Associação ao slogan publicitário turístico de Las Vegas (EUA): What happens in Vegas, stays in Vegas.

<sup>54</sup> O não-lugar é um lugar ausente em si mesmo, sem sujeitos, sem significados, assim sem construção que tece laços afetivos. Segundo Castrogiovanni (2004, p. 96): “O Não-Lugar parece ser a simples negação do Lugar. Pensamos que o Lugar e o Não-Lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro não pode ser completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente”.

ressaltamos ainda que pensamos que o tempo e a imersão de um turista são diferentes do tempo cotidiano.

A ilustração do ato de visitação exagera-se como justificativa de uma causa nobre, uma causa maior. Ou visitamos outros lugares para compreender/conquistar o que somos; ou perecemos nos lugares que se esgotam. Por que por redundância ontológica, sem visitação ninguém terá mais onde ficar nem para onde ir! Ou levar-se numa motivação tão extraordinária que o encontro com o outro, ali, possa representar três meses de permanência. É essa metonímia do tempo intensivo que se busca refazer no espaço intensivo dos lugares turísticos (OLIVEIRA, 2010, p. 9).

Supomos que a aura que reveste a lugarização do turista é a que motiva relações mais íntimas e mais densas, por colocar o sujeito em encontro consigo mesmo. Essa aura, pensamos, nesse momento, deve vir do sujeito que se coloca no espaço de forma viva, intensa e com conhecimentos prévios que possibilitem tal reação.

Com esses fatores, a viagem, como pondera a essência do radical tour<sup>55</sup>, pode ter o respaldo de volta para si mesmo e de ampliação dos nossos conhecimentos.

No Turismo, para sua análise e reflexão, é importante pensar que os fluxos têm uma direção, que ganham um lugar no espaço [e que cruzam pelos chamados não-lugares, ou lugares de nômades,] retornando, sempre ao seu ponto de partida, sua origem. Mas ao retornarem, voltam com sua bagagem cultural ampliada e trazem consigo um pouco do legado cultural dos lugares visitados, o que tem como consequência a expansão do ser, ou nos termos propostos neste estudo, a viagem provoca o encontro do Sujeito com outra face de si mesmo. (CISNE, 2011, p. 359).

Talvez seja por essa possibilidade do turista se inserir em um universo mais intenso vivencial que ele possa se lugarizar, mesmo em um curto espaço de tempo. Segundo Peccatiello (2005, p. 14), “o homem em viagem está aberto à aprendizagem, ao conhecimento, à descoberta, pois está circundado por um ambiente que não constitui seu cotidiano. O novo impressiona, provoca a curiosidade e o imaginário”. O ato de viajar parece projetar a capacidade de provocar mudanças nos sujeitos devido à experiência e às diversas relações estabelecidas durante o percurso, e através do desequilíbrio dos conhecimentos já acomodados alçar uma nova adaptação cognitiva.

As autoras, Da Hora e Cavalcanti (2003, p. 208), falam da especificidade de um olhar quando se está a Turismo, onde sugerem “uma *conversão* do olhar do residente para um olhar

---

<sup>55</sup> De acordo com Deprest (2004, p. 14-15) o termo *tour* (volta) significa um itinerário em anel, tanto subscrevendo a volta ao seu local de origem quanto a “Volta é *em si* a viagem: não uma deslocação contingente à aprendizagem, mas a própria aprendizagem”.

de turista, no sentido do deleite e da valorização do local, e de posterior *reconversão* que crie limites entre o fantástico e o real, possibilitando uma postura dialética diante do contexto e do ambiente visitado” para ser apropriado pela educação. As autoras dissertam sobre o Turismo Pedagógico que trabalha com a proposta de integração dos conteúdos vistos em aula com a prática em vivências a campo, durante o período letivo.

No Turismo Pedagógico a apropriação do conhecimento na viagem é facilitada pela ação educativa prévia e posterior na escola, e pelos condutores/guias de Turismo capacitados para a mobilização do conhecimento *in loco*. No contexto desta pesquisa, trabalhamos com os turistas sem mediação educacional formal, o que nos faz levantar a reflexão de como viabilizar novas equilíbrazões cognitivas, se acreditamos que são influenciadoras para desencadear o processo de interação com o local. Retornamos a questão: será que se tivermos uma base sólida de conhecimento geográfico nossa interação prática pode ser textualizada em relação ao ambiente, sem um mediador formal, ou não?

Parece-nos que quanto maior o número e a qualidade de relações que um sujeito pode realizar, mais rica será a sua vivência, como vimos nos estudos da paisagem. “[...] há uma grafia objetiva da terra, e o saber geográfico é fundamentalmente o empreender a leitura e a decodificação destes signos [...] O plano propriamente geográfico é o plano das interações, das relações, das combinações” (BESSE, 2006, p. 70).

Acreditamos, nesse momento, que o Ensino de Geografia deve privilegiar os aspectos para um processo de aprendizagem de conhecimento e exercício de cidadania, que capacita o sujeito para uma visão crítica, uma atuação consciente no espaço social e uma compreensão de cada ser e planetária tanto para o turista quando para o residente. Parece-nos que a educação pode se apropriar da vontade do novo, do diferente, do interesse pela descoberta, para trabalhar essas possibilidades de um olhar interessado, instigado, que está apto para interações, trocas de conhecimento, de experiências e de descoberta do ser (de si e dos demais), e que poderá acompanhar o sujeito ao longo de sua vida.

Neste contexto, pensamos que o turista cria níveis de cultura que podem ser mobilizados para realizar comparações do lugar novo com a sua própria cultura, para poder se lugarizar no novo local e ter condições de respeitá-lo, suscitando a Geografia leiga (CROUNCH *et al.*, 2001).

Ainda nessa situação, almejamos que o Ensino de Geografia possa também viabilizar que o residente se apropria do seu lugar como em um olhar de turista, (re)(des)cobrando o espaço, com a fruição idealizada que envolve o Turismo e que pode desvelar novas formas e relações na paisagem cotidiana.

Uma Geografia que esteja à altura desse denso cotidiano é necessariamente uma ciência com capacidade de operar a leitura dos lugares como *cenários fluidos de visitação*. A escola precisa destituir-se de seus referenciais fixos hegemônicos para retroalimentar-se como um cenário fluido de visitação por excelência (OLIVEIRA, 2010, p. 11-2).

Pensamos, nesse momento, que o Turismo Pedagógico é uma atividade bastante propícia de ser desenvolvida ao planejamento da educação formal de destinos turísticos. Com esse segmento do Turismo, os sujeitos de uma comunidade receptora podem também se sentirem turistas, o que consideramos bastante oportuno para compreenderem o Turismo em suas múltiplas facetas, além da tendência de proporcionar um estreitamento com a paisagem local, repensando o seu espaço e sua história, e possivelmente promovendo valores construtivos.

Reconhecendo a necessidade atual do sistema educacional em desenvolver novas práticas educativas, com enfoque numa construção social do sujeito crítico, o Turismo pedagógico se coloca como uma alternativa importante, capaz de contribuir com as escolas, proporcionando uma interação entre o sujeito e o meio, através da vivência. (BONFIM, 2010, p.118).

Acreditamos que os sujeitos residentes de locais com vocação turística, ao praticar sua cidadania, possam se tornar sujeitos de transformação no processo turístico, recebendo, comercializando, interagindo com autoestima e promovendo atividades turísticas responsáveis. Pois, ao acompanhar Morin (2000b, p. 113) na divulgação pela consciência planetária, cremos, nesse momento, que a “finitude geográfica de nossa terra impõe a seus habitantes o princípio da hospitalidade universal, que reconhece ao outro o direito de não ser tratado como inimigo. A comunidade de destino terrestre impõe de modo vital a solidariedade”.

O Turismo Pedagógico ao unir educação e lazer, acreditamos que tende a desencadear um ambiente de aprendizagem prazeroso, quando podemos apresentar os patrimônios culturais e naturais visando contribuir para um cuidado mais sensível com as paisagens e com as tradições e difundir o respeito para a diversidade nessa nossa sociedade que aparenta ser cada vez mais multicultural. Ao mesmo tempo, a inserção em um local, pensamos que estimula o (des) envolvimento humano e a autonomia, para superar provisoriamente o distanciamento da realidade representada por visões fragmentadas e racionalizadas do espaço, trazendo os sujeitos alunos para um engajamento responsável com ações teóricas-práticas.

É importante destacar que não se pretende com a proposta do Turismo pedagógico, sensibilizar o morador para colaborar com o desenvolvimento da atividade turística (preparar o jovem para bem atender e receber o turista). O propósito é ainda mais abrangente, pretende-se sensibilizá-lo como cidadão, mostrando a importância e a representatividade dos espaços naturais e culturais, como referenciais mentais significativos da vida e da construção do cotidiano de uma forma prazerosa. (BONFIM, 2010, p.127).

Apesar dos apelos do consumo e da globalização, parece-nos que o Turismo deverá resgatar as peculiaridades locais, fortificando identidades, de forma que as diferenças façam o enriquecer de culturas e possibilitem fraternos encontros, ao mesmo tempo em que estimule a tolerância entre os povos, independente de territórios, crenças, etnias e da diversidade do planeta Terra (MORIN, 2002).

O lugar turístico assim parece ser a transversalidade, onde as matrizes que se encontram no exercício da prática se imbricam, entram em “transe”, sem que se percam em suas personalidades e identidades.

### **3.3.1 O lugar nas narrativas**

#### **As motivações para conhecer e morar em Garopaba**

Queremos saber os motivos que atraem em Garopaba para o Turismo, buscando compreender se estão ligados às singularidades do lugar com sua oferta turística, aos conhecimentos geográficos dos turistas e/ou à mídia turística subscrita também às representações sociais. A partir das motivações para Garopaba, pensamos entender, provisoriamente, o Turismo Litorâneo, uma vez que Garopaba é parte (e é todo) do litoral brasileiro, atendendo ao objetivo específico b.

Perguntamos aos entrevistados quais são as motivações para visitar, veranear e/ou morar em Garopaba ou para outros locais de interesse turístico. Questionamos também se os turistas retornam ao município e o porquê do retorno ou da sua negação. Uma inquietude que dividimos com os sujeitos entrevistados é a de que com tantas outras praias de paisagem similar à de Garopaba e de localização próxima, o que faz o município ser escolhido por muitos enquanto destino turístico e de moradia.

Analisando as narrativas dos sujeitos entrevistados para as motivações, temos as seguintes palavras-chave, classificadas pela ordem da maior quantidade de vezes em que foram citadas: **praia, beleza natural, tranquilidade, lugar calmo, o mar, mar para banho,**

povo local com carisma, amizade, conjunto de praia e de montanha, local para surfe, proximidade com o sul, aluguel barato, as baladas (agitos noturnos).

Selecionamos cinco narrativas, organizadas no Quadro 22, que retratam as principais motivações.

**Quadro 22.** Principais motivações para o Turismo

Sujeitos	Principais motivações para o Turismo e as novas moradias em Garopaba
ATUR 2	As <b>praias</b> , que é o principal atrativo, das pessoas, principalmente os do sul que vêm pra cá. As nossas praias são bem diferentes das praias deles, que são águas muito frias, e né, é diferente do plano, né, quando eles chegam e vê esses <b>morros com praias</b> , é diferente, então é que chama mais atenção. Tem as dunas e com as <b>dunas já vem o verde</b> que tá em volta.
MOR 2	Turista vem pra Garopaba 90% por causa da <b>praia</b> . Aí então ele muitas vezes acabam não interagindo com a cultura, né? Exatamente porque é muito pouco trabalhado.
MOR 4	Eu acho que ele vem atrás, ele vem <b>descansar</b> , porque dá para descansar mesmo. Eles vinham em busca assim da tranquilidade, porque de repente lá na cidade deles é muita coisa, aqui não tinha asfalto, não tinha assim essa coisa da cidade grande.
VER 1	É o que cativa, essa disposição, essa <b>harmonia da praia que tem, entre a água e a terra</b> . [...] essa visão aqui que ela é peculiar, porque ela tem esse <b>aconchego</b> , essa <b>proteção</b> , não aquele mar aberto mais do sul. Claro que lá em Florianópolis também tem, mas pra nós que viemos do sul, eu diria que aqui seria o <b>primeiro lugar belo</b> e que tem toda essa complexidade e <b>não precisar ir à capital</b> . Todo o transtorno de entrar na capital e depois ir de novo procurar um lugarzinho, um outro lugar aconchegante assim. Porque o turista vem para buscar <b>essa calma, esse descanso</b> , né, essa interrupção nessa velocidade que é a vida dele, nessa angústia, ele vem justamente <b>pra ver, pra praia, pra relaxar, pra desfrutar e pra ter um marco para continuar de novo</b> .
TUR 3	As fotos mesmo das imagens, <b>das praias daqui</b> que são bem diferentes do Paraná, né? São praias muito mais bonitas. A limpeza, né. Hein, no Paraná o mar é mais aberto, né, não sei, é baía, é <b>enseada</b> aqui? Assim, <b>vem pela beleza das praias e pela limpeza</b> .

Essas mesmas imagens de Garopaba formaram a maioria das representações dos sujeitos nas questões relacionadas ao cartão-postal, investigadas no estudo da paisagem. Nas observações de campo ouvimos com frequência também as citações que enaltecem a paisagem da praia por sua beleza, pela sensação de relaxamento e pela conjugação do “mar azul e da montanha verde”, sendo a sua natureza tida como “exuberante, maravilhosa” e “milagrosa” por transmitir sensações boas que “revigoram a saúde, rejuvenescem”. A representação social parece estar cristalizada mesmo entre os sujeitos que não conhecem Garopaba, conforme a narrativa do Sujeito que Não Conhece Garopaba 1:

Eu imagino assim, eu tenho uma visão de **Garopaba de praia**, de **praia limpinha**, o **mar gostoso pra tomar um banho**, uma **paisagem meio verde** junto, diferente do Rincão, por exemplo. Eu tenho assim na minha cabeça que **de Laguna pra cima as praias são mais legais, melhores**. Então tem



Garopaba essa ideia **de gente, de juventude, de uma praia com bastante gente bonita, com tudo bonito**, né?

O Sujeito que Não Conhece Garopaba 3 vai também ao encontro das representações sociais diagnosticadas nas motivações, ao contar: “Eu tenho três primos que sempre vão para Garopaba. Eu não tenho muito contato com eles, mas não sei se já vi fotos, acho que não, mas o que me vem na cabeça sobre Garopaba é **gaivotas, praia bonita, cheia, mar azul**”.

A partir dos relatos pensamos que o nominalismo está realçado nas narrativas. Ao falar o nome Garopaba essas imagens pré-estabelecidas parecem povoar as memórias, mesmo as de quem ainda não foi ao município. Quando o nome já tem significado para o sujeito, costuma fazer do local um (entre) lugar, porque a palavra não exprime apenas um símbolo, e sim representa a unidade entre o objeto/lugar e sua classificação/nome (CASTROGIOVANNI, 2004).

O nominalismo para Garopaba eleva (ou diminui) o município a praia bonita, convidativa, de natureza bela que remete a boas percepções. Parece-nos que ao ser estimada no consenso social de um grupo, deve ser conhecida por seus integrantes para a socialização, conforme verificamos no relato do sujeito Veranista 4.

É, lá no **Rio Grande do Sul**, o pessoal que mora lá, vai começando a passar pela adolescência e chegando na juventude e **aí começa a ouvir falar, Garopaba isso, aquilo. Começa a conhecer as praias antes mesmo de vir**, de repente vem nos feriados, **tem que vir né, e isso tudo**. Na real em Garopaba meio que passa por fases, né, é uma fase na vida que a pessoa vem e curte, que todo mundo vem e fala e aí tem que vir também, tem muitos que ficam e vêm pra sempre nesses locais.

As representações sociais tendem a formar um estereótipo do objeto/local representado que embora assimilado de maneira individual por cada sujeito parece seguir pressupostos sociais, sugeridos também para as motivações do Turismo local.

Considerando o ângulo da significação, a **Imagem é polissêmica** e pressupõe, **subjacente a seus significantes, uma cadeia flutuante de significados**. O Sujeito pode escolher alguns e desprezar outros. Entendemos que, em qualquer sociedade, há códigos culturais, que viabilizam a leitura, a apropriação, a construção de significados, referentes aos Lugares. Estes códigos direcionam para a **formação da Imagem** (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 75).

Compreendemos, nesse momento, que a representação social vigente endossa a turistificação da imagem para a paisagem de Garopaba. Esses significados agregados à

Garopaba, tendem a substanciar o imaginário dos sujeitos, que parecem ser reforçados pela comunicação tanto entre os sujeitos quanto na publicidade, encaminhando as motivações para sua relação com os meios de comunicação.

Os sentimentos e as impressões do turista dependem das expectativas formuladas pela produção de imagens que circulam sob diferentes versões nas interações sociais. Não se pode conceber a natureza do Turismo na contemporaneidade sem considerar que tais atividades são construídas socialmente no imaginário, envolvem o trabalho com a propaganda e outros conjuntos de signos produzidos pela mídia, muitos dos quais dizem respeito nitidamente a processos de emulação social (DA HORA; CAVALCANTI, 2003, p. 208).

Os materiais para a mídia turística, produzidos pelo estado de Santa Catarina e pelo município de Garopaba, destacam a imagem da representação social retratada nas narrativas oficializando também o espaço turístico como o de praia, o do centro histórico e do mito do pescador como figura de vida simples, amigável e que recebe bem.

A coleção Roteiros Turísticos Regionais, elaborada pela Secretaria de Turismo do estado de Santa Catarina (SANTUR) e editado pela Editora Letras Brasileiras, divulga para Garopaba, situando-a na região turística de Santa Catarina denominada Encantos do Sul, os atrativos locais das praias, “charmosas enseadas emolduradas por costões e muita vegetação nativa”, do centro histórico com o casario açoriano, a igreja Matriz São Joaquim, da casa paroquial e do antigo local da administração da Armação Baleeira. (SANTUR & EDITORA LETRAS, 2011, p. 37).

No material municipal de divulgação turística as praias também são o principal destaque. O *slogan* turístico desde 2011 é: “Garopaba sem stress. O melhor lugar para suas férias”, tendo ao lado a referência para a capital catarinense do surf<sup>56</sup>. Essas informações estão nas capas dos folders e do guia de Garopaba, sendo que nos textos do interior dos materiais promocionais há também o destaque para o povo em interface com a pesca e para a tranquilidade do ambiente da cidade.

O folder municipal de maior tiragem, segundo os atendentes do Posto de Informação Turística de Garopaba (informação oral, 2012), localizado na praça principal, tem em realce o que talvez possamos compreender como um resumo do que é veiculado para o Turismo local e que aparece nos relatos das motivações:

---

<sup>56</sup> O título de Capital Catarinense do Surf<sup>56</sup> é requerido por Imbituba, pois sem apoio municipal a etapa do Campeonato de Surf Mundial que costumava ser em Garopaba passou para Imbituba em 2010 e 2011.

Garopaba das nove praias, nove formas diferentes de se relacionar com o mar, de Norte a Sul: Gamboa, Siriú, Central, Vigia, Silveira, Ferrugem, Barrinha, Ouvidor e Vermelha. Nove diferentes ondas numa só Garopaba. Enseadas tranquilas, picos famosos do surfe, cenários preferidos pelas Baleias Francas. Povo acolhedor, pesca artesanal e preservação ambiental. Garopaba embeleza todos os meses do ano. Ar puro e saúde.

As motivações para o Turismo em Garopaba parecem ser constituídas em muito do simbólico ecoado pelas representações sociais, com uma construção de sentido estético para a formação da imagem ideal do local veiculada pela mídia. É nesse sentido que Gastal (2003, p. 55-6) coloca que os produtos, em nossa época, “não vendem apenas a si mesmos, mas precisam agregar imaginários, porque os novos clientes precisam dos dois: do produto e do imaginário”. Parece-nos que a confecção de materiais promocionais e campanhas publicitárias para o Turismo, tendem a criar imaginários na fetichização dos locais com teor ideológico significativo, que são atribuídas aos produtos ou serviços apresentados, fazendo com que seja um fator que direciona a aquisição de qualquer produto ou serviço nos dias atuais.

Essa imagem ideal turística recorrentemente é subjacente a uma parte do município. Conforme Ferrara (1999, p. 21-2), “Para o Turismo a parte vale pelo todo e é suficiente para despertar lembranças, nostalgias e, sobretudo, o grande fator do mercado”.

Pensamos que tendemos a ter a mesma postura com a paisagem. Percebemos que muitas vezes conhecemos apenas a parte e assumimos que conhecemos o todo, como se a parte equivallesse ao todo, algo como uma metonímia, sem necessariamente tecer suas interrelações com o contexto, como incentivado no princípio do conhecimento do conhecimento.

Reduzir o conhecimento do complexo ao de um de seus elementos, considerado o mais significativo no momento, tem consequências piores em ética do que em conhecimento físico. Entretanto, tanto é o modo de pensar dominante, redutor e simplificador, aliado aos mecanismos de incompreensão, que determina a redução da personalidade, múltipla por natureza, a um único de seus traços. Se o traço for favorável, haverá desconhecimento dos aspectos negativos desta personalidade. Se for desfavorável, haverá desconhecimento dos traços positivos. Em um e em outro caso, haverá incompreensão. (MORIN, 2000b, p.98).

No princípio hologramático, pensamos que o próprio município possui partes que também compreendem um todo, quando analisamos, por exemplo, a praia e suas atividades. Contudo, lembramos que na Complexidade entendemos, nesse momento, que a soma das partes é maior que o todo, e cada parte tem a sua singularidade, que parece ser interessante de

ser (re) conhecida. O que nos inquieta, nesse sentido, é o porquê de, em muitos casos, a parte não nos instigar a conhecer o todo.

Ainda na revisão da publicidade oficial, lemos a constante associação de cada praia a um público, conforme citamos no estudo do histórico de Garopaba. Pensamos que por definir distinguindo (ou seja, em um paradigma da simplificação) cada uma das praias em suas representações (do surf, da moçada, da balada, da família), conduz o turista a escolher por uma das *tribos* e ali ficar. Mais ou menos como se fossem encontrar seu lugar por associação a representação generalizada, frequentando a praia diariamente. Analisamos que não há um incentivo nos materiais para conhecer mais de uma praia e temos notado o turista, de modo geral, um tanto acomodado para buscar por si outras formas de interação com o espaço.

Temos visto que para ler a paisagem é interessante nos movermos, mas que esse mover traga um relacionar-se. Segundo Besse (2006, p. 64), o problema que se coloca é o de conseguir “apreender a relação entre a dimensão visível da paisagem e aquela que não é [...] extrair formas de organização do espaço, formas, fluxos, tensões, direções e limites, centralidades e periferias”. Nessa medida, mais que sair pelas outras partes de Garopaba, incentivamos nessa pesquisa a vivê-las, e aqui o tempo aparece como fator importante.

Precisamos de tempo para nos deslocarmos com integração. Mas a questão que permanece parece ser: como proporcionar bases para nossa autonomia e para nossa curiosidade para (des)(re)cobrirmos a paisagem? Será que precisamos de alguém no local turístico para oferecer um passeio já roteirizado, que invariavelmente estabelece tempos e locais de paradas estipulados? Será que essa metodologia cronometrada não limita a relação do turista com o local, ou limita? Essas questões assinalam um possível caminho para novas pesquisas.

Nas motivações para o Turismo local escolhemos mais uma representação social, por ser um conceito geográfico, para ser, provisoriamente, examinada na sua relação com o Ensino. Há quem julgue que o conjunto de praia e montanha em Garopaba é único na região e por isso os sujeitos escolhem o município para visitar. Os costões e morros, popularmente chamados de montanhas, que recortam as praias locais, não são um privilégio apenas do município e sim compõem o relevo de grande parte das praias catarinenses.

Todo esse **conjunto, essa harmonia das montanhas com a beira da praia** faz ter uma magia, principalmente no verão que os dias são longos, que o sol é quente, todo mundo curte bastante, pega bastante praia, tudo fica bonito, e aí eu **acho que esse conjunto todo aí faz, dá uma magia especial nessa região que é linda, né, e atrai a multidão.** (Sujeito Veranista 4).

Enquanto definição do conceito geográfico não há montanhas no relevo de Garopaba, encaminhando nossa análise para a preponderância das representações sociais no direcionamento das motivações e da leitura da paisagem realizada nessa questão. Montanha parece soar mais *paisagística* do que morros. Há um sentido de nominalismo na montanha, fortificado ao fortificar sua representação social. A montanha, como o mar, parece integrar as diversas dimensões do imaginário que valora as paisagens.

Segundo Meneses (2002), a montanha surge como agente da paisagem transladada em valor cultural ao figurar em obras de arte, tendo os Alpes como referência, para então se lançar a uma representação de senso comum.

Primeiro, na literatura, depois no trabalho de pintores-gravuristas e, a partir de 1850, na obra de fotógrafos, a montanha deixa de ser invisível, simples obstáculo a ultrapassar ou elemento ameaçador para se transformar em objeto de contemplação e, mesmo, admiração, edificação e homenagem ao sublime (MENESES, 2002, p. 39).

Encontramos, nesse momento, que ao perguntarmos o que atrai em Garopaba os entrevistados se remetem a um espaço um tanto glamoroso, pois as justificativas não tendem a se ater ao simplório. O simples *deve* estar mais ligado ao cotidiano e não, parece-nos que por razões culturais, ao tempo de férias (URRY, 2001).

Sugerimos que podemos dizer que é a cultura formando pré-conceitos e inserindo na rede suas representações sociais que influem na leitura da paisagem. A questão que nos chama a atenção nessa ênfase é “como as paisagens são formadas pelas preferências estéticas e tendemos a moldar o mundo a partir do que vimos” (HOLZER, 1999, p. 155-6), será que se lêssemos morros, onde lemos montanhas, nossa percepção seria outra da paisagem, ou não? Será que nos relacionaríamos diferente com a paisagem e enalteceríamos menos ou mais o local, ou não? Qual o peso da palavra diante da paisagem? Qual o papel do Ensino de Geografia nessa relação?

Segundo Besse (2006, p. 65), a Geografia, “como ciência e como atitude diante do espaço terrestre”, tem as possibilidades de indagar

sobre a realidade efetiva do que é dado a ver, sobre a densidade própria do que se oferece à percepção. [...] O ponto de partida da análise geográfica seria, sem dúvida, o seguinte: mesmo sendo a paisagem uma dimensão do visível, esta paisagem é o resultado, o efeito ainda que indireto e complexo, de uma produção.

O Turismo e a cultura, pelo olhar das motivações, parecem oscilar recursiva e organizacionalmente, especificando representações sociais que ecoam marcas e matrizes na/da paisagem. Essa referência também é visualizada nas questões para o retorno dos turistas. Ao perguntar se o turista retorna e o porquê do seu retorno a Garopaba, o Sujeito Morador 2 associa à questão ao valor social dado à natureza, conforme assinalado:

Sabe quem é que volta a Garopaba? É quem tem casa, o veranista. E cada vez as pessoas têm casa aqui. Isso acontece, mas isso é um fenômeno natural, de ter casa na praia, isso já é um *status*, ter uma casa na praia ou uma casa no campo. Principalmente aqui, né, que junta o verde na beira do mar, diferente de outros lugares, né, que tu não tem assim essa relação da montanha com o mar, então o pessoal tendo uma casa em Garopaba é quase como tu ter uma casa na praia e no campo, interessante isso.

Indo ao encontro dessa compreensão para a motivação do retorno entre os turistas sobressaíram as respostas que encontram na praia ideologizada seu maior atrativo, conforme relato do Sujeito Turista 2: “Eu retorno porque me sinto bem, né? Gosto da praia, gosto dessa paisagem da montanha com o mar, do verde com o azul. Assim, parece um sonho”.

Todavia, segundo os moradores a principal motivação para o retorno a Garopaba e o seu diferencial quando comparada a outras praias próximas é pelo carisma do povo local, fator também assinalado por alguns como motivação principal para visitar e morar no município. No carisma do povo conta tanto a facilidade para fazer amizades, para conversar sobre as coisas locais, por ter uma vida simples e tranquilidade, como para o atendimento, recebendo bem e com felicidade, fidelizando a representação social do açoriano e do carijó na origem da personalidade coletiva.

O turista vem em busca da **tainha**, do **açoriano**, gosta da **tarrafa**. Porque tem aqui, oh, **tem renda**, tem **costumes antigos**, **pescadores**, **tem toda uma cultura**. Ele retorna, porque ele gosta do que ele vê, muitos deles se mudam pra cá porque **ele gosta da vida simples**, ele se dá bem, todo gaúcho ou curitibano, ou muita gente que mora aqui gosta porque o **pessoal daqui se torna amigo** deles, eles **vão pescar** com esse pessoal, eles **vão pro costão**, eles **vão pro murrinhos**, gostam dessa **cumplicidade**, eles tiram informações, eles **voltam pela cultura e pelo sossego e pelo respeito que o pessoal daqui dá para eles** (Sujeito Morador 1).

Dos 12 moradores de Garopaba, que contemplam os grupos de entrevistados dos atores do Turismo, moradores e professores de Geografia, nove se remeteram à particularidade de serem pessoas agradáveis, sinceras e bons amigos como qualidade para o retorno dos turistas.

E outra, né, a **convivência do amigo, o bom trato**, né, atrás da **amizade** também, porque se eles não fossem bem recebidos eles não retornariam. **Não tinham criado o vínculo afetivo**. Então eu acho que além deles virem para o descanso, eles vinham atrás desse sentimento das **relações mesmo humanas que a gente tem aqui**, porque a gente só **retorna em um lugar quando as pessoas de lá nos tratam bem**, porque mesmo com essa **beleza natural** que também é outra questão, também tem essa questão do relacionamento humano, que tinha, tem ainda. (Sujeito Morador 4).

O ideário do nativo carismático associado à figura do pescador que remete a uma tradição e simplicidade de vida, como discutimos na análise das narrativas com enfoque de paisagem, parece ser característica assumida como própria da sociedade nativa de Garopaba, configurando seu *socioleto*<sup>57</sup>. Em paralelo com as representações sociais, percebemos a questão identitária fragilizada nessas narrativas do carisma do povo por sua descendência. Como o turista pode se lugarizar se os habitantes do lugar parecem não se conhecer?

Outro fator levantado por moradores e por veranistas para o retorno dos turistas e para a vinda de novos moradores são os preços em conta dos terrenos e das pousadas, como lemos na narrativa seguinte:

Eu acredito que boa parte retorna, talvez assim, por ter vindo algumas vezes, e **visto os preços, ter comprado algum terreno**, investido, feito investimento mesmo, em alguma casa, algum terreno, e vem veranear nesse, com essa intenção por já ter fixado algum imóvel por aqui. Talvez **os preços aqui sejam mais atraentes, ou eram** (Sujeito Professor de Geografia 1).

A questão dos custos baixos do Turismo e dos terrenos em Garopaba parece ser uma verdade que os sujeitos ainda mantêm enquanto representação social. No entanto, os preços subiram consideravelmente e se equiparam na região, inclusive com a capital do estado, Florianópolis.

A proximidade com o Rio Grande do Sul, sendo considerada a “primeira praia” mais bonita a partir do sul do Brasil, aparece nas narrativas dos sujeitos entrevistados também como justificativa do Turismo local. Temos presenciado em observações de campo que essa representação social é recorrente na região. A partir de Laguna todas as praias são consideradas pelos seus moradores a primeira praia boa para os gaúchos.

Também tecendo com as representações sociais, sentimos certo desconhecimento do espaço e de seus movimentos no entendimento da primeira praia bonita do litoral catarinense

---

<sup>57</sup> Segundo Castrogiovanni (2004), *socioleto* são linguagens sociais recortadas na massa idiomática. É uma unidade idiomática reconstituída no nível da sociedade, dotada de uma linguagem própria da sociedade.

sentido sul-norte e até mesmo pela questão do preço dos terrenos. Como os turistas podem compreender o local se seus habitantes formam uma imagem falseada do espaço em que vivem?

Identificar, no âmbito humano-social, é sempre *identificar-se*, um processo *reflexivo*, portanto, e identificar-se é sempre um processo de identificar-se *com*, ou seja, é sempre um processo *relacional*, dialógico, inserido numa relação social. Além disso, como não encaramos a identidade como algo dado, definido de forma clara, mas como um movimento, trata-se sempre de uma *identificação* em curso, e por estar sempre em processo/ relação ela nunca é una, mas *múltipla*. Toda identidade só se define em relação a outras identidades, numa relação complexa de escalas territoriais e valorações negativas e positivas. (HAESBAERT, 1999, p. 174-5).

Acreditamos que essas motivações podem dificultar o que entendemos por lugarização e levariam a uma maior propensão da entre-lugarização ou do não-lugar, posto que recobrem a paisagem com aparências nem sempre relacionadas às suas essências e ainda mascararam as qualidades do local em função das verticalizações do espaço. A lugarização do turista, pensamos, é influenciada pelo sujeito local, posto que o lugar se constrói na interação com o outro, propiciadas nas edificações horizontalizadas do espaço.

O município de Garopaba só adquire significado, enquanto Lugar (?), Não-Lugar(?) ou Entre-Lugar(?), inicialmente, pelo Intertexto de cada “garopabense”, construído individualmente, mas inserido numa Cultura, que compreende a própria identidade de Garopaba. Admitimos, neste momento, que a identificação social e cultural que emerge deste processo pode contribuir, ou não, para a qualificação do Espaço Turístico, num segundo momento, pelos visitantes de “Garopaba”. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 86, grifo nosso<sup>58</sup>).

Uma questão pertinente na relação do Turismo com o Ensino de Geografia parece ser a necessidade de contemplar a identidade social local. Pensamos, nesse momento, que o lugar é esse recorte do mundo que nos dá a possibilidade de viver o mundo a nossa maneira, integrado às outras pessoas (sociedade) e às demandas globais que dividem conosco o espaço. Contudo, parece-nos que quanto mais conhecemos nossa Geografia e nossa história, melhor podemos nos identificar e assim estabelecer uma relação apropriada com o outro, que encaminhe aos laços afetivos significativos e aos cuidados com o lugar. Afinal, “é por intermédio dos lugares que ocorre a Comunicação entre os homens e, portanto, com o mundo. Só há trocas, se ocorrerem diferenças” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 41).

---

<sup>58</sup> Na citação original o autor se refere à cidade de Iraí, substituímos por Garopaba para facilitar a ideia do texto.



As transformações sociais parecem terem sido altamente influenciadas, no século XX, pelos meios de comunicação. Acreditamos, nesse momento, que esses constantemente criam e recriam padrões estéticos, produzindo e destruindo símbolos e formatos da vida social, de identidades. Nesse contexto, as narrativas analisadas para as questões de motivações para o Turismo em Garopaba nos encaminharam à interpretação de que as representações sociais, estimuladas pelo discurso midiático, parecem ter um peso maior do que o Ensino de Geografia ou as próprias características locais nas motivações dos sujeitos para seus deslocamentos no fazer Turismo.

No entanto, nos apoiamos, provisoriamente, na afirmação de Claval (2004) de que a Geografia está por toda parte, sendo que precisamos muitas vezes é percebê-la. Essa constatação foi denotada quando perguntamos aos sujeitos se na escolha dos destinos turísticos de cada um levavam em conta conhecimentos da Geografia, se lembravam de algo das aulas de Geografia, tivemos o não, na maioria, como resposta. As motivações, segundo os entrevistados, são relacionadas aos interesses pessoais, a curiosidades, informações de publicidades turísticas e/ou relatadas por amigos.

**Quadro 23.** Motivações para uma viagem.

Sujeitos	Motivações para uma viagem.
Como nos fala o Sujeito Ator do Turismo 4.	<b>Não, nada. Nunca me organizei assim,</b> nunca me liguei na questão da geografia, nunca fiz esse tipo de associação. <b>Escolho os locais que já me falaram, que me interessam, por curiosidade.</b> Agora mesmo estive na <b>África, fazia muito tempo queria conhecer como é lá, o local, o cenário, os costumes.</b>
Do mesmo modo temos o Sujeito Morador 3.	<b>Para escolher não, aqui não.</b> Mas eu costumo, <b>quando eu viajo, na estrada eu gosto muito de observar a formação rochosa do lugar,</b> nessas horas é comum eu recordar, mas assim realmente para decidir aonde ir, assim não. <b>Pode ser que eu faça algumas associações,</b> mas nada que eu me recorde. <b>Eu escolho os locais que eu tenho curiosidade. Minha família gosta muito de ir a Portugal, pois temos descendência portuguesa</b>
O Sujeito Ator do Turismo 1 já traz um questionamento relacionando a Geografia.	<b>Não, geografia não, agora eu estou pela gastronomia.</b> Adoro. É hoje onde eu gasto o meu dinheiro. Outro dia eu tava vendo um programa que falava: <b>quer conhecer um povo ou uma cultura diferente, primeiro comece pela gastronomia.</b> Porque eu acho que vai desde a <b>cultura inicial daquele povo, vai ser a comida, né, o que eles tinham pra fazer as coisas, o que se planta ali, ou até o clima, o que vai influenciar, ou produtos, os vegetais</b> que tem num país ou que não tenha na região. <b>Que na verdade é geografia também, né?</b>

Vimos que grande parte das motivações e das informações relevantes que pesam na escolha estão ligadas aos conhecimentos geográficos, assim como na motivação para Garopaba, na leitura das paisagens, mas parece que nem sempre temos consciência disso. O

sujeito Turista 3 traz que retornaria a Garopaba, “principalmente porque achamos muito bonito aqui – olha essa vista (do mar)! - e gostaríamos de ver a cidade na temporada de verão”, no entanto, não acredita que seja influenciada pelos conhecimentos geográficos nas decisões do Turismo. Entendemos que a vontade de conhecer o município em outra estação e o gostar da paisagem do mar são também conteúdos geográficos. Encaminhamos, mais uma vez, para a importância de teorizar a vida geograficamente. Percebemos a Geografia também nas motivações para as respostas da questão para onde os sujeitos iriam se ganhassem uma viagem, estabelecidas no Quadro 24.

**Quadro 24.** Motivações para uma próxima viagem.

Sujeitos	Motivações para uma próxima viagem
Sujeito Morador 4	Eu? Foi perguntar justamente pra mim que não quero sair de Garopaba é nunca... <b>Pra um centro, né, de ver como é um centrão, pra São Paulo, ou pro Rio, né, vê como é a vida desse povo todo lá.</b> Porque o meu marido foi para São Paulo e ele veio assim encantado, ele viu um monte de prédio, um monte de coisa. <b>Eu acho que eu nunca vi, a gente vê 3 andares, só dois e deu, tu só vê na televisão, né, eu acredito que eu ia gostar de ver um centrão assim.</b> [...] Claro, tirando <b>aquelas partes que a gente sabe que tem bandido, mas a de estrutura mesmo da cidade, a possibilidade do homem ter construído muita coisa em um espaço tão pequeno.</b>
Sujeito Morador 1	Eu ia direto pra Londres (risos) pra fazer música. Nada a ver com paisagem, né?... <b>Nada, é frio, sombrio, bucólico. Eu gosto do frio,</b> vou ser bem sincera, <b>mas olhando pra esse mar. Lá eu acho que eu me sentiria meio deprê.</b> Eu nunca fui pra lá, mas é um risco, acho que eu me mataria no terceiro dia.
Sujeito Turista 2	Eu gostaria de conhecer, <b>tanto cosmopolita como lugar mais rústico</b> assim, <b>montanha, praia,</b> talvez, entendeu, mas qualquer um desses lugares. Europa que eu não conheço, curto muito a ideia de Oceania, esse picos, tipo Austrália, Taiti.
Sujeito Veranista 4	Quando eu viajo eu gosto de conciliar <b>o passeio com a família com a possibilidade de pegar ondas</b> também, aí durante os 15 anos que eu venho formando a minha família a gente teve recentemente a oportunidade de fazer um passeio, <b>uma viagem de Turismo que foi pro Peru, né, lá eu pude pegar excelentes ondas e eu pude curtir com a minha família a cultura andina,</b> né, a cultura dos incas e foi bem interessante, foi muito válido, <b>acho que a minha filha aprendeu bastante também.</b>

A Geografia é significativa para saber onde encontrar o desejo de paisagem ou de atividade que buscamos, como para saber o que levar na mala, quanto para compreender a relação do que buscamos com o nosso cotidiano.

Observamos com as narrativas que parece haver uma recorrente dialógica de buscar pelo oposto do lugar em que vivo e vice-versa. Na narrativa do Sujeito Morador 3, essa questão está exemplificada:

Antes, **quando eu viajava, eu queria voltar logo** (para Garopaba), **depois quando eu voltava dava uma tristeza**, como uma depressão pós-férias. Férias pra mim **quando eu tava em Curitiba era vir para um lugar mais tranquilo possível**, mais que Garopaba, ou como Garopaba era também. [...] mas hoje não, **hoje quando eu vou de férias eu gosto de ir pra São Paulo, Buenos Aires, Curitiba, gosto de agito**, barulho, 24 horas agitação, saio toda a noite. [...] Turismo? Londres. Sem pensar duas vezes, com certeza eu ia procurar um lugar mais urbano possível.

Parece-nos que no Turismo nos acostumamos a buscar pelo que não temos, talvez por isso a fuga da rotina e do dia-a-dia, ainda que tenhamos aprendido que, conforme a teoria das representações sociais, queremos o não-familiar em bases familiares seguras. Pensamos que esse anseio por conhecer outras formas de organização do espaço, outras maneiras de viver os lugares, pode ser valorizada enquanto tema de aprendizagem geográfica.

A Geografia está também em uma relação muito íntima com o lugar da infância, acreditamos que por ser um local de memória afetiva e que compõe referências espaciais. Há nas motivações um desejo recursivamente em relação à infância.

Eu acho que foi por causa da paisagem. **Quando eu nasci eu morava do lado de um rio, talvez a água.** A paisagem, assim, essa **harmonia entre os diversos elementos**, todos reunidos bem próximos, né, a montanha, a vegetação, a grama, a água, o mar, a areia. (Sujeito Veranista 1).

O relato do Sujeito Ator do Turismo 2 traz também a busca pelas vivências da infância, pelo seu lugar infantil, conforme a seguir:

Olha, eu gostei **muito de Lages, da serra**. Gostei muito de lá. Eu tive lá duas vezes só e voltaria, e porque é muito bom lá. Porque eu **gosto mais daquele sítio, e fazenda, né**, que te lembra, passeio a cavalo, é muito bom aquilo lá. [...] Porque **eu fiquei até os 5 anos no interior, sítio mesmo**. Só que é uma coisa que agora a gente não tem, tu não vê tanto, porque até o pessoal do sítio já não é mais tão sítio então lá a gente vê bem isso.

A Geografia parece mesmo estar em toda parte, e, assim como na totalidade da abrangência, as representações sociais também estão em toda parte. Ambas se inserem nas motivações e nos imaginários dos sujeitos. O espaço parece mesmo ser transdisciplinar e complexo, parece ser necessário uma leitura também complexa para a teorização da vida, para que sejamos conscientes dos objetos que nos cercam, das suas intencionalidades e de quanto movem nossas ações, também no Turismo. O Ensino de Geografia, nessa dialógica da vida, parece ser essencial por ser uma parte da totalidade, que na sua costura com outras partes faz

emergir os significados, símbolos e sentidos que damos ao nosso caminhar e ao da humanidade terrestre.

### O lugar de cada sujeito e os lugares turísticos de Garopaba

Na continuidade da investigação da problematização se o Ensino de Geografia pode favorecer ou não a lugarização do turista, tendo por base a leitura da paisagem (objetivo específico c), analisamos, principalmente, as narrativas das questões: onde você levaria um amigo para conhecer Garopaba, os locais de preferência em Garopaba e o lugar de cada um. Cruzamos a leitura dessas narrativas com as questões do Ensino de Geografia no local, a fim de realizarmos relação com o Turismo.

Vimos que as repostas para conhecer Garopaba atesta a preferência pelo litoral e pelo centro histórico, reforçando as representações sociais impulsionadas nos agendamentos da mídia turística local. Porém, nas narrativas da questão onde levar os amigos turistas, outros locais do espaço turístico apareceram, ainda que timidamente, como os engenhos do meio rural, os mirantes naturais e as dunas. Esses locais também fazem parte de uma agenda do Turismo local, sendo que alguns são pontos alternativos menos expressivos no modelo geral.

Parece-nos que na seleção dos pontos para a visitação, os sujeitos se colocaram com maior liberdade para apresentar o município a suas maneiras e com suas memórias, o que nos leva a pensar que começamos a desvendar uma relação com a construção do lugar e do entre-lugar. Podemos ler algumas das referências nas narrativas selecionadas para o Quadro 25:

**Quadro 25.** Narrativa dos locais onde levaria o turista.

Sujeito	Narrativa dos locais onde levaria o turista	Pontos de interesse
Sujeito Professora de Geografia 1	Normalmente a gente gosta, assim, quando vem <b>alguém da minha família, de levar lá no caldo de cana do boi</b> , porque aqui tem muitas coisas, tem pizzeria, tem de tudo, né, todo o tipo de alimentação, <b>mas lá é mais uma coisa assim mais colonial mesmo, a maneira como é apresentado, chama muito atenção, e é onde eu vejo um lugar para ir, tu faz o lanche, tem coisas pra olhar, se tu quiser comprar alguma coisa, então, eu acho que, pro turista lá é um bom lugar.</b>	Caldo de cana do boi é um passeio alternativo aos atrativos de Turismo, o sujeito o conhece, o avalia, demonstrando familiaridade com o lugar e pensamos que encaminha uma teorização do cotidiano.
Sujeito Veranista 2	Lá em cima, na ponta do Vigia, para olhar esse mar maravilhoso. Esse lugar onde nós estamos aqui, com esses barcos, lindos, né. Para olhar as gaivotas na praia, maravilhoso. A praia da Silveira, maravilhosa. <b>A gruta da nossa senhora</b> , maravilhosa. <b>Ah, tem outra coisa</b>	Além de listar locais turísticos, realça a gruta, que é um local alternativo do Turismo, não é agendado pela mídia, e os arrastões que é uma atividade divulgada,

	<b>que não pode ficar fora: são os arrastões, isso é a coisa mais linda que tem, são maravilhosos, isso também não existe em lugar nenhum.</b>	mas não foi muito lembrada pelos demais entrevistados. No entanto, parece transparecer uma noção superficial com a estética dos atrativos, mais do que com uma construção de Lugar.
Sujeito Morador 4	Lá na praia do Siriú tem as dunas no meio, ali é maravilhoso, ela vai pela praia e aí é uma caminhada, é claro, e depois ela vai nas dunas e lá tem aquelas fontes da chuva, <b>eu já fui com o meu filho, mais de uma vez, [...] Lá nas piscinas naturais. Sabe que tem disso aqui, porque tu vê na televisão e acha que aqui não vai ter, quando eu soube que tinha, eu fui. [...] Ah lá na Vigia, né, até pra ela ver a questão das construções que estão sendo feitas no morro, né, que eu acho um absurdo.</b>	Há um agendamento para piscinas naturais em dunas, que foi adaptado no Siriú, mas é um passeio fora das propostas do Turismo local. As construções do Vigia têm sentido repulsivo na paisagem, mas levar lá acreditamos que é demonstrar a lugarização do sujeito, que está atento ao seu lugar.

Quando escolhemos para levar um amigo em locais que estão fora ou em paralelo com os agendamentos da mídia turística, parece-nos que estamos articulando nossos intertextos com autonomia. Ponderamos que essa articulação, pelo menos em parte, também revela nosso trânsito pelo lugar, que envolve uma avaliação do espaço em bases cognitivas e afetivas.

No relato da Professora de Geografia 1, do Quadro 24, pensamos existir uma teorização do local, pela reflexão que compara o seu local escolhido aos demais locais turísticos do município. A importância de conhecer o espaço, de ter uma história que constrói o lugar e da habilidade de mobilizar o raciocínio para explicar as relações parece ser importante para as possibilidades de um sujeito interagir com outros e significar seu lugar. Interpretamos essa importância na narrativa do sujeito que não conhece Garopaba 1, ao justificar sua escolha por não selecionar o cartão-postal numerado 5.

Esse aqui (5) a mesma coisa do (cartão-postal) 3, aparece só um detalhe, eu não sei se isso seria suficiente para alguém vir visitar uma cidade que eu não conhecesse, sabe, eu não tenho argumento, **talvez se eu tiver uma história com esse lugar aí assim, mas aí eu vou ter que usar de outro artifício pra convencer, né, não é só o postal.** (Sujeito que não Conhece 1).

Ainda detalhando o Quadro 24, na narrativa do sujeito Veranista 2 interpretamos um envolvimento superficial, que mesmo destacando pontos alternativos do Turismo segue um padrão local e se relaciona a partir dos agendamentos estéticos da paisagem.

Já as piscinas naturais do Siriú, da narrativa do Sujeito Morador 4, demonstram um padrão mais globalizado, sendo que no local as piscinas naturais não são valorizadas e são pouco conhecidas. Como o sujeito nos fala: “quando eu vi na TV, não acreditei, e nós temos

aqui”. Há um fragmento global na rede local, que pode se fortificar com o tempo pelas escolhas da sociedade e do governo local para o espaço turístico. O mundo está no lugar cada vez mais.

A lugarização, pensamos nesse momento, tende a se situar na descoberta das singularidades no contexto do cotidiano quando ultrapassamos a representação e iniciamos uma caminhada que leva a algo mais, seja no desvendar do lugar e das paisagens, seja na interação com suas causas.

Mostramos aos outros o que gostamos, essa relação nos parece provisoriamente clara. Mostramos o que gostamos em nós. Não obstante, conforme as narrativas do Sujeito Morador 4, mostramos o que não gostamos também. Cogitamos que mostramos o que não gostamos quando temos argumento para a paisagem repulsiva, posto que estamos engajados no que envolve tal situação. É como se, ao explicar a imagem negativa e provocar inquietações a partir dela, angariássemos para nossa luta aliados para compartilhar e afirmar nosso desgosto. Lugarizar-se, que acreditamos exige um envolvimento ativo, parece ser também perceber as diferentes nuances da paisagem, aceitando seus pontos negativos, pois o espaço, assim como o lugar, apresenta-se em um misto dialógico de caos e cosmos.

A luta por um local parece configurar um laço afetivo. Podemos lutar pelos lugares de outros, mas há necessariamente uma afinidade de ideários para nos lançarmos em outros espaços e, acreditamos, nesse momento, que tem um cordão umbilical que remete ao nosso lugar. Afirmando essa interpretação, do envolvimento ativo como constructo de um lugar, temos a narrativa a seguir. Veremos, mais adiante no texto, que o centro histórico parece ser um lugar desse sujeito.

Na verdade a paisagem dessa área histórica do município, eu **gosto muito dessa parte aqui. Eu sento no domingo, às vezes à tarde na pracinha, tanto que eu briguei muito pra pracinha ser remodelada e tal, arrumadinha, e pra gente poder ficar dando uma olhada, a igreja ali que a gente tá brigando pra começar a restauração, mas que começa já também.** (Sujeito Professor de Geografia 2).

Por outro lado, notamos que, ao elencar os locais para mostrar aos amigos visitantes, podemos ficar na turistificação e mostramos o que nos dizem que é bom, mesmo que não concordemos. Os atrativos turísticos veiculados na mídia costumam ter uma representação social do Turismo local já solidificada. Supomos ser a vertente dos agendamentos da mídia, moldando representações sociais e direcionando nossa opinião, muitas vezes sem que haja

uma reflexão dos motivos para a ação decorrente. Com essa orientação, lemos a narrativa do Sujeito Ator do Turismo 3 no Quadro 26.

**Quadro 26.** Narrativa dos locais onde levaria o turista 2.

Sujeito	Narrativa dos locais onde levaria o turista	Pontos de interesse
Sujeito Ator do Turismo 3	<p>Na Vigia, na torre. E o mar também é bom. Tem muitos pontos bons aqui, <b>muitos dizem da Ferrugem, a praia da Silveira, levaria também.</b> Pra banho o melhor é aqui no centro, né.</p> <p><i>Pesquisadora: A senhora falou que seus locais favoritos além da Vigia, são a igreja e a gruta. A senhora levaria lá seus amigos turistas?</i></p> <p><b>Na igreja sim, eu sempre levo na igreja. Na gruta ninguém vai, ninguém leva ninguém.</b></p> <p><i>Pesquisadora: E na área rural, algum lugar?</i></p> <p><b>O que eu acho mais interessante da área rural é o Macacu, eu não sei por que lá, deve ser porque tem as dunas, todo mundo fala, mas eu nunca descí lá.</b></p>	<p>Alguns pontos turísticos são escolhidos por relatos de terceiros e/ou por agendamentos da mídia, sem que, pensamos nesse momento, os locais sejam significativos no intertexto do sujeito. Pontos de vivência e interesse do sujeito como a gruta parece que perdem o valor turístico para o entrevistado, uma vez que não são compartilhados por outros.</p>

Por que escolher locais que não conhecemos para levar um amigo? Em que direção nos movemos? O Turismo enquanto um vetor da globalização no lugar, com todos os ecos, pausas e barreiras de som que encontra no local, parece trazer com ele uma indução quase colonial que se cristaliza em representação social do lugar. Como se o lugar esquecesse que justamente por suas particularidades locais é que o Turismo ganha atrativos.

Complementando essa orientação temos a resposta do Sujeito Morador 1 no Quadro 27. Ressaltamos que essa narrativa nos encaminha também para uma distinção que parece haver do que é para o Turismo e do que é do lugar do sujeito.

**Quadro 27.** Narrativa dos locais onde levaria o turista 3.

Sujeito	Narrativa dos locais onde levaria o turista	Pontos de interesse
Sujeito Morador 1	<p>Ferrugem, ali na praia mesmo para conhecer o sambaqui e a lagoa que tem uma coloração laranja, né; o <b>Siriú, mas não existe nada lá que eu goste, mas eu levaria nas dunas, né, as dunas porque é um ponto turístico</b>, por tudo que existe e tal.</p> <p>Macacu, a lagoa e porque os negros de Garopaba estão concentrados lá, sabe essa coisa de quilombo, que antigamente muitos se refugiaram ali. <b>Silveira</b>, porque já teve um campeonato mundial lá. Cicarelli, Guga, subindo a pé e a <b>Globo indo atrás, e vamos dizer assim comercial né, então pela praia, pelo surfe. O centro mesmo, o centro pela sua importância histórica. O resto não tem importância, é tido por ter.</b></p> <p><i>Pesquisadora: Entre as motivações que trazem os turistas para Garopaba tu colocaste a cultura do pescador. Também temos visto essa motivação manifestada por turistas - de ver a pesca,</i></p>	<p>Parece que as dunas compõem os locais escolhidos por serem definidas como um ponto turístico, mas o sujeito não gosta do local necessariamente. A praia da Silveira também é elencada por seu agendamento na mídia. No final do relato, esclarece que para ele o centro histórico é o que tem significado. O seu cotidiano e seu lugar é o centro</p>

	<p><i>de estar com o pescador -, e que não colocaste nos pontos em que levaria teu amigo, mesmo tendo uma convivência muito próxima com esse espaço. Por quê?</i></p> <p><b>Mas eu não trouxe porque, pois é, mas é que de repente..., eu sou descendente de pai açoriano, minha mãe é italiana, sou tradicional, então para mim o pescador é a minha vida, é o meu cotidiano, então não é algo para mostrar de importante, mas eu sei que é importante, dizem que é.</b></p>	<p>histórico. O ponto turístico é valorizado, mas suas práticas cotidianas não são supostamente importantes para serem compartilhadas.</p>
--	---	--

Nas motivações para visitar Garopaba o Sujeito Morador 1 considerou o motivo principal para a vinda de turistas a cultura do pescador e do açoriano, e o compartilhamento dos costumes e da vida simples, mas esse motivo não é considerado relevante quando esse sujeito elege os princípios locais para levar um amigo turista em Garopaba. Lemos aqui uma distinção, que em princípio nos parece hermética, entre o que é o importante para o sujeito, seu lugar cotidiano, e o que é aceito como algo de interesse turístico. Contudo, sabemos (nesse momento) que somos dialogicamente complexos.

Buscamos detalhar essa questão provisoriamente. O centro histórico, onde se localiza a figura do pescador, é um ponto turístico valorizado de Garopaba pela mídia e pelos habitantes, e é onde o Sujeito Morador 1 se lugariza, sendo que seu pai é um dos pescadores tradicionais do local. Ambos são eleitos pelo Sujeito Morador 1 como atrativos para visitaç o, no entanto mostrar o cotidiano pescador não   para ele um elemento para a sua roteiriza o turística. Pensamos que esta postura se configura porque há uma ambiguidade de sentimentos em rela o ao lugar do pescador. A valoriza o do pescador para o turista está cristalizada no senso comum e por isso ela   elencada indiscriminadamente para os locais de visita o, contudo, parece-nos, o sujeito não internalizou essa representa o social para o Turismo, pois quando ele elabora o seu *tour* esse atrativo não   validado.

A figura cotidiana do pescador no centro histórico   o lugar do Sujeito Morador 1 onde não há as magias que esse sujeito supõe serem atrativas para outros. Pode haver intrínseco nesse caso tanto um querer proteger e resguardar o seu lugar dos outros quanto uma vergonha de seu cotidiano, ou ainda outros motivos que não alcançamos em nossa análise. Como uma imagem composta por diferentes camadas, parece que o sujeito Morador 1 se lugariza em algumas camadas do lugar, contudo em outras ele se entre-lugariza quando tem que negociar com outros o seu lugar.

Dessa maneira, o entre-lugar parece também fazer parte do *lugar* do Sujeito Morador 1, quando o sujeito situa seu lugar no espaço turístico e não o reconhece. Cogitamos ser nesses casos que o turista recebe a designa o de *invasor*, como forma não desejada de sua



entrada no lugar dos habitantes. Para o Sujeito Morador 1 o Turismo em seu município também é construído de imaginários, de pontos envolvidos na magia da representação do ordinário, mas também reais que se sobrepõem no mesmo espaço que ele compartilha cotidianamente.

O Lugar/Não-Lugar/Entre-Lugar (*Turístico*) existe a partir do *capital* cognitivo coletivo, que compreende o todo, mas que só existe pelos conhecimentos, competências e experiências vividas, aprendidas, adquiridas e trocadas pelos Sujeitos, através da memória histórica de cada Sujeito, que se constitui em parte e todo, ao mesmo tempo. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 125).

Parece-nos haver aqui, mais uma vez, a questão de identidade nas entrelinhas do lugar, sobrepostas entre os espaços geográficos e turísticos. Será que tenho orgulho da minha identidade, para além das afirmações da mídia? O Turismo é um incentivador da identidade local ou não? Qual é a identidade local? Em que bases ela se forma e se reconhece?

O que fica estabelecido, nesse momento, parece ser que nem sempre o lugar do sujeito é um local que deva ser mostrado ao turista, mesmo que esse turista seja um amigo.

Quando falamos que o Lugar é um *subespaço*, a *subespecialização*, que distingue o Lugar, parece estar ligado às *confidências*, que povoam a identidade. Estas *confidências* nem sempre são entendidas pelos residentes, os que constituem o Lugar, e nem sempre são aquelas que os Sujeitos do Lugar entendem como *confidências*, que despertam o olhar do turista. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 220, grifos do autor).

Voltamos às constatações de Urry (2001) e Corbin (1989), o olhar para o Turismo é adestrado, ou em uma expressão mais atual, é agendado. É como se o que um tem como seu, a sua história do cotidiano, não é atrativo, posto que não está no folder turístico, pois parece que a foto do pescador não representa de fato sua lida. Parece-nos que a identidade local se mostra fragilizada, pensamos que pelo não conhecimento da sua geografia e da sua história, pela não compreensão do Turismo e pelo embate com o *status* social dos turistas, causas que podem ter consequências no avanço de *falta* de *confidências* com o lugar (que já foi/é seu) e que pode acabar valorizando as coisas de fora.

Para o turista, é buscado o que está posto, socialmente compartilhado, como atrativo, com as cores e tons idealizados. As avaliações são padrões, contrárias à diversidade humana e dos ambientes.

Indo ao encontro da reflexão do entre-lugar do morador, elaboramos o Quadro 28, onde cruzamos os locais que os sujeitos relataram que mais gostam com os pontos que

levariam os amigos turistas. As narrativas do sujeito Morador 3 e do Ator do Turismo 2 destacam situações similares às do sujeito Morador 1, quando os seus lugares não são compartilhados com os turistas.

**Quadro 28.** Locais que os sujeitos mais gostam não são os pontos que levariam os amigos turistas.

Sujeitos	Locais que gosta	Locais para levar o (a) amigo (a)	Vínculo com o Lugar
Morador 3	Eu gosto de ler na praia, mas o vento atrapalha, né. Eu quando eu tava no restaurante, eu sentava na mesa na frente do restaurante e ficava ali, que é na praia, né. Eu gosto dali também, mas quando eu li Cem anos de solidão, que foi logo quando eu cheguei aqui, <b>eu ia lá na Ferrugem, lá naquela pedra, eu lá em cima, eu sentava ali e lia e viajava, adorava, ali eu ficava. É exatamente isso, eu ia ali, eu sentava bem lá no topo e ficava ali,</b> só quando começava a escurecer que eu ia. Até hoje eu volto lá, <b>volto sempre mesmo.</b>	Eu levaria <b>nas praias</b> , basicamente praias. Se for no verão, eu levaria <b>numas baladas</b> , mas só no verão que tem, né. Mas nas praias. Ali nas <b>dunas do Siriú</b> que tem, se o cara gostasse de umas caminhadas eu levaria <b>ali na Encantada</b> que tem umas show pra fazer. [...] Quer ver um lugar que eu já levei alguns amigos meus – <b>eu saía ali da Vigia, subia até lá em cima e aí ia até lá atrás e no meio do caminho</b> tem um lugar ali que dá pra fazer um churrasquinho, já levei meus amigos pra fazer uma carninha lá e depois voltar no fim do dia <b>ia até o outro morro pra ver o pôr-do-sol lá.</b>	<b>O lugar do sujeito</b> demarcado por seu vínculo afetivo <b>não aparece nos locais para visitaçã</b> o. A praia da Ferrugem é um dos pontos mais conhecidos e visitados de Garopaba e essa pedra em que o sujeito tem seu lugar é apreciada pela vista.
Ator do Turismo 2	Essa <b>parte de morros, da parte rural</b> de Garopaba, que <b>lembra a minha infância, onde eu brincava, onde que gosto de ir ainda quando posso</b> [...] no caso oeste né, que é a parte de morro, que pega até uma parte da BR 101 lá, que <b>visualiza toda essa parte de volta do morro, que queria que essa parte continue como tá.</b>	Praia da <b>Silveira</b> muito bonita, levaria no <b>Siriú, Macacu</b> naqueles morros, aqui na <b>praia Central</b> e... e a praia do <b>Ouidor</b> , ela é diferente também.	<b>O lugar do sujeito</b> , vinculado às memórias da sua infância, <b>não compõe os locais para visitaçã</b> o. O meio rural não é valorizado para o Turismo, a não ser em alguns pontos isolados, como os engenhos.

Notamos que quando os sujeitos entrevistados nos contaram de seus lugares com afetividade, nos participando de suas vivências, esses lugares não apareceram nos roteiros turísticos. Questionamos o Sujeito Morador 3 por que não levar os turistas na pedra da Ferrugem. Segundo ele, a pedra é turística para a contemplação da vista proporcionada, mas ele gosta de ir e ficar mais tempo e por isso não entra em seu roteiro geral. Só entraria quando for para compartilhar com alguém muito especial. Acreditamos que essas verificações do Quadro 28 contribuem com a proposta de entre-lugares dos moradores imbricados em seus lugares.

Consideramos interessante que o Sujeito Ator do Turismo 2, quando questionado sobre o cartão-postal, queria mostrar que Garopaba não era o *sítio* que os colegas dela de faculdade achavam que era. Ela queria mostrar que a cidade estava desenvolvida. No entanto, nos parece que quando esse sujeito busca um lugar para si, quer o que a representação social dele nega. Parece que às vezes podemos ter vergonha do nosso lugar quando o comparamos a outros, ou quando as solitudes da globalização se impõem. Tocamos mais uma vez na questão da fragilização da identidade.

A identidade é uma construção social e histórica do “próprio” [o *soi*, o *self*] e do “outro”, entidades que, longe de serem congeladas em uma permanência “essencial”, estão congeladas em uma permanência “existencial”, estão constante e reciprocamente engajadas e negociadas em relações de poder, de troca ou de confrontação, mais ou menos disputáveis e disputadas que variam no tempo e no espaço. (LE BOSSÉ, 2004, p. 163).

De outro lado, temos as narrativas do Quadro 29, que apresentam os lugares dos sujeitos presentes nos roteiros turísticos.

**Quadro 29.** Locais que os sujeitos mais gostam são os pontos que levariam os amigos turistas.

Sujeitos	Locais que gosta	Locais para levar o (a) amigo (a)	Vínculo com o Lugar
Morador 2	Olha, o que mais me chama atenção em Garopaba é <b>exatamente esse circuito assim pequeno que tu muda de áreas.</b> Tu estás na <b>praia</b> passeando ali, com os pés no mar, na beira da praia e tal e <b>daqui a pouco tu pega a bicicleta e tu anda 5, 10 minutos e daqui a pouco tu já tá no interior, tu já na lagoa.</b> Então, assim, essa <b>diversificação de ambientes</b> é que mais me atrai.	Pois é, são <b>tantos os lugares</b> , mas eu acredito assim, como eu já fiz outras vezes, é pegar a pessoa e primeiro <b>mostrar a cidade</b> pra ele, primeira coisa, ia levar no <b>centro histórico</b> , né, e aí lá em cima na igreja eu ia começar a mostrar outras partes que a gente iria visitar depois, né, tipo as <b>dunas, as outras praias</b> . E aí ia encerrar levando ele pra conhecer o pessoal <b>do interior, os engenhos, a parte rural</b> . Mas esse é um circuito, porque eu vejo que uma das coisas mais legais de Garopaba é essa contemplação né, que <b>tu vê nos lugares</b> , pô, tu tem uma ilha ali na frente, e aí tu pensa: um dia eu vou naquela ilha, e cria uma sensação gostosa que parece que sempre tem algo diferente por fazer em Garopaba.	A diversidade de Garopaba e <b>os pontos sugeridos não configuram o lugar do sujeito e fazem parte da agenda turística local</b> , contudo de forma alternativa. Essa representação do espaço de Garopaba realça a sua complexidade, o que deveria, em nossa concepção atual, ser a compreensão de todos os sujeitos.
Professor de Geografia	<b>O meu lugar é a parte histórica do município. Eu nasci ali, eu adoro ali, é aonde</b>	Eu levaria na <b>parte histórica de Garopaba</b> , ela tá bem acabada, precisando de bastante recuperação,	<b>O lugar do sujeito é um motivo de orgulho seu e é local turístico,</b>

2	<p><b>o meu pai mora</b>, é um lugar especial nosso, que na verdade é na parte histórica do município, é o lugar que eu gostaria que ele se <b>mantivesse sempre do jeitinho que ele é.</b></p>	<p>mas é na parte histórica do município e nas praias, é o local que eu levaria. Das praias eu gosto bastante assim, daquela região <b>ali do Siriú</b>, que é uma região assim que <b>a gente conhece bastante</b>, ali <b>nas dunas</b>, ali que é <b>uma parte que eu também conheço.</b></p>	<p><b>partilhado socialmente</b>, aparece na mídia para os locais para visitaçào.</p>
---	---	--	---

O que identifica Garopaba para o Sujeito Morador 2 é compartilhado com o turista, talvez pelo fato desse atrativo não trazer um elo afetivo demarcado ou pelo sujeito ter segurança em si e respaldo no senso comum do que é por ele considerado turístico. Já o Sujeito Professor de Geografia 2 coloca seu lugar para ser compartilhado, diferentemente do que vimos nos Quadros 27 e 28, pois nos parece que o lugar é motivo de orgulho, trazendo-nos a ideia, provisoriamente, de uma questão de identidade melhor resolvida. Nesse caso, o lugar é negociado com os outros a partir de bases que dão suporte ao embate e fomentam trocas saudáveis, que, pensamos, podem levar a lugarizações da outra parte.

Entendemos a identidade como um conjunto de características em processo contínuo de (re) elaborações e afirmações entre seus semelhantes e seus diferentes. A palavra identidade origina-se do latim *identicus*, que significa “[...] conjunto de caracteres que distinguem uma pessoa das outras” (XIMENES, 2000, p. 506).

Pensamos que a identificação supõe também, ao menos de maneira implícita, um processo de diferenciação. Pelo pertencimento, ao incorporar, ou pela exclusão, ao rejeitar, de novos comportamentos, valores e crenças, a “identidade aproxima-se tanto daquilo que ela leva em consideração como daquilo que ela negligencia. [...] é preciso admitir que o “próprio” se apreende e se reconhece em uma troca diferencial e dialética com aquilo que é entendido como o ‘outro’”. (LE BOSSÉ, 2004, p. 161). Em todos os lugares, por vezes sem nos darmos conta, parece que as identidades, os exclusivismos e as compartimentações vão se fazendo tramados de dentro para fora ou de fora para dentro.

Entendemos a Identidade não como um conjunto de características, que permanecem, fundamentalmente iguais durante todo o passar do tempo, independente das ações sociais, e sim como um processo de construção em que os Sujeitos atuam numa intertextualidade com outros, e outros Lugares vão (co) existindo, pois pela vida da sociedade, as confidências vão sendo descobertas. No entanto, os Sujeitos, através da sua intertextualidade, constroem outras. O Lugar, resultado da criação dos Sujeitos, está intimamente ligado à identidade de cada um enquanto parte e, de todos, enquanto totalidade. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 266).

Pensamos que nesse espelhar-se no outro para identificar-se, a identidade também é organizada (e, ao mesmo tempo, fragmentada) entre os encontros e desencontros turísticos. Esses (des) encontros tendem a ser multiplicados no tempo e divididos no espaço, gerando processos de identificação/diferenciação locais, regionais, nacionais, que são acionados por vezes mais e por vezes menos. A mobilidade da identidade costuma perpassar os movimentos turísticos pela interação dialógica com outro e pela releitura constante do espaço, da paisagem e da vida, cada vez mais complexa. Nessa dinâmica, a identidade do próprio turista também parece ser reavaliada.

Recorremos à análise das narrativas dos sujeitos turistas para os pontos que mais se identificam/gostam na paisagem, organizados no Quadro 30, a fim de investigarmos como esses se compõem diante do cenário delicado da identidade local que interpretamos. Será que interessa mesmo ao turista, para suas possibilidades de lugarização, a relação que a população local tem com o seu lugar, ou não?

**Quadro 30.** Locais que os sujeitos turistas mais gostam.

Sujeitos	Locais que gosta	Vínculo para a Lugarização
Turista 1	<b>Para mim é minha fase espiritual</b> assim, sabe... Eu <b>me sinto bem aqui, é um bem-estar</b> que eu sinto, como <b>se estivesse onde eu nasci...</b> Não tem diferença. <b>Outros lugares que a gente foi, a gente era estranho.</b> Aqui, não sei se eu já vivi aqui alguma vez, sei eu, é diferente. Não sei explicar assim. Religião, enfim, sei eu. Como se eu tivesse no lugar que eu nasci mesmo, em casa.	Vemos uma representação subjetiva, que nos parece tender a tecer laços, no entanto não percebemos abarcar uma relação de troca que poderia possibilitar a construção da noção de lugar.
Turista 2	A <b>diversidade</b> , porque aqui tu tens o morro, tens o rio. Vamos pegar, vamos supor a Guarda, não, porque a Guarda já é Palhoça, né, mas tu tens aqui <b>as dunas, as praias pequenas, praias grandes, então o lugar tem muitas opções.</b>	Percebemos certa insegurança em sua narrativa, uma propensão à superficialidade do espaço geográfico e repetição de slogans da mídia turística. Não visualizamos a construção afetiva com o local.
Turista 3	As <b>praias são maravilhosas</b> , Ferrugem e Rosa em especial. A <b>Pedra Branca</b> , o passeio no inverno para <b>ver as baleias (que infelizmente não fizemos), o Centro Histórico.</b>	Notamos que foram apontados locais que não chegaram a conhecer, como a Pedra Branca e o passeio de barco. Acreditamos que denota certa repetição dos pontos destacados na mídia. Não visualizamos a construção afetiva com o local.
Veranista 1	<b>A forma como a água chega</b> , né, ela chega, às vezes ela vem com força e com um movimento mais brusco, mesmo assim esse redondo dá uma, eu diria até, uma leveza pra ela, uma forma de se entregar, eu não sei, tem alguma coisa de muita poesia que eu vejo, talvez pela minha área, eu	Pensamos ser uma narrativa inserida na magia que contorna o tempo de férias e uma repetição do cenário socialmente estabelecido na visão romântica para o mar. No entanto, visualizamos certo afeto com o local.

	sou meio poeta, mas é a forma com que a água se entrega pra quem vem. Isso é lindo. É esse <b>movimento que o mar traz, essa calmaria para a correria urbana.</b>	
Veranista 4	Olha, o que eu acho lindo mesmo, maravilhoso é a <b>presença dos costões repletos de vegetação verde</b> , é pra mim o dia em que não tiver ali as rochas, aquela graminha e os arbustos ali cobrindo os costões enfim, tiverem casas ou hotéis, pousadas, pra mim vai perder a beleza, vai perder o encanto, eu acho que a <b>beira da praia mesmo o lugar aí que o pessoal curte tem que manter conservado.</b>	Percebemos repetição da representação social da estética da paisagem emoldurada pelo verde. Vemos ainda preocupação, carinho e cuidado com o local turístico.

Pensamos, nesse momento, que as narrativas do Quadro 29 transparecem as noções de entre-lugar, sendo mais acentuadas para os turistas.

Retomando a leitura da paisagem, podemos verificar que os sujeitos turistas tenderam também a perceber as paisagens limitadas pelas representações sociais e pelas racionalidades. Por outro lado, os veranistas nos levaram a avançar na proposta de que o tempo em um local não é quesito primordial para uma leitura complexa, mas o relacionar-se e geografizar-se. Não obstante, lembramos que parece ser com um *pouco de cada que faz a feijoada ser completa*.

No entanto, pensamos, nesse momento, que se a relação que se tece com o outro, com o local, é uma premissa relevante, compreendemos que a fragilidade na identidade local dificulta a integração do Turismo. Parece ser ali, no lugar e no lugar turístico, ao referirmos o outro que (re) produzimos – fortalecendo ou distendendo – nossas fronteiras identitárias, e que definimos as posições ocupadas por cada um em nossas paisagens.

O Lugar, para existir enquanto totalidade, necessita de Identidade. Ela parece se esconder na *alma*. [...] A alma do Lugar *turístico* parece ser constituída pelos Sujeitos na sua intertext(Cultura)tualidade com o Espaço Geográfico, num propósito de *fazer Turismo*. A alma do Lugar *turístico* parece ser o “olho” do Sujeito. O olho não é um instrumento neutro. [...] À medida que o olhar do Sujeito permite descobrir e esconder o olhar de outros Sujeitos, ele enxerga, encontra e se esconde, a princípio em si, após aos outros. Mas sempre parece ser um olhar de vigilância, de insegurança e de controle. O Entre-Lugar *turístico* parece ser produzido por esses olhares. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 268).

Acreditamos, nesse momento, que é preciso conhecer o lugar, o espaço com seus múltiplos (sub) espaços, para poder se movimentar, para poder olhar sem medo do diferente e poder projetar as relações futuras. Parece-nos que enquanto o Turismo não for compreendido

como uma atividade a ser teorizada, seu espaço vai continuar a ser negligenciado tanto pelos moradores locais quanto pelos turistas.

Ao tecermos as linhas do Turismo e do Ensino de Geografia na dialógica do lugar e da leitura da paisagem, tramamos que para o turista se lugarizar o sujeito local tem que estar lugarizado, e para o sujeito local se lugarizar ele precisa conhecer seu local-mundo. Concordamos com o Sujeito Professor de Geografia 2: “Sem história a gente não tem vida própria”. O Turismo nos parece não ser compreendido sem esses aportes.

Nesse contexto, sugerimos que o Ensino de Geografia, por sua relação com o Turismo, deve prever um engajamento de reconhecimento das identidades e da leitura das paisagens tanto para sermos melhores cidadãos quanto para sermos melhores turistas. A relação do Ensino de Geografia e do Turismo se desdobra nos encaminhamentos para o Ensino no destino turístico, mesmo quando nossa análise tem o foco principal no olhar do turista. Não podemos mergulhar *nesse mar* sem olhar o ensino local, afinal acreditamos que tudo está interligado. Como trabalhar nas escolas do município receptor a educação para o Turismo? Essa questão parece ser uma possibilidade para o aprofundamento da pesquisa vigente em uma próxima viagem. Para esse momento, tecemos apontamentos.

Educação para o Turismo, que auxilie os Sujeitos a compreenderem este fenômeno na contemporaneidade, o processo de conhecimento/desconhecimento/reconhecimento nesses espaços se fundam em lugares, entre-lugares, não lugares, ainda mais fragmentados material e simbolicamente. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 46).

Embora os moradores vivenciem a expansão do Turismo, parece que muitos deles não conseguem fazer uma reflexão crítica sobre os impactos, tanto positivos quanto negativos, que esta atividade pode causar aos seus lugares. Cabe, portanto, à escola contribuir neste processo, ajudando os alunos a sistematizarem os seus conhecimentos, a compreenderem as informações e os problemas das suas vidas cotidianas. Será que propiciando o Turismo Pedagógico para os garopabenses no seu próprio município, podemos converter o olhar cotidiano para um olhar de turista e reconvertê-lo para a autorreflexividade e complexidade? Apostamos, nesse momento, que sim.

Ao examinarmos o Ensino de Geografia em Garopaba, a fim de aprendermos suas relações com o fazer e o saber turístico, percebemos nas narrativas das professoras de Geografia e na análise dos conteúdos assinalados para a educação em Garopaba que na sala de aula a problemática do Turismo mostra ser apenas tangenciada, conforme é relatado pelo sujeito professor de Geografia 2.

É, mas a gente não tem uma matéria (de Turismo), a gente tem conteúdo que fala da preservação, da importância de preservar porque a gente é uma cidade turística na verdade, é onde a população, é onde no período de verão, de temporada, é muito grande, né, e isso movimentava a cidade, movimentava a vida das crianças, por causa das famílias. [...] Mas não tem algo específico no plano municipal ou estadual, e até mesmo das escolas, mas temos nossa preocupação bem com a preservação ambiental.

Continuando com o enfoque da conservação ambiental, temos:

É indicado que seja bem trabalhada, porque na verdade a gente tem as nossas cachoeiras, as lagoas, o mar, os rios, né, muitos até sofrendo com a poluição, como o daqui do centro, nossas lagoas [...] e a gente foca muito essa parte da situação do meio ambiente porque é muito preocupante ainda. Todas as escolas na verdade elas trabalham muito com a preocupação do ambiente, do meio ambiente da onde elas vivem né, tanto é Ambrosio, porque a gente tem bastante queda d'água naquela região [...]. Então, existe uma preocupação bastante grande, o nosso enfoque é em cima disso aí, de não só de falar sobre geografia, mas de principalmente mostrar pra criança que se nós não preservarmos a geografia que a gente tem no entorno nós não vamos ter cidade turística por muito tempo. A gente tem que preservar o que a gente tem, então o trabalho turístico está mais na área da preservação, para gente poder ser cidade turística. (Sujeito Professor de Geografia 2).

Valorizar a conservação ambiental apenas porque alguém quer, ou mais especificamente, para se desenvolver turisticamente, não pensamos que seja valorizar. cremos que há, mais que nunca, que compreender que a valorização é para o sujeito morador, para cada um sujeito que vive no ambiente e no planeta, por entendermos que o ambiente saudável é uma necessidade para cada um de nós. Aqui parece ser o lugar para o egocentrismo do sujeito aflorar.

Entretanto, uma clara evidência desde o começo: ao defender a preservação da paisagem *lato sensu* – natural e urbana – busco antes de mais nada sua importância para o habitante do lugar, de quem deve ser tributária, e só depois do turista. [...]. (YAZIGI, 1999, p. 133).

Quando questionamos sobre a atenção dada à identidade local, o Sujeito Professor 2 coloca ênfase na importância dessa questão, que é uma das preocupações atuais da Secretaria de Educação. Segundo seu relato, a proposta tem se direcionado a resgatar a história local para *manter* a cultural.

É isso que a gente procura manter, que a gente fala sempre nas escolas, a gente não tem que ser diferente pra manter o turista, a gente tem que ser nós mesmos, igual, nós temos que ser igual, ser a gente, mostrar o que a gente



tem, o que a gente conhece, o jeito que a gente fala, porque isso vai fazer com que as pessoas fiquem aqui, né, então eu vejo que é isso que ainda mantém o turista voltando pra Garopaba, é a mansidão, é a tranquilidade, e é o que nós temos que ter esse cuidado. (Sujeito Professor de Geografia 2).

Reconhecemos a importância do trabalho, no entanto, entendemos que o caminho pode ter outras direções. Parece-nos que é preciso gostar de si, se relacionar consigo para então podermos celebrar nossos lugares com outros, dando oportunidade para os outros também se lugarizarem. O Turismo precisa ser teorizado, discutido, abstraído, antes de ser querido. A atividade turística local e sua mídia filiada parecem engessar uma identidade, que no nosso ponto de vista deve ser questionado tanto por sua historicidade quanto pela relação que esconde de inferioridade/superioridade. Insistimos: Qual é a identidade local atual? Como ela se formou, onde está sua raiz, como ela continua a ser formar? Qual a representação social que transita junto a esta?

Garopaba mudou e foi muito [...] as pessoas passaram a ter vergonha do que era nosso, de comer o peixe, de comer o pirão, entendeu? [...] Passou a ser um pouco vergonhoso. Então a gente que tem um conhecimento a gente sabe que o que é nosso a gente tem que preservar, mas a gente teve uma gama de jovens e adolescentes, e até uns adultos, que têm essa vergonha. Uma coisa que eu vejo que estragou muito e que não foi bom, foi essas misturas de culturas diferentes, né, ela acabou a cultura, é, as pessoas que chegaram aqui elas acabaram na verdade é encobrendo um pouco a nossa cultura e aquilo que as pessoas queriam que a gente preservasse a gente acabou esquecendo, entendeu. (Sujeito Professora de Geografia 2).

Na globalização percebemos um movimento de valorização do tradicional, da cultura singular de um lugar e de seus sujeitos, em contraposição aos produtos globais, ou como Santos (2010, p. 119) discute, “apesar da capacidade invasora das técnicas hegemônicas, sobrevivem e criam-se novas técnicas não hegemônicas [...], já entremostrado pela fragmentação e particularizações sensíveis em toda parte devidas à cultura e ao território”. Participamos desse movimento de valorização do local, mas questionamos em que bases ele se dá, principalmente, quando relacionado ao Turismo. Para se valorizar há que se compreender, há que se apropriar e redescobrir em si o lugar.

Em uma das narrativas relacionadas à leitura da paisagem, citamos o sujeito Morador 2 que expôs a percepção de que os garopabenses não se reconhecem. O sujeito Morador 3, que é professora de educação infantil, apresenta essa questão pelo viés da educação.

O que eu vejo na criança é que ela vive na cidade e não conhece a cidade. Eu acho que a construção de um mapa traria muito conhecimento para ela,

com a escola trabalhando isso, porque é com a escola que vai dar essas condições. É outra coisa quando tu olha um mapa. Isso é uma coisa que as crianças não conhecem, não tem acesso, só os alunos de 4ª e 5ª série, mas é aquele mapa antigo, todo preto e branco, que não dá noção. Não é como tu pegar um mapa colorido, como esse do Brasil, de Santa Catarina, que Garopaba não tem. Não sabe, e isso até no adulto que mora aqui. Tu pergunta para um adulto onde é que é o norte, ah pra onde é que fica a Ferrugem, etc, tem adulto que não sabe que fica pra lá é sul. Porque nunca viu, não tem algo pra ele se localizar. [...] eles só se localizam quando tem o vento que sabem, fora isso não, porque eles não tiveram na escola um mapa para direcionar. O professor que trabalha aqui na cidade não tem mapa, ele pega o mapa de Santa Catarina e Garopaba em um pontinho, porque no mapa do Brasil nem aparece!

O sujeito Professor de Geografia 2, secretária de Educação, também traz a questão do mapa como um problema relevante.

Nós agora estamos fazendo para entregar pras escolas um mapa do município, grande e colorido, pra cada um do 4ª ao 5ª ano. Esse é o nosso projeto para o ano que vem. Vem um pra cada criança, vem o histórico com mapa e alguns fatos interessantes do município. Na verdade eu quero dar para o aluno da rede municipal bastante material para ele visualizar aqui, porque é fato que a gente não conhece nosso município e eu acho que o mapa vai ajudar nisso.

Acreditamos no profissionalismo da iniciativa do mapa. Com o mapa supomos que vamos ao encontro do que pensamos ser essencial: trabalhar o local. Indicamos que tanto melhor se o mapa romper com os espaços da sala de aula e for a campo, vivenciar o espaço para teorizá-lo, como temos sinalizado ser um recurso apropriado para a leitura complexa da paisagem e para as lugarizações.

Segundo Besse (2006, p. 63), “a paisagem conta, *sob* a fruição da estética, uma *outra* história, ela desenvolve um *outro* sentido”. Se a paisagem também conta por sua estética, parece-nos que devemos nos valer dela no Ensino de Geografia, sendo que entendemos que essa motivação está relacionada ao fazer-saber do Turismo, assim como à Geografia leiga. Por que não ensinar a partir de algo que nos encanta por seus atributos estéticos? Assim, compreendemos, nesse momento, seguindo com Besse (2006, p. 63), que “trata-se de acompanhar, ou de aprofundar, a estética da ciência, como se o conhecimento se colocasse a serviço da fruição”.

O Ensino de Geografia e o Turismo, em diálogo, tem o potencial de exercer várias funções: fruição, conhecimento crítico, informação, educação, compreensão, desenvolvimento de vínculos de subjetividade, sonhos, etc. No nosso entendimento, o grande privilégio de

pensar sobre essas áreas é poder articular, de preferência solidariamente, a multiplicidade de funções, educacionais, pois cada vez mais encontramos fundamentos para acreditar que o que dá sentido à vida dos lugares são os encontros saudáveis e lugarizados, em suas complexidades.

A educação é tratada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), como “[...] os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Partindo dessa conceitualização podemos dizer que a educação é um processo permanente de construção e reconstrução de conhecimentos, que envolve um conjunto de interações, provenientes das relações que tecemos com o meio e com os sujeitos. Nesse sentido, concordamos quando a Organização Mundial de Turismo (2003) coloca que todo Turismo pode ser considerado educativo, no sentido de que o visitante aprende sobre a paisagem, a cultura, a sociedade e outros aspectos do destino. Complementamos que ele ainda pode, muitas vezes, desequilibrar o sujeito local para que ele também precise construir novos conhecimentos.

Acreditamos, nesse momento, que tornar o espaço, ou a parte dele que nos é possível abarcar, explicável, temporariamente, é observá-lo, estudá-lo e vivê-lo na complexidade, para reconhecê-lo com um *olhar* complexo – esse *olhar* que solicita os outros sentidos. A interpretação do mundo em seus espaços e subespaços lugarizados e entre-lugarizados, nos parece fundamental para a vivência e convivência em todas as dimensões do sujeito, para contribuir para as *lugarizações*, como forma de qualificar a experiência do ser-estar-viver com/no Turismo e impulsionar uma consciência de si e de proteção<sup>59</sup> do lugar turístico.

---

<sup>59</sup> Por uma consciência de proteção entendemos posturas e atitudes que valorizam e conservam o lugar, sem que com isso tenhamos a pretensão de manter o lugar intacto da ação humana. Acreditamos, nesse momento, que sempre haverá mudanças onde houver sujeitos em interação, mas buscamos com a proteção que essas mudanças não signifiquem a degradação da natureza e da cultura local. Segundo a Política Nacional para a Conservação do Meio Ambiente nas suas Unidades de Conservação (UCs), distingue-se conservação de preservação, sendo que conservação se destina a conservar os ambientes saudáveis com a interação humana e preservação se designa a manter os ambientes livres de toda e qualquer ação humana. Usamos proteção no sentido de conservação em locais fora de UCs.

#### 4. CONSIDERAÇÕES TEMPORÁRIAS

Durante esta viagem, observamos ser importante a compreensão, por parte de todos os Sujeitos, do que é o Turismo na sua Complexidade. Este entendimento é fundamental para que no *momento turístico*, ocorra uma inter(ação) turística, e então, o Entre-Lugar *turístico* tenha maior densidade valorativa. Para tanto, acreditamos, neste momento, ser necessária uma Educação para o Turismo. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 115).

Com as interpretações realizadas nesse estudo, lembramo-nos das nossas experiências com o Turismo que sustentaram as inquietudes iniciais dessa pesquisa, nos dando conta, nesse momento, de que havia a necessidade de aportes identitários e de conhecimento das próprias dinâmicas locais pelos sujeitos das comunidades receptoras. Pensamos que havia a falta de legitimização dos fazeres saberes locais, de reconhecer o espaço enquanto parte e todo, e de compreender o fenômeno do Turismo. Com essas lacunas, compreendemos que as comunidades receptoras também não podiam ajudar os turistas a lerem as paisagens que também não liam em complexidade e com representações espaciais e turísticas articuladas, bem como compartilhar seus lugares com eles, pois suas confidências (que povoam a identidade) não eram valorizadas pelos próprios sujeitos do local.

Lembramos de que nos diálogos com os moradores tínhamos que reafirmar as potencialidades e as atratividades turísticas locais, porque, não raro, ouvimos: mas o que eu tenho para contar daqui, o que podemos mostrar? Vemos, hoje, que nós, geógrafos, bacharéis em Turismo e turistas, também incentivamos a repetição de slogans da mídia turística e valorizamos as partes dos espaços instituídas pelos agendamentos. Ainda percebemos que falar de conservação do meio ambiente e da cultura, por mais que houvesse esforço em associar à qualidade de vida da comunidade, frequentemente vinha com um discurso enraizado de cuidar do local para satisfazer o turista. A compreensão de cuidar do espaço, não para os outros, mas para cada um, da importância de um ambiente saudável e da valorização da cultura para a própria comunidade, da descoberta de sua história e de sua *geografia*, vimos com a pesquisa, como uma premissa da Educação para o Turismo, que está intimamente relacionado ao Ensino de Geografia. Pensamos que é necessário que a paisagem tenha significado e importância primeira para o habitante, pois é ele que vive ali, além de que, se o habitante não cuidar, a tendência é a de que não será o turista a fazê-lo.

Bastante próximo do que pudemos notar em Garopaba, percebemos os lugares dos moradores de outras localidades turísticas sendo fragmentados também em entre-lugares. Sugerimos, diante das análises realizadas nesse estudo, que os entre-lugares se estabelecem tanto para os moradores quanto para os visitantes quando esses não conseguem negociar seus lugares, por terem suas estruturas identitárias frágeis e suas leituras de paisagem descontextualizadas, demonstrando a importância do Ensino de Geografia. Afinal, se não conhecemos a Geografia da nossa paisagem, se não reconhecemos os processos históricos pelos quais nossa identidade se enraíza e se transforma, se não descobrimos nosso local de morada diante dos movimentos que o atualizam, como podemos nos localizar nele?

Agora fica a questão: será que se tivéssemos privilegiado de forma complexa as questões de identidade e de caracterização local, a *história* seria outra, diferente das que nos inquietou em nossas práticas, para as comunidades receptoras e para os turistas?

Como estudamos ao longo do trabalho, a identidade de cada sujeito tende a ser indissociável da paisagem e do lugar onde habita, e sendo um conjunto de características a individualiza e particulariza também os lugares. A paisagem é composta/assimilada em cada sujeito a partir de sua natureza humana, mas também de suas referências sociais e coletivas, onde o Ensino é parte integrante. O Turismo, nos locais em que habita, que constitui as dinâmicas e as particularidades da localidade, deve ter a responsabilidade de valorizar suas características próprias e o Ensino de Geografia deve ter a capacidade de realizar a reflexão sobre essa atividade, de discutir seus atrativos, seus impactos e sua existência entre as oscilações do local e do global.

Para a Educação do Turismo, entendemos que não devemos seguir especificidades isoladas, da Geografia, da história, ou do português, mas a reunião dos conhecimentos. Para tal, há de sempre se considerar que operamos com representações, sejam espaciais, sociais, imaginárias. Não há como separar o que é ao mesmo tempo uno e múltiplo, assim parece ser o mundo, assim parece que somos nós. Se quisermos compreender o mundo, compreender os seres vivos e suas possibilidades, sugerimos que temos que olhar, cheirar, tocar, sentir em sua complexidade, na reunião do espaço onde as disciplinas estão indissociavelmente entrelaçadas sem fronteiras demarcadas, na transdisciplinaridade, sem que com isso cada área do conhecimento perda a sua identidade e importância.

Não obstante, diante do nosso campo de pesquisa, vimos que a tessitura do Ensino de Geografia para o Turismo, tem atuação no estimular do envolvimento efetivo no saber-fazer do seu lugar, para que pensem, não simplesmente no recurso natural como atrativo, mas

passem a repensar sobre os seus próprios modos de vida, questionando a sua qualidade e reelaborando seus valores e conceitos.

Em resposta ao **objetivo geral** da pesquisa, na investigação da relação do Turismo e do Ensino de Geografia, temos que durante o estudo, foi possível estabelecermos teias de relações entre o Turismo, o Ensino de Geografia, as representações sociais, a paisagem e a noção de lugar. Na medida em que a paisagem se liga ao lugar pela construção intertextual do sujeito, ou seja, individual e social, cognitiva e simbólica, essas são construções culturais que vem recorrentemente com uma carga de representações sociais e ideologias cristalizadas. Essas construções que são também moldadas e moldes dos desenhos do Turismo, por se comporem em simbolismos, podem mascarar algumas dimensões do fenômeno e do lugar. Nesse contexto inserimos a importância do Ensino de Geografia por fomentar a contestação das formas agendadas, indo além do discurso descomprometido dos espaços racionais de Turismo da nossa época.

O Ensino de Geografia se mostrou fundamental para discutir o lugar e seus movimentos, qual é (são) a(s) identidade(s) local(is); de trazer o Turismo para os conceitos a serem estudados na escola; de questionar as formas agendadas que viram verdades incontestáveis em representações ideológicas; e de buscar pelo caminho da internalização da paisagem. Parece-nos que é preciso tomar a paisagem e o lugar como inserção do sujeito no mundo, tanto o seu mundo como o compartilhado com os demais. Para isso, acreditamos, que o Ensino de Geografia ao buscar pela estética e pela contemplação, pode fomentar esta internalização. O Turismo Pedagógico é um caminho que pode ser auxiliador na contemplação da paisagem, por primar pela espacialidade e pela estética aliada ao encantamento da paisagem que tende a nos levar a querer descobri-la, compreende-la e vivencia-la. Retomaremos a seguir essa questão.

Na internalização da paisagem, buscamos tê-la como forma de nossa manifestação no mundo, de base das nossas relações, de religação dos conjuntos indissociáveis, forma e emoção, objetividade e subjetividade, razão e paixão, gente e ser humano, sociedade e natureza, realidade e imaginário, espaço e tempo. O que parecia complementar ao conjunto, que pensamos ser, nesse momento, uma concepção necessária à compreensão geográfica do mundo contemporâneo.

A paisagem enquanto representação da condição humana e da mudança de tempo no espaço, registra os processos da natureza e das ações humanas nas alterações do meio ambiente. Costuma haver recursivamente e recorrentemente uma representação social da paisagem, assim como as representações sociais influenciadas pela paisagem. Parecem estar calcadas no intertexto de cada sujeito e na autonomia de cada sujeito de contestá-las. Há a

influência do poder, mas, acreditamos nesse estudo, através de um olhar complexo, contextualizado e com autonomia, mais podemos ter nossa visão balizada por uma leitura do mundo engajada, crítica, compreensiva, e tomara, com uma consciência planetária, a que nos convida Morin (2000b).

O Ensino de Geografia, em sua relação com o Turismo, deve se dar nessa atitude reflexiva dos espaços, das paisagens e das representações onde o Turismo se encontra e dos sujeitos que o Turismo faz encontrar, aproximando os sujeitos em espaços físicos e psicológicos (CLAVAL, 1999), textualizando as noções de lugar, do processo, de continuidade, de incertezas, do relacionamento entre as partes, de perspectiva e de totalidade. A Geografia se mostrou fundamental para o Turismo, tanto para os turistas lerem a paisagem, quanto para a comunidade receptora poder lidar com a atividade e os processos de modificação na paisagem que ela desencadeia.

Para a leitura da paisagem, no **objetivo específico a**, temos a análise, nesse momento, que para sua efetivação articulamos noções relacionadas à temporalidade, à espacialidade e ao Ensino de Geografia. Ressaltamos, no entanto, a importância da espacialidade, em uma vivência com sensibilidade.

Parece-nos que o tempo que incorpora significado à paisagem e ao seu lugar é relativo a essa espacialidade, e aqui ressaltamos que compreendemos que o tempo de um turista pode ter uma densidade valorativa bem maior do que o tempo, em geral corrido e habitual, do cotidiano (ou não?). Esse tempo do turista dialoga com o olhar do turista proposto por Da Hora e Cavalvanti (2003), como em um tempo metafísico que ganha minutos e horas ao nos abriremos as pequenas manifestações do novo, que permitem associar a paisagem à memória afetiva, aos conhecimentos abstraídos e ao mundo vivido. A valorização do tempo metafísico em que se insere um turista, parece-nos que pode ser valorizado no Ensino de Geografia, no sentido do questionamento da velocidade em que sentimos as horas passarem por nós na contemporaneidade, questionando nossa autonomia perante as solitudes globais.

Se as paisagens tem significado instável, sendo sua escritura e leitura engajados em processos sociais, relações ecológicas e políticas conflitivos, sua interpretação como produção deve ser feita na intersecção da sociedade e da natureza. Há o reconhecimento da instabilidade do conhecimento no tempo e no espaço significante de uma cultura. Atualmente, muitos, independentes de suas análises, parecem estar preocupados com o destino das paisagens. Será que essa preocupação também não é uma representação social hegemônica?

Compreendemos com as leituras desse estudo, que a paisagem é parte integrante do espaço histórico cultural de um determinado lugar. A paisagem é parte criadora e criatura de

um lugar. Por isso, a paisagem tem o poder, enquanto meio, de ser matriz e marca (BERQUE, 1998), ao sustentar e rematerializar uma moldura para as relações sociais. A importância de trabalhar a leitura da paisagem no Ensino de Geografia está por essa ser elemento constitutivo do desenvolvimento das sociedades, e não passivo perante a observação humana, por poder retratar em formas concretas um modelo político-social dominante, ao mesmo tempo em que pode ser um símbolo de influência na imaginação e na ação dos homens.

Mesmo que poucos sujeitos entrevistados tenham reconhecido que o aprendizado escolar em Geografia interfere no estar-ser turista, vimos que ele está imbricado em nossos movimentos e comportamentos no fazer-saber/saber-fazer turístico. A profusão de formas e conteúdos abarcadas no olhar do turista é reveladora de sua história, de sua cultura, de suas representações, de seus conhecimentos e de seus imaginários.

Parece também haver uma relação recorrente entre o estudo e o nível de complexidade na leitura das paisagens, sendo que quem estudou até o ensino superior demonstrou na pesquisa qualitativa, de forma geral, uma leitura mais conectada aos acontecimentos que configuram o espaço, como foi organizado nos quadros sínteses das narrativas dos sujeitos entrevistados e na figura com os pontos citados da paisagem.

Não obstante, notamos também, através da análise das entrevistas, que o ensino superior não garante uma leitura enriquecida. Parece-nos que melhor percebemos a sua potencialidade quando o mesmo está associado à vivência. Nesses casos temos o olhar reflexivo, que ouviu falar, vivenciou, analisou e compõe sua opinião sem se guiar apenas pelas representações sociais. Contudo, sugerimos a necessidade de uma pesquisa com uma amostra maior de sujeitos, para que possamos continuar a discussão e tecermos outras relações indicativas entre o grau do ensino e a leitura da paisagem geograficamente enriquecida.

Neste sentido situamos o **objetivo específico b**, relacionando as motivações para o Turismo Litorâneo e a interferência da mídia turística. As narrativas que evocam a forma concreta e simbólica da imagem veiculada pela mídia turística, vieram associadas prioritariamente aos turistas com pouca espacialidade e temporalidade e aos sujeitos com histórico de ensino limitado. Compreendemos, assim, que quando nos encontramos em lugares que não correspondem a nossa compreensão, ao nosso significado de mundo, temos dificuldade em entendê-lo e em apreciá-lo, costumando ficarmos na superficialidade das paisagens turísticas incitadas na *Indústria dos Signos* (GASTAL, 2003).

A Educação que encaminha para uma concepção linear de causalidade, como nos aponta Castrogiovanni (2004), parece não contribuir para os encontros plurais gerados no



Turismo, favorecendo a manutenção de representações ideologizadas que repercutem os interesses dominantes e dificulta o estabelecimento de *pontes* entre as culturas.

Acreditamos, nesse momento, no processo de aprendizagem facilitado pelo Turismo Pedagógico, onde há os mediadores - professor e condutor local. Mas ainda pensamos que com bases ricas em representações espaciais estimuladas em um Ensino de Geografia significativo na escola, podemos articular a Geografia leiga (CROUNCH *et al.*, 2001) no estar-ser turista sem necessariamente um mediador externo. Esse tema nos instiga a novas pesquisas.

Para o Turismo Pedagógico pensamos que além de estimular o conhecimento do meio e da discussão acerca da atividade turística, propicia o aprender mais sobre si mesmo, pois ao vivenciar e teorizar experiências concretas que fazem parte de um lugar, passamos a nos interessar em preservar a nossa própria história e até mesmo enriquecê-la. Interpretamos, nas entrevistas episódicas, que quando os sujeitos entrevistados elaboraram “suas paisagens turísticas”, inseriram aí seus laços afetivos com o local, colocaram-se com maior autonomia e exigiu deles uma reflexividade de si e do seu espaço.

A pesquisa corrobora com a ideia de que as excursões e viagens são deslocamentos que criam novas percepções através dos sentidos humanos, permitindo formular novas leituras sobre o lugar e seus habitantes, seus hábitos e costumes, sua história e lendas, o que valoriza a experiência do visitante, levando-o a uma melhor compreensão e apreciação do local visitado.

Vemos possível, nessa modalidade que conjuga o Turismo e a escola, a conversão do olhar e sua reconversão sendo otimizadas, dialogizadas, autorreflexivas. Acreditamos nessa conversão do olhar enquanto turista, por ser um olhar aberto, vivo, feliz (até porque ‘há um agendamento para o turista ser feliz), e que essa conversão do olhar pode ser estimulada nos alunos para que olhem a sua paisagem, a contemplem, apreendem o seu lugar. Como aponta Besse (2006), no Ensino (de Geografia) deve se trabalhar a fruidez da estética da paisagem, sua contemplação aguçada, observar com *tempo lento* para melhor conhecer a alma do nosso lugar. Parece-nos que são essas pequenas manifestações que permitem associar a paisagem à memória, ao mundo vivido, a internaliza-la e despertar o nosso interesse em reconhecê-la, estudá-la e nos lugarizar.

No entanto, mais uma dúvida que nos encaminha a outras pesquisas: se a escola é cada vez mais um entre-lugar (CASTROGIOVANNI, 2011) pela não permanência do educando nos seus espaços e pela falta de construção de laços afetivos com a instituição e com sua atuação/importância, como ela pode ensinar a nos lugarizarmos?

E o que leva um sujeito a se lugarizar? A resposta, que contempla o **objetivo específico** c dessa pesquisa pela compreensão se o Ensino de Geografia favorece ou não a leitura da paisagem para o turista, contribuindo ou não para sua lugarização, traz embutida em suas incertezas a tendência da necessidade de conhecer o local, de nos relacionarmos a fim de desvendar suas confidências e suas paisagens, um tempo lento de momentos compartilhados e, ainda, que é preciso a contrapartida local na mesma dimensão que prescinde de referências espaciais.

Se admitirmos que a dimensão espacial que se oferece ao olhar tem marcada sobre si a passagem do tempo, é possível ver na paisagem transformada, desgastada e renovada pelas interrelações sociais, o lugar e sua memória. Pelo estudo da paisagem, vimos, nesse momento, que se podem perceber as expressões e os testemunhos sociais desses distintos tempos, inclusive do tempo presente, apresentando um documento para compreender o espaço geográfico, incluído aí a sociedade e sua cultura, o Turismo e o espaço turístico. Se o Ensino de Geografia, em seus objetivos, defende a compreensão do espaço, quando elaborado com cuidado deve favorecer a leitura da paisagem para o estudante, que um dia poderá ser turista, bem como sua lugarização, pois ao conhecer o meu lugar, posso ter a mobilidade teórica e prática para conhecer outras paisagens.

Com isso, da pesquisa fica a percepção de que o turista pode se lugarizar e a leitura da paisagem complementa esse processo. No entanto, sabemos que são tantos os caminhos de realizar a lugarização turística quanto são os sujeitos que se inserem no movimento dos encontros fomentados pelo Turismo e pelo Ensino de Geografia. Assim como são tantas as possibilidades de análise de um objeto de pesquisa quanto são tantos os pesquisadores que se dedicam ao seu estudo. Como será que outro pesquisador leria as paisagens dos sujeitos entrevistados? Quais (entre) lugares com os sujeitos entrevistados outro pesquisador formaria? A pesquisadora é parte do todo que ela pretende explicar, pois na complexidade buscamos superar a visão de dicotomia entre o sujeito e seu estudo (MORAES, 2008).

No Turismo, toda a lugarização parece incluir des-re-locamento (sair do lugar, reencontrar um lugar), tocando diretamente aos envolvidos, quem já se encontra no lugar, quem chega, quem ficou no lugar de partida. Isso sugere que há uma intenção na ação e essa ação solicita envolvimento. O deslocamento no Turismo é externo, mas para a lugarização acontecer há, parece-nos que necessariamente, um deslocamento interno, um voltar para si ao sair de seu lugar cotidiano.

Esse voltar para si, dialogando com a internalização da paisagem e do lugar, requisita a autorreflexividade, conceituado no Paradigma da Complexidade com Morin (2000b), e que

deve ser fomentada pelo Ensino. Para que a viagem seja também uma volta para si, para que além das fronteiras geográficas, ultrapassemos também nossas fronteiras interiores, como nos sugeri Mia Couto (2012)<sup>60</sup>, o turista deve ter a habilidade de ler a paisagem de forma complexa, com menos dogmatismos e representações ideológicas a que estamos acostumados a nos inserir, para isso o turista, diante dos resultados provisórios do estudo, parece necessitar de bases ricas geográficas, espacialidade para o viver o local com sensibilidade e, quiçá, um sentimento que leve a temporalidade lenta.

Criamos e construímos em nossos encontros e desencontros relações plurais, processos de identificação/diferenciação, integrações e fragmentações, coexistências espaciais. As possibilidades de lugarizações engendram/são engendradas por objetivações e subjetivações, adaptações e abstrações, em que a produção de valores e sentidos de existência, tomam a centralidade enquanto o saber e fazer de um sujeito. Os turistas movimentam os valores e os sentidos que se aproximam e se distanciam, chocam-se, entrecruzam-se e se sobrepõem. O Turismo parece provocar, em um tempo e espaço, choques de territorialidades, o que podemos definir, nesse momento, por transterritorialidades.

Além disso, sabemos que o lugar turístico é um lugar onde o turista consegue se territorializar, assim quanto mais sentir o *pertencimento* do lugar, mas chance deste turista querer voltar para reviver seus encontros.

Pensamos, pela nossa experiência profissional e pelas pesquisas que estudamos, que a educação para o Turismo, de forma geral no Brasil, visa dois enfoques: um de capacitar mão de obra para trabalhar com a atividade e outro voltado a educação ambiental, que tem se restringido a lidar com os problemas ambientais tais como lixo, poluição, desmatamento. Em conversa com o Sujeito do Instituto Gaia Village, que realiza trabalho de educação ambiental junto às escolas municipais de Garopaba, ouvimos que os temas que as escolas mais pedem para trabalhar são a separação e reciclagem de lixo e as hortas comunitárias. O mar, a praia e o Turismo não foram pedidos pelas escolas já em 10 (dez) anos de projetos em Garopaba. Parece-nos que as escolas locais ainda não se atentaram para que o Turismo é cada vez mais a paisagem cotidiana de seus lugares, assim como é de muitos outros lugares brasileiros.

Por esse contexto, acreditamos que educar para o estar-ser turista, para a lugarização, para a leitura da paisagem, e assim também para a vida, ainda é uma lacuna. E o que deve ser a educação, se não uma indicação na caminhada da vida?

---

<sup>60</sup> Reflexão apresentada na palestra de abertura do Encontro Nacional de Turismo de Base Local (ENTBL), em São Paulo, 2012.

Reconhecemos a necessidade deste estudo mergulhar mais no Ensino de Geografia, mas, nesse momento, a tessitura da paisagem e do lugar em diálogo com o Turismo, ganharam as maiores ondas da nossa pesquisa. Vemos que as discussões fomentadas pelo Ensino de Geografia são essenciais para essa praia onde nos relacionamos com o mundo e seus sujeitos, onde nos encontramos, pois conceitos e práticas, como os de paisagem, lugar, identidade, território, estruturam as ondas do nosso mar e nos dão as bases para sabermos nadá-las.

De modo geral, muitos são os impactos que afetam os espaços turísticos e, embora encontrar uma solução para tais impactos não se constitua objetivo desse estudo, buscamos conhecer melhor o espaço turístico na tentativa de analisar esta relação como parte de um processo contínuo e dialógico, tão logo em construção. As reflexões ora apresentadas sinalizam para a esperança de que o Turismo, por se tratar de uma atividade que, se bem conduzida, poderá promover a paisagem, a responsabilidade de valorizar as particularidades dos lugares, os encontros sensíveis de identidades e a compreensão humana e terrena. Contudo, acreditamos que para isso necessitamos de uma base educacional privilegiada.

## 5 REFERÊNCIAS: NOSSO GUARDA-SOL

AMORIM FILHO, O. B.; ABREU, J. F. Imagem, representação e geopolítica. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.). **Elementos de epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

ANJOS, F. A. . O espaço turístico e seus elementos: reflexões epistemológicas. In: **Revista Turismo Visão e Ação**, Itajaí, v. 1, n. 8, p. 127-132, Itajaí, 2001.

BARRETO, M. O Grand Tour revisitado. In: CORIOLANO, L. N. M. T. (Org.) **Turismo com ética**. 2. ed. Fortaleza: UECE, 1998.

BECKER, F. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. In: **Revista Educação & Realidade**: v.19, n 1, jan/jun (p. 89-96), Porto Alegre: UFRGS, 1993.

BESSEN, J. A. **São Joaquim de Garopaba**: recordações da freguesia (1830-1980). Brusque: Gráfica Mercúrio, 1980.

BESSE, J-M. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BITENCOURT, F. **De Ygara-Mpaba a Garopaba: Sete mil anos de história**. Garopaba: Gráfica São Joaquim de Garopaba, 2003.

BONFIM, M. Vinhas de S. Por uma pedagogia diferenciada: uma reflexão acerca do Turismo pedagógico como prática educativa. In: **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**, v. 12, nº 1. p. 114 – 129, jan/abr, Itajaí, 2010.

BOULLON, R. C. **Planificación del espacio turístico**. México: Editorial Trillas, 1985.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>> Acesso em: 18 de jan. 2012.

CARON, D. **Interpretación del paisaje a través de la lógica narrativa: la Garrotxa como caso de estudio.** 2010. 190 f. Dissertacao (Mestrado de Investigación en Urbanismo), Departament d'Urbanism i Ordenació del Territori, Universitat Politècnica de Catalunya, 2010.

CARVALHO, F. A. **Entre cores e memórias: escolarização de alunos da comunidade remanescente do quilombo aldeia de garopaba/sc (1963-1980).** 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Curso de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

CARVALHO, P. F. de. Patrimônio histórico e artístico nas cidades médias paulistas: a construo do lugar. In: Yazigi, E.; Carlos, A. F. A.; Cruz, R. de C. A. da (Orgs). **Turismo: espaço, paisagem e cultura.** São Paulo: Hucitec, 2 ed, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. A teoria construtivista... O construir a Geografia. In: **Boletim Gaúcho De Geografia;** Associação Dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre: Porto Alegre – RS – Brasil – 1973 1973/91 – 1992. Texto atualizado.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Turismo urbano.** São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. (Org.). Lugar, no-lugar y entre-lugares. Los ângulos del espacio turístico. In: **Estudios y perspectivas em Turismo,** v. 16, nº 1. p. 5 –25, Argentina, 2007.

\_\_\_\_\_. Turismo e Espaço: reflexões necessárias na pós-modernidade. In GASTAL, Susana; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (ORGS). **Turismo na pós-modernidade (des) inquietações.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

\_\_\_\_\_. **A geografia do espaço turístico, como construção complexa da comunicação.** 2004. 335 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Curso de Pós-Graduação de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

\_\_\_\_\_. Texto construído, para a disciplina **Espaço, Complexidade e Comunicação: O Lugar da escola e os seus arredores** do mestrado de Geografia da UFRGS, a partir de CASTROGIOVANNI, A C. A GEOGRAFIA DO ESPAÇO TURÍSTICO, COMO CONSTRUÇÃO COMPLEXA DA COMUNICAÇÃO. 2004a.

CISNE, R. Por um pensar complexo do Turismo: O roteiro turístico sob a lógica dos fluxos. In: **Revista Rosa dos Ventos,** vol.3/n 3, jul/dez, Caixas do Sul, 2011.

CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. Do Olhar do Geógrafo a Geografia Como Estudo do Olhar dos Outros. **Conferência Proferida no IV Simpósio Nacional Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, Outubro de 2004.

\_\_\_\_\_. **A geografia cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta; Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

COELHO, L. C. **Revelando a paisagem através da fotografia: construção e aplicação de um método Porto Alegre vista do Guaíba**. 2011. 292 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Curso de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – PROPUR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CORNELL, J. **Vivências com a natureza 2: novas atividades para pais e educadores**. São Paulo: Aquariana, 2008.

CORBIN, A. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

\_\_\_\_\_. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COSTELLA, R. Z. **O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais**. 2008. 203 f. Tese (Doutorado em Geociências) - Instituto de Geociências, Curso de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

CROUNCH, D *et al.* Tourist encounters. **Tourist Studies**, p. 253-270, 2001. Disponível em <<http://tou.sagepub.com/cgi/content/abstract/1/3/253>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

DA HORA, A. S.; CAVALCANTI, K. B. Turismo Pedagógico: Conversão e Reconversão do Olhar. In: REJOWSKI, M.; COSTA, B. K. (Orgs.). **Turismo Contemporâneo: Desenvolvimento, estratégia e gestão**. São Paulo: Atlas, 2003.

DANTAS, E. W.C. **Maritimidade nos trópicos: por uma geografia do litoral**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

DELORS, J. **Educação: Um Tesouro a Descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI - 6 Edição. - São Paulo: UNESCO, MEC, Editora Cortez, Brasília, DF, 2001, p. 82-104.

DELVAL, J. Aprender Investigando. In: BECKER, F.; MARQUES, T. B. I. **Ser professor é ser pesquisador**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

DEMO, P. **Complexidade e Aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2008.

DEPREST, F. **Inquérito sobre o Turismo de Massa: a ecologia face ao território**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004 (1ª Ed. em francês 1997).

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J. & BARROS, A (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

EPSTEIN, I. Ciência, poder e comunicação. In: DUARTE, J. & BARROS, A (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

FARIAS, D. S. E.; LUZ, E. C.; NEU, M. F. R. **Uma aventura pela história de Garopaba**. Palhoça: Ed. Unisul, 2011.

FERRARA, L.. O Turismo dos deslocamentos virtuais. In: Yazigi, E.; Carlos, A. F. A.; Cruz, R. de C. A. da (Orgs). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004 / 5ª ed. 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e terra, 1987.



FREIRE, P.; FAGUNDEZ, A. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GARCIA, D. S.; OLIVEIRA NETO, A. F. Cidades imaginárias: a imagem da cidade e seus elementos. In: **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, Fortaleza: UFC, ano 05, número 10, 2006.

GASTAL, S. Turismo na Pós-Modernidade: agregando imaginários. In: GASTAL, S.; CASTROGIOVANNI, A. (orgs.) **Turismo na pós-modernidade (de) inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

\_\_\_\_\_; CASTROGIOVANNI, A. C. (Orgs). **Turismo na pós-modernidade (des) inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GUARESCHI, Po. Psicologia Social e Representações Sociais - Avanços e Novas Articulações. In VERONESE, M. e GUARESCHI, P. (Orgs) **Psicologia Social do Cotidiano – representações sociais em ação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HAESBAERT, Rogério. (1999). Identidades Territoriais. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HOLZER, W. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do Saber: Representações, Comunidade e Cultura**. Petrópolis: Vozes, 2008.

KOZEL, S.; COSTA SILVA, J.; GIL FILHO, S. F. (Orgs.) **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

LE BOSSÉ, M. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagens, texto e identidade**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

LUCHIARI, M. T. D. P. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MACEDO, S. S.; PELLEGRINO, P. R. M. Do éden à cidade – transformação da paisagem litorânea brasileira. In: YAZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. (Orgs). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo, Hucitec, 2 ed, 1999.

MACEDO, S. S. Paisagem, Turismo e litoral. YÁZIGI, E. (org). **Turismo e paisagem**. São Paulo, Contexto, 2002.

MACIEL, C. A. A. Morfologia da paisagem e imaginário geográfico: uma encruzilhada ontogenoseológica. **Geographia**, ano 3, número 6, 2001.

MAFFESOLI, M. Considerações epistemológicas sobre a Fractalidade. In: MENDES, C. (Org); LARRETA, E. (ed.). **Fim das Certezas. Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2ª ed, 2003.

MAINGUET, M. La désertification experssion de La décadence? In: **L’Homme et la sécheresse**. Paris: Masson, 1995.

MELO, V. M. Paisagem e simbolismo. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MENEGAT, R. Prefácio. In: PAIVA, Zé. **Expedição natureza gaúcha**, Porto Alegre: 2008.

MENESES, U. T. B. Os “usos culturais” da cultura contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YAZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. (Orgs). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 2 ed, 1999.

\_\_\_\_\_.A paisagem como fator cultural. In: YÁZIGI, E. (org). **Turismo e paisagem**. São Paulo, Contexto, 2002.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. **O fazer-saber** turístico: possibilidades e limites de superação. In: GASTAL, S. (org) Turismo: 9 propostas para um saber-fazer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 3ª ed., 2002.

MONDADA, L.; SÖDERSTRÖM, O. Do texto à integração: percurso através da geografia cultural contemporânea. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

MORAES, M. C. **Ecologia dos saberes**: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar práticas educacionais. São Paulo: Antakarana/WHH-Willis Harman House, 2008.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª Ed, 1998.

\_\_\_\_\_. Da Necessidade de um Pensamento Complexo. MARTINS, F. M. e SILVA, J. M. (Orgs). In: **Para Navegar no Século XXI**. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2ª ed., 2000b.

\_\_\_\_\_, PENA-VEGA, A; ALMEIDA, C.R.S.; PETRAGLIA, I. (Orgs). **Ética, Cultura e Educação**. São Paulo: Cortez, 2ª ed, 2003.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. **Amor, poesia, sabedoria**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NABOZNY, A., FONTANA, C. Estar Turista (turiestar), discursos espaciais e sentidos de eficiencia multiterritorial: uma breve analise do Plano Aquarela (2003-2006) / Embratur. In: **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.2, p. 105-116, 2011.

NOGUÉ, J. **Prototipo de Catálogo de Paisaje**. Bases conceptuales, metodológicas y procedimentales para la elaboración de los Catálogos de Paisaje de Cataluña. Olot y Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña, 2006.

OLIVEIRA, M. C. **Representações sociais do Turismo na praia do Campeche – Ilha de Santa Catarina**: por uma abordagem interdisciplinar. 2003. 403 f. Tese (Doutorado em Geociências), Curso de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

OLIVEIRA, C. D. M.. Metonímia do Turismo na construção do método da visitação na geografia escolar contemporânea. In: **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**, Porto Alegre, 2010.

OMT. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph: 2005.

PECCATIELLO, A. F. O. Turismo pedagógico como estratégia de ensino-aprendizagem sob a ótica dos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Global Tourism**, n 2, 2005.

PIMENTEL, M. R. **Cataratas do Iguaçu: experiências e registros de uma paisagem turística**. 2010. 220 f. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Instituto de Geociências, Curso de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GAROPABA, 2011. Disponível em: <<http://www.garopaba.sc.gov.br>, 2011>. Acesso: em 23 de ago. 2011.

PRIGOGINE, Ilya. O Fim da Certeza. In: MENDES, Candido (Org); LARRETA, Enrique (ed.). **Fim das Certezas. Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2ª edição, 2003.

RODRIGUES, A. B. **Geografia e Turismo – notas introdutórias**. São Paulo, Departamento de Geografia, F.F. L. C.H., p. 71-82, 1994.

\_\_\_\_\_. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 2ª ed., 1999.

SALES, A. M. M.; ASSIS, L. F. Turismo e ensino de geografia: um diálogo possível. In: **Revista Geografia da Universidade Estadual de Londrina**, v. 15, n. 1, jan./jun. 2006.

SANTOS, A. A. **Frente, verso e reverso de um cartão-postal: leituras de paisagens da Praça Nossa Senhora da Boa Viagem**. 2007. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Curso de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço e tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Ed Nobel, 3ª ed, 1996.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Edusp, 4 ed., 2008.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 19 ed., 2010.

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, S. **Uma leitura nos trópicos.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

SANTUR & EDITORA LETRAS. **Roteiros turísticos regionais – Santa Catarina.** Encantos do Sul. Florianópolis: Letras, 2011.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA - Diretoria de Educação Básica e Profissional. Cadernos Pedagógicos de Geografia. In: **Cadernos Pedagógicos para os Componentes Curriculares,** 2008.

SILVA, J. **A verticalização de Guarapuava (PR) e suas representações sociais.** 2002. 310 f. Tese (Doutorado em Geografia), Curso de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SILVA, J. M. da. Lógica de Motorista. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 25 março 2011a.

SILVA, V. P. da. O ensino de geografia por meio de projetos de pesquisa: experiências em escolas públicas de Uberlândia – MG. In: **Revista Ensino de Geografia,** Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 23-38, jan./jun. 2011b.

SOUZA, R. C. A DE; MELO, K. M. M.; PERINOTTO; A. R. C. O TURISMO A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO: As aulas-passeio promovidas por escola particular em Parnaíba (PI). In: **Revista Rosa dos ventos,** Jan/jun., vol 3/n1, Caxias do Sul, 2011.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna – Teoria social crítica na era dos meios de comunicação em massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TOMASI, R. V. M. **Desenvolvimento regional sustentável com base no Turismo: A proposta do Geoparque dos Canyons do Brasil**. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Administração), Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1984.

TUAN, Y-F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel / Sesc, 3ª ed., 2001.

VERDUM, R. **Paisagem: construção de conceitos e métodos – Perceber e conceber paisagem**. (No prelo).

XIMENES, S. **Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ediouro, 2000.

YÁZIGI, E. ; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. (Orgs). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 2 ed, 1999.

YAZIGI, E. **A alma no lugar: Turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo: Contexto, 2001.

YÁZIGI, E. (org). **Turismo e paisagem**. São Paulo, Contexto, 2002.

WAINBERG, J. A. O Movimento Turístico: olhadelas e suspiros em busca da singularidade alheia. In GASTAL, Susana; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (ORGS). **Turismo na pós-modernidade (des) inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.